



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**ALLAN CAVALCANTI DE MOURA**

**Lugares políticos de António de Alcântara Machado: a  
integração do imigrante italiano em Brás, Bexiga e Barra  
Fundada (1924-1927)**

**CAMPINAS  
2018**

**ALLAN CAVALCANTI DE MOURA**

**Lugares políticos de António de Alcântara Machado: a  
integração do imigrante italiano em Brás, Bexiga e Barra  
Fundada (1924-1927)**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de mestre em História na Área de Política, Memória e Cidade.

Orientadora: Profa. Dra. Josianne França Cerasoli

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À  
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO  
DEFENDIDA PELO ALUNO ALLAN  
CAVALCANTI DE MOURA E  
ORIENTADA PELA PROFA. DRA.  
JOSIANNE FRANCA CERASOLI.

**CAMPINAS  
2018**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

M865L Moura, Allan Cavalcanti de, 1988-  
Lugares políticos de António de Alcântara Machado : a integração do imigrante italiano em Brás, Bexiga e Barra Funda (1924-1927) / Allan Cavalcanti de Moura. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Josianne França Cerasoli.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Machado, António de Alcântara, 1901-1935 - Crítica e interpretação. 2. Literatura e história. 3. Escritores brasileiros. 4. Identidade social - São Paulo (SP). 5. Modernismo (Literatura) - Brasil - História e crítica. 6. Italianos - São Paulo (SP). I. Cerasoli, Josianne França, 1972-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Political places of António de Alcântara Machado

**Palavras-chave em inglês:**

Machado, António de Alcântara, 1901-1935 - Criticism and interpretation

Literature and history

Brazilian authors

Social identity - São Paulo (SP)

Modernism (literature) - Brazil - History and criticism

Italians - São Paulo (SP)

**Área de concentração:** Política, Memória e Cidade

**Titulação:** Mestre em História

**Banca examinadora:**

Josianne França Cerasoli [Orientador]

Tania Regina de Luca

Izabel Andrade Marson

**Data de defesa:** 27-09-2018

**Programa de Pós-Graduação:** História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-4461-4579>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7752018506411140>

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Dissertação de Mestrado composta pelos Professores Doutores a seguir descritos em sessão pública realizada em 27 setembro de 2018, considerou o candidato Allan Cavalcanti de Moura aprovado.

Profª Drª Josianne França Cerasoli

Profª Drª Izabel Marson

Profª Drª Tânia Regina de Luca

*A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.*

## Agradecimentos

O texto que segue é um requisito parcial para a obtenção de um título de mestre. Uma pesquisa feita com alegria acompanhada de uma redação um tanto solitária e angustiada. Há muito de expectativas, planos e projeções e frustrações nesse processo. Ao fim e ao cabo, é um trabalho do qual me orgulho e que desejo que não termine com esse texto. Um dos momentos prazerosos da finalização desta etapa é ver o quanto e à quantas pessoas tenho a agradecer.

Agradeço ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico, pela bolsa que permitiu que eu realizasse a pesquisa por dois anos (Processo nº134372/2014-0).

No processo de qualificação Maria Stella Martins Bresciani foi generosa a ponto de me emprestar volumes da sua própria biblioteca. Agradeço pela leitura atenta, pelas preciosas correções e indicações bibliográficas e de encadeamento. À Izabel Andrade Marson, agradeço pela leitura precisa e profícua, pelas correções, pelas indicações de organização do trabalho e por ter aceitado o convite para a banca de defesa. A ambas agradeço pelo incentivo e interesse demonstrado pela pesquisa desde a discussão do projeto nos seminários de linha.

À Josianne Francia Cerasoli agradeço pela orientação extremamente respeitosa, solidária e não impositiva. Agradeço pelas nossas discussões, das quais sempre saí com mais dúvidas novas - e férteis - do que respostas. Agradeço, ainda, pela condução da orientação de maneira generosa, cuidadosa, empática e pelas palavras de incentivo ao longo de todo o processo.

À Tânia Regina de Luca agradeço por se dispor a ler e discutir este trabalho compondo a banca de defesa, pelos comentários e sugestões no momento da defesa.

À Carolina Soares Sousa por aceitar ler esse trabalho e compor a banca na condição de suplente.

Claudio Henrique de Moraes Batalha orientou a Monografia de graduação que levou a esse mestrado. Agradeço pela orientação e incentivo. Agradeço também à banca de defesa dessa monografia, composta por Jefferson Cano e Sidney Chalhoub, pelas observações preciosas e generosas.

Agradeço aos funcionários da Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade, onde consultei a edição paulista do *Jornal do Commercio*. Especialmente ao Emmanuel e à Irinete, que me receberam com interesse, curiosidade e torcida. Do mesmo modo agradeço na figura da Gabriela aos funcionários do Arquivo e Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Agradeço ainda aos funcionários do Centro de Documentação Alexandre Eulálio do Instituto de Estudos da Linguagem (CEDAE IEL/UNICAMP), da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) e aos funcionários do Arquivo Central do Sistema de Arquivos da Unicamp (AC-SIARQ /UNICAMP), onde busquei indícios da relação de Alcântara com Sérgio Buarque de Holanda. A esses últimos um agradecimento especial pelos anos de estágio concomitantes com a concepção do tema dessa dissertação e escrita do projeto de mestrado.

Agradeço a todos os trabalhadores da EMEF Rui Bloem, da prefeitura de São Paulo, especialmente Silvana, Bia Groppa, Ana Clara Bonazzi e Karen Blumfeldt, pela torcida, incentivo e apoio no processo final de escrita. À gestão e ao pessoal do administrativo, nas figuras de Rodolfo Pauzer e Débora Santana, que foram compreensíveis nos momentos de ausência, não opuseram entraves e ajudaram a encontrar soluções dentro das possibilidades. Aos alunos, pelo afeto e por me ensinarem diariamente a questionar e reelaborar o falso óbvio.

Aos companheiros de área, especialmente Bianca Vieira, Fernanda Drummond, Claire Gomes, Thainã Cardinali, Leonardo Novo, Suelen Caldas, Ana Carolina, Monique

Felix, pelas indicações e momentos de troca e compartilhamentos de questões sobre trabalho, escrita, vida, política, etc.

Agradeço à Gabriela Nery pelo incentivo e pelas conversas, à Thamires Sarti, Anita Lazarim, Marcos Pedro Rosa, Camila Colombo e Adriane Bagdonas que acompanharam todo o processo de perto, torcendo, conversando e dando apoio diário. Aguardo com ansiedade nosso projeto de envelhecimento compartilhado. A Vinícius Todorov e Bruno Pastre, pela interlocução e amizade desde a graduação.

À Juliana, companheira de vida, agradeço por renovar constantemente minha esperança na vida e no mundo. Por ter me ajudado, acolhido, incentivado e acreditado em mim e no trabalho desde a sua concepção. Fico muito feliz e grato ao ver que chegamos, os dois, ao fim de mais uma etapa. Pensar que passaremos por outras juntos me tranquiliza e motiva a continuar. Agradeço ainda a Mário e Helena pelo acompanhamento interessado, apoio, torcida e livros emprestados. Ao Bruno, pelos mesmos motivos e, além disso, por ter revisado o *Abstract*.

Aos meus pais e irmã, Iolanda, Antonio e Joyce, junto à minha tia Meire Aparecida, agradeço pelo incentivo, pelo amor, pelo afeto e pela torcida. Peço desculpas pelos momentos de ausência, e fico feliz com a perspectiva de que eles poderão ser diminuídos agora.

## Resumo

Brás, Bexiga e Barra Funda: Notícias de São Paulo (1927), livro de contos do escritor paulistano Antônio de Alcântara Machado (1901-1935) tem como tema principal a vida de imigrantes italianos e ítalo-paulistas na cidade. Observar se essas personagens se integram ou não à sociedade brasileira, discutir hipóteses sobre os possíveis sentidos políticos desta integração são os objetivos deste trabalho. O estudo parte da sistematização e interpretação de percursos dos ítalo-paulistas retratados no compêndio de contos, e segue com o acompanhamento da produção pública do autor, em diferentes veículos, a respeito do tema. Identificamos que Alcântara compartilhava do entendimento de uma particularidade paulista legada pelos bandeirantes, explicada por motivos geográficos e biológicos, que era lugar comum nos discursos políticos de interpretação do passado e presente da região - paralelos entre imigração dos séculos XIX e XX e o povoamento no período colonial eram constantes neste discurso. Percorremos a sua trajetória profissional nos momentos imediatamente anteriores e posteriores à produção do livro e no Jornal do Commercio de São Paulo, entre maio de 1924 e março de 1925, período ao fim do qual foi lançada a primeira versão de três dos contos que comporiam o volume de 1927 e manifestado publicamente o desejo de escrever uma obra sobre ítalo-paulistas. Em 1924 as discussões sobre políticas imigratórias e povoamento do solo nacional ganharam novo fôlego com o Johnson-Reed Act, responsável pelo endurecimento das leis de cotas para imigrantes que já existiam, e que acabou por proibir definitivamente a imigração de japoneses aos Estados Unidos e restringir ainda mais a imigração de italianos, espanhóis e imigrantes do leste europeu para este país. O potencial aumento da oferta de mão de obra para o Brasil decorrente desta lei repercutiu em questões nas quais o tema da capacidade de assimilação do imigrante eram centrais, como a composição do povo brasileiro e a manutenção da soberania nacional, ameaçada pela política imperialista de países de emigração como Japão, Alemanha e Itália. Essa preocupação foi intensificada com o levante militar ocorrido na cidade de São Paulo em julho do mesmo ano. Destacamos alguns artigos que entendemos como diretamente associados ao enredo de Brás, Bexiga e Barra Funda: entre eles Nacionalismo Extraterritorial, de Salles Oliveira e A César o que é de César, de Rangel Moreira, sobre imperialismo e protagonismo italiano no progresso de São Paulo, respectivamente. Um dos diferenciais desta pesquisa é inserir na sua série documental o acompanhamento extensivo do Jornal do Commercio, no qual Alcântara atuou como crítico de espetáculos, redator e diretor de redação, entre 1924 e 1925.

**Palavras-chave:** Literatura; modernismo; imigração; Antonio de Alcântara Machado; Brás, Bexiga e Barra Funda.

## ***Abstract***

Brás, Bexiga e Barra Funda: Notícias de São Paulo (1927), a short story book of São Paulo's born writer Antônio de Alcântara Machado (1901-1935) has as its main theme the life of Italian immigrants and Italian Paulistas in the city. The objectives of this work are to observe if these characters integrate or not into Brazilian society, and to discuss hypotheses about possible political senses of this integration. This study departs from the systematization and interpretation of the itineraries of the Italian Paulistas portrayed in this compendium of short stories, and continues by following the author's public production in different vehicles on the subject. We identified that Alcântara shared the perspective of the existence of a Paulista peculiarity, inherited from bandeirantes and explained by geographic and biological reasons, that was commonplace in political discourses of interpretation of the past and the present of the region of São Paulo. In these discourses, parallels between the initiative of immigration of XIX and XX centuries and the settlement in the period were constant. We also traced the professional trajectory of Alcântara Machado immediately before and after the production of the book and in the São Paulo's *Jornal do Commercio*, between May 1924 and March 1925. At the end of this period, he released the first version of three of the short stories that would compose the volume of 1927 and publicly expressed the desire to write a work on Italian- Paulistas. In 1924, discussions on immigration policies and nationwide land grabbing gained new momentum with the Johnson-Reed Act, responsible for tightening the existing quota laws for immigrants, which ultimately banned the immigration of Japanese to the United States and restricted immigration of Italians, Spaniards and immigrants from Eastern Europe to this country. The potential increase in the supply of labor for Brazil as a result of this law had repercussions on issues in which capacity of assimilation of immigrant was central, such as the composition of the Brazilian people and the maintenance of national sovereignty, threatened by the imperialist policies of countries such as Japan, Germany and Italy. This concern was intensified by the military uprising that took place in the city of São Paulo in July of the same year. Our study highlights some articles that in our perspective are directly associated with the plot of *Brás, Bexiga e Barra Funda*: among them *Nacionalismo Extraterritorial*, by Salles Oliveira and *A César o que é de César*, by Rangel Moreira, about imperialism and Italian protagonism in the progress of São Paulo, respectively. One of the differentials of this research is to include in its sources series the extensive follow-up of *Jornal do Commercio*, in which Alcântara acted as spectator critic, editor, and Editor-in-chief, between 1924 and 1925.

***Keywords:*** *Literature; Brazilian modernism; immigration; Antonio de Alcântara Machado; Brás, Bexiga e Barra Funda.*

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
Regionalismo Paulista: Literatura, História, Modernismo Paulista.....	16
<b>1. Brás, Bexiga e Barra Funda - Notícias de São Paulo ( 1927) .....</b>	<b>22</b>
1.1. Antônio Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira ( 1901 - 1935).....	22
1.2. O livro .....	30
1.2.1 Observações sobre integração do imigrante italiano em <i>Brás, Bexiga e Barra Funda</i> .....	36
1.2.1.1. A língua falada pelas personagens.....	36
1.2.1.2. “Do consórcio com a gente indígena”: ítalo-paulistas” e “nativos” .....	38
1.2.1.3. Guararapes e Cariris: eventos e datas históricas nos contos .....	40
1.2.1.4. O alemão que não se integra .....	41
1.2.1.5. “Do consórcio com o ambiente”: práticas locais e comportamento ítalo-paulista .....	42
1.2.1.6 Espaços da Integração.....	47
1.2.1.7. Religião como fator de integração .....	48
1.2.1.8. O carcamano .....	49
1.2.1.9. “Mulatos” .....	51
1.2.1.10. Negros .....	51
1.2.1.11. Portugueses .....	52
1.2.1.12. Uma japonesa em <i>Brás, Bexiga e Barra Funda</i> ?.....	52
1.2.1.13. Considerações gerais.....	53
1.3. Para quem escreve?.....	54
<b>2. Homem, terra, meio ou momento.....</b>	<b>60</b>
2.1. Síntese que exprime a psicologia .....	62
2.2. Psicologia que vem da interação com o meio .....	68
2.2.1 Fazer de cada brasileiro um paulista, “na vontade e na audácia” .....	68
2.2.1.1..... Paulo Prado e Capistrano de Abreu	73
2.2.1.1.1. Paulo Prado .....	82
2.2.1.1.2. Oliveira Vianna.....	89
2.2.1.1.3. Alfredo Ellis Jr. ....	94
2.2.1.1.4. Grupo do Correio Paulistano .....	102
2.2.1.1.5. Arthur Motta, Brenno Ferraz do Amaral .....	104
<b>2. Alcântara no Jornal do Commercio de São Paulo (1924 – 1925) .....</b>	<b>106</b>
3.2. Trajetória de Alcântara neste jornal.....	110
3.2.1 Debate internacional sobre imigração.....	112
3.2.1.1..... Johnson-Reed Act e os “Atos de Restrição” (1921 -1924)	112

3.2.1.2.A Conferência Internacional de Emigração (1924).....	114
3.2.2. Debate interno a partir do Jornal do Commercio.....	118
3.2.2.1.Os contornos de um imigrante ideal e o projeto nº291 de 1923.....	118
3.2.2.2.Imigração: “velho e batido”, mas ainda “nosso maior problema” .....	126
3.2.2.3. ...Possibilidade de enriquecimento e conveniência do contato com o brasileiro 128	
3.2.2.4.Convenção de Ouchy e General Caviglia.....	133
3.2.2.5.Sobre Imperialismos e Nacionalismos .....	137
3.2.2.5.1.Japoneses .....	137
3.2.2.5.2.Alemães .....	139
3.2.2.5.3.Italianos.....	141
3.2.2.5.4.Considerações sobre imperialismo no JCSP .....	144
3.2.2.6. “sério e urgente”: o problema dos estrangeiros na cidade .....	146
3.2.3. Alcântara Redator Principal do JCSP .....	169
3.2.3.1. Articulistas do JCSP .....	183
3.2.3.2. Reciprocidade e integração do estrangeiro: termos da conveniência .....	187
<b>Considerações finais .....</b>	<b>194</b>

## Introdução

Antônio Castilho de Alcântara Machado D’Oliveira. O acento agudo em seu primeiro nome, à moda portuguesa, assim como o longo sobrenome, remetem a uma ascendência prestigiosa, estabelecida em São Paulo desde os primeiros tempos coloniais. Constantemente assinalado como Antônio de Alcântara Machado, A. de Alcântara Machado, Alcântara, ou mesmo com as simples iniciais A. de A.M ou A.A.M, o nome do escritor paulistano é comumente associado ao movimento modernista paulista, que reivindica a Semana de Arte Moderna de 1922 como seu marco inicial. O nome de Alcântara junta-se à memória desse modernismo por sua atuação na direção de importantes revistas do grupo, vinculadas ao Movimento Pau Brasil (1924) e ao Movimento Antropofágico (1928)<sup>1</sup>. Enquanto autor, é reconhecido principalmente pelo livro que tomaremos como ponto de partida de nosso estudo: *Brás, Bexiga e Barra Funda - Notícias de São Paulo* (1927), ambientado em “bairros italianos” da capital paulista. Junto à *Laranja da China* (1928), essa obra é muito difundida ainda hoje, principalmente pelo volume *Novelas Paulistanas*, que reúne as duas obras citadas e passou por diversas reedições. Por *Brás, Bexiga e Barra Funda*, Antônio de Alcântara Machado é frequentemente lembrado quando se pretende retomar o cotidiano da vida dos imigrantes vindos da Itália e dos seus descendentes nos bairros operários de São Paulo. A motivação inicial de nosso estudo partiu justamente do estranhamento causado pela associação do nome deste “quatrocentão” paulista a uma memória operária paulistana.<sup>2</sup> A obra literária de Alcântara, centrada na poética do registro cotidiano, compõe um quadro que praticamente ignora o conjunto de trabalhadores negros da capital paulista. As múltiplas reedições que seus livros vem recebendo até hoje corroboram com o prolongamento desse esquecimento, que podemos classificar como um senso comum. Nesta pesquisa pretendemos ampliar os possíveis significados que podem ser atribuídos a essa obra. Antes de recurso de ilustração ou de registro de uma época, buscamos entendê-la enquanto *ação* de Alcântara: um discurso político que se coloca dentro de um debate público, que abrange assuntos mais amplos, como o povoamento, da cidade e do país, e o do protagonismo paulista no progresso

<sup>1</sup> As revistas *Terra Roxa e Outras Terras* (1926) e *Revista de Antropofagia* (1928-1929), respectivamente.

<sup>2</sup> O questionamento sobre caracterização da cidade de São Paulo como cidade da imigração italiana é levantado em trabalhos como o do pesquisador José Carlos dos Santos que, sem negar o amplo impacto demográfico dos imigrantes, indicam um voluntário percurso de esquecimento da população negra nas narrativas da cidade de São Paulo entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza 1890-1915**. 3. ed. São Paulo, SP: Annablume, 2008.

material de São Paulo. Restringimos nossa pergunta inicial aos significados da integração do imigrante italiano em *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Perscrutando os seus possíveis sentidos, preocupamo-nos em situar o livro de Alcântara num conjunto maior de textos, que compunham o universo com o qual ele estava interagindo enquanto compôs sua obra. Pensando com J.A. Pocock, buscamos colaborar com o estabelecimento de um quadro maior das linguagens com as quais Alcântara interagiu e que ele mobilizou quando escreveu *Brás*. No sentido usado por Pocock, a linguagem não se restringe ao seu sentido étnico - abrange a formação de retórica, de sublinguagens e *idiomas* - termo que o autor usa para designar linguagens específicas a um nicho, como atividade profissional, por exemplo. Nas palavras de Pocock,

a linguagem geral do discurso, em qualquer época determinada, pode exibir uma textura extremamente rica e complexa. Uma ampla variedade de idiomas pode ter penetrado nela, e esses idiomas podem estar interagindo entre si para produzir uma história complexa. Cada uma dessas linguagens contribuirá com informações selecionadas como relevantes ao exercício da natureza da política e favorecerá a definição de problemas e valores políticos de uma forma e não de outras – cada uma favorecerá distribuições de prioridades e conseqüentemente, autoridade.<sup>3</sup>

Pensando a partir dessas asserções, podemos pensar que, *Brás Bexiga e Barra Funda*, enquanto integrante da textura da linguagem geral do discurso, carrega consigo sublinguagens próprias, capazes de contribuir com informações selecionadas como relevantes ao exercício da natureza da política e favorecedoras da definição de problemas e valores políticos que tendem a uma direção e não outra. As escolhas de Alcântara - suas estratégias de texto, suas opções formais, as soluções de enredo, etc. -, são fundamentais para se analisar o impacto calculado que o autor pretendeu causar em seu público leitor. O compêndio de contos encerra um grupo delimitado de significados e sentidos. O que o autor escolheu dizer - e não dizer? Como os processos de integração do imigrante são narrados? Qual enredo, qual a forma de exposição? Qual adjetivação ele mobiliza, e quais significados ela poderia ter? Como um livro sobre ítalo-paulistas, que pretende ser um retrato de seu tempo, dialoga com debates públicos contemporâneos à sua escrita? Para responder a estas perguntas buscamos pontos chave nos diálogos do autor, em sua prolífica trajetória profissional: jornalista, editor de revistas, historiador, escritor, folclorista, profuso cultivador

---

<sup>3</sup> POCOCK, J. G. A. **Linguagens do ideário político**. Coautoria de Sergio Miceli. São Paulo, SP: Edusp, 2003, p.32.

do hábito epistolário, Alcântara legou amplo registro de suas atividades. É verdade que o que chegou até nós passou por diferentes

filtros e escolhas. Nosso esforço, no entanto, é contribuir para inscrever a produção da obra de Alcântara no movimento do processo sócio-político em que surge: a partir do que foi deixado pelo autor, de documentação da época e de bibliografia especializada, buscamos entrecruzar *Brás, Bexiga e Barra Funda* com debates contemporâneos à sua escrita e, assim circunscrever um campo de possibilidades para sentidos da obra. Nossa pesquisa nos levou a temas como povoamento, colonização, política imigratória, imperialismos, perigo estrangeiro, regionalismo, identidade paulista e nacionalismo.

Nossa perspectiva de pesquisa se distancia da maioria dos estudos sobre Alcântara, tanto pela centralidade que atribuímos à dimensão política do livro que é objeto de nossa pesquisa quanto por acompanharmos o cotidiano do *Jornal do Comércio*, em sua edição paulista, no momento em que Alcântara tornou público o seu desejo de publicar um livro sobre os ítalo-paulistas de São Paulo. Dentre os pesquisadores que estudaram Antônio de Alcântara Machado destaca-se um conjunto de autores que dedicaram especial atenção às inovações estilísticas do autor no bojo do modernismo paulista. Dentre estes podemos dizer que a obra mais extensa dedicada à Alcântara é da pesquisadora Cecília de Lara, que, em sua tese de livre docência defendida em 1981, acompanhou cronologicamente os textos de Alcântara, reconstituiu a sua trajetória até finais da década de 1920 e analisou transformações formais de sua escrita nesse período.<sup>44</sup> A pesquisadora colaborou com a reedição da maioria de obras escritas por este autor: em conjunto com Francisco de Assis Barbosa publicou, no começo dos anos 1980, a reedição fac-similar das primeiras edições de três obras literárias publicadas em vida por Alcântara, além uma coletânea de textos e artigos jornalísticos. Mais recentemente foi publicada uma coletânea de textos sobre críticas de espetáculos<sup>5</sup>. Ainda a respeito do estilo de escrita de Alcântara existem os trabalhos de Santa Maria Nogueira da Silveira e de Valdevino S. Oliveira, sobre o papel da atividade jornalística na formulação da prosa de Alcântara ao longo de sua carreira e sobre o uso da técnica fala popular em seus textos literários, respectivamente.<sup>6</sup> José Toledo de Machado, professor de Letras da

---

<sup>4</sup> LARA, Cecília de. **Antônio de Alcântara Machado: experimentação modernista em prosa**. Tese de Livre Docência apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, SP: FFLCH/USP, 1981.

<sup>5</sup> MACHADO, Antônio de Alcântara. **Palcos em foco: crítica de espetáculos / ensaios sobre teatro (1923-1933), tentativas no campo da dramaturgia**. Tradução de Cecília de Lara. São Paulo, SP: Edusp, 2009.

<sup>6</sup> SILVEIRA, Santa Maria Nogueira. **Antônio de Alcântara Machado: na prática jornalística, a busca da renovação**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, SP: FFLCH/USP, 1986, OLIVEIRA, Valdevino Soares de. **A linguagem de Alcântara Machado: uma vertente**

Universidade de São Paulo, em *Antônio de Alcântara Machado e o Modernismo* (1970), propõe uma leitura da obra literária, jornalística e historiográfica de Antônio de Alcântara achado buscando contextualizá-lo, situá-lo em uma *geração*, entendida a partir do conceito de Ortega y Gasset. Dá especial ênfase ao romance inacabado *Mana Maria* e aos acontecimentos que envolvem a Revolução Constitucionalista de 1932. O autor publicou seu texto em um momento em que os estudos acadêmicos sobre Alcântara começavam a se desenvolver.<sup>7</sup>

Sobre a relação de Alcântara com o tema da imigração, destacamos *Carcamanos e Comendadores*, pesquisa de doutoramento de Mário Carelli, que a define como um ensaio de literatura sociológico. Carelli se dedica a analisar a inserção dos imigrantes italianos na sociedade paulistana durante a década de 1920. Para isso, o sociólogo aponta algumas caracterizações desses imigrantes nas personagens que circulavam na imprensa e na literatura da época, localizando uma variação entre os ricos italianos industriais e os mais pobres. A particularidade de Alcântara seria a sua opção em não retratar os novos-ricos italianos em suas obras, malvistas por parte sociedade e descritos pejorativamente em obras como *O Estrangeiro* (1926), de Plínio Salgado, *Amar, verbo intransitivo* (1926) e *Macunaíma* (1928), ambas de Mário de Andrade. Segundo Carelli, Alcântara seria o único autor a reconhecer o universo dos imigrantes italianos a partir de notícias de jornal, de modinhas populares e de convivência mantida em ambiente urbano, ao contrário de outros autores, que construiriam suas personagens a partir de discursos pré-concebidos comprometidos com ideais nacionalistas ou de busca da brasilidade.<sup>8</sup> Carlos Eduardo Schmidt Capela, em dissertação de mestrado em teoria literária, estrutura sua análise sobre o que considera três elementos essenciais da elaboração do livro de Alcântara Machado: a cidade de São Paulo, os personagens centrais de seus contos e o jornal, enquanto matriz de fundamental para a concepção da obra.<sup>9</sup> Em seu estudo o autor busca identificar pontos de vista de Alcântara sobre a literatura e sua postura diante do fenômeno jornalístico. O autor analisa as narrativas enquanto mimetização do ambiente cotidiano, registro do processo de assimilação vivido pelos italianos nos anos 1920 e avalia a posição de Alcântara frente a

---

**modernista.** Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, SP:, FFLCH/USP, 1980.

<sup>7</sup> MACHADO, Luis Geraldo Toledo. **Antonio de Alcantara Machado e o modernismo.** Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1970.

<sup>8</sup> CARELLI, Mario. **Carcamanos e comendadores: os italianos de São Paulo: da realidade a ficção (1919-1930).** São Paulo, SP: Ática, 1985, pp. 172-177

<sup>9</sup> CAPELA, Carlos Eduardo S. **Brás, Bexiga e Barra Funda: uma topografia ítalo-paulistana.** Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Teoria Literária. Campinas, SP: IEL/UNICAMP. 1989.

questão imigratória. Apropria-se da metáfora de Lévi-Strauss sobre o *bricoleur* para falar da composição literária da obra de Alcântara, unido à esta imagem à do cartógrafo :

O narrador de Brás, Bexiga e Barra Funda, ao introduzir nos contos fragmentos e personagens que recolhe da São Paulo dos anos 20, para mostrar flagrantes de fatos de parcelas da cidade, escolhendo-os dentre vários, além de cartógrafo é um "bricoleur"; ou, por outra, é um cartógrafo exatamente por ser um "bricoleur". Com a paisagem paulistana à sua disposição - heterogênea e finita - ele seleciona aquilo que lhe aparenta ser útil para que possa atingir o seu intento: representar a cidade, e nela os ítalo-paulistas como elementos humanos que trazem todo um novo colorido ao universo urbano. E revela-se, por intermédio destas escolhas, incorpora-se ao seu trabalho através delas (...) Tudo aquilo que sob determinado ponto de vista se mostrava significativo para a composição dos contos é incorporado ao livro (...)<sup>10</sup>

Mais à frente, Capela diz que em *Brás, Bexiga e Barra Funda* Alcântara mostra um recorte da questão imigratória que prioriza sobretudo o processo de adaptação do estrangeiro, ou do ítalo-paulista já assimilado pelo cenário paulistano: “o imigrante insatisfeito; o refratário que não se permitia corromper pelas exigências da nova terra, o grevista ou o agitador político, como o anarquista, por exemplo, simplesmente não aparecem em nenhum conto da coletânea.”<sup>11</sup>

O esforço da nossa pesquisa é justamente o de perscrutar as escolhas envolvidas na operação de redução compositiva de *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Como já enunciamos, o movimento de investigação busca explorar a variedade de proposições sobre o elemento estrangeiro em terras brasileiras para, num segundo momento, circunscrever os espaços de atuação política aos quais Alcântara possivelmente poderia estar integrado. A articulação entre as escolhas envolvidas na fatura de *Brás* e possíveis leituras políticas da obra de Alcântara é explorada por Emery Marques.

Sua dissertação, na área de História, faz uma leitura profícua da articulação da obra jornalística, literária e histórica de Alcântara. Marques investigou o entendimento pessoal de modernidade de Alcântara, que seria capaz de coadunar-se com o de nacionalismo, permitindo que ele se “dedicasse a uma historiografia pautada em critérios positivistas , num momento em que a disciplina geral era mal vista nos círculos artísticos europeus justamente pela vinculação com os ideais nacionalistas e pelas formas naturalistas de representação.”<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> CAPELA, **Op. Cit.** p.83.

<sup>11</sup> CAPELA, **Op. Cit.** p.200.

<sup>12</sup> MARQUES, Emery. **Mapas, Cartilhas e Referendum** – imagens da vida em Antônio de Alcântara Machado. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História. Assis, SP: FCLAS/UNESP. 1995, pp.2-3. Uma atualização da segunda parte deste trabalho encontra-se em GUSMÃO, E. M. Alcântara Machado: Ficção e realidade. In FERREIRA, Antonio Celso (org.), MAHL, Marcelo Lapuente. **Letras e identidades**: São Paulo no século XX, capital e interior. São Paulo: Annablume. 2008.

Sua metodologia toma o conjunto da obra de Alcântara ao longo de toda a sua carreira analisando a “migração de temas, conceitos e estilos de um campo para o outro”<sup>13</sup> e confrontando a obra de Alcântara “com autores com quem dialogou”<sup>14</sup>, como Paulo Prado, Capistrano de Abreu e José de Alcântara Machado. A autora está comprometida com a busca de conceitos, em Alcântara, que tornariam seus textos instrumentos de transformação social.

Contraposição dos discursos literários, jornalísticos e históricos de Alcântara revela um projeto intelectual pautado em uma noção de modernidade bastante peculiar, elaborada a partir de concepções históricas baseadas no pensamento racial. Para Alcântara, ser moderno é ser brasileiro, pois a singularidade nacional seria o informe, a ausência de lógica e a essência da modernidade em a ruptura com parâmetros e instituições que pareciam revelar verdades eternas<sup>15</sup>

Nos aproximaremos da metodologia de Marques, quando avançarmos e retrocedemos na cronologia para reforçar hipóteses sobre os sentidos da integração do imigrante italiano em *Brás*, tanto quando nos detivermos sobre a recorrência do uso de termos e ideias de Alcântara ao longo do período proposto quanto quando nos detivermos sobre os interlocutores de Alcântara. O trabalho de Emery opta por tratar a obra de Alcântara como um conjunto fechado que se estende ao longo do tempo. Nossa pesquisa trabalha com a possibilidade de modulações, mudanças e/ou alterações de objetivos de Alcântara entre o momento em que o autor concebeu e o que publicou *Brás*, *Bexiga e Barra Funda*. Alcântara mudou explicitamente de posicionamento algumas vezes durante sua trajetória pública. Como nos alerta Pocock, temos que ter em mente que por vezes o autor pode não ter conseguido expressar o que quis com seu texto, ou que eventualmente suas motivações iniciais para compor uma obra possam ter mudado antes de sua publicação. Como nos indicam os trabalhos já citados de Cecília de Lara e a pesquisa de Mônica Gomes, que se debruçou sobre a correspondência de Alcântara Machado, essas mudanças pedem uma atenção especial à análise de sua obra.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> MARQUES, 1995, **Op. Cit.**, Idem, p. 8.

<sup>14</sup> Idem, p. 9.

<sup>15</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>16</sup> GOMES, Mônica. **(De) cisões do Modernismo: Estudo comparativo da correspondência de Antônio de Alcântara Machado**. Tese de doutorado apresentada ao departamento de Letras. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Letras/ UFF, 2015. Citamos, ainda que não sejam interlocutores diretos nossos, os trabalhos de Eduardo Benzatti do Carmo e João Valentino Alfredo. Em dissertação de mestrado em Ciências Sociais defendida na PUC São Paulo, Eduardo Benzatti realiza um esforço de reconstituição da cidade de São Paulo nos anos 1920, partindo de *Brás*, *Bexiga e Barra Funda* e se apoiando em bibliografia secundária para ilustrar e explicar a ambientação e tipos apresentados no livro. Em sua tese de doutorado em Antropologia apresentada na mesma instituição, apresenta estudo de revisão e atualização bibliográfica relacionando vida e obra de Alcântara, buscando delinear contornos de sua personalidade, incursionando sua pesquisa na sua obra jornalística e literária. O foco da tese recai sobre a relação entre os escritos de Alcântara e a produção das imagens que transitam no seu estilo, inspirado no cinema, na caricatura e na fotografia. Carmo realiza sua investigação aplicando o método de Edgar Morin. Os estudos são, respectivamente CARMO, Eduardo Benzatti. **São Paulo no anos vinte**: Um estudo sobre as transformações dos

## Regionalismo Paulista: Literatura, História, Modernismo Paulista

Danilo Zioni Ferretti se dedica a mostrar que a imagem de São Paulo como “exceção de progresso” em meio a um Brasil atrasado é um constructo simbólico, amplo e intensamente trabalhado, ligado a “diversos interesses econômicos, sociais e culturais que se congregavam na forma de demandas políticas”. Afirma que, em São Paulo, provavelmente mais que em outros lugares, o debate sobre a construção da identidade assumiu a forma de uma discussão sobre o passado regional e que, por isso, os historiadores paulistas teriam um papel de destaque se comparados a seus romancistas e ensaístas. Para analisar a construção deste passado, concentra-se sobre a figura do bandeirante, associado diretamente ao caráter paulista em grande parte das discussões historiográficas dos séculos XIX e XX. Sua análise desdobra-se também sobre o jesuíta, visto por ampla parte da historiografia como extensão do domínio da metrópole e opositor do apesamento indígena - por isso um oposto complementar do bandeirante. O estudo do autor abrange o período de 1856 a 1930.

O autor dialoga com trabalhos como o de Kátia Abud (1985), que privilegiava o enfoque na figura do bandeirante como símbolo de um caráter unitário da elite regional paulista, a partir de autores como Afonso de Taunay, Alfredo Ellis Jr. e José de Alcântara Machado. Ferretti integra ao debate autores como Oliveira Vianna e Paulo Prado, que contestavam aspectos importantes da representação dos bandeirantes então cristalizada nos discursos oficiais do Partido Republicano Paulista. Outro trabalho com qual Danilo Ferretti dialoga é o de Antonio Celso Ferreira, “A Epopeia Paulista”.<sup>17</sup>

---

aspectos materiais e imateriais da cidade reconstruída através da obra ficcional do escritor Antônio de Alcântara Machado. Dissertação de mestrado em Ciências sociais. PUC-SP. 1997; CARMO, Eduardo Benzatti. **A obra ficcional e jornalística de Antônio de Alcântara Machado**: letras e imagens. Tese de doutoramento defendida na PUC-SP. 2004. João Valentino Alfredo, em tese de doutoramento em filosofia defendida na Universidade do Texas, # retoma as crônicas de Alcântara Machado no *Jornal do Comércio* entre 1923 e 1926 com a finalidade de acompanhar os movimentos do pensamento de Alcântara ao formular a sua leitura da realidade brasileira. Para isso ele retoma gênero da crônica no Brasil a partir da década de 1870, considerando-a numa análise que pensa os debates promovidos por uma classe letrada vinculada à entrada do país na ordem econômica liberal. Chegando às crônicas de Alcântara no *Jornal do Comercio* destaca as suas ideias veiculadas a respeito do atraso brasileiro com relação à civilização europeia, que repercutiam na política e literatura nacional. O autor chega à conclusão que para o “acerto de ponteiros”, segundo Alcântara, a reestruturação do ensino e do público leitor se apresentaria como solução. O correspondente estético do ajuste Europa estaria no modernismo defendido por Alcântara, que na literatura deveria acompanhar as transformações tecnológicas de seu tempo, inspirando-se no cinema, rádio e fotografia. ALFREDO, João Valentino. **Imagining Modernity in Antônio de Alcântara Machado's Journalistic Chronicles**. Tese de doutorado em filosofia defendida na Universidade do Texas, Austin. 2012.

<sup>17</sup> Tese de livre docência que posteriormente seria publicada como “A Epopeia Bandeirante”. FERREIRA, Antonio Celso. **A Epopéia Bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

Ao analisar o que chama de “formação da intelectualidade paulista”, Antônio Celso Ferreira se debruça sobre 50 anos de produção de estudos de literatos, historiadores, cientistas sociais, entre outros, de São Paulo, apontando que há em comum entre eles enunciar uma particularidade do povo paulista, ressaltando principalmente sua composição racial decorrente da especificidade de seu ambiente. Para o autor, o conjunto da produção desses homens de letras acabaria por compor uma narrativa heroica da história de São Paulo, justificadora da proeminência paulista no cenário nacional. No século XX essa narrativa seria construída principalmente no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) e uma de suas principais formas de propagação seria a literatura.

Ferretti aproxima-se de Ferreira ao abordar o período de fortalecimento do discurso regional paulista pautado num passado proeminente. Detém-se, no entanto, na historiografia, enquanto Ferreira enfoca relações entre os universos da historiografia e da literatura. O trabalho de Ferreira apoia-se, com ressalvas, em Hayden White e Stephan Bann, a partir dos quais aborda a proximidade entre narrativa histórica e ficcional. Resulta de sua análise a observação de que a imaginação histórica era central numa historiografia que se pretendia rigorosamente objetiva. Os estudos históricos, para Ferreira, estavam submetidos ao universo literário: em suas palavras, a historiografia do período deixava-se “moldar pela imaginação literária”. Essa conclusão é alcançada a partir do diagnóstico da indistinção entre o universo historiográfico paulista do período estudado e outras áreas do saber - a literatura, por exemplo. Comentando o trabalho de Ferreira, Danilo Ferretti argumenta que a indefinição entre as áreas do saber diagnosticada por aquele autor poderia também indicar a “dependência do universo cultural” ao universo da política, sendo que esse universo cultural congregaria historiografia e literatura. Ferretti distancia-se de Antonio Celso Ferreira ao não propor hierarquias - ou submissões - entre os universos literário e histórico: seu foco é a apropriação política do passado. Citando a historiadora Diana Quatrocchi Woisson, Ferretti observa que o trabalho historiográfico não deve ser reduzido à sua “dimensão cognitiva”, posto que ele seria instrumentalizado politicamente “devido ao seu enorme poder de legitimação de poderes e justificação de privilégios.” Segundo Ferretti, “o discurso sobre o passado passa a constituir um elemento privilegiado da rede de símbolos, imagens e mitos que compõem os imaginários sociais.” Considerando a interrelação entre os universos político e intelectual, Ferretti detém-se no estudo do uso político do passado paulista. Embora destaque o interesse nos intelectuais, o recorte de Ferretti restringe-se aos trabalhos historiográficos do período. Em suas palavras, seu estudo é essencialmente historiográfico. Apoiase, por isso, nos referenciais metodológicos de Michel de Certeau, que lhe permitiriam

“estudar as representações do passado, ressaltando as relações que mantinham com a sociedade e o mundo da política”. Entendendo a história como operação, nas palavras de Certeau, ela deveria ser compreendida

como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que esta atividade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana’, ‘enquanto prática’.

18

O interesse nas inter-relações entre os universos cultural e político aproximam a abordagem de Ferretti da que se pretende desenvolver neste trabalho. Outra proximidade está na preocupação de pautar divergências políticas internas à elite política paulista a respeito do entendimento do caráter do bandeirante e do passado paulista. Nos afastamos de Ferretti ao não nos restringirmos a obras historiográficas contemporâneas à Alcântara, e ao realizarmos uma pesquisa que parte do particular para o geral: acompanhando as pistas da fatura de uma obra literária e coligindo-as com os debates a que seu autor estava exposto no espaço público, encontramos novos interlocutores, que acrescentam significados e sentidos possíveis de *Brás, Bexiga e Barra Funda* ao conjunto de estudos que já se debruçaram sobre a obra estudada. Outro ponto de distanciamento em relação a obra de Ferretti é que partimos de uma obra literária que, embora dialogue com uma tradição regionalista paulista de fundo histórico e identitário, é uma ficção ambientada no mesmo local e tempo de seu autor. Antônio de Alcântara Machado escreve uma obra sobre a São Paulo em que vivia: um relato precisamente localizado, concebido com poética da linguagem jornalística que registra a trajetória de uma “nova raça” em formação - os ítalo-brasileiros de São Paulo. O caldo cultural regionalista paulista que inter-relaciona obras literárias e históricas investigado por Antonio Celso Ferreira, bem como a interação de tal “universo cultural” com o “universo político” - para usar os termos de Danilo Ferretti - certamente aproximam-se dos interesses desta pesquisa: o debate sobre o caráter paulista e o passado de tal região é identificado nas amplas discussões sobre políticas imigratórias e sobre a ideal “composição racial” do povo paulista e brasileiro contemporâneas à concepção do livro.<sup>19</sup> O discurso regionalista paulista,

<sup>18</sup> FERRETI, Danilo Z. **A construção da paulistanidade**. Identidade, historiografia e política em São Paulo (1856 – 1930). Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da FFLCH, USP. 2004. p. 1

<sup>19</sup> Na década de 1920, um dos motores da produção historiográfica foi a impressão de documentos coloniais promovida por Washington Luís: “Washington Luís - em 1914, como prefeito, propiciou a edição das *Atas de Registro Geral da Câmara Municipal de São Paulo*; em 1920, como presidente do estado, deliberou que o Arquivo Público imprimisse os *Inventários e Testamentos do 1º Cartório de Órfãos da Capital*, relativos aos séculos XVI e XVII, documentação em 27 volumes, fundamental para o estudo do passado colonial paulista, e que deu origem

que constantemente traçava paralelos entre a colonização dos anos 1920 e o povoamento no período colonial <sup>21</sup>, era corrente na imprensa, vivamente estimulado pela carência de trabalhadores nas lavouras, pela mudança de legislação imigratória nos Estados Unidos - que aumentou a oferta de imigrantes japoneses para o Brasil -, pelo temor de políticas imperialistas dos países dos quais os imigrantes provinham, pela preocupação com a assimilação do elemento estrangeiro, principalmente depois do levante tenentista de 1924 - que teria sido prolífico particularmente na capital paulista, cidade que congregava o maior contingente estrangeiro do país na época.

Na primeira parte do trabalho, analisamos como é o livro publicado em meados de março de 1927, em São Paulo. Quais observações poderíamos fazer sobre a forma pela qual o autor escolhe expor sua obra e sobre as questões e sugestões políticas colocadas pelo autor no decorrer do texto? O que há de unidade nas diferentes histórias e personagens? Um compêndio de contos, curtos, protagonizados por imigrantes italianos e seus filhos, escritos em linguagem rápida, experimental, inspirada no jornal, no cinema, na caricatura e no teatro. O prefácio, intitulado *Artigo de Fundo*, faz um apelo para que os contos do livro fossem lidos como notícias de jornal. Neste prefácio, as nacionalidades estrangeiras são descritas como raças, e a “raça italiana” é descrita como “uma alegre”, que “cantando e dançando pisou e se alastrou em solo paulista” assim como o café, “aquela planta também imigrante que há duzentos anos também se alastrou e veio a fundar a riqueza brasileira”. Nos diálogos as personagens nascidas no Brasil falam um português sem italianismos, enquanto o idioma dos imigrantes mescla italiano e português. A marca da oralidade na escrita do livro é expressa na literalidade da reprodução deste idioma intermediário e também no uso de gírias e de expressões populares. As ambientações paulistanas são bem demarcadas - logradouros e pontos de referência são indicados nominalmente em todos os contos. A preocupação com a indicação do tempo histórico da ação é marcada na descrição das marcas de produtos, na citação de músicas da moda, nas referências a eventos históricos e nos documentos que integram a narrativa, incluídos no texto, que tem local e data demarcado. As personagens são visitadas pelo narrador onisciente em seus sentimentos íntimos, nas suas frustrações, nos seus sonhos e nas suas expectativas, que geralmente envolvem ambições de ascensão social. Os protagonistas dos contos são vivazes, eventualmente acometidos por

---

a estudos como o de José de Alcântara Machado.” Cf. FERREIRA, A. C. ; LUCA, Tania Regina de. O Tradicionalista Moderno: Washington Luís: Política, Espetáculo e Letras Históricas. In: FERREIRA, A. C. MAHL, M. L. (Org.). **Letras e identidades: São Paulo no século XX, capital e interior**. 1ed.São Paulo: Annablume, 2008, v. 1, p. 11-26.

fatalidades, e não mostram sentimento anti nacional. As narrativas tem apelo melancólico e nostálgico, amplo uso de ironia e de crítica a instituições.

Na segunda parte do trabalho acompanhamos alguns comentários feitos por Alcântara a respeito de obras e autores que admirava e que se aproximava de *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Observamos como o autor se pronunciou a respeito do espírito ou psicologia paulista e o comparamos com outros autores contemporâneos que discutiam sobre passado paulista, imigração e assimilação.

Na terceira parte acompanhamos o período de fatura de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, no intervalo entre os anos de 1924 a 1925, que cobre a provável concepção e a exteriorização da ideia de publicar um livro sobre ítalo-paulistas. Privilegiamos, na análise, o *Jornal do Comércio* de São Paulo entre 1924 e março de 1925. Aqui apresentamos Alcântara ainda distanciado do modernismo paulista: quando escreveu os três primeiros contos que comporiam *Brás Bexiga e Barra Funda*, ainda não havia se integrado a este grupo. Acompanhamos a edição paulista do *Jornal do Commercio*<sup>20</sup>, no qual observamos um progressivo aumento das responsabilidades de Alcântara, que chegou a atuar como editor chefe do jornal, na ausência do titular Mário Guastini. Consultando extensivamente o jornal, observamos que os *sueitos*, os telegramas internacionais das agências de notícias, textos de articulistas, discussões parlamentares e atas de organizações e associações publicadas no JCSP apresentam a reincidência de registros sobre o medo dos imperialismos, o debate sobre a implementação da política de imigração mais adequada, a discussão internacional sobre políticas de imigração e emigração, preocupações com a aglomeração de comunidades estrangeiras em centros urbanos, entre outras questões congêneres, que julgamos poder ter estado no horizonte de Alcântara quando escreveu uma obra sobre italianos na cidade de São Paulo. Levantamos, selecionamos e agrupamos as notícias e debates veiculados no JCSP sobre esses temas e coligimo-los com articulistas que contribuía neste mesmo jornal. Selecionamos alguns autores que faziam parte do JCSP. Destacamos Salles de Oliveira, Alves de Souza e Rangel Moreira. Os dois primeiros autores escreviam sobre os perigos do nacionalismo imperialista por parte dos países de emigração. Rangel Moreira, por sua vez, tem como interlocutor um filho de italianos nascido em São Paulo que teria dito ser o progresso de São Paulo obra de italianos.

Com base na leitura do jornal e em bibliografia especializada, observamos que nesses debates, para além do nacionalismo, comumente ressaltava-se uma particularidade paulista

---

<sup>20</sup> A partir deste ponto, passaremos a nos referir ao *Jornal do Commercio* também como *JCSP*.

que se refletiria na cultura local. Se por um lado o livro de Alcântara poderia buscar responder a certas questões imediatas de seu tempo, por outro - ou por isso mesmo - ele se filia a uma tradição regionalista que pensa a particularidade paulista sob um prisma específico, e que foi renovada entre fins da década de 1910 e o começo da década de 1920, incensada pelo medo dos imperialismos da Grande Guerra, pela preocupação com o povoamento do solo brasileiro e pelo desejo do retorno do fluxo imigratório mais intenso para o trabalho nas lavouras. O frequente recurso ao legado bandeirante era mobilizado para acusar ou defender posicionamentos políticos relacionados a questões contemporâneas.

## 1. Brás, Bexiga e Barra Funda - Notícias de São Paulo ( 1927)

### 1.1. Antônio Castilho de Alcântara Machado d'Oliveira ( 1901 - 1935)

As informações sobre a infância e adolescência de Antônio de Alcântara Machado são curtas e esparsas. Sabemos que ele tem ascendência bem estabelecida<sup>21</sup>, que nasceu na cidade de São Paulo, que morou numa casa localizada à Alameda Barão de Campinas e que se mudou com a sua família para rua Sebastião Pereira, nº 72, no bairro dos Campos Elísios. Sabe-se que fez os estudos primários no colégio Sttaford<sup>22</sup>, também na capital paulista, e que foi mandado para a Suíça, para o internato de Haute-Savoie, por volta dos doze anos<sup>23</sup> - sua estadia foi abreviada por motivos desconhecidos, o que fez com que retornasse à São Paulo. Coursou o ginásio no Colégio São Bento, onde conheceu Sérgio Buarque de Holanda, dois anos mais novo. Coursou o preparatório para a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais em 1923. Desta época também temos poucas informações sobre o autor: sabemos que ele foi membro do Centro Acadêmico XI de Agosto, no qual possivelmente foi orador<sup>24</sup>; que foi membro fundador da Atlética desta instituição<sup>25</sup> e um memorialista cita que tinha interesse pelas letras inglesas - principalmente Oscar Wilde.<sup>26</sup>

<sup>21</sup> Seu pai, José de Alcântara Machado (1875 -1941) foi político de grande prestígio em vida, além historiador do passado paulista e professor da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco; Seu avô, Brasílio Machado (1845 -1919) , também foi professor da Faculdade de Direito de São Paulo e seu diretor. Seu Bisavô, Brigadeiro J. J. Machado d'Oliveira foi figura de destaque do Império e escreveu um dos primeiros trabalhos sobre a história de São Paulo, *Quadro Histórico da Província de São Paulo*.

<sup>22</sup> Localizado no bairro dos Campos Elíseos. Hoje é a sede do museu da Energia de São Paulo. Cf. CARMO, Eduardo Benzatti. **São Paulo no anos vinte: Um estudo sobre as transformações dos aspectos materiais e imateriais da cidade reconstruída através da obra ficcional do escritor Antônio de Alcântara Machado**. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências sociais. São Paulo, SP: PUC-SP. 1997. p.17

<sup>23</sup> LARA, Cecília de. Da realidade contada à transposição no texto literário Pathé-Baby: correspondência e crônicas de viagem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 26. São Paulo, SP, 1986. p. 35-45; SILVA, Mônica Gomes da. **(De) cisões do Modernismo: Estudo comparativo da correspondência de Antônio de Alcântara Machado**. Tese de Doutorado apresentada ao departamento de Letras. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Letras/UFF. 2015, p.26; CAVALCANTE, Djalma. Antônio escreveu, nós l(v)emos. *In*: In Dossiê Cult, Antônio de Alcântara Machado. **Cult**, Revista Brasileira de Cultura. Ano IV, nº47.2001, p.58.

<sup>24</sup> Em 1923 diversos jornais anunciam um discurso que Antônio de Alcântara Machado faria em homenagem à memória do Dr. João Mendes de Almeida . **VIDA SOCIAL. O Paiz**, 5 de abril de 1923, p. 5

<sup>25</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo, SP: Cia das Letras. 1994, p.53; O COMBATE, 30 de abril de 1919, p.3.

<sup>26</sup> “Na nossa turma havia um grupo literário formado por Luís Nogueira Martins, Osvaldo Rodrigues Dias, JoãoBatista Marques da Silva, Antônio de Alcântara Machado e mais dois ou três estudantes. Antônio de Alcântara Machado era o orientador intelectual daquele grupo de colegas (...) Liam muito Wilde. Liam mais Wilde do que Baudelaire (...) Dava-se ares de superioridade intelectual. (...) Pertencente a uma família de advogados e mestres de Direito não tinha, todavia, o menor entusiasmo pelo curso jurídico. Fingia-se de “blasé”. PATTI, Francisco. **O espírito das Arcadas. Publicação sob os auspícios da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo**. São Paulo, SP: Gráfica São José. 1950.

Ainda na Faculdade de Direito Alcântara começaria a escrever para imprensa: primeiro com um artigo sobre teatro para o jornal *O Norte*, de Taubaté, depois no JCSP, com o texto *Vultos e Livros*, sobre uma coletânea de perfis dos patronos das cadeiras da Academia Brasileira de Letras e dos seus respectivos ocupantes, escrito por Arthur Motta, crítico literário estabelecido na imprensa paulista. No referido artigo, Alcântara fez largos elogios à Motta, seguidos de correções e acréscimos à compilação. Depois desta estreia, Alcântara passou a colaborar na secção *Teatros e Música* do JCSP, fazendo crônicas dos espetáculos anunciados na temporada. No desempenho desta função, como nota Cecília de Lara<sup>27</sup>, podemos observar as primeiras declarações e opiniões do autor sobre dramaturgos que admirava, como Bataille e Pirandello, por exemplo. Ao concluir seus estudos superiores, Alcântara aliou a atividade jornalística ao exercício da advocacia. Gradativamente, passou a assumir maiores responsabilidades no JCSP, chegando a ser editor chefe, substituir Mário Guastini, quando este precisava se ausentar por viagem ou doença. No período em que passou a exercer mais funções no JCSP começou a escrever alguns contos, publicados no suplemento literário da secção *Só aos Domingos*. Segundo Francisco de Assis Barbosa, Alcântara esteve em São Paulo durante o levante tenentista de 1924 que ocupou a cidade de São Paulo sob o comando do General Isidoro Dias Lopes.<sup>28</sup>

Depois do levante, não sabemos se por coincidência ou não, o JCSP passou por mudanças, desde a sua diagramação até seu corpo profissional: Arthur Motta - o mesmo autor do citado *Vultos e Livros* - passou a colaborar no JCSP com o rodapé *Semana Literária*, e Mário Guastini passou a publicar um comentário semanal intitulado *Às Segundas*. Alcântara expandiu seu espectro de contribuição e passou a ser um dos escritores de *suelto*<sup>29</sup> do JCSP. Neste jornal, portanto, entre 1924 e 1925, simultaneamente, Alcântara passou a desenvolver a atividade de crítico de espetáculos, redator, editor assistente e de colaborador

<sup>27</sup> LARA, Cecília de. **De Pirandello a Piolim: Alcântara Machado e o Teatro no Modernismo**. Rio de Janeiro, RJ: INACEN, 1987. MACHADO, A. A. **Palcos em Foco: Crítica de Espetáculos/ Ensaio sobre Teatro (1923 - 1933), tentativas no campo da dramaturgia**. Tradução de Cecília de Lara. São Paulo, SP: EDUSP, 2009.

<sup>28</sup> LARA, Cecília de e CARELLI, Mário. Capitão Bernini: um fragmento inédito do romance de Antônio de Alcântara Machado. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*. v. 42, n. 4, São Paulo, out. - dez. 1981, p. 93-111.

<sup>29</sup> *Suelto* é o nome que se dá às partes do jornal que cumpriam a função de complementar a diagramação da edição com pequenos textos que preenchiam os espaços em branco de suas primeiras páginas. Geralmente não eram assinados e representavam a opinião do jornal. Alguns dos *suelos* escritos por Alcântara, apesar de não terem assinatura na publicação, foram por ele selecionados, armazenados e assinados num caderno de recortes que tinha a finalidade de compilar sua produção intelectual. O caderno se encontra no fundo Antônio de Alcântara Machado do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo - IEB USP. Os recortes desse jornal foram compilados por Cecília de Lara e Francisco de Assis Barbosa em MACHADO, A de A.. **Prosa Preparatória & Cavaquinho e Saxofone. (Obras. v.1)**. BARBOSA, F.de A., LARA, C (orgs). São Paulo, SP: Civilização Brasileira, 1982

do suplemento literário dominical, para o qual escrevia contos ou artigos sobre personalidades ilustres. Um dos primeiros *suelto*s que podem ser atribuídos à Alcântara, de agosto de 1924, fala sobre a política de regulamentação de tráfego de automóveis na cidade de São Paulo. O autor concluía que era “sabido e estudado há tempos que o paulista era retraído e tímido”, não saía de casa, e que havia assuntos mais sérios e urgentes para serem tratados, como, por exemplo, o do povoamento. Esta é uma das primeiras afirmações públicas de Alcântara sobre o caráter paulista e sobre a preocupação com o povoamento da cidade de São Paulo. Um mês após tal afirmação, Alcântara assumiu o JCSP. O motivo: Mário Guastini fora convocado ao Rio de Janeiro para prestar satisfações sobre a atuação do JCSP durante a Revolução de 1924.<sup>30</sup> Como neste período o jornal publicou comunicados dos revoltosos à população de São Paulo, seus diretores estavam sendo indiciados por colaboração. Alcântara assumiu o JCSP entre 20 outubro de 1924 e 20 de janeiro de 1925. Manteve a constância na crítica teatral mas diminuiu em muito a escrita de *suelto*s. Neste período as negociações sobre acordos de imigração entre Brasil e Itália se intensificaram, entre outros motivos, pela votação do Orçamento do Exterior no Parlamento Italiano, que incitou discussões a respeito da política imigratória mais adequada a ser adotada em relação à América do Sul.<sup>31</sup> Ao mesmo tempo, as páginas do JCSP registraram o aumento das preocupações com os países imperialistas de emigração, como Japão, Alemanha e Itália.

Ao término do período como editor chefe, com o retorno de Guastini da capital federal, Alcântara publicou *Gaetaninho*, em 25 de janeiro, data de aniversário da cidade de São Paulo. Nos meses subsequentes, Alcântara publicou outros dois contos, *Carmela e Liseta*, que, junto a *Gaetaninho*, pretendia incorporá-los a um futuro livro de contos, chamado *Os Ítalo-Paulistas*.<sup>32</sup> Em março de 1925 partiu em viagem para a Europa e de lá atuou como correspondente do JCSP enviando, semanalmente, descrições de cidades por onde passava, intituladas *Pathé-Baby*<sup>33</sup>. Esses contos, impressões de viagem descritas de forma sucinta e telegráfica, compõem imagens das cidades descritas que são alternadas com

---

<sup>30</sup> “Em fins de outubro de 1924, forçado à viagem que se prolongou por mais de 3 meses, deixei à António a responsabilidade redatorial do Jornal do Comércio, num período delicadíssimo para a vida política de São Paulo e do Brasil” Cf GUASTINI, M. António de Alcântara Machado *In*: GRIECCO, A (et. al). **Em memória de António de Alcântara Machado**. São Paulo: Polai, 1936. p.111.

<sup>31</sup> Como veremos adiante, em 1924 os Estados Unidos aprovaram uma lei de restrição à imigração, o *Johnson-Reed Act*, que afetou diretamente a imigração de italianos, e aumentou em muito a expectativa de países como o Brasil de retomarem os acordos de política imigratória com o governo de Mussolini.

<sup>32</sup> Nosso terceiro capítulo se concentrará na atuação de Alcântara no JCSP desde meados de 1924 até a publicação de *Gaetaninho*.

<sup>33</sup> LARA, Cecília de. Da realidade contada à transposição no texto literário *Pathé-Baby*: correspondência e crônicas de viagem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 26, São Paulo, 1986 p. 35-45.

ritmo que obedece à intenção do autor de compor uma obra inspirada na linguagem cinematográfica.<sup>34</sup> Na descrição de Cecília de Lara, “coisas e pessoas em fragmentos, niveladas sob o mesmo prisma: o das aparências, que o olhar capta sem dar primazia, pois tudo se articula no mesmo plano: cores e formas em movimento, compondo o quadro vivo do movimento da cidade”.<sup>35</sup>

Os artigos sobre as cidades europeias remetidos ao JCSP foram especialmente mal recebidos por parte da imprensa italiana de São Paulo: jornais como *Il Moscone* e *Il Pasquino Coloniale* expressaram sua indignação com Alcântara por meio de charges que caracterizavam-no como “Filinho de Papai” e “Tônico” de Alcântara Machado.<sup>36</sup> Especialmente sua descrição sobre Nápoles, que ressaltava os aspectos da pobreza e da falta de higiene desta cidade portuária, foi repercutida como ultrajante e agressiva à honra da colônia italiana de São Paulo. No fim de 1926, ao retornar dessa viagem, Alcântara envolveu-se, supostamente, no empastelamento do *Il Moscone*, um dos jornais que se pronunciaram contra os textos de *Pathé Baby*. O motivo para tal ato seria um editorial de fim de ano no qual o redator chefe, Vincenzo Ragnetti, fazia uma ameaça velada aos antifascistas de São Paulo que opunham-se à instituição do *Dopo Lavoro*<sup>37</sup>, entendido como ameaça do

<sup>34</sup> “Algum tanto me alegra saber que Pinto Ferraz apreciou minha crônica sobre Las Palmas. Pensei que ninguém entenderia aí a minha intenção cinematográfica no fixar peripécias e coisas” - postal de 29 de maio de 1925 ou, em setembro de 1925, quando menciona que mandou “três filmes por intermédio do Flávio, a fim de que este os passe à máquina.” APUD LARA, **Op. Cit.**, 1986, p. 40.

<sup>35</sup> Idem ibidem, p. 38. Do período da viagem temos apenas seus textos e alguns cartões postais, enviados a membros de sua família. Cita um companheiro de viagem, Marcelo, do qual se separa no primeiro mês. Em Milão reportou à família estar com Francisco Mignone, músico descendente de italianos, nascido em São Paulo, que foi aluno de Mário de Andrade no Conservatório Musical de São Paulo e que se encontrava na Itália para estudar, com bolsa do governo brasileiro. Em Roma, diz estar com o engenheiro Nilo Colona dos Santos, que estava em estágio de aperfeiçoamento a Europa e “que José [de Alcântara Machado, irmão de Alcântara] conhece muito de Caxambu e da Politécnica do Rio”, além de “um sobrinho de Matarazzo”, que conhecia de São Paulo. Fala ainda de Pettinati - provavelmente Francisco Pettinati, jornalista do *Fanfulla*. Em Londres, esteve com o presidente da Agência Americana de Notícias, descrito como “meu amigo de Paris” em cartão postal de 26 de maio. Em Paris, comentava com seu pai as movimentações para a eleição de Washington Luís, que faria um discurso num teatro da cidade. Ainda em Paris, presenciou e registrou a Exposição de Artes Decorativas e Industriais Modernas, e ao sair desta cidade, jantou na casa de um embaixador. Cf. Alguns dos cartões postais de Alcântara estão em CEDAE/Coleção Borba de Moraes Cx.48 maço Antônio de Alcântara Machado. Outras informações foram tiradas a partir de LARA, 1986, **Op. Cit.**, pp. 35-45. Nilo Colona dos Santos, formado na Politécnica do Rio, estava fazendo estágio de aperfeiçoamento técnico na Europa, com bolsa do governo brasileiro, entre 3 de outubro de 1923 e 3 de outubro de 1925. Cf. **Relatório do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio em 1923**. Rio de Janeiro, RJ: Imprensa oficial, 1926, p. 538.

<sup>36</sup> O jornal “*Il Pasquino Coloniale*”, assim como “*Il Moscone*” escrito em língua italiana para a colônia italiana residente em São Paulo, lançaram matérias expressando de desaprovação para com a descrição da Itália por parte de Alcântara Machado. Cf. FAVOLLETE di vita coloniale vissuta e comentata - “*Pathé Baby*”, **Il Pasquino Coloniale**. Ano 18, n.956, São Paulo, 27/02/1926, p.8.

<sup>37</sup> Organização recreativa fascista da Itália, criada em 1º de maio de 1925 para supostamente promover o desenvolvimento físico, intelectual e moral da população, em horários livres de trabalho, que se constituía de uma rede de instalações esportivas, clubes, bibliotecas, colônias de férias e bares. Sobre o Dopolavoro ver: BERTONHA, BERTONHA, João Fabio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2001.p.44-46.

imperialismo fascista. O editorial em questão terminava afirmando que naquela noite de ano novo os italianos “comeriam cabritos” e “entornariam garrações de vinho”, sugerindo que fizesse o mesmo os opositores do jornal, entre eles “Tonico” de Alcântara Machado, porque que a vida era curta e o cemitério esperava a todos.<sup>38</sup> A ameaça insinuada com essa última afirmativa teria sido o motivo para a invasão e depredação das máquinas do jornal. Antônio de Alcântara Machado vinha pedir explicações junto a Paulo Duarte e aos irmãos Lucilio, Vincenzo e Itálico Ancona Lopes, acompanhados, por sua vez, de dezenas de estudantes. A justificativa: seria um recado para que o jornal não perseguisse ou ameaçasse os anti-fascistas de São Paulo. Se o fizessem novamente, Vincenzo Ancona Lopes, Secretário de Segurança de São Paulo na época, alvejaria a cabeça do diretor do periódico com um tiro de revólver.<sup>39</sup>

Carlos Schmidt Capela, aparentemente desconhecendo essa “pecha” de Alcântara, também nota uma tendência “de se discutir sobre a existência ou não de uma visão preconcebida do autor contra indivíduos de origem italiana”<sup>40</sup> Cita a crítica de Mário de Andrade que compara *Pathé Baby* com *Brás, Bexiga e Barra Funda*:

Prá mim a mudança decidida da caçoada para aceitação foi que levou A.M. a criar obra tão universalmente humana como esta de agora (...) me parece que só mesmo arara verá no livro a mais pequena picada de malvadez contra o italiano. Não tem malvadeza não. O que se percebe é que A.M. manifesta pelos mamelucos da atualidade paulista essa indiferença tão caracteristicamente humana com que a gente cumpre a ordem divina de nos amarmos uns aos outros (...) <sup>41</sup>

A repercussão negativa de *Pathé Baby* fica insinuada em outros comentários sobre *Brás, Bexiga e Barra Funda*: Mário Guastini lembraria que “para muitos as páginas (...) parecerão charges satíricas, reveladoras da italofofia do autor.”<sup>42</sup> Anos depois, falando de si

<sup>38</sup> VOGLIONO fare la festa al Fascismo! **II Moscone**, ano I, n.37, São Paulo 31 dez. 1925, p.7.

<sup>39</sup> Segundo a descrição de seu diretor, Vincenzo Ragnonetti, a redação de seu jornal – fascista, destinado à colônia italiana de São Paulo – recebeu a inesperada visita do jovem escritor e jornalista Antônio de Alcântara Machado, que vinha pedir explicações a respeito do último editorial. Poucos momentos depois da entrada inesperada na redação, vieram à sua companhia Paulo Duarte, os irmãos Lucilio, Vincenzo e Itálico Ancona Lopes, acompanhados, por sua vez, de dezenas de estudantes. Cf. L'AGRESSIONE al “Moscone”. **II Moscone**, ano I, n.38, São Paulo, 06/01/1926, p.10. O termo empastelamento, comumente refere-se ao ato de danificar maquinário tipográfico da redação do jornal, causando prejuízo por falta de publicação e custos de reposição só foi usado cerca de 20 anos depois do episódio Cf. CARTA AOS ITALIANOS do Brasil. Cartas expressas. **O Moscardo**. São Paulo, 6 de setembro de 1945, pp.14-15. O Moscardo é a tradução de *Il Moscone*, que passou a ser escrito em português no governo Vargas. A descrição do empastelamento é baseada MOURA, Allan Cavalcanti de. **Tiro de Guerra nº 35 e Nacionalidade**: Apontamentos para uma leitura de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Antônio de Alcântara Machado. Monografia de Bacharelado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2014.

<sup>40</sup> CAPELA, 1989 **Op. Cit.**, p.207

<sup>41</sup> ANDRADE, Mário. *Antônio de Alcântara Machado*. A Manhã, 19 de junho de 1927 APUD LARA, Cecilia de. **Comentarios e notas a edição fac-similar de 1982 de Bras, Bexiga e Barra Funda de Antonio de Alcantara Machado**. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1982, p.104.

<sup>42</sup> GAMA, Stiuirnio. Às segundas. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 14/03/1927.

em terceira pessoa, Alcântara recordaria a repercussão, em parte negativa, tanto de *Pathé Baby* quanto de *Brás* :

Alcântara ganhou fama (ou cousa parecida) de gozador e seco desde o *Pathé-Baby*. *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda* não deu para desfazer essa fama (ou cousa e tal). Bom. Vamos ver agora o que dirão de *Laranja da China*. No fundo (desconfio muito) Alcântara não está fazendo questão de parecer seco ou molhado, gozador ou sofredor. Além de ser e parecer quanto possível Alcântara acho que nada mais o preocupa.<sup>43</sup>

Ao voltar da viagem à Europa, além de reagir à ameaça do *Moscone*, que ficava na avenida S. João, nº 96, Alcântara passou a articular a revista *Terra Roxa e Outras Terras...* curiosamente sediada no mesmo prédio.<sup>44</sup> A revista, publicada entre de janeiro e setembro de 1926, foi dirigida por António de Alcântara Machado e A. C. Couto de Barros. Foi o primeiro veículo público em que Alcântara expressou uma clara aproximação com o grupo modernista paulista que reivindicava a Semana de Arte Moderna de São Paulo de 1922, o que foi reforçado com o prefácio de Oswald de Andrade à publicação de *Pathé Baby* em livro, lançado poucos dias depois da estreia da revista.<sup>45</sup> Como observado por Cecília de

<sup>43</sup> MACHADO, A.de A. “Alcântara Machado. Laranja da China- São Paulo, 1928”. **Revista de Antropofagia**, ano I, nº3. Julho de 1928, p. 4.

<sup>44</sup> o suposto empastelamento foi realizado nos primeiros dias de janeiro de 1926. Em 31 de dezembro de 1925 Alcântara enviava uma carta à Prudente de Moraes Neto “Boas últimas festas, Prudente. Saiba que, em meados de janeiro de 1926 daremos a luz da inteligência pátria que lê, um quinzenário, em formato de jornal. Título: Terra Roxa. Subtítulo: ... e outras terras. Diretores: A. C. Couto de Barros e António de Alcântara Machado. Redator-secretário: Sérgio Milliet. Representante no Rio de Janeiro: Prudente de Moraes, neto. Ai é que está a surpresa. E o motivo disto. Também você tem de aceitar. Queira ou não queira. [...] Concite os povos: Manuel Bandeira, Soares, Arinos, e outros que tais inclusive Graça[ Aranha], Renato[de Almeida], Ronald [de Carvalho]. Seriamente. Belisque o Sérgio.[Buarque de Holanda]”. MACHADO, António de Alcântara; MORAES NETO, Prudente de; LARA, **Cecilia de. Pressão afetiva & aquecimento intelectual: cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto.** São Paulo, SP: EDUC: Giordano: Lemos. 1997, p29.

<sup>45</sup> O prefácio elogioso de Oswald Andrade, chamado *Carta-Oceano*, foi escrito em estilo telegráfico . Uma de suas frases marcantes é “Culpa sua esse cinema com cheiro que é *Pathé Baby*”. Não precisamos o momento em que Alcântara passou a se identificar com os modernistas da semana de 1922. Mário Guastini , diretor do JCSP diz que “em janeiro de 1923, tendo-se afastado o crítico teatral, apelei para Antonio. Pediu-me apenas plena liberdade de opinião. Dei-lhe toda e mais a faculdade de assinar suas crônicas. Foi nessa época em que mais se acentuou sua inclinação para o modernismo, e não para o futurismo, como muitos pretenderam.” Desde 1923 Alcântara deve ter convivido com Oswald de Andrade, com quem trabalhava no JCSP. .Em junho de 1924, quando Blaise Cendrars, amigo de Oswald, veio à São Paulo para fazer um filme propaganda do estado de São Paulo, Alcântara deve ter assistido a uma das palestras que o poeta francês proferiu em São Paulo. É sugestiva a aproximação entre *Kodak* e *Pathé Baby*. Em *Kodak*, Cendrars reúne poesias inspiradas na fugacidade do momento do clique de uma máquina fotográfica – o título da obra se refere a uma empresa do ramo fotográfico. *Pathé Baby*, por sua vez, escrito nos depois, em prosa sucinta, já descrita acima, intenciona aproximar a linguagem do cinema da literatura. Seu título se refere a uma câmera pequena, usual. Num exemplar de *Pathé-Baby* oferecido a Cendrars, Alcântara escreveria a dedicatória: "Para Blaise Cendrars - grande especialista em fitas de documentação -, com o entusiasmo do Alcântara". Desde 1924 Alcântara colaborava com a revista *Novíssima*, comandada por Menotti Del Picchia e identificada com o verdeamarelismo. CALIL, C. (2008). Cinema = Cavação: Cendroswald produções cinematográficas . **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, (47), 13-28. EULALIO, Alexandre. **A aventura brasileira de Blaise Cendrars: ensaio, cronologia, filme, depoimentos, antologia, desenhos, conferências, correspondência**, traduções. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo (SP): EDUSP: Imprensa Oficial do Estado: FAPESP, 2001., p. 87; 458. PINTO, Maria Inez Machado Borges. Crônica cinematográfica do cotidiano: Alcântara Machado

Lara, de modo geral, em suas proposições a *Terra Roxa* aproximava-se do modernismo do Movimento Pau Brasil. Tânia Regina de Lucca observa que a revista compõe um *continuum* da produção do grupo modernista de São Paulo, que começa com *Klaxon* e passa pela aquisição da *Revista do Brasil* por Paulo Prado.<sup>46</sup> *Terra Roxa*, no entanto, teria vida curta, resumindo-se a apenas sete números - encerrou a sua vida em setembro de 1926. Enquanto publicava em *Terra Roxa* Alcântara passou, também, a colaborar com a *Revista do Brasil*, na qual comentava principalmente sobre teatro. Em setembro de 1926, perto do lançamento do último número de *Terra Roxa*, Alcântara deixou de escrever sobre espetáculos no JCSP e passou a produzir esses rodapés semanais, *Saxofone*, entre 4 de setembro a 27 de outubro de 1926 e depois *Cavaquinho*, entre 30 de outubro e 2 de abril de 1927. *Brás, Bexiga e Barra Funda* foi lançado em março de 1927. Antes de seu lançamento, no rodapé *Feira das Quintas* do JCSP, Oswald de Andrade, sob o pseudônimo João Miramar, falava sobre os originais de *Gaetaninho*, *Carmela* e *Corinthians (2) vs Palestra (1)*, que lera de Antônio de Alcântara Machado:

Antonio de Alcântara Machado leu-me ontem alguns dos seus contos ítalo-paulistas. Não conheço nada melhor como fixação de nossa vida ascensional e misturada. A *Carmela*, o *Caetaninho* e aquele mulato que vem cantando no bonde apinhado “O Palestra levou na testa” são do melhor recorte, da mais marcada existência. São Paulo está tendo afinal, depois de tanta falência (que não se sabe se o record é na praça ou na literatura), está tendo, dizia eu, o seu grande romancista. Neste ano, todo dedicado a São Francisco, eu batizaria o autor de “Pathé Baby” e de “Brás, Bexiga e Barra Funda” Antonio de Alcântara Machado de Assis.<sup>47</sup>

Entre 1926 e o lançamento de *Brás Bexiga e Barra Funda* Alcântara lançou as crônicas de *Pathé Baby* em livro, organizou *Terra Roxa*, e trabalhou simultaneamente em contos de *Laranja da China* - livro de contos sobre tipos paulistanos que seria publicado em

---

e os impasses do modernismo. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 24, janeiro 2001, p. 190-209. Sobre as dedicatórias de Alcântara à Cendrars, ver : Biblioteca pessoal do escritor, Fonds Blaise Cendrars, **Archives Littéraires Suisses**, Bibliothèque Nationale Suisse, Berna. Acessado em [http://ead.nb.admin.ch/html/cendrars\\_bib\\_3.html](http://ead.nb.admin.ch/html/cendrars_bib_3.html)

<sup>46</sup> Essa revista foi fundada por Julio de Mesquita, então dono do poderoso jornal *O Estado de São Paulo*, e um grupo de acionistas em 1916, unidos pelo desacordo da eleição de Altino Arantes para a presidência do estado de São Paulo. Em 1918 passou a ter Monteiro Lobato como sócio majoritário. Em 1923 o controle efetivo da revista passou para Paulo Prado, que depois do término da publicação do periódico modernista *Klaxon* encontrou na compra da maioria das ações da estabelecida revista de Lobato um espaço interessante para publicar suas ideias políticas - no editorial “O Momento” - e incluir alguns modernistas como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Rodrigo M. F. de Andrade, Prudente de Moraes Neto e Antônio de Alcântara Machado em suas publicações. Cf. LUCA, T. R. de. **Leituras, projetos e (re)vistas(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2011, pp.24-26.

<sup>47</sup> MIRAMAR, João. Diálogo sobre Atenas precedido de um comentário à economia brasileira – O Dr. Plínio Barreto, o voto secreto e as elites negativas – Fixação nacional. *Feira das Quintas*. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 16 de setembro de 1926.

1928 - e na monografia histórica *Anchieta na Capitania de São Vicente*, que seria publicada em 1929. Ao longo da década de 1920 colaborou com diversas revistas literárias e teve um papel de orientador de revistas que estavam nascendo, como a revista *Verde*, de Cataguases, *A Revista*, organizada por Carlos Drummond de Andrade em Belo Horizonte, *Movimento Brasileiro*, do Rio de Janeiro. Com *Novíssima*, revista paulista comandada por Menotti del Picchia, Alcântara colaborava desde 1924.<sup>48</sup> Depois de publicar *Brás*, Alcântara passaria a contribuir com artigos de crítica no *Diário Nacional*, jornal oficial do Partido Democrático<sup>49</sup>. Tornaria-se diretor da *Revista de Antropofagia* em 1928, durante a sua primeira fase. Nessa revista, Alcântara escrevia os editoriais e fazia crítica literária. Abandonou a publicação quando rompeu, junto à Paulo Prado e Mário de Andrade, com Oswald de Andrade.<sup>50</sup> Em 1929 Alcântara venceu um concurso de monografias da Sociedade Capistrano de Abreu com o trabalho *Anchieta na Capitania de S. Vicente*. Ainda em 1929 foi convidado a colaborar nos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Nesse mesmo ano iniciou viagem à Europa, da qual só voltaria em 1930 e durante a qual contribuiu como correspondente d'*O Jornal* e do *Diário de São Paulo*; No mesmo ano viajou à Europa. Ao voltar, depois da ascensão de Getúlio Vargas ao poder, organizou, em sociedade com Mário de Andrade e Paulo Prado, a *Revista Nova* (1930-1931). Participou da Revolução de 1932, assumindo a Rádio Record. Depois de 1932 passou a compor a chapa do Partido Constitucionalista e se mudou para o Rio de Janeiro. Nessa cidade passou a contribuir com o *Diário da Noite*, do qual se tornaria diretor poucos anos depois. Alcântara trabalhou como redator dos projetos de lei da do Partido Constitucionalista para a Constituição de 1934. Foi eleito deputado, mas morreu antes de assumir o cargo, aos 34 anos, em consequência de uma apendicite diagnosticada tardiamente. Depois de sua morte foram publicadas obras de homenagem, compilações de suas contribuições em jornal, obras inacabadas e uma série de textos não terminados. Inacabadas ficaram as obras *Capitão Bernini* – que segundo Francisco de Assis Barbosa seria baseada em um italiano que era cabo eleitoral do Partido Republicano Paulista (PRP)<sup>51</sup> – *Lira Paulistana* – coleção de modinhas populares da cidade de São Paulo, recolhidas pelo autor – e *Mana Maria*, assim como *Lira* publicada postumamente. *Mana Maria*, seu único romance, narra a trajetória de uma mulher paulista que foi contemporânea Revolução Constitucionalista de 1932.

<sup>48</sup> Interessante notar que tanto *Pathé Baby* quanto *Brás*, *Bexiga e Barra Funda* foram publicados pelo Editorial Helios, comandado também por Menotti del Picchia.

<sup>49</sup> O Partido Democrático foi a principal oposição ao PRP nos primeiros anos da República. Criado em 1926, teve como presidente de honra o Conselheiro Antonio Prado, pai de Paulo Prado, mecenas da Semana de Arte Moderna de São paulo de 1922, primeiro prefeito de São Paulo, entre 1899 e 1911. Retornaremos à sua figura nos próximos capítulos.

<sup>50</sup> Sobre a cisão da revista de Antropofagia ver LUCA, T. R. **Op. Cit.**, 2011, pp.86-104.

<sup>51</sup> Segundo Cecília de Lara, Francisco de Assis Barbosa teria “ouvido do próprio escritor, com quem conviveu, que o enredo giraria em torno de uma figura real, da São Paulo da década de 1920, um certo Molinaro, italiano, cabo eleitoral, que acabou por ser assassinado em 1928” Cf. LARA, Cecília de e CARELLI, M. Capitão Bernini: um fragmento inédito do romance de Antônio de Alcântara Machado. **Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade**. v. 42, no 4, São Paulo, 1981, p. 93-111

## 1.2. O livro

Brás, Bexiga e Barra Funda foi lançado em março de 1927 pelo Editorial Helios. Alcântara contava 26 anos quando este seu segundo livro foi publicado. Apesar da pouca idade, ele já era conhecido, por atuar no JCSP ao lado de Mário Guastini, por publicar artigos na Revista do Brasil, pela publicação do seu primeiro livro Pathé Baby e pela posição privilegiada legada por sua família tradicional.

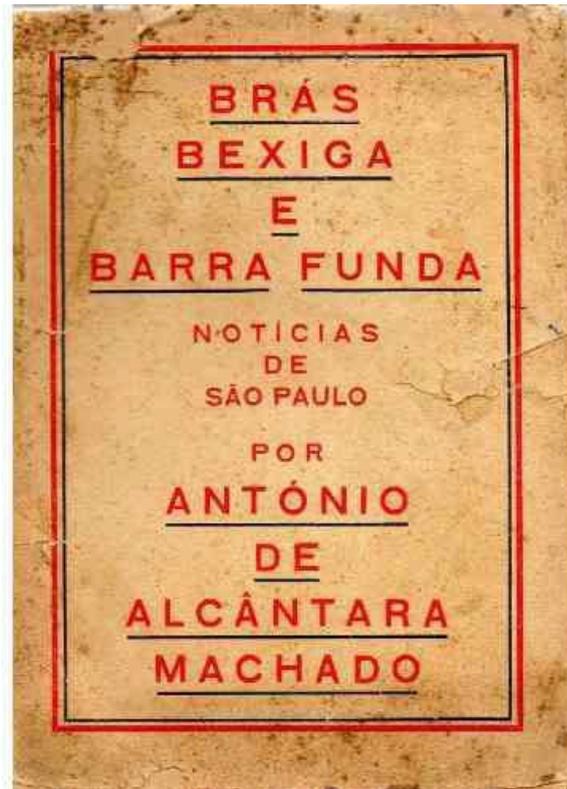
O volume de 1927 é composto por uma introdução e onze contos. Destes, quatro foram publicados em momentos anteriores. Como vimos, o primeiro conto foi Gaetaninho, publicado em janeiro de 1925. Pouco depois, em 1º de março, foi veiculada no JCSP a primeira versão de Carmela, com a observação: “de um possível livro de contos: Ítalo- Paulistas”. O autor reforçou essa intenção quando publicou Lisetta, em 8 de março. Estes contos, todos, foram lançados no suplemento dominical Só aos Domingos do JCSP e não causaram especial repercussão na sua primeira aparição, ao que nossa pesquisa indica. Nesse período Alcântara ainda não estava integrado ao movimento modernista paulista que reivindicava a Semana de Arte Moderna de São Paulo como marco inicial.<sup>52</sup> Todos os contos sofreriam modificações de estilo até a sua publicação no conjunto do volume. Além destes, também foi publicada uma primeira versão da história Amor e Sangue, impressa na revista Novíssima.

A partir do contato com os originais do livro impresso em 1927, sabemos que o autor especificou, com considerável grau de minúcia, o modo como queria que cada parte de seu livro fosse impressa.<sup>53</sup> A primeira impressão da obra tem sua capa estampada com as inscrições em vermelho: “Brás, Bexiga e Barra Funda, Notícias de São Paulo, por António de Alcântara Machado”, com todas as letras maiúsculas. O título do livro e o nome do autor são proporcionalmente equivalentes em tamanho e destaque, escritos em letras negritadas e sublinhados em preto. Ao contrário do que observamos em outros livros do Editorial Helios, na capa desta obra o nome do autor tem o mesmo destaque que seu título. Não sabemos se Alcântara desejava evidenciar-se como autor, como sugerem as declarações de Oswald de Andrade na Carta-Oceano que prefaciava Pathé Baby e nas menções positivas no JCSP como a que vimos no subtópico anterior. A particularidade das proporções desta capa comporta essa possibilidade.

---

<sup>52</sup> Cecília de Lara e Monica Gomes mostram as mudanças de opinião do autor ao longo do tempo e como os interesses deste autor estavam distanciados do grupo envolvido na Semana de Arte Moderna de 1922.

<sup>53</sup> LARA, C. de. **Comentários e notas à edição fac-similar de 1982 de Brás, Bexiga e Barra Funda de António de Alcântara Machado**. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1982, p. 24.



A importância do aspecto visual para o entendimento da linguagem da volume de contos, como elemento de composição constitutivo da narrativa, é observada por diversos estudiosos de Alcântara. Cito a descrição de Capela:

Em Brás, Bexiga e Barra Funda princípios semelhantes aos que governam a realização de um filme (...) são largamente utilizados. Os contos são todos divididos em pequenos segmentos, blocos que correspondem a cenas, no caso do cinema, que se ordenam e se sucedem segundo uma lógica particular. Como na montagem cinematográfica, surgem descontinuidades de ordem temporal e espacial, que devem ser preenchidas pelo leitor no ato mesmo da leitura. Se no filme a projeção exige a imediata justaposição dos diferentes quadros, no caso de Brás, Bexiga e Barra Funda as diversas porções dos textos são visualmente destacadas, graças aos brancos que delimitam intervalos entre eles. Tal disposição acentua a composição fragmentária, fundamental para a elaboração do livro. A estes intervalos que surgem em cada conto são atribuídas funções semânticas, que, porém, mais são sugeridas que explicitadas pela sucessão dos eventos narrados. Quase sempre, entre cada bloco, há uma quebra na linearidade, de ordem temporal ou espacial, ou espaço-temporal, apenas afastada quando o narrador fornece elementos que normalizam a sequência natural dos acontecimentos.<sup>54</sup>

<sup>54</sup> CAPELA, C. E. S. *Op. Cit.*, 1989.p.100.

Concordamos com Capela quando afirma que *Brás*, ao mesmo tempo que reivindica a linguagem jornalística - como veremos adiante -, mantém referências a linguagens próprias de recursos cinematográficos na elaboração das cenas, presentes desde *Pathé Baby*.

Depois da capa e da folha de rosto, há uma dedicatória à memória de Lemmo Lemmi, conhecido como Voltolino, célebre caricaturista e ilustrador dos textos protagonizados pelo personagem ítalo-paulista Juó Bananére, escrito por Alexandre Marcondes Machado.<sup>55</sup> Abaixo da menção à Voltolino há a frase “e ao triunfo dos novos mamalucos”, o que é seguido por uma lista de pessoas públicas, filhos de italianos nascidos em São Paulo.<sup>56</sup>

Na página subsequente, uma epígrafe reproduz, em italiano, um trecho de *Le Relationi Universali* (1595), de Giovanni Botero, jesuíta que escreveu sobre São Vicente: “São Vicente é a última colônia dos portugueses: e porque é em uma terra distante, para ali são condenados aqueles que, em Portugal, tenham merecido a galera, ou algo do tipo”<sup>57</sup>.

Uma segunda epígrafe, na página posterior, reproduz uma frase do discurso do Conde Francisco Matarazzo, de saudação ao dr. Washington Luís: “Esta é a Pátria dos nossos descendentes.”<sup>58</sup>

<sup>55</sup> Sobre Juó Bananére ver: CAPELA, C. E S. **Juó Bananére: irrisor, irrisório**. São Paulo, SP: NankIn: EDUSP, 2009

<sup>56</sup> “Alfredo Mário Guastini, Vicente Rao Antônio Augusto Covello, Paulo Menotti Del Picchia, Nicolau Naso, Flaminio Fávero, Victor Brecheret, Anita Malfatti, Mário Graciotti, Conde Francisco Matarazzo Júnior, Francisco Pati, Sud Menucci, Francisco Mignone, Menotti Sainatti, Heribaldo Siciliano, Teresa Di Marzo, Bianco Spartaco Gambini, Italo Hugo.” Eram “ literatos, jornalistas, cientistas, políticos, esportistas, artistas e industriais”.

<sup>57</sup> Em tradução livre. Galera, nessa passagem, tem o mesmo sentido que Galé, tipo de punição, que consistia em servir no conjunto de remadores usados em grandes embarcações da época. No livro a citação consta como “San Vincenzo È L'ultima Colonia De' Portoghesi: E Perche È In Vn Paese Lontanissimo, Vi Si Sogliono Condennare Quei, Che In Portogallo Hanno Meritato La Galera, Ò Cose Tali.”

<sup>58</sup> “Não é esta a homenagem banal de uma colonia estrangeira a o chefe eleito de uma nação que a hospeda. Quando, em março último, o sufrágio numeroso e compacto deste povo, digno de todas as exaltações, e ao qual nos ligam uma longa intimidade de trabalho e as tradições e tendências de uma mesma origem, designou v. excellencia pra o cargo de primeiro magistrado da república, o nosso regosijo não foi inferior ao dos mais partidários de sua eleição. Foi o regosijo sincero de quem assiste aos acontecimentos políticos, alheio a todas as competições , libertado de qualquer paixão partidária; de quem , acompanhando de perto a rápida ascensão de sua excelência [...] Exmo sr. Amamos a Itália, educamos os nossos filhos no culto da pátria de seus pais, ensinamos a eles os seus fastos afim de que o seu entusiasmo juvenil se inflame por cousas elevadas. Infinitamente mais belo, mais apreciável, esses sentimentos tornam o nosso amor à terra que nos hospeda. Não é retórica vã, não é mero lealismo verbal a afirmação de que não há italiano, na numerosa colônia, que não ame o Brasil como ama a própria pátria. Aqui a maior parte de nós passou o período maior e melhor da sua vida: aqui encontramos campo fértil para a nossa operosidade: aqui fixamos a nossa morada; aqui empregamos os frutos do nosso trabalho indefeso. Quem tem a honra de falar a v. exc. possui, além mar, menos ainda do que herdou do pai. Partículas da riqueza nacional são os nossos bens, as nossas fábricas, os nossos estabelecimentos, as nossas casas, os nossos terrenos, as nossas economias. **É esta a Pátria dos nossos descendentes.** Nas gerações futuras quase todos os nossos nomes não designarão mais estrangeiros; já muitos deles pertencem a cidadãos brasileiros. Uma verdadeira multidão de razões sentimentais e uma nuvem de interesses vitais , nos impelem, pois, a amar o paiz de v. exc. A desejar para ele ardentemente, o mais radioso futuro a unir aos dos brasileiros, todos os nossos esforços pela sua crescente grandeza. Uma hereditariedade de milênios radicou na alma humana essa aspiração suprema: repousar os ossos na terra dos antepassados. Pois bem, até esse sentimento inato nos mortais foi vencido: alguma cousa que sobreleva a tradição milenária nos prende aqui para além da vida...” Cf. Discurso do Sr. Conde Francisco Matarazzo. **Correio Paulistano**.24 de outubro de 1926, p.8.

As duas epígrafes que antecedem o prefácio do livro insinuam uma referência à tradição de uma particularidade paulista, calcada na ideia de miscigenação, ou “caldeamento das raças”, no jargão da época. O elemento do isolamento do paulista, citado no trecho de Botero, teria garantido a particularidade da miscigenação do indígena com o português degradado. A segunda epígrafe insinua uma realização futura, a São Paulo sobre a qual atuariam os descendentes da grande massa de italianos residentes no Brasil, sobretudo em São Paulo. O livro situa-se entre os dois momentos, e dedica-se aos primeiros ítalo-descendentes nascidos em São Paulo, os “novos mamalucos”. Quer compor um retrato de seu tempo, localizado entre um passado criado a partir da tradição identitária regional que identificava o paulista como descendente do indígena e do português e as expectativas sobre o futuro do povo paulista, com o incremento do contingente de imigrantes italiano e seus descendentes que contavam-se às centenas de milhares em São Paulo.<sup>59</sup>

O compromisso do livro em retratar o presente manifesta-se a partir do seu subtítulo, *Notícias de São Paulo*, e evidencia-se no prefácio, no qual o narrador evoca o estatuto de jornal para seu livro de contos. O prefácio intitula-se *Artigo de Fundo*, nome dado aos textos que expressavam a opinião de um jornal sobre determinado assunto, como o fazem os atuais editoriais. O narrador expressa-se com propriedade, recorrendo a linguagens que tinham autoridade do registro da realidade - o cinema e o jornal<sup>60</sup>:

Este livro não nasceu livro: nasceu jornal. Estes contos não nasceram contos: nasceram notícias. E este prefácio portanto também não nasceu prefácio: nasceu artigo de fundo. Brás, Bexiga e Barra Funda é o órgão dos ítalo-brasileiros de São Paulo (...) como membro da livre imprensa que é, tenta fixar tão somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e cotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas. É um jornal. Mais nada. Notícia. Só. Não tem partido nem ideal. Não comenta. Não discute. Não aprofunda. Principalmente não aprofunda. Em suas colunas não se encontra uma única linha de doutrina. Tudo são fatos diversos. Acontecimentos de crônica urbana. Episódios de rua.<sup>61</sup>

As notícias do presente, da atualidade, ligam passado e futuro, e recorrem à narrativa da formação do Brasil entendida partir da miscigenação. A escrita assertiva, direta, aproxima-se da linguagem comum à do Movimento Pau Brasil, que se outorga o poder de descrever a realidade. O *Artigo de Fundo* apresenta a formação do povo brasileiro como

---

<sup>59</sup> Os caboclistos, o Jeca Tatu, os caipiras, faziam parte da tradição regionalista e remetiam aos descendentes dos antigos bandeirantes. Sobre a tradição regionalista paulista na literatura, ver FERREIRA, A. C. **Op. Cit.**, pp.172-177.

<sup>60</sup> Sobre a relação de Brás, Bexiga e Barra Funda com a linguagem cinemartográfica ver CAPELA, 1989, **Op. Cit.** pp.101-103.

<sup>61</sup> MACHADO, A de A. **Brás, Bexiga e Barra Funda: Notícias de São Paulo**. São Paulo, SP: Editorial Helios Limitada, 1927.

fruto da mistura do indígena, do português e do negro, descritas como as “três raças” que os poetas “xingaram de tristes”. A associação de três “raças” formadoras com a tristeza é elemento comum ao pensamento histórico de Capistrano de Abreu e de Paulo Prado, ao que nos dedicaremos no próximo capítulo. Sigamos com a descrição: ao falar do elemento indígena, o autor usa trechos descritivos da carta de Pero Vaz de Caminha. Diz que dos homens portugueses e das indígenas brasileiras nasceram “os primeiros mamalucos”. Os segundos mamalucos seriam fruto do relacionamento dos primeiros com as negras, “moças gentis, mucamas, mucambas, munibandas, macumas”. Na sua expressão, “os mamalucos das duas fornadas deram o empurrão inicial no Brasil” até que

os transatlânticos trouxeram da Europa outras raças aventureiras. Entre elas uma alegre que pisou na terra paulista cantando e na terra brotou e se alastrou como aquela planta também imigrante que há duzentos anos veio fundar a riqueza brasileira.

Do consórcio da gente imigrante com o ambiente, do consórcio da gente imigrante com a indígena nasceram os novos mamalucos.

Nasceram os  
italianinhos. O

Gaetaninho.

A Carmela.

Brasileiros e paulistas. Até  
bandeirantes. E o colosso continuou  
rolando. [...]

[o italiano] Adaptou-se. Trabalhou. Integrou-se.

Prosperou. E o negro violeiro cantou assim:

Italiano

grita

Brasileiro

fala Viva o

Brasil

E a bandeira da Itália!”<sup>62</sup>

Neste prefácio, observamos que Alcântara destaca a “raça italiana” dentre as outras que teriam sido trazidas pelos transatlânticos. Caracteriza os italianos como alegres, sublinha essa característica ao retratá-los cantando, localiza a inserção deles em São Paulo, apontando que estava falando do italiano que “pisou na terra paulista” e compara a expansão dos italianos pela terra paulista e brasileira com o café, “planta também imigrante” que fundou a riqueza brasileira. Como pretendemos apontar nos próximos capítulos, nessas poucas frases Alcântara sinaliza que a riqueza brasileira é anterior à vinda dos italianos, que ele integra-se à terra de destino, deita raízes, fixa-se. A metáfora do italiano enquanto café remete também à função do solo na composição e modificação dos tipos que se transformam

---

<sup>62</sup> Idem.

em território nacional, coadunando com a visão mesológica que constituía um fundo comum do discurso historiográfico brasileiro.<sup>63</sup> A metáfora mesológica é reiterada pelo duplo consórcio indicado no prefácio: primeiro com a gente indígena, em segundo lugar com o ambiente. A gente indígena e o ambiente funcionariam como poderosos elementos de remodelação da “raça italiana”. Alcântara conclui que como resultado das transformações às quais o imigrante italiano esteve submetido em solo paulista e brasileiro, o imigrante “adaptou-se”, “trabalhou”, “integrou-se” e “prosperou”. As assertivas separadas por ponto final, que realçam a contundência das afirmações, sugerem estágios diferentes da incorporação do imigrante ao Brasil e ressoam ideias que estavam associadas ao imigrante italiano: sua adaptação seria mais fácil, pela língua próxima, religião comum e cultura latina; seria um excelente elemento de trabalho. Nosso estudo, ao perscrutar significados para essa integração professada no *Artigo de Fundo* e ao longo do livro, deter-se-á sobre esses itens levantados nos próximos capítulos. Por ora nos dedicaremos a uma descrição dos contos que compõem a obra, apontando a integração do imigrante como eixo central.

A integração do imigrante italiano e de seus descendentes encontra expressão no conjunto do livro de diversas formas: por vezes central no enredo das contos, pode ser observada também na caracterização das personagens, principais ou não, e em pequenos detalhes a princípio secundários das histórias. O livro é principalmente descrito em terceira pessoa, por um narrador onisciente, presente na maioria dos contos, que por vezes chega a comentar as imagens que descreve - o que amplia as inferências possíveis para a compreensão dos sentidos do que está sendo descrito. Há amplo recurso aos diálogos, que compõem a narrativa e são reveladores em seus detalhes. Como veremos, uma das características da prosa de Alcântara é a economia de palavras, o que faz com que as escolhas envolvidas nas curtas descrições e associações visuais tenham um valor especialmente importante na construção de sentido das histórias.<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> BRESCIANI, M. S. M. Identidades inconclusas no Brasil do século XX – fundamentos de um lugar-comum. In: BRESCIANI, M. S. M.; NAXARA, M. (Org.) **Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma relação sensível**. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. P.399-422.

<sup>64</sup> Depois do *Artigo de Fundo* são dispostos os seguintes contos, em ordem: *Gaetaninho*, sobre um menino que foi atropelado por um bonde enquanto jogava futebol na rua; *Carmela*, sobre uma “costureirinha do Brás” que teve uma aventura com um jovem rapaz rico que dirigia seu carro pela cidade; *Tiro de Guerra n°35*, que apresenta a trajetória do patriota Aristodemo Guggiani, desde o Grupo Escolar até a sua entrada no exército, quando virou brasileiro “jacobino”; *Lisetta*, sobre um episódio num bonde, no qual a menina cujo nome dá título ao conto fez escândalo com sua mãe ao invejar um ursinho de pelúcia de uma menina rica; *Amor e Sangue*, sobre um barbeiro que assassinou a namorada; *A Sociedade*, que fala sobre a união de interesses de uma decadente família paulista tradicional com a de um italiano novo-rico, celebrada com a união de um casamento; *Corinthians (2) vs. Palestra (1)*, que fala sobre Miquelina, jovem dividida entre os principais jogadores dos dois times citados (ambos os

## 1.2.1 Observações sobre integração do imigrante italiano em *Brás, Bexiga e Barra Funda*

### 1.2.1.1. A língua falada pelas personagens

De início, chama atenção a diferença entre a língua falada pelos ítalo-paulistas e a de seus pais italianos. Uma das marcas da escrita de Alcântara é a reprodução da oralidade dos diálogos descritos. Via de regra, em seu livro o nativo da Itália traz fortes marcas da língua italiana no seu modo de falar, enquanto o filho do italiano fala o português brasileiro. A expressão mais evidente desta diferença está em *Nacionalidade*, o conto que encerra *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Ele narra a história do barbeiro Tranquilo Zampinetti, um italiano radicado no Brás que trabalhava na rua do Gasômetro, na região do Mercado Municipal de São Paulo. Um dos traços marcantes de sua personalidade era uma exaltada paixão pela Itália, acompanhada pelo desejo de voltar para a terra natal. Seu fanatismo era frustrado pela recusa da língua italiana por parte de seus filhos:

Mas tinha um desgosto. Desgosto patriótico e doméstico. Tanto o Lorenzo como o Bruno (...) não queriam saber de falar italiano. Nem brincando. O Lorenzo era até irritante.

— Lorenzo! Tua madre ti chiama! Nada.

— Tua madre ti chiama, ti dico!

— Inútil.

— Per l'ultima volta Lorenzo! Tua madre ti chiama, hai capito? Que o quê.

— Stai attento que ti rompo la faccia, figlio d'un cane sozzaglione, che non sei altro!

— Pode ofender que eu não entendo! Mamãe! MAMÃE!

MAMÃE! Cada surra que só vendo.<sup>65</sup>

Outro exemplo flagrante de contraste entre a língua falada por pais italianos e por filhos ítalo-paulistas é o diálogo de Lisetta com sua mãe, dona Mariana :

— Olha o ursinho que lindo, mamãe!

— Stai zitta!

---

jogadores ítalo-paulistas); *Notas Biográficas do Novo Deputado*, que fala sobre a adoção de um ítalo-paulista órfão, pelos seus padrinhos, patrões de seu falecido pai; *O monstro de rodas*, que fala sobre a comoção de uma família ítalo-paulista após a morte de uma criança, atropelada por um rapaz rico da elite paulistana; *Armazém Progresso de São Paulo*, que fala sobre a vida trabalhadeira de um casal de ítalo-paulistas donos de um armazém, numa narrativa que se encerra no anticlímax de sua possível ascensão social, proporcionada por uma informação privilegiada a respeito do fornecimento de cebolas; Por fim, *Nacionalidade*, que fala sobre um barbeiro que torna-se cabo eleitoral do Partido Republicano Paulista, saudoso a Itália, cujos filhos lhe davam desgosto por não querer saber das coisas desse país. Quando um de seus filhos se formou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, sua primeira ação como advogado foi providenciar naturalização de seu pai, então afastado de sua visão patriótica e saudosista da Itália.

<sup>65</sup> MACHADO, A de A.1927 **Op. Cit.**

— As patas também mexem, mamã. Olha lá!  
 — Stai ferma!  
 — Deixa pegar um pouquinho, um pouquinho só nele, deixa?  
 — Ah! — Scusi, senhora. Desculpe por favor. A senhora sabe, essas crianças são muito levadas. Scusi. Desculpe.  
 (...)
 Dona Mariana, escarlate de vergonha, murmurou no ouvido da filha:  
 — In casa me lo pagherai!<sup>66</sup>

Há outros exemplos, como a mãe do protagonista do conto *Gaetaninho* : “- Eh! Gaetaninho! Vem pra dentro! (...) *Subito!*”; o do tripeiro Giuseppe Santini, em *Carmela*: “- *Spengni la luce! Subito! Mi vuole proprio rovinare questa principessa!*”; o do Cav. *Ufficiale* Salvatore Melli, do conto *A Sociedade*: “— *Parlo* assim para facilitar. *Non* é para ofender (...) *Domani, dopo domani*, na outra semana, quando quiser. *lo resto* à sua disposição”. Os filhos de italianos não reproduzem o idioma de seus pais. No máximo, de maneira indireta, aparece algum italianismo em sua fala. É o caso que se observa no conto *Gaetaninho*, quando se fala da repercussão da morte do personagem principal, por atropelamento: “— Sabe o Gaetaninho? (...) Amassou o bonde!”. Uma vez que há impacto entre o corpo de Gaetaninho e o bonde, “amassar” pode ter o sentido imediato que captamos em português. No entanto, *amazzare* em italiano significa “morrer”, portanto a menção poderia também ser um italianismo usado pelas crianças que contavam umas às outras que Gaetaninho fora morto pelo bonde.<sup>67</sup> Outro caso de italianismo em filhos de italianos está em *Carmela*: Bianca usa a palavra “máquina” como sinônimo de carro, e usa a expressão “andiamos”, como sinônimo para “vamos” – o plural da língua portuguesa é aplicado aqui ao vocábulo que em italiano seria “Andiamo”. Pequenos italianismos, incidentais, símiles da gíria, em contraste com o restante da fala das personagens que os enunciam, não nos parecem relevantes para serem tomados como sintoma de dificuldades de integração destas personagens.

Sobre os italianos radicados na capital paulista, uma exceção em relação ao conjunto dos contos aparece em *Armazém Progresso de São Paulo*. Os personagens Natale Pienotto e Dona Bianca, provavelmente italianos, falam português sem italianismos óbvios. Mesmo em diálogo com a dona Bianca, na intimidade do quarto, a conversa corre em português:

Natale entrou.  
 — Vem aqui no quarto.  
 Natale foi meio desconfiado.  
 — Que é?

<sup>66</sup> MACHADO, A de A.1927 **Op. Cit.**

<sup>67</sup> MACHADO, A de A.1927 **Op. Cit.**

Bianca quando dava para falar era aquela desgraça.

— José Espiridião, o mulato, o do Abastecimento, ora, o da Comissão do Abastecimento...

— Já sei. ... estava ali no quintal assistindo a uma partida de bocce. Conversando Com o Giribello, o sapateiro, o pai da Genoveva...

— Já sei.<sup>68</sup>

Outra possível exceção encontra-se em *O monstro de Rodas*, quando vemos Dona Nunzia lamentando a morte de sua filha usando a expressão “— Ai, Nossa Senhora! Ai, Nossa Senhora”, e depois “- que linda que ela era”. Não temos marcadores o suficiente para afirmar se D. Nunzia era nascida ou não na cidade de São Paulo.

Assim, mesmo com as exceções apontadas, de forma geral observa-se que António de Alcântara Machado escolhe representar os filhos de italianos nascidos em São Paulo como personagens que falam português, o que pode ser entendido como um indício de sua integração ao local de nascimento. Há outras dimensões da integração do ítalo-paulista narradas ao longo do texto, como, por exemplo, a do relacionamento entre personagens ítalo-paulistas com não descendentes de italianos. É o caso descrito em *Carmela* e também em *A Sociedade*.

#### 1.2.1.2. “Do consórcio com a gente indígena”: ítalo-paulistas” e “nativos”

No conto *Carmela*, a protagonista flerta com um paulista que dirige um carro moderno. Aceita dar uma volta de carro com ele, com a condição de que sua amiga Bianca os acompanhasse. Convidada para um segundo passeio, Carmela aceita sair a sós com o paulista. Antes de ir para o segundo encontro, a protagonista é retratada em sua casa lendo um romance de cavalaria, com castelos e heróis a cavalo. É insinuado que Carmela teria começado a ver o cavalo do príncipe se transformando num carro e o castelo numa igreja, o que é abruptamente interrompido pelo grito do pai ordenando sua filha a apagar a luz. Carmela chama Bianca para um passeio, para despistar seus pais, e pouco antes de chegarem ao carro do paulista pede que ela a espere voltar para o ponto de encontro - a Igreja de Santa Cecília. Bianca então anda pela cidade enquanto espera, “imaginando cousas”, até encontrar uma colega e “dizer tudo” para ela. Quando questionada sobre o que seria do relacionamento de Carmela com Ângelo - um ítalo-paulista pertencente à mesma classe social que Carmela,

<sup>68</sup> MACHADO, A de A.1927 *Op. Cit.*p

que também flertava com ela -, Bianca responde que o Ângelo era outra coisa, que “ele era para casar”. Bianca, portanto, apresenta a relação entre Carmela e o paulista como uma aventura, sem futuro. A natureza do relacionamento entre Carmela e o paulista fica em aberto. No entanto, como a última fala do conto é a da conversa em que Bianca insinua que Carmela estava em uma aventura amorosa, uma ideia que fica insinuada ao final da leitura é a de que Bianca tenha a função de revelar ao leitor o contraste da fantasia de Carmela com uma visão pragmática e provavelmente realista deste relacionamento entre uma ítalo-paulista modesta e um paulista abastado.

O outro conto que fala do envolvimento entre ítalo-paulistas e nacionais estabelecidos há gerações é *A Sociedade*. A narrativa começa mostrando o conflito vivido por Teresa Rita, filha do Conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda, que, para desgosto e oposição de sua mãe, se apaixonara pelo filho do *Cav. Uff.* Salvatore Melli, novo rico, ex-comerciante. Alcântara estrutura o texto de modo que se entenda que a tradicional família paulistana do Conselheiro teria cedido a mão de sua filha para seu amado Adriano Melli - o filho do *Cav. Uff.* em questão -, em decorrência da proposta de investimento financeiro por parte de Salvatore em um terreno herdado por José Bonifácio. Aqui há a união entre ítalo-paulistas e uma família tradicional paulista mediada por interesses mútuos: juntam-se o capital do novo rico Salvatore Melli e a inserção social oferecida pelo nome da família tradicional e decadente do Conselheiro José Bonifácio. O relacionamento afetivo entre paulistas e não paulistas, neste conto, acompanha a integração econômica dos ítalo-paulistas às estruturas tradicionais de poder, que não detinham capital, mas trânsito político e propriedades. O convite de núpcias que encerra a história, reproduzido integralmente no conto, indica 19 de fevereiro de 1927 como data do enlace. A partir desta observação, nos interessa tecer uma pequena reflexão sobre datas e referências históricas mobilizadas por Alcântara e sua relação com a questão da integração

### 1.2.1.3. Guararapes e Cariris: eventos e datas históricas nos contos

Observamos que o dia 19 de fevereiro, citado ao final de *A sociedade*, é a data da Segunda Batalha de Guararapes, ocorrida em 1649. O evento é tratado pela historiografia tradicional do Império como marco fundador da nação brasileira, em uma leitura que enxerga nela a primeira ação conjunta de brancos, índios e negros brasileiros, unidos em guerra para a expulsão de um inimigo comum, no caso o holandês. Em movimento similar ao indicado no prefácio do livro, o conto retoma uma narrativa consagrada e dialoga com a tradição, como se atualizasse a história. A indicação de tal data, associada ao enredo do conto, remete à inclusão, anunciada no *Artigo de Fundo*, de um quarto tronco racial aos três anteriores, representados pelo índio, pelo negro e pelo português.

Um movimento semelhante de atualização de narrativas históricas preestabelecidas pode ser observado em *Tiro de Guerra n° 35*. Nesse conto, o personagem principal é convencido pelos discursos de um Sargento a se tornar nacionalista radical. Enquanto *A Sociedade* faz referência à data da Segunda Batalha de Guararapes, em *Tiro de Guerra* o episódio é sugerido pelo nome do Sargento em questão. Seu nome é Aristóteles Camarão de Medeiros. O “Camarão” de seu sobrenome pode ser uma referência à Filipe Camarão, comandante do terço de índios que se juntou à referida batalha na luta contra os holandeses. Algumas características do sargento, como a origem de São Pedro do Cariri reforçam essa hipótese: Alcântara, enquanto historiador do período colonial e admirador de Capistrano de Abreu, provavelmente leu as páginas dos *Capítulos de História Colonial*, nas quais Capistrano destaca a capacidade de integração dos índios cariris:

Se abstrairmos do Amazonas, onde havia muitos Maipure e não poucos Caraíbas, só os Tupis e os Cariris foram incorporados em grande proporção à atual população do Brasil. Os Cariris, pelo menos na Bahia e na antiga capitania de Pernambuco, já ocupavam a beira-mar quando chegaram os portadores da língua geral. Repelidos por estes para o interior, resistiram bravamente à invasão dos colonos europeus, mas os missionários conseguiram aldear muitos e a criação de gado ajudou a conciliar outros. Talvez provenha dos Cariris a cabeça chata, comum nos sertanejos de certas zonas (...) Se agora examinarmos a influência do meio sobre estes povos naturais, não se afigura a indolência o seu principal característico. Indolente o indígena era sem dúvida, mas também capaz de grandes esforços, podia dar e deu muito de si. O principal efeito dos fatores antropogeográficos foi dispensar a cooperação.<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> ABREU, J. C. de. **Capítulos de história colonial: e Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. 2. ed. Brasília, DF: UnB, 1998 p. 20. A referência ao latim pobre de Camarão é de Frei Manuel Calado, e citada em MELLO, J. A. G. de. D. **Antonio Filipe Camarão : capitão-mor dos Índios da costa do nordeste do Brasil**. Recife: Universidade do Recife, 1954, p.49.

Não se deve perder de vista que São Pedro do Cariri se destacou ao longo do ano de 1926, por ser cidade vizinha a Juazeiro do Norte, palco dos confrontos envolvendo a figura do padre Cícero, e também caminho pelo qual percorreu o cangaceiro Lampião. Poderíamos imaginar a possibilidade de que Alcântara quisesse pontuar um caráter de fanatismo latente na personalidade do Sargento, tendo em vista o culto do padre Cícero na época, que causou escândalo na Igreja Católica e foi divulgado nas páginas dos principais jornais do país.

Em *Tiro de Guerra n.º 35* o desfecho da ação principal é narrado a partir da reprodução da *Ordem do Dia* escrita pelo Sargento Aristóteles Camarão, datada de 23 de agosto de 1926. 23 de Agosto é a data da primeira convocação militar obrigatória da Revolução Francesa, conhecida como *levée en masse*, ocorrida em 1793, no período do *Terror* jacobino, por ocasião das Guerras Revolucionárias Francesas.<sup>70</sup> No conto, Aristodemo Guggiani torna-se brasileiro “jacobino”,<sup>71</sup> depois de escutar os discursos do sargento Aristóteles - ainda que desde pequeno ele já desse mostras de patriotismo, nas aulas em que aprendeu que o Brasil fora “descoberto sem querer e que era o maior, mais belo e mais rico país do mundo”. Ele era a “melhor voz da classe” ao cantar o Hino Nacional e o da Bandeira, regidos todos os dias pelo professor.

#### 1.2.1.4. O alemão que não se integra

*Tiro de Guerra n.º.35* também apresenta a capacidade de integração do ítalo-paulista num episódio que transcorre durante a execução do Hino Nacional pelos cabos do Tiro: no conto, Aristodemo agride com um soco um cabo de ascendência alemã, em consequência de uma discussão que começou com a recusa do teuto-brasileiro em cantar o hino nacional, por não se identificar como pertencente a este país:

---

<sup>70</sup> MARTIN, Jean-Clément, **L'Histoire** n.º311, julho-agosto de 2006, p.36. Acessado em 16 de outubro de 2013 em <http://www.histoire.presse.fr/dossiers/la-guerre-civile/la-revolution-a-coupe-la-france-en-deux-01-07-2006-9426>

<sup>71</sup> O termo jacobinismo usado no texto foi popularizado no Brasil no governo de Floriano Peixoto, entre 1893 e 1897, quando “batalhões patrióticos”, compostos de voluntários dispostos a se militarizar se organizaram para dar combate aos oponentes do governo - depois ele transcenderia seu sentido inicial para caracterizar qualquer nacionalismo extremado, que é o sentido mais comumente levantado por Alcântara. Um dos auge do antimilitarismo foi representado pela campanha civilista, que consistiu na disputa entre Hermes da Fonseca, sobrinho do Marechal Deodoro, e Rui Barbosa em 1910. O ufanismo, o jacobinismo, o fanatismo alinhado ao positivismo seriam levantados nos discursos de Rui Barbosa como oposição aos preceitos liberais. Cf. GOMES, A. M. **Jacobinos: abordagem conceitual e performática**. Revista Cantareira v. 12, Rio de Janeiro, RJ :2008, p. 1-19; CASALECCHI, J. E. **O Partido Republicano Paulista (1889-1926)**, São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1987, p.136.

Isbregue danado. O alemãozinho levou um tabefe de estilo. Onde entrou todo o muque de que pôde dispor na hora o Aristodemo. Está suspenso o ensaio. Podem debandar.

— Eu dei mesmo na cara dele, Seu Sargento. Por Deus do céu! Um bruto tapa mesmo. O desgraçado estava escachando com o hino do Brasil!

— Que é que você está me dizendo, Aristodemo?

— Escachando, Seu Sargento. Pode perguntar para qualquer um da esquadra. Em vez de cantar ele dava risada da gente. Eu fui me deixando ficar com raiva e disse pra ele que ele tinha obrigação de cantar junto com a gente também. Ele foi e respondeu que não cantava porque não era brasileiro. Eu fui e disse que se ele não era brasileiro é porque então era... um... eu chamei ele de... eu ofendi a mãe dele, Seu Sargento! Ofendi mesmo. Por Deus do céu. Então ele disse que a mãe dele não era brasileira para ele ser... o que eu disse. Então eu fui. Seu Sargento, achei que era demais e estraguei com a cara do desgraçado! Ali na hora.

— Vou ouvir as testemunhas do fato, Aristodemo. Depois procederei como for de justiça. *Fiat justitia* como diziam os antigos romanos. Confie nela, Aristodemo.<sup>72</sup>

Se a integração do imigrante italiano é sublinhada nos contos de *Brás*, o imigrante alemão não se identifica como brasileiro e se recusa a celebrar ritos cívicos do país em que provavelmente nasceu.

#### 1.2.1.5. “Do consórcio com o ambiente”: práticas locais e comportamento ítalo-paulista

A trajetória de Aristodemo, por sua vez, indica um movimento de integração. Nascido e radicado em solo brasileiro, o protagonista aprende no Grupo Escolar desde criança que deve se orgulhar do Brasil, e é o mais empolgado de sua turma a cumprir tal propósito. No conto é mencionado que, antes de entrar no Tiro de Guerra, Aristodemo ajudara a empastelar o *Fanfulla*, por falar mal do Brasil.<sup>73</sup> Como já mencionado, ele é convertido ao nacionalismo radical após ouvir as falas do Sargento Aristóteles no Tiro de Guerra. O processo de

<sup>72</sup> MACHADO, A. de A. 1927. **Op. Cit.** O espaço entre os parágrafos reproduz a diagramação original do livro e é um exemplo de como Alcântara marca graficamente o corte temporal a partir de aspectos gráficos de sua escrita.

<sup>73</sup> É possível que o conto esteja remetendo ao debate sobre a volta do fluxo de italianos, estagnada desde o começo do século XX. Segundo José Casalecchi, o debate na imprensa seria suscitado pelo acordo não efetivado conhecido como Convenção e Ouchy, que veremos adiante, “ganha amplitude ao trazer à luz as condições de trabalho dos colonos e as denúncias de recrutamentos e transportes. Nesse aspecto também as baterias se voltam contra o governo. O *Fanfulla*, em irado editorial, expõe as precárias condições de existência dos colonos italianos e provoca a fundação da Liga Defensiva Nacional (que se enquadra em movimento de maior amplitude da Liga Nacionalista) para não permitir os insultos e achincalhamento aos nacionais, em especial aos fazendeiros de café.” Cf. CASALECCHI, **Op. Cit.**, p.158, nota 65. Sobre a data do empastelamento: o personagem principal entrou para o Tiro de Guerra – provavelmente aos 21 anos, idade mínima para o ingresso na instituição. Fazendo uma subtração simples (1926 menos 21 anos), chegamos às seguintes datas aproximadas: Aristodemo Guggiani nasceu por volta de 1905, frequentou o grupo escolar entre 1912 e 1916 – o intervalo de idade oficial para se frequentar o ensino primário então entre 7 e 12 anos<sup>#</sup> –, trabalhou na oficina do cunhado entre 1916 e 1925, quando passou a ser cobrador de bonde elétrico na Autoviação Gabrielle D’Anunzio. O possível empastelamento do *Fanfulla*, que provavelmente ocorreu entre 1920 e 1921 e do qual Aristodemo teria participado ocorreu, possivelmente, enquanto ele trabalhou na oficina do cunhado.

nacionalização de Aristodemo é pautado, portanto, por sua relação com instituições nacionais que o precediam: a escola e o Exército. Também é possível que integre este processo de nacionalização de Aristodemo a Liga de Defesa Nacional.<sup>74</sup> Destacamos a seguir outros contos que demonstram a integração do imigrante italiano a partir da relação entre a trajetória de seus protagonistas e instituições nacionais: são eles *Armazém Progresso de São Paulo*, *Nacionalidade e Amor e Sangue*.

Em *Armazém Progresso de São Paulo* é narrada a história de Seu Natale Pienotto, dono do comércio que intitula o conto, localizado no Bexiga, na rua da Abolição, e de sua esposa Dona Bianca. Em determinado ponto da trama, Natale observa que um comerciante português, para quem alugava o imóvel em frente ao seu, contava com um grande número de cebolas, então com preço muito abaixo do normal. Natale achava que o negócio do português não duraria muito tempo e já calculava por quanto poderia arrematar as cebolas num leilão de falência. Segundo o conto, Natale foi “apertar o homem no vencimento da letra” - provavelmente “letra de câmbio” -, o que era equivalente a cobrar o aluguel. Um dia Dona Bianca ouviu um membro da Comissão de Abastecimento da cidade comentando que, devido à crise, o preço da cebola iria “ficar pela hora da morte”. Após Bianca avisar o marido, é reproduzido um diálogo no qual Espiridião - o membro da Comissão de Abastecimento - dá o seguinte conselho à Natale: “trate de bancar o açambarcador. Não seja besta. O pessoal da alta que hoje cospe na cabeça do povo enriqueceu assim mesmo. Igualzinho.” O dono do armazém e Espiridião fazem um acordo de sigilo sobre a informação privilegiada, e Natale compra as cebolas do comerciante português. O conto termina com Dona Bianca colocando seu filho na cama de ferro, e recebendo a notícia da compra das cebolas. A última frase descreve que Dona Bianca “fechou os olhos para se ver no palacete mais caro da Avenida Paulista”.

A integração de Seu Natale e Dona Bianca ao Brasil tem demarcadores orais, como vimos anteriormente - ambos falam sem italianismos, mesmo na intimidade do quarto. Como em *Gaetaninho*, em *Lisetta* e em *Carmela*, observamos ambições ambientadas em locações brasileiras, como indica o sonho com o Palacete na Avenida Paulista. Chamamos atenção aqui, porém, para a reprodução de um método tradicional paulista de enriquecimento descrito no conto, o açambarcamento. Na leitura que fizemos do JCSP, no qual Alcântara trabalhara, frequentemente observa-se textos de opinião que falavam mal dos

---

<sup>74</sup> MOURA, 2014, *Op. Cit.*

açambarcadores, os comerciantes que retinham a grandes quantidades de determinado produto para controlar assim seu preço de venda. Além de ser um assunto que estava na ordem do dia, o tema dos açambarcadores dialoga com a história colonial paulista: é o que diz Paulo Prado, em *Paulística*, quando descreve a dinâmica de monopólio e venda do sal em tempos coloniais. Ele descreve um episódio no qual o sal que vinha de Portugal e deveria ser acessível ao público era revendido pelos contratantes oficiais a alguns especuladores que retinham o produto e vendiam-no a preço tão alto que o sal passou a ser empregado apenas em medicinas caseiras ou nas cerimônias batismais.<sup>7579</sup> O fato que se quer destacar aqui, enfim, é que a ascensão social de Natale insinuada no conto parte da conversa com um elemento nacional - o mulato José Espiridião, do Abastecimento - e se constrói na expectativa de uma prática tradicional de enriquecimento paulista, o açambarcamento. O protagonismo do “Progresso de São Paulo”, que nomeia o armazém de Natale, mesmo quando operado por italianos, se dá em termos paulistas.

Neste mesmo caminho, chama atenção a trajetória do barbeiro Tranquillo Zampinetti, que inicialmente desinteressado na participação política, passa a atuar como cabo eleitoral do Partido Republicano Paulista. No começo do conto observamos o seguinte diálogo:

Um dia o Ferruccio candidato do governo a terceiro juiz de paz do distrito veio cabalar o voto do Tranquillo. Falou. Falou. Falou. Tranquillo escanhoando o rosto do político só escutava.  
 — Siamo intesi?  
 — No. Non sono elettore.  
 — Non è elettore? Ma perchè?  
 — Perchè sono italiano, mio caro signore.  
 — Ma che c'entra la nazionalità, Dio Santo? Pure io sono italiano e farò il giudice!  
 — Stà bene, stà bene.  
 Penserò. E votou com outra caderneta.  
 Depois gostou. Alistou-se eleitor. E deu até para cabalar.<sup>76</sup>

O ato de votar com outra caderneta se refere à prática do “voto múltiplo”, que consistia na organização de grupos arregimentados por lideranças políticas que votavam em um mesmo candidato, geralmente mediante promessa de benefícios e recompensas. Retendo consigo as cadernetas - equivalentes aos atuais títulos eleitorais - de seus protegidos e entregando-as a homens de confiança, os cabos eleitorais possibilitavam a eleição de

<sup>75</sup> Em 1710, Bartolomeu Fernandes de Faria acompanhado de tropas de índios, negros e capangas, desce à Santos e ataca armazéns monopolizadores, pagando o preço justo e voltando à S. Paulo PRADO, Paulo. **Paulística etc.** 4. ed. rev. e ampl. por Carlos Augusto Calil São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004., p.159.

<sup>76</sup> MACHADO, A. de A. 1927. **Op. Cit.**

vereadores, deputados e senadores, ascendendo socialmente em fortuna e prestígio.<sup>77</sup> Depois de começar a cabalar voto, Zampinetti passa por uma rápida ascensão social e cria laços de sociabilidade, por compadrio e casamento, que aumentavam sua importância. No espaço de cerca de três anos (1911- 1914), Tranquillo passou de barbeiro que trabalhava em ponto recluso<sup>78</sup> para “proprietário de quatro prédios na Rua do Gasômetro, dois na Rua Piratininga, cabo influente do Partido Republicano Paulista e dileto compadre do primeiro subdelegado do Brás”. Seu filho Lorenzo é retratado como “interessado da firma Vanzinello & Cia. e noivo da filha mais velha do Major Antônio Del Piccolo, membro do diretório governista do Bom Retiro”.

Assim como Natale, Zampinetti ascende socialmente ao participar de práticas já estabelecidas na sociedade brasileira. Ainda que tenha sido apresentado à possibilidade de participação política por Ferruccio, outro italiano radicado em São Paulo, deve-se observar que a prática da cabala de votos é anterior à presença de Zampinetti, incentivada pelo Partido Republicano Paulista e possibilitada pela legislação brasileira então vigente. Por sua vez, a legislação e sua interpretação pela Justiça compõem o eixo a partir do qual observamos o último exemplo de trajetória de protagonista que apresenta a integração do imigrante italiano a partir da observação de práticas estabelecidas em solo nacional.

O conto *Amor e Sangue* narra a história de Nicolino Fior D’Amore, barbeiro ítalo-paulista, que trabalhava no salão de Seu Salvador – pela indicação do nome, provavelmente brasileiro. O conto transcorre ao longo de um dia. Pela manhã, a caminho do trabalho, Nicolino é percebido como triste por outra personagem que passa por ele. Ainda antes de chegar ao seu destino demonstra raiva ao mencionarem o nome de Grazia, com quem, depreendemos, tivera algum tipo de relacionamento. Já na barbearia, ouve uma conversa sobre a notícia de um homem que havia sido absolvido pelo crime de matar a namorada, depois de ter alegado privação de sentidos. No horário de almoço, encontra Grazia, que recusa-se a lhe dirigir a palavra. Nicolino diz que está ficando louco, ameaça se matar caso Grazia não fale mais com ele. Ela insiste na recusa. Ele volta ao trabalho e ao fim do dia, antes de voltar para casa, Nicolino procura Grazia novamente, que mantém a sua recusa ao diálogo. Nicolino então desfere uma punhalada que a mata. O conto termina com duas

---

<sup>77</sup> Sobre o voto múltiplo, ver MARTINS, M. T. Q. **A Civilização do Delegado: modernidade, polícia e sociedade em São Paulo nas primeiras décadas da República, 1889-1930**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História. São Paulo : FFLCH/USP, 2012. p.66-68.

<sup>78</sup> A localização de sua barbearia era Rua do Gasômetro 224-B, o que provavelmente uma moradia ao fundo de alguma casa ou em algum tipo de cortiço.

informações: a de que a frase “- Eu matei ela porque estava louco, seu delegado!”, dita chorando, foi registrada em todos os jornais; e a de que a mesma frase passara a fazer parte de uma música popular chamada *Assassino por Amor*, “que causou furor na zona” e que teve a letra composta por um ítalo-paulista - Spartaco Novais Panini - “para ser cantada com a música *Fubá*”.<sup>79</sup>

A atitude desaprovável do ítalo-paulista, aqui, se dá a partir do que ele observa na sociedade paulista. Nicolino assassina Grazia afirmando estar louco no mesmo dia em que ouve, na barbearia, que havia um precedente jurídico de réu liberto de crime passionai alegando privação dos sentidos. Mais uma vez, o movimento da trajetória do protagonista da história tem um percurso mediado por uma prática que se percebe passível de ser realizada no Brasil. Na metáfora mesológica, vemos o imigrante italiano e seus descendentes se moldarem ou terem a sua formação “influenciada” a partir do ambiente que é proporcionado pelo solo nacional. No caso de Nicolino, em *Amor e Sangue*, assim como em *Tiro de Guerra n° 35*, não é mostrada alguma pretensão de ascensão social, ao contrário do que acontece com os imigrantes italianos protagonistas de *Nacionalidade e Armazém Progresso de São Paulo*.

É importante também trazer a atenção para os sujeitos que “mediam as lições” aos italianos neste processo de aprendizado. São elementos locais. Em *Tiro de Guerra n°35* Aristodemo torna-se um fanático nacionalista a partir do que aprendeu na escola com seu professor do ginásio e no tiro de guerra com um Sargento nordestino, possivelmente pertencente a um tipo nacional estabelecido há gerações no Brasil, que poderíamos depreender descendente dos indígenas cariris.<sup>80</sup> Seu Natale, no conto *Armazém Progresso de São Paulo*, recebe a informação privilegiada para uma manobra ilegal - e recorrente - de um membro da Comissão de Abastecimento descrito como “José Espiridião, o mulato”. Em *Amor e Sangue*, Nicolino fica sabendo da liberação do réu que alegou crime passionai a partir da conversa entre o seu chefe brasileiro e seu cliente descrito como “Temístocles da prefeitura”, que estupefato comentava ao seu barbeiro a notícia que lera no *Estado*. A exceção poderia ser encontrada em *Nacionalidade*, conto em que Tranquilo Zampinetti é

<sup>79</sup> Machado, A.de A.1927. **Op. Cit.**, p.

<sup>80</sup> Seja pela menção da cidade que Alcântara escolhera sublinhar, seja pela leitura de Capistrano de Abreu de que os nordestinos, em sua maioria, descendiam dos Cariris e que, assim como os Tupis, cooperaram com o elemento português radicado no Brasil.

convencido por um italiano do PRP, Ferruccio, a participar da vida política paulista, através do voto. Ainda que Ferruccio seja italiano, está atrelado a um mecanismo coordenado e promovido pela cúpula do PRP, marcadamente paulista. A atividade política decorrente da conversa com Ferruccio fortalece tanto os vínculos de Tranquilo com o Brasil a ponto de abandonar a ideia que trazia consigo de retornar à Itália.

Nos quatro contos citados a capacidade de integração do imigrante italiano é sublinhada. As instituições nacionais anteriores às personagens é que são expostas ao ridículo ou colocadas em dúvida: é o que observamos na descrição do nacionalismo ufanista no Grupo Escolar e no Tiro de Guerra em *Tiro de Guerra n°35*; no retrato da corrupção da Comissão de Abastecimento, associada à prática do açambarcamento em *Armazém Progresso de São Paulo*; na indicação da falha dos poderes legislativo e judiciário em permitir a impunidade de assassinatos passionais como o de *Amor e Sangue*; e na permissão para que estrangeiros não identificados com sua terra de destino ocupem cargos políticos, como fica insinuado em *Nacionalidade*.<sup>81</sup>

Além dos percursos de integração dos ítalo-paulistas em *Brás, Bexiga e Barra Funda* que já abordamos neste capítulo - adoção da língua materna do país de nascimento; atração física entre filhos de imigrantes e de não-imigrantes; práticas locais determinantes na trajetória biográfica das protagonistas -, permeadas por referências às narrativas históricas tradicionais de São Paulo e do Brasil, outras dimensões dessa integração compõem as narrativas do volume. É o caso dos ambientes e costumes compartilhados entre membros da Colônia Italiana da cidade de São Paulo e pessoas de fora dela.

#### 1.2.1.6 Espaços da Integração

Na casa da família ítalo-paulista de Dona Nunzia, por exemplo, onde é ambientado o velório descrito em *O Monstro de Rodas*, é descrita uma “mulata [que], sentada no chão, oferecia o copo de água de flor de laranja” para a mãe da menina que morrera. Outro personagem descrito como mulato, de nome Tibúrcio, conversava com os homens na sala, e

---

<sup>81</sup> O teor de crítica às instituições permeia ainda outros contos do volume: em *O Monstro de Rodas*, por exemplo, é retratado o caso de uma criança ítalo-paulista atropelada pelo filho de um rico estabelecido na cidade de São Paulo. As personagens mostram-se desesperançosas de uma solução para o caso, porque “Filho de rico manda nesta terra que nem a Light. Pode matar sem medo”. No mesmo conto a falta de escrúpulos ligada às eleições é retratada pela figura do Tibúrcio, descrito como mulato, que arranhou votos para o PRP no percurso do cortejo que levava a vítima do atropelamento para o cemitério do Araçá.

uma “negra de sandália sem meia” principiava “a segunda volta do terço” perto do caixão. Durante a partida de futebol descrita em *Corinthians (2) vs. Palestra (1)*, “mulatas de vestidos azuis” (a cor do uniforme do Palestra Itália era azul) compunham a assistência da partida junto às ítalo-paulistas protagonistas da história. Ao fim do jogo, quando os torcedores do Corinthians, time com diversos jogadores ítalo-paulistas à época, comemoravam pela cidade, lemos que um “mulato com a mão no guindaste puxava a ladainha: - o palestra levou na testa! E o pessoal entoava: - ora pro nobis!”. Em *O Monstro de Rodas*, os moços ítalo-paulistas Nino e Pepino discutiam “qual dois dois jogadores era melhor: Friedenreich ou Feitiço” - ambos jogadores que possivelmente eram categorizados como mulatos à época.<sup>82</sup> Nas ocasiões sociais citadas, vemos que “mulatos”, negros e portugueses compunham o ambiente. No caso dos jogadores de futebol, eram mesmo admirados pelos rapazes ítalo-paulistas. Na ação transcorrida em um dia do conto *Armazém Progresso de São Paulo*, Seu Natale, na rua da Abolição, recebeu em seu estabelecimento “Espiridião, o mulato”, um negro não nomeado que pediu cachaça, o filho do doutor da esquina, sr. Zezinho, que depreendemos brasileiro, e italianos que se reuniam em torno do jogo de *bocce*. Além disso, é mencionada a família portuguesa da Confeitaria Paiva Couceiro, que ficava de frente ao comércio de Seu Natale. O contato recorrente com pessoas que não eram ítalo-paulistas pode ser responsável pelo português falado sem italianismos por Seu Natale e Dona Bianca, que observamos anteriormente.

#### 1.2.1.7. Religião como fator de integração

A religião como fator de integração pode ser observada na imagem da negra que rezava o terço no velório do *Monstro de Rodas*, citada acima, junto a mulata, e ítalo paulistas que estavam congregados em torno do caixão da menina atropelada. Além disso, o catolicismo comum a italianos e brasileiros permitiu o apadrinhamento de Genarinho, do conto *Notas Biográficas do Novo Deputado*. Quando o menino fica órfão, aos nove anos, sai da fazenda na qual o pai italiano trabalhava e é adotado pelos seus padrinhos ricos, patrões de seu falecido pai. Genarinho passa a viver com o Coronel Juca Peixoto de Faria e sua esposa Dona

---

<sup>82</sup> Friedenreich era filho do alemão Oscar Freidenreich e de Matilde Friedenreich, filha de ex-escravos. René Gonçalves Júnior diz que ele era considerado como mulato. “Entre eles, um jovem, mulato de nome Arthur Friedenreich. Era a estréia de Fried no elitizado campeonato paulista de futebol, atuando em algumas partidas no quadro principal do Ypiranga.” GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p.55

Nequinha, que moravam na Avenida Higienópolis, no bairro rico de mesmo nome da capital paulista.

A religião e a língua latina, próxima ao português, seriam parte da argumentação favorável à adoção de políticas de imigração que incentivassem a vinda de italianos ao Brasil, como veremos no próximo capítulo. O retrato do imigrante italiano e de seus filhos que se observa no livro é o de adaptável, integrável, esperto. Quando não congrega essas características, como no caso de Gaetaninho, ele não resiste ao ambiente e morre.<sup>83</sup>

Único descendente de alemães retratado no livro, o cabo Guilherme Schwertz não se mostrava propenso à integração. Descrito como “alemãozinho”, recusou-se a cantar o Hino Nacional no Tiro de Guerra, riu dos que cantavam e não se enxergava como brasileiro, segundo o relato do personagem Aristodemo. Com base no que observamos até agora, podemos deixar indicado que os fatores de integração representados pela língua e pela religião não são marcas características dos imigrantes de origem germânica, pelo tronco linguístico diverso e pela religião majoritariamente protestante, e que a escolha de Alcântara em retratar o imigrante alemão como não assimilável, ou não tão assimilável quanto os ítalo-paulistas não deve ser vista como neutra. É forçoso reconhecer que possivelmente a personagem afirmava um posicionamento de Alcântara num debate maior, como veremos no capítulo 3.

#### 1.2.1.8. O carcamano

Apesar do contraste com o imigrante alemão, há, também, uma conotação negativa no retrato dos imigrantes italianos, pautada no reforço do estereótipo do *carcamano*, entendido aqui como comerciante desonesto.<sup>84</sup> O termo é mencionado no livro em dois momentos. A primeira, no artigo de fundo, a partir de uma citação de quadra popular:

Carcamano      pé-de-  
chumbo      Calcanhar de

<sup>83</sup> Com exceção de Gaetaninho - o fato do garoto morrer logo ao primeiro conto talvez insinue uma das etapas que a antropogeografia creditava ao melhoramento das raças novas que se adaptavam. Os elementos menos adaptáveis ficavam pelo caminho. Em Gaetaninho há uma ambígua menção a uma possível deficiência física do protagonista - “grito de mãe é assim, até filho surdo escuta”. A menção é ambígua por poder se tratar apenas de simples modo de falar, comum no tratamento coloquial que Alcântara dá à sua narrativa. Enfim, Gaetaninho, menino absorto em seus pensamentos, um tanto alheio ao jogo de futebol e desatento - senão surdo - não se mostrava adaptado ao ambiente da cidade. Gaetaninho não resiste à integração com o ambiente brasileiro, assim como a menina morta em *O Monstro de Rodas*.

<sup>84</sup> Segundo Mário Carelli a “origem de tal denominação seria a expressão *calca la mano*, ordem que os comerciantes davam aos auxiliares para que arredondassem o peso da mercadoria forçando a mão sobre o prato da balança” Cf. CARELLI, *Op. Cit.*, 1985, p.19.

frigideira Quem te deu  
a confiança De casar  
com brasileira?

A segunda, no conto *A Sociedade*, no qual vemos a mãe de Teresa Rita recusar o relacionamento da filha com Adriano Melli por não querer que ela se casasse com “filho de carcamano”. A associação do termo com a prática comercial se reforça ao fim do conto quando é revelado que o *Cav. Ufficiale* Melli efetivamente fora comerciante, e que vendia produtos à família tradicional paulista da noiva de seu filho.

No chá do noivado o *Cav. Uff.* Adriano Melli na frente de toda a gente recordou à mãe de sua futura nora os bons tempinhos em que lhe vendia cebolas e batatas, Olio di Lucca e bacalhau português, quase sempre fiado e até sem caderneta.

Uma possível referência indireta à prática comercial desonesta aparece em *Amor e Sangue*. Quando Nicolino está a caminho do trabalho ele passa por uma discussão entre um verdureiro e sua cliente:

(...) Passou entre o verdureiro de grandes bigodes e a mulher de cabelo despenteado. (...)

— Pronto! Fica por quatrocentão.

— Mas é tomate podre, Seu Corrado!

A referência à prática do “carcamano” aparece também em *Armazém Progresso de São Paulo*, agora explicitamente, quando Natale registra um item que não foi vendido na caderneta:

O filho do doutor da esquina, que era muito pândego e comprava cigarros no armazém mandando-os debitar na conta do pai com outro nome bulia todos os santos dias com o Natale:

— Seu Natale, o senhor tem pneumáticos-balão aí?

— Que negócio é esse?

— Ah, não tem? Então passe já para cá um conto de réis.

— Você não vê logo, Zezinho, que isso é só para tapear os trouxas? Que é que você quer? Um maço de Sudan Ovais? E como é na caderneta?

— Bote hoje uma Si-Si que é também pra tapear o trouxa. O

Natale achava uma graça imensa e escrevia:

Duas Si-Si pro Sr. Zezinho - 1\$200.

Afora a característica de ambição inescrupulosa sublinhada pelo narrador nos momentos acima, a ordem geral do livro, como vimos, aponta para uma visão positiva da integração dos imigrantes e descendentes de italianos, principalmente a partir do contraste com as outras personagens. Já observamos que o personagem descendente de alemão não se

íntegra. Veremos a seguir como o narrador caracteriza as personagens descritas como mulatos e negros.

#### 1.2.1.9. “Mulatos”

As menções diretas a personagens descritas como mulatas aparecem seis vezes ao longo do livro, muitas vezes associadas a algum tipo de vício ou desvio de caráter: Benedita Guimarães, “aluna mulata da Escola Complementar Caetano de Campos” escrevia na seção “Colaboração das Leitoras” da revista *A Cigarra* em tom de intriga sobre o relacionamento ou flerte que Aristodemo Guggiani mantinha com “uma pequena da Rua das Palmeiras”. Em *O Monstro de Rodas*, Tibúrcio, descrito como mulato, cabalava votos durante o cortejo fúnebre de uma criança. José Espiridião, da Comissão de Abastecimento, em *Armazém Progresso de São Paulo*, pratica corrupção ao fornecer uma informação privilegiada para Seu Natale em detrimento do interesse público. No mesmo conto Dona Bianca mencionara que “o sem-vergonha do mulato [Espiridião] até brincara com ela. Disse umas gracinhas. Mas ela não ficou quieta não. Que esperança. Deu uma resposta até que o Espiridião ficou até assim meio...” - ela não completa a frase. A luxúria associada a pessoas descritas como mulatas é reforçada em *Corinthians (2) vs Palestra (1)*, quando o narrador, ao descrever os espectadores do jogo, diz que “Mulatas de vestidos azuis ganhavam beliscões. E riam”. Além destes casos há os já citados do “mulato com a mão no guindaste” que puxava o grito de comemoração dos corinthianos ao fim do jogo e da “mulata [que] oferecia o copo de água de flor de laranja” à mãe da criança que estava sendo velada em *O Monstro de Rodas*.

#### 1.2.1.10. Negros

Por sua vez, a menção a negros na narrativa é feita no conto *A Sociedade*, quando é descrito que “A negra de broche serviu o café” na casa do Conselheiro José Bonifácio de Matos e Arruda. No *Artigo de Fundo* é mencionada “a terceira [raça, que] veio nos porões dos navios negreiros trabalhar o solo e servir a gente. Trazendo outras moças gentis, mucamas, mucamas, munibandas, macumas.” No mesmo *Artigo de Fundo* é citado um “negro violeiro” que canta uma quadra popular. A figura do negro músico reaparece no conto *A Sociedade*: na descrição de um baile lemos que “A orquestra preta tonitroava” e que “o negro de casaco vermelho afastava o saxofone da beijorra para gritar”. A depreciação do negro associada a sua adjetivação é reiterada na menção ao “negro fedido” que pediu “duzentão de cachaça” ao seu Natale, “bebeu tudo de um gole só” e “começou a cuspir” em *Armazém Progresso de São Paulo*. Além dessas personagens, é mencionada a “negra de

sandália sem meia” que rezava o terço durante o velório da menina atropelada em *O Monstro de Rodas*.

#### 1.2.1.11. Portugueses

Há ainda menção breve a portugueses no *Artigo de Fundo*, quando os colonizadores são descritos com “machos sacudidos”; em *Carmela*, quando um português passa pela protagonista e trava um breve diálogo “— Ai que rico corpinho!” — Não se enxerga, seu cafajeste? Português sem educação!”. E por fim, há a família do português dono da Confeitaria de quem Natale compra as cebolas em *Armazém Progresso de São Paulo*.

#### 1.2.1.12. Uma japonesa em *Brás, Bexiga e Barra Funda*?

Em *Notas Biográficas do Novo Deputado* a casa do Coronel Juca Peixoto de Faria empregava a personagem Atsué

(...) Que é que você queria, Juca?

— Agora é tarde. Você não sabe o que perdeu.

— O Genarinho, é?

— Diabinho de menino! Querendo a toda força levantar a saia da Atsué.

— Mas isso não está direito, Juca. Vou já e já...

— É. Direito não está mesmo. Mas é engraçado.

— ... dar uns tapas nele.

— Não faça isso, ora essa! Dar à toa no menino!

— Não é à toa, Juca.

— Bom. Então dê. Olhe aqui: eu mesmo dou, sabe? Eu tenho mais jeito.

Não encontramos correspondente ao nome Atsué. Mas é possível que remeta a Hatsue, nome feminino japonês. O tema da iniciação sexual masculina na casa de famílias tradicionais com empregadas estrangeiras é abordado em *Amar, Verbo Intransitivo*, de Mário de Andrade, lançado um ano antes que *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Embora o livro de Mário de Andrade cite sobre empregados japoneses, a empregada que inicia sexualmente os filhos de seus patrões é a governanta alemã Fraulein. Fora de *Brás Bexiga e Barra Funda*, mas de interesse quando refletimos sobre o modo de retratar o imigrante japonês é o conto *A Festa de S. Gonçalo*, de autoria de Alcântara, publicado na Revista *Terra Roxa e Outras Terras* logo na sua primeira edição. No conto, que narra a celebração popular que o intitula, lê-se um trecho em que um personagem japonês é descrito como disposto à integração, o que depreendemos pela descrição de sua família e sua disposição em reverenciar a imagem do santo descrita na cena:

O violeiro de olhos apertados saúda o companheiro. E marcha, seguido pela fila. Dá uma volta. Reverências para cá. Reverências para lá. Tudo sério. Volta para o seu lugar.  
 - Entra, seu Casimiro!  
 O japonês Kashamira entra com a mulher e o filhinho brasileiro de roupa de brim. Inclina a cabeça diante de São Gonçalo. Acocora-se.

### 1.2.1.13. Considerações gerais

Concluimos que Alcântara recorre a alguns estereótipos ao compor seus personagens: o mulato malandro e brincalhão, a mulata pernóstica, o italiano carcamano, o negro bebedor de cachaça e músico. Na maioria dos contos a narrativa nos leva a ter empatia com o ítalo-paulista. Vimos também que a religião é valorizada como elemento unificador, tanto para congregar negros, mulatos e ítalo-paulistas, nos extratos mais pobres da população - o que também acontece através do futebol -, quanto como meio facilitador do estreitamento de laços entre patrões e empregados, pelo apadrinhamento, como vemos em *Notas Biográficas*. O apadrinhamento e os laços de compadrio, embora possivelmente não fossem estranhos aos italianos de modo geral, são elementos marcantes da dinâmica de relações sociais nacionais anteriores à vinda dos imigrantes italianos. Neste aspecto, podemos juntar a experiência de Genarinho à de Tranquilo Zampinetti, Seu Natale, Aristodemo Guggiani e Nicolino Fior D'Amore como exemplos de trajetórias biográficas de integração social do ítalo-paulista mediadas a partir de costumes e tradições locais. Uma das marcas da escrita de Alcântara, a reprodução da oralidade dos diálogos narrados, apresenta um percurso de integração dos ítalo-paulistas que se evidencia a partir da adoção do português brasileiro. Mais comum nos filhos de italianos nascidos no Brasil, a fala e o comportamento dessas personagens indicam uma progressiva e aparentemente inexorável adoção do modo de vida nacional pelas futuras gerações de ascendência italiana.

Analisando a integração do imigrante italiano em *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda*, observamos que, junto aos contos narrados estava associada a crítica a alguns costumes e instituições de São Paulo: é o que acontece quando é ridicularizado o nacionalismo aprendido nos Grupos Escolares e nos Tiros de Guerra em *Tiro de Guerra n°35*, quando é denunciada a corrupção de funcionários públicos, como no caso do personagem da Comissão de Abastecimento em *Armazém Progresso de São Paulo*, quando são expostas as falhas do

Poder Judiciário em *Amor e Sangue*. É mencionado o descrédito da população em relação à imprensa e à justiça em *O Monstro de Rodas*. No mesmo conto há a crítica à atividade dos cabos eleitorais. Embora não fosse descrito como tal, o “mulato” Tibúrcio” já “havia arranjado três votos para as próximas eleições municipais” no meio do percurso do cortejo fúnebre de uma criança, cujo caixão era carregado pelas ruas da cidade. Em *Nacionalidade* há a crítica à atividade dos cabos eleitorais que eram do governo. Quando ainda era italiano “jacobino” o personagem Tranquilo Zampinetti tornou-se cabo do PRP. Começou seu envolvimento político cometendo uma irregularidade eleitoral incentivado por um italiano também ufano das coisas da Itália que era o candidato do governo a juiz.

### 1.3. Para quem escreve?

O modo como Alcântara narra as histórias nos fornece alguns indícios de seu público e dos elementos com os quais dialogava. Observa-se que no percurso dos contos há menção indireta a eventos históricos, como a Batalha dos Guararapes e o período do *Terror* jacobino. Referências históricas que também articulam a formação da nacionalidade. Como veremos no próximo capítulo a articulação entre história, nacionalidade e composição do povo brasileiro era comum a um amplo espectro de discursos na época em que Alcântara escreve *Brás*. As menções históricas poderiam fazer parecer que Alcântara escrevia para um público que tem essas referências, o que era comum nos leitores das publicações nas quais Alcântara eventualmente publicou, como a *Revista do Brasil*, a revista *Novíssima*, *Terra Roxa e Outras Terras* ou mesmo do JCSP, no qual trabalhava. Alcântara articulava um texto simples e acessível, composto a partir de linguagens mais populares, como o jornal, o cinema, modinhas populares, o teatro e a caricatura, que ao mesmo tempo poderiam querer atingir estratos menos intelectualizados da sociedade ou apresentar-se com a legitimidade de um estudo abalizado da sociedade estudada, baseado na descrição e observação.

A objetividade de Alcântara ao narrar parece ter uma função retórica de querer fazer parecer que, porque direta, sua descrição é exata. Frequentemente o autor dizia que não fazia literatura, associando a ideia de literatura a longas descrições de estado de espírito e aos românticos brasileiros a quem, como modernista, se opunha. Um dos momentos em que enuncia essa disposição é comentando uma crítica do jovem de Belo Horizonte que assinava como Antônio Crispim, que acabara de conhecer. Tratava-se de Carlos Drummond de Andrade:

O que você disse do meu Brás, Bexiga e Barra Funda não só me comoveu: interessou-me sobretudo. O trecho sobre o livro, o jornal e o cinema está certíssimo. Embora você não queira eu explico a originalidade: E explico muito facilmente com uma observação sua: Drummond, eu sou inimigo da literatura. Compreendeu agora? Eu não quero escrever livros, eu não quero fazer literatura. Assim sendo dou ao que escrevo uma aparência não livresca, não literária. Você diz que eu quis matar a literatura. Adivinhou. Quis mesmo. Você acrescenta que eu matei. E isso lhe agradeço.<sup>85</sup>

Os recursos literários de Alcântara - baseados em princípios de artes que apelavam fortemente ao sentimento e à emoção do público, como o teatro e o cinema - ficariam assim submersos na alegada neutralidade do narrador, que descreve com a objetividade de uma câmera ou “notícia”, sem “partido ou ideal”, como no caso de Brás. O comentário de João Ribeiro, intelectual e historiador respeitado, sobre o livro, publicado no *Jornal do Brasil*, é significativo quando se pensa na recepção do livro

É realmente um excepcional escritor esse que nos dá, à maneira dos antigos cronistas, um tratado do Brasil novo e diferencial que se processa nas terras paulistas (...) [Antônio de Alcântara Machado] buscou e achou um veio aurífero na sedimentação progressiva e intensa da nacionalidade (...) encontrou a camada nova ainda um pouco eruptiva e violenta que começa, após uma geração, a sedimentar-se [...] É a camada ítalo-brasileira, que repete na América a conquista romana um pouco civilizada [...] e não é um livro apenas para gaudío do leitor comum. Interessa ao historiador, ao etnógrafo, ao linguista, ao folclorista, que buscam definir as matizes do Brasil novo. E na literatura, pelo documento indireto, é que se conhece com maior fidelidade a civilização interna, para dentro das fachadas do formigueiro humano.<sup>86</sup>

O comentário de João Ribeiro sobre a obra de Alcântara remete à tradição de estudos literários brasileiros que, em confluência com os estudos das ciências sociais, estabelece ou propõe entendimentos sobre processos que tem como objetivo conformar variantes sociedade brasileira “a um denominador comum”,<sup>87</sup> o que frequentemente acontecia imaginando-se uma “raça brasileira” una a ser constituída pela miscigenação operada em solo nacional.

Esses estudos frequentemente recorrem à história e fundam identidades. Não é de surpreender que a crítica de Ribeiro remetesse a um comentário de José Veríssimo, feito há mais de duas décadas antes, sobre *Os Sertões*:

O livro, por tantos títulos notáveis, do Sr. Euclides da Cunha, é ao mesmo tempo o livro de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um

<sup>85</sup> CARTA a Carlos Drummond de Andrade y

<sup>86</sup> RIBEIRO, João. *Jornal do Brasil*, 4 de maio de 1927, Crônica Literária, p. 5

<sup>87</sup> Sobre a vasta bibliografia sobre o assunto ver, entre outros, BRESCIANI, M.S.M. *O Charme da Ciência e a sedução da Objetividade*. São Paulo: Editora da Unesp., 2007. NAXARA, Márcia. *Estrangeiro em sua própria terra*: representações do brasileiro 1870 / 1920. São Paulo, SP: FAPESP: Annablume, 1998.

homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever<sup>88</sup>

A reflexão sobre a composição racial do povo brasileiro esteve presente em autores que Alcântara reconhecia como modernistas: No artigo *Balanço de Fim de Ano*, de janeiro de 1927, por exemplo, publicado no rodapé *Cavaquinho*, Alcântara elencava os lançamentos dos modernistas no ano anterior, o que é passível de ser observado a partir dos títulos citados no artigo<sup>89</sup>: *Raça*, livro de poesias de Guilherme de Almeida, *O Estrangeiro*, de Plínio Salgado, *Amar, Verbo Intransitivo*, de Mário de Andrade, como dissemos sobre uma governanta alemã que trabalhava em uma casa tradicional paulista junto a outros empregados estrangeiros. Desse ano também são alguns contos sobre descendentes de italianos de Mário

<sup>88</sup> Veríssimo, José. Uma História dos Serões e da Campanha de Canudos (1902). APUD SANTANA, José Carlos Barreto. Ciência e Arte: Aspectos da construção do discurso. In: BERNUCCI, Leopoldo M. **Discurso, ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: Edusp. 2007,

<sup>89</sup> Esse 1926 cujo fim a molecada saudou, faz poucas horas, batendo duro nos postes da Light foi um ano cheio para o modernismo brasileiro. Movimentado. Fértil Triunfante. Em doze meses o diabinho do movimento cresceu que foi um despropósito.(...) Produzindo e dando pauladas. (...) O primeiro lucro do ano foi o *Losango Cáqui*. Mais uma vez Mário de Andrade puxou a fileira. (...) Eu sobretudo admiro Mário porque ele é o trovador apaixonado de minha cidade. Cantor do Cambucí e do Anhangabaú. Poeta capadócio da toada da esquina paulistana. (...) a carta de Anchieta que Terra Roxa comprou em Londres com trinta sacas de café paulista. Gesto de grande significação feito sem alarde que serviu para demonstrar aos bocós do passadismo indígena como a gente moça que renovou a arte brasileira compreende o culto das cousas do passado. Daquelas sempre presentes. As únicas que valem. (...) Guilherme de Almeida (o maior artista da poesia brasileira de hoje) publicou *Raça*. (...) Ronald de Carvalho jogou na rua dois livros: *Toda a América* e *Jogos Pueris*, Renato de Almeida escreveu a primeira *História da Música Brasileira*. Um homem na multidão destacou da massa dos versejadores nacionais mais um poeta de verdade: Ribeiro Couto. O título do volume pode parecer ambíguo. Ribeiro Couto não afunda na multidão.(...) Menotti del Picchia contribuiu (...) com mais dois livros: *Toda nua* e *A Outra Perna do Saci* Menotti na orquestra renovadora é o homem da bateria: faz romances, faz contos, faz crítica, faz crônicas, faz discursos, versos, peças de teatro, jornalismo, o diabo.(...) 1926 marcou uma conversão: a de Cassiano Ricardo. Conversão absoluta, ruidosa, sincera. E que já deu frutos: *Borrões de verde e amarelo* e *Vamos caçar papagaios*. Plínio Salgado estreou com *O estrangeiro*. Cândido Mota Filho, um dos veteranos do movimento, com a *Introdução ao estudo do pensamento nacional*, Mário Gracioti com *Automóvel de luxo*. Minas revelou um novo novo: João Alfonsus. No Rio surgiram Gilberto Freire, Augusto Schmidt, outros. Gente boa que andava escondida. Em Natal fundou-se uma revista: *Nossa terra... outras terras*. Filha nortista de *Terra Roxa*. O modernismo brasileiro (paulista aqui seria mais certo) também em 1926 o seu primeiro historiador. Historiador apaixonado: Mario Guastini. *A hora futurista que passou* está cheia de elogios e bordoadas. Mas as bordoadas não dóem. Primeiro porque são de amor. Segundo porque o mais das vezes visam uma feição futurista que o movimento nunca teve. Sempre condenou até.(...) A literatura não foi a única a contribuir para a elevação do ativo moderno nesses doze meses bem vividos. A pintura, a escultura e a música entraram também com parcelas respeitáveis. (...) Em Paris Tarsila triunfou. (...) Anita Malfatti e Rego Monteiro figuraram com brilho em vários salões. Em S. Paulo Victor Brecheret abriu a mais estúpida das mostras de arte que o Brasil tem conhecido (...) No Rio Villa-Lobos realizou dois ou três concertos que como era fatal entusiasmaram os seus adversários e apuradores de antes. Para que mais? Agora a *Revista do Brasil* há pouco ressuscitada. Não é criação do grupo moderno. Bem sei. Não é. Mas justamente por que não é representa uma vitória estrondosa da gente nova. Eu me explico. A *Revista do Brasil* conta entre os seus diretores que são quatro com dois membros da Academia Brasileira de Letras. Todos eles (os acadêmicos e os não acadêmicos) completamente apartados da idéia renovadora. E é uma publicação moderna. Basta dizer que tem por secretário Rodrigo M. F. de Andrade e a sua parte crítica (a que dá forçosamente orientação à revista) está toda ela confiada à rapaziada revolucionária. Que quer dizer isso? Quer dizer tão simplesmente que hoje em dia só não compreendem o alcance e a significação do movimento renovador os despeitados, os ingênuos e os bobos. (...) É ou não esplêndido o balanço modernista do ano de 1926?. MACHADO, A. Balanço de fim de Ano. *Cavaquinho*. **Jornal do Commercio**, 1 de janeiro de 1927.

de Andrade, que seriam reunidos no volume *Belazzarte*, de 1934 - e dedicadas a Alcântara. Obras que dialogam com a ideia de que o brasileiro estaria desenvolvendo um tipo uniforme que resultaria da mistura dos elementos que compunham a nação. Note-se ainda que em 1926 Monteiro Lobato publicava *O presidente Negro* ou *Choque das Raças*, romance futurista baseado em pressupostos eugênicos.

O reforço da ideia transmitida pelo livro, de que o italiano, de modo geral, se integra à comunidade paulista, era comentado por Alcântara meses antes de publicar *Brás*. Em 1926, escrevendo ao JCSP, o autor falava sobre o caricaturista Voltolino. Ao elogiá-lo, dizia que como “todo ítalo-paulista [Voltolino] era um brasileiro jacobino”. Elogiava sua rejeição às “tentativas de italianização dos brasileiríssimos ítalo-paulistas”<sup>90</sup>, o que é uma possível referência à política imperialista fascista que retomaremos nas discussões do terceiro capítulo. Na crítica de Guastini, como veremos, amigo próximo de Alcântara e sua família, observa-se o reforço da ideia de que o filho de imigrante se integra:

Antônio de Alcântara Machado fixou apenas alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e cotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas. Disse bem: nacionais e nacionalistas porque o filho de italiano nascido no Brasil leva seu amor à terra que lhe foi berço ao ponto de tornar-se jacobino extremado. Numa roda em que se procure arranhar nosso país, o ítalo-brasileiro será mais ardoroso na defesa do que o brasileiro puro. (...) ao fixar esses aspectos, o autor de *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda* foi apanhar seus tipos muito ao rés-do-chão. Mergulhou, talvez, na maioria. Forçoso, porém, é reconhecer que a mentalidade de toda a gente formada pelos ítalo-paulistas não é afixada pelo ilustre escritor. Nem mentalidade, nem o seu linguajar. [...] Essa escolha, porém, deve ter sido proposital. Se Antonio tivesse procurado apanhar flagrantes em camadas de sobre-loja e de primeiro andar, não faltaria quem lhe quisesse atribuir intuitos pejorativos. E esses intuitos ele não os teve. Garanto-o.<sup>91</sup>

Matin Damy, também integrante do JCSP, retoma a ideia da integração do italiano em luta com o meio:

É então a São Paulo todinha dos italianos que vem até a nossa emoção. Mais que isso - é toda a Itália imigrada que vem até nós. E em luta com o meio e dominada por ele, seus braços se nos abrem amigos. E nós os vencemos, e o italiano fica sendo brasileiro. Ele de fato estuda o que ninguém até hoje estudara com visão nova: fermentação de uma nova raça no meio da gente paulista. Já nos desinteressa a sub-raça nascida do português com a índia, do português com a negra reboladeira. (...) <sup>92</sup>

<sup>90</sup> MACHADO, A de A. Voltolino. Saxofone. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1926.

<sup>91</sup> GAMA, Stiurnirio. Às Segundas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 de março de 1927.

<sup>92</sup> DAMY, Martin. *Brás*, *Bexiga* e *Barra Funda* de Antônio de Alcântara Machado. Espírito dos Livros. **Jornal do Commercio**, São Paulo, 6 de abril de 1927

Em seguida, Damy alude à importância dos imigrantes para a “raça brasileira”, que já não poderia contar com o elemento branco antigo, o português, ressaltando o aspecto eugênico e colaborativo do italiano para o progressivo branqueamento da sociedade paulista:

O português deixou o seu papel de refinador de povo escuro.(...) Por isso vai morrendo entre nós a raça mestiça. Ou melhor, está paralisada, continuando mulata, pernesticamente mulata, enquanto o italiano, bonito e alegre, casado com brasileiras ou mesmo com as suas patrícias, vai jogando nas ruas dos nossos bairros a raça nova dos ítalo-paulistas.<sup>93</sup>

Por fim, em movimento similar ao de Guastini, ressalta que há italianos mais ricos que não foram retratados no livro e que não mereceriam a atenção terna que Alcântara dispensara aos seus personagens. Ao mesmo tempo realiza uma oposição entre a integração professada no livro e a política cultural imperialista de Mussolini:

Boa raça, linda raça. Não obstante os seus entusiasmos incontidos pelo Sr. Mussolini e a sua paixão tenaz e invencível pelo Palhaço, de Leoncavallo, é ainda a garganta mais forte e sincera de onde escorre o grito de entusiasmo pela imensa terra brasileira (...)

É assim o Brás, Bexiga e Barra Funda, um livro profundo, com aparência de coisa banal. É tão sério mesmo que não será de admirar que seja considerado por Mussolini como nocivo à ideia cacete e impertinente da *italianità* criada pelo fascismo. Em todas as suas páginas coleia de fato essa verdade única - italiano conquistado pelo brasileiro. Todas as suas personagens começam italianas, mas terminam brasileiras. Continuam, é verdade, a trautear, eternamente a Catari, Catari, mas qual deles já deixou de se misturar com a multidão em dias de festa nacional? Qual deles deixa de vibrar aos acordes marciais do hino brasileiro? É mais ou menos esse amor pelo Brasil, o que se lê nas entrelinhas do livro de Antonio de Alcântara Machado. E que se lê com orgulho, por se sentir a conquista da nossa terra que parece uma mulher fascinante que enleia toda gente. Toda gente? Talvez não. Andam por aí muitos italianos de coração duro. Estes evidentemente não entraram nas páginas de Brás, Bexiga e Barra Funda, livro de amor e de simplicidade. Mas fico a jurar que eles aparecerão noutra obra de António de Alcântara Machado. Esperemos, pois, confiantes, o Brás, Bexiga e Barra Funda dos palácios da Avenida Paulista, onde moram os príncipes de couronne de carton da nobreza ítalo-paulistana.<sup>94</sup>

Atentemos a dois pontos sobre contra quem Alcântara poderia estar escrevendo e podemos começar a situar um espaço de atuação do autor. Damy e Guastini, articulistas do JCSP e amigos próximos de Alcântara apontavam ambos para a escolha de Alcântara em retratar italianos mais ao “rés do chão”, elogiáveis, posto que os ricos não o seriam.<sup>95</sup> Damy

<sup>93</sup> Idem, Ibidem.

<sup>94</sup> Idem, Ibidem.

<sup>95</sup> Mário Careli faz essa observação em CARELLI, M. **Op. Cit.**, 1985, pp.172-177.

alude à oposição do livro à ideia de *italianità* que, como veremos no terceiro capítulo, mediava as negociações sobre a imigração italiana para o Brasil meses antes de Alcântara expressar publicamente o desejo de escrever *Brás*. Os dois articulistas reforçam a importância do imigrante italiano para uma “contribuição” positiva à “raça” brasileira.

No próximo capítulo indicaremos como o trabalho de Alcântara e discursos sobre o passado brasileiro e paulista frequentemente lançavam mão de discursos históricos que estavam integrados a teorias científicas contemporâneas à sua escrita para defender posicionamentos políticos.

## 2. Homem, terra, meio ou momento

Para cumprir nosso objetivo de perscrutar possíveis sentidos da integração do imigrante italiano em *Brás, Bexiga e Barra Funda*, passaremos a observar como o seu autor se pronunciou sobre o tema, considerando a produção sincrônica de obras de sua autoria: enquanto escrevia *Brás, Bexiga e Barra Funda* Alcântara concebeu e publicou *Pathé Baby*, começou a escrever *Laranja da China* e monografia histórica *Anchieta na Capitania de São Vicente*, e as obras inacabadas *Lira Paulistana* e *Capitão Bernini*. Dirigiu, ainda, a revista *Terra Roxa e Outras Terras* e publicou no JCSP os Rodapés *Saxofone* e *Cavaquinho*, nos quais se expressou diretamente sobre o tema da integração. Observando comentários feitos sobre a obra, buscaremos compor um quadro de manifestações que permita que nos aproximemos de sentidos possíveis do texto de *Brás*. No tópico subsequente retornaremos ao JCSP em 1924 para observar como o elogio a alguns textos do rodapé literário de Arthur Motta se aproximam dos procedimentos temáticos e estilísticos escolhidos por Antônio de Alcântara Machado em suas primeiras experiências na prosa.

Como já colocado neste trabalho, primeira declaração pública da intenção de escrever um livro sobre ítalo-paulistas, por parte de Alcântara, data de março de 1925. No mês seguinte à publicação, Alcântara partiria em viagem à Europa, na qual escreveu artigos ao JCSP chamados *Pathé Baby - Panoramas Internacionais*. O autor retornou da viagem em novembro do mesmo ano e, em 31 dezembro já escrevia carta à Prudente de Moraes, neto, anunciando que contava com o amigo para ser correspondente da revista *Terra Roxa e Outras Terras...* no Rio de Janeiro. Nessa revista, da qual foi diretor junto com A.C. Couto de Barros, Alcântara se definiria como modernista. *Terra Roxa* teve seis números e circulou entre janeiro e setembro de 1926. Enquanto a revista circulou, Alcântara publicou *Pathé Baby* em livro. Quando *Terra Roxa* parava de circular, Alcântara passou a publicar um rodapé semanal no JCSP chamado *Saxofone*. Avisado que um autor francês já tinha uma coluna de comentário com esse nome, mudou o nome da sua para *Cavaquinho*. Em *Saxofone* e em *Cavaquinho*, assim como em *Terra Roxa e Outras Terras* e na *Revista do Brasil*, Alcântara escreveu críticas, expressou opiniões, entrou em polêmicas, teceu considerações sobre o teatro, cinema, caráter paulista e brasileiro. Em 1926, Alcântara trabalhava nos livros *Laranja*

*da China*, que seria publicado em 1928, e em *Capitão Bernini e Lira Paulistana*, publicados postumamente e incompletos. A partir de suas considerações, vislumbramos possíveis sentidos da integração dos ítalo paulistas como aparecem em *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Analisamos, ainda, a recepção da obra, buscando repercussões concernentes ao nosso recorte.

Em sua atividade profissional, portanto, Alcântara legou registros sobre artistas que admirava. Em nossa pesquisa observamos a recorrência com que Alcântara elogiou a capacidade de tais artistas conseguirem, a partir da síntese, retratar o espírito ou psicologia maior de um povo. É o que fez com Sherwood Anderson, H. L. Mencken, Voltolino e Victor Brecheret.<sup>96</sup> Pensando que Alcântara ressaltava a sua admiração pela capacidade de observação da expressão da psicologia ou do espírito de um povo por parte desses autores, coligimos os movimentos de integração propostos no decorrer dos contos escritos durante a fatura de *Brás* com as narrativas deste período sobre o espírito paulista - que, por sua vez, inscreviam-se em debates sobre a política contemporânea e sobre a composição do povo paulista, seja no passado colonial, seja nos debates sobre imigração. Enfim, pensamos poder vislumbrar os contornos de uma percepção particular de Alcântara sobre o espírito paulista, bem como sua visão sobre como esse espírito deveria se expressar a partir da literatura.

---

<sup>96</sup> MACHADO, A de A. Voltolino. Saxofone. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1926.; MACHADO, A. Sherwood Anderson. Cavaquinho. **Jornal do Commercio**. O São Paulo. 30 de outubro de 1926. MACHADO, A. Paulistana. Cavaquinho. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 13 de novembro de 1926. MACHADO, A. Victor Brecheret. Cavaquinho. **Jornal do Commercio**, São Paulo. 4 de dezembro de 1926. Todos os rodapés foram encontrados a primeira vez em MACHADO, Antônio de Alcântara. **Obras**. v.1. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1983.

## 2.1. Síntese que exprime a psicologia

A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafraão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos. (...) Duas fases: 1a) a deformação através do impressionismo, a fragmentação, o caos voluntário. De Cézanne e Mallarmé, Rodin e Debussy até agora. 2a) o lirismo, a apresentação no templo, os materiais, a inocência construtiva. O Brasil profiteur. O Brasil doutor. (...) No jornal anda todo o presente. (...) O trabalho contra o detalhe naturalista - pela síntese; contra a morbidez romântica - pelo equilíbrio, geometria e pelo acabamento técnico; contra a cópia, pela invenção e pela surpresa. O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional. Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época. O estado de inocência substituindo o estado de graça que pode ser uma atitude do espírito. O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica. (...)

*Manifesto do Movimento Pau-Brasil,  
1924*

O procedimento de associar a expressão do espírito de um povo à leitura de documentação, seja colonial, como as crônicas de viajantes, ou contemporânea, como os jornais, foi expressa pelo Movimento Pau Brasil, reivindicado por Alcântara enquanto escrevia *Brás*.<sup>97</sup> Afora as referências levantadas aqui, deve-se destacar a proximidade de Alcântara Machado com o teatro, principalmente com as proposições de Pirandello sobre humor e distanciamento<sup>98</sup>. No que toca à literatura, ressalta-se sua afinidade com escritores mais clássicos do gênero conto, como Diderot e depois Poe<sup>99</sup>, com os poetas cubistas como Apollinaire<sup>100</sup> e Blaise Cendrars<sup>101</sup>, com o escritor John dos Passos.<sup>102</sup> Cerca de um mês

<sup>97</sup> FERREIRA, A. C. **Op. Cit.** pp.320-322. O teor do manifesto Pau Brasil conflui com proposições exploradas aqui. Sobre a afinidade de Terra Roxa... e Outras Terras com o Movimento Pau-Brasil, ver: LARA, Cecília de. Terra Roxa... E Outras Terras, Um Periódico Pau Brasil (Introdução das Reproduções facsimilares do periódico Terra Roxa e outras terras, Ano I, nº 1-7, 1926). São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

<sup>98</sup> LARA, Cecília de. De Pirandello a Piolim: Alcântara Machado e o teatro no modernismo. Rio de Janeiro, RJ: INACEN, 1987, LARA, Cecília de. O rapsodo da Imprensa. In Dossiê Cult, Antônio de Alcântara Machado. Cult, Revista Brasileira de Cultura. Ano IV, nº47.2001, pp.54.

<sup>99</sup> ANDRADE, Mário. Túmulo na neblina. In. In GRIECO, Agrippino (Coaut. de). **Em memória de Antônio Alcântara Machado**. São Paulo, SP: E. Polai, 1936. p.96.

<sup>100</sup> CAVALCANTE, Djalma. Antônio escreveu, nós l(v)emos. In: In Dossiê Cult, Antônio de Alcântara Machado. **Cult**, Revista Brasileira de Cultura. Ano IV, nº47.2001

<sup>101</sup> PINTO, Maria Inez Machado Borges. Crônica cinematográfica do cotidiano: Alcântara Machado e os impasses do modernismo. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 24, janeiro 2001, p. 190-209. Sobre Cendrars, a principal bibliografia é EULALIO, Alexandre. **A aventura brasileira de Blaise Cendrars**: ensaio, cronologia, filme, depoimentos, antologia, desenhos, conferências, correspondência, traduções. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo (SP): EDUSP: Imprensa Oficial do Estado: FAPESP, 2001.

<sup>102</sup> ALFREDO, João Valentino. **Imagining Modernity in Antônio de Alcântara Machado's Journalistic Chronicles**. Tese de doutorado em filosofia defendida na Universidade do Texas, Austin. 2012. p.267, CAVALCANTE, Op. Cit., p.58.

antes de mandar *Brás Bexiga e Barra Funda* ao prelo, Alcântara comentava, em *Cavaquinho*, a exposição do escultor Victor Brecheret em São Paulo. O autor descreve a escultura de Brecheret do seguinte modo:

Feita de um só bloco “arrebata” de um só golpe. É grandiosa e é sintética. Tem o realismo não procurado da obra de arte natural. Não se oferece à emoção. Provoca- a violentamente. Não se insinua. Arremessa-se. Prega um susto na sensibilidade da gente. Formidável e gostoso. É uma escultura melodramática. Verdade.<sup>103</sup>

A avaliação de *Ascensão*, uma das obras desta exposição é sucinta: “O máximo de emoção num mínimo de expressão. Nada mais que o necessário. O visível sublimando o invisível.”<sup>104</sup> O sentido dessa avaliação pode ser observado em outros comentários de *Saxofone* e de *Cavaquinho*. No artigo *Voltolino*, por exemplo. Nesse artigo Alcântara valorizava a capacidade do desenhista de retratar a psicologia do povo, usando como exemplo a caricatura *XX settembre*. Nela estaria resumida a psicologia das comemorações da data festiva italiana em terras paulistanas. Voltolino teria conseguido captar uma “luta surda” entre imigrantes italianos e seus filhos, “que cresciam e se formavam brasileiros em absoluta identidade com o solo e com o meio”<sup>105</sup>.

Voltolino resumiu toda a festança, todo esse delírio, a psicologia de toda essas comemorações com felicidade única. Sua caricatura apresenta o italiano clássico (bigodeira agressiva, pança vasta, Toscano, fumegante) puxando pela mão o filho vestido de bersagliere. Só. Nem era preciso mais. A atitude embandeirada do italiano orgulhoso com a sua ideia de vestir o filho daquela maneira em homenagem à pátria e o aspecto deste último, todo desajeitado, sem compreender a significação daquela massada, constrangido e bobo, formam um contraste gostoso, que sintetiza essa luta surda que se desenvolve entre os que para cá vieram enriquecer e trazendo no fundo da trouxa, entre roupas remendadas e calçolas furadas, todo o peso das tradições de sua raça e os filhos que dele nasceram aqui livres dos preconceitos ancestrais, crescendo e se afirmando brasileiros em absoluta identidade com o solo e com o meio (...)<sup>106</sup>

<sup>103</sup> MACHADO, A. Victor Brecheret. *Cavaquinho*. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 de dezembro de 1926. APUD MACHADO, Antônio de Alcântara. **Obras**. v.1. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1983. pp.209-212.

<sup>104</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>105</sup> MACHADO, A de A. Voltolino. *Saxofone*. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1926. O trecho a que nos referimos é: “ao filho brasileiro do imigrante italiano [Voltolino] queria bem de verdade. Ao imigrante italiano nem sempre. Como todo ítalo-paulista era um brasileiro jacobino. Via nos ascendentes a sua qualidade de estrangeiros mais nada. Tratava-os com irreverência de filho mal educado. Zombava deles. Fazia-lhes fiau quando mereciam. Era justamente uma das feições mais simpáticas de seu temperamento a repulsa que sempre manifestou por toda e qualquer tentativa de italianização dos brasileiríssimos ítalo-paulistas. Por mais disfarçada que fosse.” Cf. MACHADO, A de A. Voltolino. *Saxofone*. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1926.

<sup>106</sup> MACHADO, A de A. Voltolino. *Saxofone*. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1926.

Nesse texto observamos como Alcântara destacava a capacidade de Voltolino retratar a integração do imigrante italiano ao Brasil. E como, em seu comentário, a expressão desse processo de integração passa pela afirmação da identidade “com o solo e com o meio” brasileiros, entendidos como fatores de transformação da “raça” italiana. Os termos escolhidos para expor a identificação da integração do imigrante indicam que Alcântara compartilha de um vocabulário - ou de uma sublinguagem - de um discurso que reforçava a importância do meio como matriz explicativa da formação dos caracteres psicológicos ou espirituais de um grupo. No mesmo sentido lembramos do prefácio de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, quando lemos que “Do consórcio da gente imigrante com o ambiente, do consórcio da gente imigrante com a indígena nasceram os novos mamalucos.”

Alcântara também expressava a sua admiração por H.L. Mencken, pelo motivo de, assim como Voltolino, conseguir retratar a psicologia dos mais pobres. Citado em *Cavaquinho*, ele era o autor de *Americana*, uma antologia de excertos produzidos pela cultura escrita norte-americana coletadas, por exemplo, em notícias, anúncios publicitários e atas parlamentares. A finalidade de *Americana* era compor um registro crítico das práticas sociais reproduzidas no seu país. Essa seleção montava um quadro desconcertante da sociedade estadunidense. Alcântara defendia a pertinência da criação de um *Paulistana*, a exemplo do *Americana*:

Como seria necessário no entanto um *Paulistana*. A feição inteligente de um povo não é mais interessante que a sua feição asnática. Tanto aquela como esta revela a sua mentalidade e a sua psicologia. É também uma manifestação de sua inteligência. De seu espírito se quiserem. É produto legítimo do modo de ser, de pensar, de agir dele. Dá uma ideia nítida não só do vigor pensante das classes que comandam como também principalmente da imensa maioria anônima. Então a gente comparando-a com a outra constituída pelo talento e pela cultura tiraria a média exata e significativa (...) O *Americana* de Mencken tem o imenso valor de uma pesquisa, de um inquérito psicológico e social (...) O mesmo valor teria um *Paulistana*. Através dele tomaríamos o pulso dos sentimentos e do pensamento verdadeiro da gente turuna que fez este colosso e nele vive. Porque a realidade desse colosso não basta. Revela por assim dizer qualidades tão-somente de exteriorização: a porção de espírito que entrou na execução do prodígio permanece ignorada. Em parte ao menos. (...) Está claro que a sondagem psíquica e intelectual de um presidente de senado seria tão necessária quanto a de um porteiro de grupo escolar. Fazendo-as a gente teria a revelação de um sentir e de um pensar nunca suspeitados. E perfeitamente genuínos. Realíssimos em sua ingenuidade. Verdadeiríssimos em sua crueza. E a tarefa seria das mais simples e fáceis. Quase bastaria a leitura atenta e quotidiana dos jornais. Dos artigos de colaboração aos desabafos da seção livre, das notícias diversas aos anúncios da última página. Eu tenho uma coleçãozinha arranjada desse modo que não vendo por dinheiro nenhum deste mundo. (...) <sup>107</sup>

<sup>107</sup> MACHADO, A. Paulistana. *Cavaquinho. Jornal do Commercio*, São Paulo. 13 de novembro de 1926. APUD MACHADO, Antônio de Alcântara. *Obras*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1983. pp.196-200. Provavelmente parte desta coleção compõe a seção “Manifestações Pau Brasil”, da Revista *Terra Roxa e Outras*

O trecho acima expõe como admiráveis algumas características de Mencken que se aproximam do livro que é objeto de estudo: Alcântara valoriza a capacidade desse autor retratar tanto a feição inteligente quanto a “asnática” de um povo, capazes de mostrar sua mentalidade ou sua psicologia - que se faz a partir de registros.<sup>108</sup> E atribuía à *Americana* um *status* ou “o valor de uma pesquisa, de um inquérito psicológico e social”. Pelo viés da obra de Mencken pode-se entender, também, as instituições e comportamentos reprováveis apontados em *Brás, Bexiga e Barra Funda*. O modo como Mencken realiza esta operação em *Americana* - a partir de recortes de jornal - remetem diretamente ao *Artigo de Fundo* de *Brás*, no qual o narrador afirma que os contos que seriam lidos no decorrer do volume deveriam ser tratados como “notícias de jornal”. Por extensão, também, poderíamos pensar que, assim como na obra citada de Mencken, Alcântara guardaria a expectativa de retratar a psicologia ou a mentalidade dos paulistas contemporâneos à escrita de *Brás*. Em artigo de *Cavaquinho* o autor mencionava a seção livre do jornal e canção de carnaval como meios de expressão popular que ofereciam acesso aos acontecimentos da realidade brasileira.

ser moderno é ser brasileiro. "universalidade. A língua sem dialetos. Tudo junto. Religião unida ao patriotismo, política que navega em poesia.(...) A possibilidade de reunir num chá dançante o Presidente do Supremo e o bananeiro da esquina. O maxixe ritmando (...) tudo. Duas portas para o acontecimento a secção livre e a canção de carnaval. Carnaval. Camaradagem: ninguém se ofende. E todos são poetas.

Assim a fusão (ensaiada por outros) de todas as expressões autênticas e mais ou menos disfarçadas da arte no teatro aqui no Brasil se verifica na vida. Este recurso comum a geômetras e artistas - o absurdo não é aqui invenção: é elemento da vida, intervém nela. Este é o país sem lógica.<sup>109</sup>

A seção livre e a música popular são elementos presentes na composição dos contos de *Brás, Bexiga e Barra Funda*: em *Tiro de Guerra n° 35* o envolvimento amoroso de Aristodemo Guggiani com uma “pequena da rua das Palmeiras” é retratado pela Mme Miosótis, que escrevia para a revista *A Cigarra*. No mesmo conto menciona-se que Aristodemo adolescente assobiava a *Caraboo* muito malandramente - *Caraboo, amores de uma princesa* foi uma música que fez sucesso em São Paulo no carnaval de 1916.<sup>110</sup> Citada

---

*Terras*. Em artigo sobre Sherwood Anderson retomaria a ideia : “O Americana do terrível Mencken não prejudica esse esplendor. Porque asneira é coisa que não tem pátria. André Levinson já o disse. Um Europeana seria igualmente cômico e delicioso. E um Brasileira" então? Nem se fala.

<sup>108</sup> O procedimento do *bricoleur*, apontado por Capella como procedimento compositivo de *Brás* encontra notável paralelo com a obra deste autor. O mesmo acontece nas operações heurísticas do tratamento do passado bandeirante no procedimento de alguns autores, como veremos adiante.

<sup>109</sup> MACHADO, A. de A. Sobre a Realidade Brasileira. **Jornal do Commercio** de São Paulo. Cavaquinho. 1926.

<sup>110</sup> *Caraboo* (Amores de uma princesa) era uma canção norte-americana de Sam Marshall (de 1913) adaptado pelo cançonetista Alfredo Albuquerque, cantada pela dupla “Os Geraldos”, Cf. DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular brasileira. Verbete Os Geraldos. Disponível em <http://www.dicionariompb.com.br/os-geraldos>;

brevemente no conto reforça um indício de integração do protagonista do conto à “realidade brasileira”. O interesse pelas expressões populares pode ser atestado ainda pelo volume de canções que Alcântara então organizava, *Lira Paulistana*, reunião de quadras populares reformuladas depois pelo próprio autor, que só seriam publicadas postumamente. Outro ponto de contato entre o artigo sobre Mencken e *Brás* é o interesse em retratar diferentes estratos sociais para daí pensar na psicologia de um grupo. Presidente de senado ou porteiro do Grupo Escolar, Presidente do Supremo ou bananeiro da esquina, todos deveriam compor o quadro geral: o que no americana de Mencken acontece na justaposição de excertos escritos, no Brasil aconteceria na observação da realidade, como se observava no Armazém de Seu Natale, nos estádios de futebol ou nas sociedades dançantes citadas em *Carmela*, *Corinthians*

(2) vs *Palestra* (1) e *A Sociedade*.

Outro autor muito elogiado nos rodapés *Saxofone/Cavaquinho* foi o escritor estadunidense Sherwood Anderson<sup>11114</sup>. A centralidade do elogio também estava na capacidade de Anderson retratar a o espírito de seu povo, a partir da síntese, a ponto de sua literatura ser o reflexo de seu povo

Muitas vezes a literatura como reflexo de seu povo é uma surpresa que desorienta (...) Porque a gente se habitua a julgá-lo através de suas manifestações materiais (...) com a ideia de que elas já são suficientes para uma análise segura. Revelam o espírito do homem (...) naquela grandeza de terra [Estados Unidos] [crescia] uma literatura estupenda, curiosíssima, original. A Europa com grande assombro começa a descobri-la. [...] E o norte-americano surge ao resto do mundo como um homem novo, jamais suspeitado, diferente do que sempre pareceu ser, tendo ao mesmo tempo que uma visão brutal da vida (porque direta e portanto exata) um desejo do inexplorado e do inefável que lhe sublimiza e singulariza o caráter. Primeiro surpreende. Depois interessa. E até comove.

Sherwood Anderson (...) sendo considerado pela crítica de sua língua (...) o mais representativo dos escritores norte-americanos de hoje é por isso mesmo o intérprete melhor do eu, do profundo eu de sua gente, o produto literário mais genuíno do espírito de sua terra. E eu não sei se o mundo contemporâneo contém no mesmo gênero dez escritores que lhe possam ser comparados. (...)

A verdade humana de sua obra espanta. E essa verdade surge naturalmente (...) movida por uma força que lhe é própria, cedendo a um impulso interior e imperceptível (...)<sup>112</sup>

---

TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro*, Volume 3 – século XX. 2ª parte. São Paulo: Editora 34. 2002. p.377

<sup>111</sup> Alcântara cita que Sherwood Anderson tornou-se conhecido na Europa a partir do *Cahiers du moyeurs*. Cita Bernard Fay e Andre Gide, provavelmente teve acesso à obra de Anderson por publicações europeias.

<sup>112</sup> MACHADO, A. Sherwood Anderson. *Cavaquinho*. **Jornal do Commercio**, São Paulo. 30 de outubro de 1926. APUD MACHADO, Antônio de Alcântara. **Obras**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1983. pp.187-192

Intérprete profundo do “eu profundo” de sua gente, Sherwood Anderson é descrito como representante de sua terra, que apresenta uma “visão brutal da vida (porque direta e portanto exata)”. O reforço da objetividade como correspondente da exatidão, expressa por histórias reais e brutais, nos parece reverberar na caracterização como jornal de *Brás, Bexiga e Barra Funda* e ao enredo de alguns de seus contos: notavelmente o atropelamento de Gaetaninho e o assassinato de Grazia, em *Amor e Sangue*.<sup>113</sup> No texto sobre Sherwood Anderson chamam atenção ainda as explicações sobre a particularidade estadunidense: o isolamento estadunidense de duzentos anos teria gerado uma sensibilidade original e apurada, a ponto das “correntes imigratórias” não resistirem “à força absorvente do solo.”<sup>114</sup> Mais uma vez há uma determinante geográfica, caracterizada pelo isolamento, que conforma uma sensibilidade. Nesse texto Alcântara também demonstrava compartilhar do vocabulário das explicações mesológicas contemporâneas à escrita de *Brás*.<sup>115</sup> Os paralelos do passado paulista com o norte americano eram bem comuns, como será apontado no próximo subtópico. O isolamento dos Estados Unidos, por exemplo, aproxima-se do isolamento do planalto de Piratininga, consequência da dificuldade encontrada em se transpassar a “caminho do mar”, que ligava o litoral ao lugar em que seria fundada a Vila de São Paulo. Ao crescer que as correntes imigratórias não resistiriam à “força absorvente do solo”, Alcântara deixava insinuada uma potencial linha explicativa do processo sociológico que serviria de plano de fundo para *Brás*: o isolamento paulista teria formado uma sensibilidade, que as correntes imigratórias - ao menos a italiana - não seriam capazes de resistir. O comentário sobre *Americana* também poderia deixar insinuado caráter de *Brás*: assim como o compêndio de Mencken teria o valor de “um inquérito psicológico e social”, por se inspirar em notícias e registros dos mais variados estratos sociais, o livro de Alcântara,

<sup>113</sup> A morte de *Gaetaninho*: “Gaetaninho saiu correndo. Antes de alcançar a bola um bonde o pegou. Pegou e matou”; A morte de Grazia, em *Amor e Sangue*: “- Você não quer mesmo mais falar comigo, sua desgraçada?/- Desista!/- Mas você me paga, sua desgraçada!/- Não-ã-o!/- A punhalada derrubou-a.” MACHADO, A. **Op. Cit.** 1927.

<sup>114</sup> Duzentos anos de isolamento [...] formaram um povo a quem a solidão deu uma percepção aguda, direta e pessoal da natureza, e em consequência criou nele uma sensualidade e uma sensibilidade absolutamente originais [...] O país isolou-se para apurar sua personalidade. As correntes imigratórias não resistiram à força absorvente do solo. Nem a conquista dos bens materiais apagou na raça uma fama que se encolhera à espera Cf. MACHADO, A. *Sherwood Anderson*. Cavaquinho. **Jornal do Commercio**, São Paulo. 30 de outubro de 1926.

<sup>115</sup> Emery Marques Gusmão nota que Alcântara tinha um “projeto intelectual pautado em uma noção de modernidade peculiar (...) elaborada a partir de concepções históricas baseadas no pensamento racial” - aborda principalmente a relação de Alcântara com paulo Prado e Capistrano de Abreu. MARQUES, Emery. **Mapas, Cartilhas e Referendum** – imagens da vida em Antônio de Alcântara Machado . Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós graduação em História da Unesp - Assis. 1995; GUSMÃO, E. M. Alcântara Machado: Ficção e realidade. In FERREIRA, Antonio Celso (org.), MAHL, Marcelo Lapuente. **Letras e identidades**: São Paulo no século XX, capital e interior. São paulo: Annablume. 2008.

baseado em notícias de jornal, poderia aspirar ao mesmo status. Alcântara valorizava autores que a partir da síntese expressavam a psicologia de um povo. O subtópico que segue empreende o esforço de matizar ou ao menos localizar possíveis entendimentos da psicologia brasileira e paulista expressas por Alcântara em *Brás, Bexiga e Barra Funda*.

## 2.2. Psicologia que vem da interação com o meio

Segundo Stella Bresciani, a associação entre isolamento do povo e a formação de uma psicologia particular era um lugar comum nas teorias explicativas nas interpretações sobre o Brasil, e como veremos, sobre São Paulo.

Nessas interpretações do Brasil, a determinação do meio sobre o homem ocupa um lugar privilegiado, pois atua como elemento explicativo da história. Configura um *lugar-comum* a que sempre se recorre, mesmo nas interpretações orientadas pela teoria marxista, crítica do tripé “positivista”: o meio, o homem e a história ou o momento, largamente difundidas no século XIX pelos trabalhos de autores tais como Henry Thomas Buckle e Hippolyte Taine<sup>116</sup>

Como vimos no subtópico anterior, António de Alcântara Machado se expressou, em diversos momentos, nos termos em que a discussão sobre a particularidade paulista estava colocada. Esses termos eram compartilhados por autores que associavam um modo de ser paulista às particularidades geográficas e genéticas dos povos. Introduzimos este capítulo apontando uma polêmica pública entre Sérgio Milliet, Mário de Andrade e António de Alcântara Machado, na revista *Terra Roxa e Outras Terras* Nesta polêmica Alcântara expressou, em síntese, o que julgava ser traços característicos do paulista.

### 2.2.1 Fazer de cada brasileiro um paulista, “na vontade e na audácia”

Milliet fez uma crítica elogiosa à *Raça*, livro de poesias de Guilherme de Almeida. Nela, o crítico comenta que algumas paisagens descritas nos versos remetiam especialmente a São Paulo.

---

<sup>116</sup> BRESCIANI, M. S. M. **Identidades inconclusas no Brasil do século XX** – fundamentos de um lugar-comum. In: BRESCIANI, M. S. M.; NAXARA, M. (Org.) *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma relação sensível*. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. P.399-422.

todo esse pedaço [da paisagem descrita em questão] é profundamente nosso, de S. Paulo. Isso não é um defeito porque só se é brasileiro sendo paulista, como só se é universal sendo de seu país.<sup>117</sup>

No número seguinte da revista, a resposta de Mário de Andrade reprovava a afirmação de que só se seria brasileiro sendo paulista. Dizia que para si as divisões dos limites estaduais faziam cada vez menos sentido e recusava o sentido “simbólico heróico grandiloqüente” de paulista na afirmação de Milliet. Disse que apesar de respeitar o passado paulista, como símbolo o paulista seria também

aquela besta reverendíssima da guerra dos Emboabas, ainda por cima arara e covardão.... E é ainda o homem... bom, inda é cedo para comentar o procedimento dos paulistas durante a Isidora e a gente vive em estado de sítio. Porém eu, que vivi na rua observando revoltosos e legalistas, tenho muito que contar sobre a psicologia do paulista. E a nossa riqueza e progresso atuais, você já reparou como eles nascem do acaso, de circunstâncias climáticas e geológicas? Você já meditou naquelas frases verdadeiras da *Paulística* de Paulo Prado sobre a decadência do caráter paulista?<sup>118</sup>

No número seguinte de *Terra Roxa* Antônio de Alcântara Machado rebatia Mário de Andrade, divergindo deste autor sobre o episódio dos Emboabas, sobre a Revolta de 1924 e sobre a “decadência do caráter paulista” nos termos que vimos no excerto anterior.

Nunca mais repita, nem brincando, que a nossa riqueza e progresso nascem de circunstâncias climáticas e geológicas. (...) Que o paulista com o seu caráter e a sua fibra seja produto das tais circunstâncias, vá lá! É diferente. E é bonito. Não degenerou. Não se mostrou indigno de seu nascimento como muita gente. A riqueza não é produto total do ambiente. A riqueza é do paulista. O progresso também. O meio excelente produziu o homem forte que fez a civilização estupenda. Assim está bem. A riqueza é resultado indireto da excelência do meio. Entre este e aquela existe e sua o homem. Assim, sim! Como você afirmou, não! ( ... ) Você quer ver mesmo como o paulista é bom mesmo? Quer ver? Dê um pulo até Minas, Paraná ou Mato Grosso. Clima e natureza diversas. Pois bem. O paulista dessas paragens é igualzinho ao de cá. E ele que as está empurrando para a frente. Então? Sérgio [Milliet] acertou quando escreveu que só se é brasileiro sendo paulista. Quis insinuar com isso que é preciso fazer de cada brasileiro um paulista injetando-lhes as qualidades deste. (...) O Brasil quer filhos que sejam

<sup>117</sup> Terra Roxa e Outras terras, Ano I, nº 1. 20 de janeiro de 1926, p.6. APUD Terra Roxa e outras terras, Ano I, nº 1-7, 1926). São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

<sup>118</sup> “Isidora” refere-se ao levante tenentista que aconteceu em julho de 1924, em São Paulo, comandado pelo general Isidoro Dias Lopes. Arthur Bernardes, presidente, declarou estado de sítio depois da Revolta do Forte de Copacabana em julho de 1922. Na sequência do artigo previnha ao amigo que sua afirmativa era “desnacionalizante, irritante e errada (...) “O Brasil é um vasto hospital. Amarelão de regionalismo e bairrismo histórico. Visão de míope sem futuro e sem presente. Cuidado com o saudosismo! É sintoma de decadência. Sérgio, você errou, Sérgio. Te abraço, Mário de Andrade” f. Terra Roxa e Outras terras, Ano I, nº 1. 20 de janeiro de 1926, p.6. APUD Terra Roxa e outras terras, Ano I, nº 1-7, 1926). São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

bandeirantes. Na vontade e na audácia. Você não quer? Então já é outra cousa.  
 (...) <sup>119</sup>

Alcântara afirma que a riqueza e o progresso do paulista são resultado do trabalho do “homem forte que fez civilização estupenda.” Concorda com a ideia - atribuída à sua leitura de Milliet - de que deveria-se “fazer de cada brasileiro um paulista injetando-lhes as qualidades deste”. Diz que o protagonismo do progresso de outros estados era obra de paulistas e afirma que o Brasil queria que seus filhos fossem bandeirantes “na vontade e na audácia.” O núcleo das afirmações de Alcântara vem da discordância com Mário de Andrade a respeito da origem do progresso de São Paulo - o que nos remete diretamente ao conto *Armazém Progresso de São Paulo*, protagonizado por Natale Pienotto. Vimos no capítulo anterior que o potencial salto na geração de riqueza de seu Natale foi mediada por um brasileiro, “o mulato José Espiridião da Comissão de Abastecimento”. E que a prática local paulista do açambarcamento, além de estar na ordem do dia, remetia a uma tradição levantada por Paulo Prado em *Paulística*. Por um lado podemos ver o episódio como o coroamento do processo de fazer do ítalo brasileiro um paulista, a partir da “injeção de qualidades” tradicionais, imbuídas de “vontade e audácia”. Por outro, observamos que Alcântara não retrata o episódio de modo elogioso e pode estar querendo evidenciar com isso a uma face “asnática” ou desconcertante de sua sociedade, a exemplo do que fazia Mencken em *Americana*. Ao final do conto o que se vê é que, enfim, se a prática desaprovável é ridicularizada, a capacidade de integração de Natale Pienotto - ainda que a um costume corrompido -, reiterada. Seguindo o raciocínio exposto por Alcântara no excerto podemos pensar que, se deveria-se fazer de cada brasileiro paulista, há coerência em afirmar que tal projeto incluía os imigrantes recém chegados à São Paulo, assim como seus filhos. A insinuação de fazer do ítalo-brasileiro um paulista, em movimento que associa crítica às instituições brasileiras e elogio à capacidade de integração do imigrante italiano também poder ser observado em outros contos que não tratavam diretamente do progresso paulista, como *Tiro de Guerra n°35*, *Amor e Sangue* e *Nacionalidade*, que analisamos no primeiro capítulo.

Enfim, observamos que Alcântara pronunciou-se usando termos que inserem-no em uma tradição explicativa da história nacional e, mais especificamente no diálogo com uma

---

<sup>119</sup> Milliet respondia a Mário de Andrade e Alcântara na mesma edição de *Terra Roxa* afirmando que quis dizer só se poder brasileiro sendo paulista, assim como só se poderia ser brasileiro sendo gaúcho, por exemplo. A ideia que só se poderia falar do geral a partir do particular.

historiografia regionalista paulista. Tais tradições tendem a compreender o desenvolvimento de particularidades das sociedades como sendo decorrentes da movimentação/interação de grupos humanos e de determinantes geográficas. Adentraremos agora ao campo das discussões que remetem diretamente à composição do caráter paulista. O recorte em São Paulo explica-se pela particularidade dessa região ao se discutir o contingente imigratório que potencialmente iria adentrar o território nacional e modificar, formular, compor ou ajudar a constituir um projetado, imaginado e desejado futuro povo brasileiro e/ou paulista. Como o estado de São Paulo era o principal destino de imigração, direcionada principalmente para o trabalho das lavouras, ele foi ambiente privilegiado das reflexões que traçavam paralelos entre o processo imigratório e a ocupação territorial dos tempos coloniais, que teriam resultado num modo de ser paulista. Como veremos no próximo capítulo, depois da Grande Guerra a imigração passou a ser pensada principalmente a partir da reflexão sobre a capacidade de integração, assimilação, adaptabilidade do imigrante ao modo de ser local.<sup>120</sup> Como *Brás, Bexiga e Barra Funda* defende a tese da integração do imigrante italiano, interessamo-nos em observar como tais discussões poderiam ajudar a matizar os temas e desenvolvimentos de enredo desse livro. Apontamos a aproximação da visão histórica e sociológica de António de Alcântara Machado com Capistrano de Abreu e, ao mesmo tempo, Paulo Prado. Juntaremos a estes historiadores Oliveira Vianna, Alfredo Ellis Jr. e mencionaremos brevemente José de Alcântara Machado, pai de Alcântara. Com exceção de José de Alcântara Machado, tais autores pronunciaram-se e debateram publicamente, na década de 1920, a respeito do passado paulista e da pertinência da imigração de grupos étnicos com base em seu local de origem e disposições de caráter.

Danilo Ferreti, identifica três tendências nos trabalhos históricos produzidos nessa década que julgamos pertinentes à nossa pesquisa. Tanto por reivindicarem um espírito paulista fundamentado na composição étnica da sua formação regional quanto por serem mobilizadas enquanto recurso argumentativo nas discussões sobre políticas imigratórias. Uma vertente serviria como crítica à predominância do PRP - vertente da qual participaria

---

<sup>120</sup> Dentre a extensa bibliografia que fala sobre a mudança de paradigma no pós Guerra destacamos RAMOS, Jair de Souza. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. In: MAIO, Marcos Chor, SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). **Raça, ciência e sociedade no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995, (41-58). NAXARA, Márcia. **Estrangeiro em sua própria terra: representações do brasileiro 1870 / 1920**. São Paulo, SP: FAPESP: Annablume, 1998, RIBEIRO, Maria Terezinha Janine. **Desejado e Temido** – preconceito contra o imigrante italiano na Primeira República. Dissertação de mestrado. FFLCH – USP, 1985, SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo: Cia das Letras. 1994.

Paulo Prado; outra serviria de instrumento de crítica à ordem liberal e federativa republicana - apoiada por Oliveira Vianna; por fim, uma terceira vertente representaria leituras de defesa do “*status quo* republicano”. Esta tendência contaria com autores como Afonso de Taunay e Alfredo Ellis Jr.<sup>121</sup> Partindo da divisão proposta por Ferreti, apresentamos uma pequena sistematização do pensamento desses intelectuais acerca da particularidade regional de São Paulo e associaremos-los à caracterização do espírito paulista possivelmente defendido por Alcântara, realizando aproximações e afastamentos com a intenção de situar Alcântara no debate político contemporâneo à realização de *Brás*.

---

<sup>121</sup> FERRETI, Op. Cit. p.252.

### 2.2.1.1. Paulo Prado e Capistrano de Abreu

Paulo da Silva Prado foi, junto com Alcântara, um dos principais sócios proprietários da revista *Terra Roxa e Outras Terras*. Antes, foi um dos principais articuladores da Semana de Arte Moderna de 1922. Esteve comprometido com a revista *Klaxon*, desse ano, que reunia autores ligados à Semana referida. Depois que *Klaxon* parou de circular, comprou parte da *Revista do Brasil* e assumiu sua direção, entre 1923 e 1925. *Terra Roxa e Outras Terras*, de 1926, se filia a uma série de revistas ligadas à Semana de Arte Moderna de São Paulo, como observa Tânia Regina de Luca.<sup>122</sup> À *Terra Roxa* sucederia a *Revista de Antropofagia*, que também foi dirigida por Alcântara, em sua primeira fase<sup>123</sup>. A ligação entre Paulo Prado, Mário de Andrade e António de Alcântara Machado seria renovada no começo dos anos trinta, quando os três dirigiram conjuntamente a *Revista Nova*.

Em 1925 Paulo Prado publicava *Paulística*. Esse livro se define como uma reunião de ensaios históricos sobre São Paulo, foi feito em diálogo com Capistrano de Abreu e compõe uma narrativa da história paulista, desde tempos coloniais até a década de 1920.<sup>124</sup> Prado divide a história paulista em quatro momentos: ascensão, auge, queda e recuperação. Aproveitando-se do trabalho do historiador português Oliveira Martins, demarcava a particularidade paulista como decorrente da raça formada pelo português do começo do Século XVI, superior à dos degredados que viriam depois. Pela sua alegada inferioridade, os degredados não teriam conseguido vencer o caminho do mar.<sup>125</sup> Segundo Ferreti,

Paulo Prado, como discípulo de Capistrano, mantinha a visão da nação cindida, sendo as principais cisões as do litoral X sertão e norte X sul. E como membro da elite republicana paulista, considerava que quanto mais litorânea e nortista a região, mais sujeita aos influxos decadentes do Estado metropolitano estaria. Era o caso das regiões do norte e nordeste brasileiro, que mais diretamente sofreram a influência negativa do Estado colonial português. Paulo Prado ressaltava a superioridade do paulista em relação aos demais brasileiros, o que implicava em defender um papel politicamente hegemônico do estado no conjunto da federação. Mencionava os cristãos novos, que teriam conferido espírito econômico e dinamismo ao paulista moderno.<sup>126</sup>

<sup>122</sup> DE LUCA, Tania Regina. **Leituras, projetos e (Re)vista (s) do Brasil (1919-1944)**. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2011. p.37

<sup>123</sup> A direção da revista foi abandonada depois do rompimento público de Oswald de Andrade com Alcântara, Mário de Andrade e Paulo Prado, em 1928.

<sup>124</sup> A associação entre a obra de Alcântara e a de capistrano de Abreu e Paulo Prado é feita por Emery Marques em MARQUES, 1995, **Op. Cit.**

<sup>125</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo. **Tietê, Tejo, Sena: A obra de Paulo Prado**. Campinas: tese de doutorado, dep. Teoria Literária, IEL, Unicamp; 1994

<sup>126</sup> FERRETI, Op. Cit. p. 306, BERRIEL, PRADO, Paulo. *Paulística*, 1925; p. 12.

Vamos abordar mais alguns aspectos de *Paulística* mais a frente. Por ora vamos abordar a crítica de *Toda a América*, de Ronald de Carvalho, feita por Paulo Prado nas páginas de *Terra Roxa*. Nessa crítica Paulo Prado cita o conceito de transoceania, central em Capistrano de Abreu, e que estava presente nos seus livros *Paulística* (1925) e *Retrato do Brasil* (1928)<sup>127</sup>

Durante séculos, desde o momento em que nascemos para a história, a distância que nos separa da Europa varia, ora aumentando, ora diminuindo. É o movimento pendular das marchas civilizadoras. Fomos a princípio um simples arrabalde de Portugal, e para aqui vinham espaiar os que sofriam da estreitez da vida europeia. Époça em que se disse que "o matto era grande". Período que Capistrano de Abreu qualificou de **transoceânico**, de desapego à terra pelos seus próprios povoadores. O nosso verdadeiro grito de independência foi dado no monte das Tabocas e no passo de Guararapes. Dahi começou a se alongar a distância que nos separa da Europa, e só a formidável energia do padre Vieira, que se derramou por tão largos anos, pode empreender 14 vezes a travessia do Atlântico nas incertas caravellas desse tempo.<sup>128</sup>

Aproximações entre as obras de Paulo Prado e Capistrano de Abreu são expressas na maioria dos estudos que se debruçam sobre o autor de *Paulística* e *Retrato do Brasil*.<sup>129</sup> Em ambas as obras Paulo Prado expressa sua dívida com o historiador cearense, a quem, junto ao seu tio Eduardo Prado, chama de mestre. Um dos conceitos fundamentais lançados por Capistrano é a ideia de *transoceanismo*, caracterizada por um “desamor à terra (...) o desejo de ganhar fortuna o mais depressa possível para desfrutá-la no além-mar”.<sup>130</sup> Segundo interpretação de Thaís Chang Waldman, com a qual concordamos, Capistrano conclui que “a colonização (...) não produz vida social porque os sonhos, os gastos e os sentidos apaixonados são transoceânicos.”<sup>131</sup> Como observa a autora, o transoceanismo é

<sup>127</sup> ABREU, C. Prefácio. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, v..XIII. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1888, p.xvii; WALDMAN, Thaís Chang. **Moderno Bandeirante** : Paulo Prado entre espaços e tradições. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009, pp.118- 119.

<sup>128</sup> PRADO, P. *Toda a América* - Ronald de Carvalho. *Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 4. 3 de março de 1926, p.6. *APUD Terra Roxa e Outras Terras*, Ano I, nº 1-7, 1926. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

<sup>129</sup> BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo e Sena**: a obra de Paulo Prado. Campinas, SP: Papirus, 2000; WALDMAN, Thaís Chang. **Op. Cit.**, FERRETI, Danilo J. Zioni. Paulo Prado e o uso político do passado paulista. In: ODÁLIA, N., CALDEIRA, João Ricardo de Castro (orgs). **História do Estado de São Paulo. A Formação da Unidade Paulista. Vol.2 República**. 1 ed. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial; Arquivo Público do Estado, 2010.

<sup>130</sup> WALDMAN, **Op. Cit.** pp. 118-119.

<sup>131</sup> WALDMAN, Thaís Chang. "**A selva escura da história do Brasil**" e o seu "**torrão paulista**": Paulo Prado através da lupa de Capistrano de Abreu. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 61, p. 183-202, ago. 2015.

caracterizado “pelo sentimento de melancolia e desdém pela terra descoberta, predominante nos primeiros povoadores do Brasil, que desejavam retornar ao Reino tão logo fizessem fortuna”. Waldman, observa que ao prefaciar a obra *Informações e fragmentos históricos do padre Joseph de Anchieta, S. J. (1584-1586)*, Capistrano de Abreu identificava os portugueses como "usufrutuários", “pessoas que apenas desfrutam a terra e a deixam-na destruída”. Alcântara foi um leitor intenso da obra, para a qual escreveria notas comentadas no volume de reedição feita após a morte de Capistrano, datado de 1933. No momento em que escrevia *Brás, Bexiga e Barra Funda*, Alcântara estaria em contato direto com esse livro, pois concebia conjuntamente *Anchieta na Capitania de S. Vicente*.<sup>132</sup> Tal sentimento de transoceanismo seria uma contribuição para a tristeza brasileira, diagnosticada por parte de Prado.<sup>133</sup>

A ideia de transoceania, portanto, é diametralmente oposta à de integração. Quando pensamos no enredo de *Brás, Bexiga e Barra Funda* não identificamos esse sentimento atribuído aos ítalo-paulistas. Os sonhos das personagens estão no Brasil: Gaetaninho quer andar de carro pelas ruas do centro de São Paulo, Carmela sonha com um “príncipe encantado” que é brasileiro, Liseta quer o ursinho de uma menina do bonde que, quando sai do lugar, acompanhada de sua mãe, “entra numa casa estilo empreiteiro português”<sup>134</sup>. Dona Bianca sonha com um palacete na Avenida Paulista. A história em que mais se demonstra essa oposição ao sentimento de transoceania é *Nacionalidade*, na qual Tranquillo Zampinetti, italiano que desejava voltar para a Itália no começo da trama, passa a se interessar pelos destinos nacionais do Brasil e nos últimos dias de sua vida tem como parte de ocupação acompanhar as obras do mausoléu da família no cemitério do Araçá. Como vimos, *Brás, Bexiga e Barra Funda* tem duas epígrafes. Uma é um trecho de um documento colonial em que se menciona o documento de um jesuíta que observa São Vicente como uma terra de degredados - o que nos remete à ideia de que os colonos, expulsos de Portugal, tivessem a intenção de voltar.<sup>135</sup> A segunda epígrafe , indica o oposto: “Essa é a pátria dos nossos

<sup>132</sup> Nos informes das páginas finais de *Terra Roxa e Outras Terras* não foram raras as vezes em que se fazia pedidos de revistas e artigos específicos sobre a vida do padre José de Anchieta, ao que tudo indica, por parte de Alcântara.

<sup>133</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>134</sup> MACHADO, A de A., 1927, **Op. Cit.**, p.

<sup>135</sup> A epígrafe retirada de um volume 1595 não contradiz a tese de Oliveira Martins sobre a decadência portuguesa, que teria iniciado depois de meados do século XVI. A geração dos bandeirantes, chegada na década de 1530 com Martim Afonso de Souza não estaria representada, portanto , na observação do jesuíta.

descendentes”, retirada do trecho do discurso do Conde Matarazzo feito em 1926, na ocasião de um banquete oferecido pela colônia italiana à Washington Luis, recém eleito presidente.

Em *Retrato do Brasil* Paulo Prado chegava à conclusão de que não havia interesse, por parte dos portugueses, em estabilizar governo no Brasil por este país ser visto como “degredo ou purgatório”<sup>136</sup>. Um dos fatores do sentimento de transoceania seria a tristeza característica do brasileiro. Como observa Waldman, a

experiência da colonização é marcada, de um lado, por paixões insaciáveis e ausência de sentimentos morais superiores; de outro, pela saudade portuguesa da terra do além-mar. Do que resultou o fato do brasileiro, descendente tropical do português, se revelar mais triste do que seu antepassado lusitano<sup>137</sup>

A segunda epígrafe, que anuncia o Brasil como terra dos descendentes de italianos, apresenta o sentido oposto do degredo, demonstra uma perspectiva de esperança, de permanência e estabilidade na terra de destino. Uma observação, ainda, sobre a caracterização do imigrante no *Artigo de Fundo* é sugestiva: como vimos, o imigrante italiano, em específico, é descrito como um “alegre”<sup>138</sup>. Ao contrário do português degredado e com sentimento de transoceania e saudades do lar, o imigrante italiano seria uma “raça alegre” que juntou-se às três anteriores, “xingadas de tristes” pelos poetas.

Aproveitamos a introdução do conceito de transoceania para apontar a figura de Capistrano, assim como Paulo Prado, interlocutor direto de Alcântara.

#### 2.2.1.1.1. Capistrano

<sup>136</sup> PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. 2. ed. São Paulo, SP: Duprat-Mayença, 1928., p.128.

<sup>137</sup> WALDMAN, **Op. Cit.**, p.119

<sup>138</sup> Então os transatlânticos trouxeram da Europa outras raças aventureiras. Entre elas uma alegre que pisou na terra paulista cantando e na terra brotou e se alastrou (...) MACHADO, A. de A. **Op. Cit.** 1927, p. Duas passagens em que Alcântara fala sobre alegria são sugestivas: “[literatura] alegre quer dizer: saudável, viva, consciente de sua força, satisfeita com seu destino”. Anos depois, quando falava sobre os italianos, Alcântara tratava-os como “Pitoresco, simpático, ufano da bela Itália, satisfeito com a segunda pátria, gesticulante e falante” apesar de apresentar juízo sobre categorias tão distintas como literatura e grupo étnico, essas duas frases, espaçadas em 8 anos, guardam semelhança formal e de conteúdo no que se refere a enumeração de características. Particularmente a associação entre “satisfação com destino” e “satisfeito com a segunda pátria” mostra uma consistente coincidência entre conceito de alegria e a adjetivação do italiano. Menos evidente é a associação entre “consciente da força” e “ufano da Itália” que apresenta uma conotação próxima da altivez, do orgulho, características bandeirantes perdidas pelo paulista durante a sua decadência, segundo Paulística. Cf. Cavaquinho. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 26 de outubro de 1926. p.3. Juó Bananère. **Diário de São Paulo**. São Paulo. 31 ago de 1933.

Capistrano de Abreu é um dos historiadores a quem se deve o retorno da figura positiva do bandeirante.<sup>139</sup> Enquanto na historiografia indianista característica do império os primeiros habitantes do planalto paulista eram retratados como apesadores de índios e

---

<sup>139</sup> FERRETI, **Op. Cit.**, pp. 122 -129.

inimigo dos Jesuítas, Capistrano, ainda no século XIX, passou a valorizar o papel desempenhado por esses “paulistas” no povoamento do território nacional. O início do projeto historiográfico de Capistrano data dos anos 1870-1880, e confluía com os interesses que viam na valorização do povoamento do território um suporte ao elogio da expansão da fronteira agrícola e da ocupação territorial que decorriam da ampliação da malha ferroviária e estavam sendo operadas em São Paulo, como decorrência do plantio de café.<sup>140</sup> Capistrano reivindicava o historiador inglês Henri Thomas Buckle, para quem a história deveria ser vista como o processo de vitória do homem sobre a natureza. Capistrano manteve correspondência e compartilhou reflexões com diversos autores da tradição regionalista paulista como Domingos Jaguaribe, Orville Derby, Teodoro Sampaio e ainda com Euclides da Cunha, classificados por Ferreti como expoentes de uma vertente territorialista de explicação da história paulista e nacional.<sup>141</sup> Mônica Pimenta Velloso lembra que Capistrano de Abreu e Euclides da Cunha, assim como Tobias Barreto, Sylvio Romero e Graça Aranha estavam associados à própria denominação “modernos”, que no Brasil remete às últimas décadas do século XIX. A relação dos imigrantes com os diversos modernismos brasileiros está presente, pelo menos, desde a década de 70 do século XIX<sup>142</sup>, e talvez não se possa mesmo pensar nesses modernismos sem considerar a composição racial do povo brasileiro – e por extensão nos imigrantes.<sup>143</sup> A importância das teorias desenvolvidas nos Institutos Históricos e das ideias referentes à eugenia e embranquecimento da população brasileira pode ser acompanhada pela trajetória de diversos intelectuais pelo menos desde o começo do Império.<sup>144</sup> Como faz Bresciani, Velloso lembra que do mesmo modo deve-se considerar

---

<sup>140</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>141</sup> Estudado tanto por Danilo Ferreti quanto por Antônio Celso Ferreira, Katia Abud e muitos outros. A aproximação da recepção de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha e de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Antônio de Alcântara Machado, pode ser lido como resultado do fundo comum da linguagem geral do discurso representada pela leitura histórica e sociológica de autores como Buckle, por exemplo.

<sup>142</sup> VELLOSO, Monica P. O Modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de A. N. **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 253-385.

<sup>143</sup> Idem, *Ibidem*. Para a visão de Sylvio Romero sobre os imigrantes ver, por exemplo, OLIVEIRA, Fayga Marcielle Madeira de. **Além da Tempestade: identidades latino-americanas e projetos políticos no Brasil no início do século XX**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP 2015, pp.101-103.

<sup>144</sup> Sobre a vasta bibliografia existente sobre esses assuntos, cito alguns mais clássicos, outros que se relacionam mais diretamente ao tema: RAMOS, Jair de Souza, 1995, **Op. Cit.**; ABUD, Katia. **O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições: a construção de um símbolo paulista: o bandeirante**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da FFLCH, USP, 1986; FERREIRA, Antonio Celso, 2002, **Op. Cit.**; NAXARA, 1998, **Op. Cit.**, FERRETI, 2004, **Op. Cit.**; HALL, M.M. **The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914**, tese de doutorado, Columbia University, 1969; HOCHMAN, Gilberto. **Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República**. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. p.23-40. 1996. LUCA, 2011, **Op. Cit.**; SCHWARCZ, Lília Mortiz, **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil**,

nesses escritores o impacto de obras como as de Hippolite Tayne, *Histoire de la literature Anglaise*, de 1863, que definia o país como resultado do meio físico e geográfico, da raça e do momento.<sup>145</sup> Capistrano inseria-se, portanto, no lugar comum das leituras sobre o Brasil das primeiras décadas do século XX, calcadas no tripé “o meio, o homem e a história ou o momento”.<sup>146</sup> Como observa Bresciani, além de Buckle, outros autores participavam desse lugar comum, como o próprio Tayne, Gabriel Tarde, Edouard Desmolins etc. Autores que, como veremos, foram frequentemente citados nas explicações sobre o caráter paulista contemporâneas à escrita de *Brás*.<sup>147</sup> Como observa Danilo Ferretti, Capistrano mobiliza declaradamente alguns desses autores:

Ainda no Ceará natal, Capistrano de Abreu participou, entre 1870 e 1874, da chamada “Academia Francesa”, grupo de jovens intelectuais que difundiam as novas teorias científicas, renovando o ambiente cultural da província. Foi nestes anos que, conforme informaria em correspondência posterior, tivera pela primeira vez a idéia de escrever uma história do Brasil, inspirado pela leitura de autores científicos como Taine, Spencer, Buckle e Agassis e cujas características principais podem ser deduzidas dos seus estudos de crítica literária, escritos ainda no Ceará, em 1874<sup>148</sup>

A centralidade de tais autores nos estudos de Capistrano seria reforçada na polêmica que envolvia o historiador e Silvio Romero, nas décadas de 1870 e 1880, a respeito de uma obra de Couto de Magalhães<sup>149</sup>: Romero defendia que o povo brasileiro era principalmente português e que a sua originalidade deveria ser atribuída à presença do negro na população. O pensador sergipano afirmava que sua oposição à Magalhães era baseada na “filosofia atual”, incompatível com o “romantismo jurídico” de José de Alencar

---

1870, 1930, São Paulo, Companhia das Letras, 1993; SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999; SEVCENKO, 1994, **Op. Cit.**

<sup>145</sup> VELLOSO, **Op. Cit.**, p. 355.

<sup>146</sup> BRESCIANI, M. S. M. Identidades inconclusas no Brasil do século XX – fundamentos de um lugar-comum. *In*: BRESCIANI, M. S. M.; NAXARA, M. (Org.) **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma relação sensível. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. P.399-422.

<sup>147</sup> Capistrano foi uma figura na afirmação da historiografia regionalista paulista produzida entre fins do século XIX e começo do século XX. Seu modo de entender o desenvolvimento das sociedades dialogava com o projeto monárquico anterior a ele e, ao mesmo tempo com republicanos, positivistas e abolicionistas. Sua leitura do passado interessava tanto aos monarquistas que pensavam a integração das diferentes partes do Brasil em torno de um governo centralizado quanto aos republicanos, principalmente paulistas, entusiastas da revalorização do bandeirante, descritos por Capistrano como responsáveis pela abertura de caminhos, fundação de cidades e povoadores do sertão. *Cf* FERRETI, **Op. Cit.**, p.122-123

<sup>148</sup> “ao contrário do que afirmavam os historiadores ligados à elite paulista, para Capistrano a Bandeira não era um fenômeno exclusivo de São Paulo, havendo bandeiras baianas, pernambucanas, maranhenses e paraenses. No episódio das Bandeiras, era fundamental que além da intelectualidade paulista, outros se empenhassem nesse movimento: este papel foi desempenhado por Capistrano.” FERRETI, **Op. Cit.**, p. 140.

<sup>149</sup> Segundo Ferreti, estes autores repetiam uma discussão que se dava em outra instância entre Joaquim Nabuco e José de Alencar Capistrano defendia o indigenismo moderno do autor Couto de Magalhães. FERRETI, **Op. Cit.**, p. 140.

<sup>153</sup>. Capistrano respondia que também fundamentava-se na filosofia atual, em autores como Spencer e Buckle. Discordando de Romero, atribuía a originalidade do brasileiro não à presença do negro, mas à transformação do português operada pelo contato com o meio físico americano e com o indígena.<sup>150</sup> Esse diagnóstico seria reforçado em *O caráter nacional e as origens do povo brasileiro*, de 1876:

A minha tese é a seguinte: o que houver de diverso entre o brasileiro e o europeu, atribuo-o em máxima parte ao clima e ao indígena. Sem negar a ação do elemento africano, penso que ela é menor que a dos dois fatores, tomados isoladamente ou em conjunto<sup>151</sup>

Uma possível ressonância de tal trecho está no *Artigo de Fundo de Brás*:

Do consórcio da gente imigrante com o ambiente, do consórcio da gente imigrante com a indígena nasceram os novos mamelucos. Nasceram os intalianinhos. O Gaetaninho. A Carmela. Brasileiros e paulistas. Até bandeirantes.

Ferretti nota que Capistrano vislumbrava projetos historiográficos que contassem sobre a formação e ocupação de povoamento do território brasileiro.

Há a história das sesmarias, em que ninguém se atreveu ainda a tocar. Há a história das municipalidades, que Lisboa foi o primeiro a entrever. Há a história dos bandeirantes, que jaz esparsa pelos livros e pelos arquivos. Há a história dos Jesuítas (...) Há a história das minas ... (...) Por que ainda não foi escrita a história da Casa da Torre, que começa com Tomé de Sousa e atravessa todo o período Colonial? Por que não se escreveu ainda a história das estradas?"<sup>152</sup>

Como já enunciado, enquanto Alcântara escrevia *Brás, Bexiga e Barra Funda* ele dedicava-se à obra historiográfica *Anchieta na Capitania de S. Vicente*.<sup>153</sup> Esta obra seria vencedora do concurso de monografias da Sociedade Capistrano de Abreu, em 1929. Emery Marques Gusmão, com quem concordamos, afirma que essa obra pode ser vista como uma história da fundação da cidade de São Paulo, por tratar do momento em que São Paulo é elevado à Vila e tem uma Câmara Municipal estabelecida.<sup>154</sup> O trabalho historiográfico de

<sup>150</sup> Idem, p.128

<sup>151</sup> Idem, Ibidem.

<sup>152</sup> Idem, pp.128-9 nota de Ferretti: "O artigo de 1876 é intitulado "O caráter nacional e as origens do povo brasileiro" e está em ABREU, J. Capistrano de. **Op. Cit.** 4ª Série. 1976 p. 3 Os outros três intitulam-se "História Pátria" e estão em Idem, **Op. Cit.** 3ª Série. 1976. p. 103 a 125.

<sup>153</sup> Nas páginas de *Terra Roxa*, em 1926, frequentemente anunciava-se o interesse por revistas e estudos sobre Anchieta - provavelmente por parte de Alcântara, que já estaria compondo sua obra historiográfica.

<sup>154</sup> GUSMÃO, E. M. Alcântara Machado: Ficção e realidade. In FERREIRA, Antonio Celso (org.), MAHL, Marcelo Lapuente. **Letras e identidades: São Paulo no século XX, capital e interior.** São paulo: Annablume. 2008, pp.75-102.

Alcântara, portanto, parece seguir o projeto do patrono da sociedade para a qual submetera sua monografia. Em *Cavaquinho* Alcântara reforçaria seu entendimento de Anchieta como fundador da cidade de São Paulo:

Em janeiro também, dia 20, apareceu *Terra Roxa*. Jornalzinho peralta (...) fez uma cousa de que os seus irmãos de grande circulação e vasta tiragem seriam incapazes: presenteou a cidade com a única relíquia que ela possui *de seu fundador*. (...) a carta de Anchieta que Terra Roxa comprou em Londres com trinta sacas de café paulista. (grifo meu)<sup>155</sup>

Outra proposição de Capistrano que deve ser observada é a de que a história do Brasil deveria ser construída a partir do diagnóstico de “que a luta territorial é a grande, a importante, a fundamental questão, sem a qual nenhuma outra pode ser completamente resolvida.”<sup>156</sup> Como nota Ferreti, Capistrano “transpunha para o terreno historiográfico as teorias do determinismo geográfico que constituíam um dos elementos centrais das novas correntes científicas do período e ponto fundamental do imaginário da modernização brasileira de finais do oitocentos.”

Se o determinismo racial adotado pela elites modernizadoras explicava o atraso do país, a ele viria se juntar um determinismo geográfico, representado num primeiro momento pelas teorias do historiador inglês Buckle, não menos pessimistas. A fórmula deste autor - que afirmava ser a Civilização o resultado da vitória e controle do homem sobre a natureza - acabou se transformando em um dos principais princípios teóricos que orientavam a reflexão das elites modernizadoras. (...) A natureza brasileira, pujante e impositiva, deixava de ser simplesmente um motivo de orgulho nacional, como o fora para a intelectualidade romântica, e passava a ser vista pela intelectualidade científica como um óbice ao progresso na medida em que se acreditava que o seu domínio sobre o homem, no caso do Brasil, explicava a pouca civilização do país. A reversão desta tendência se daria quando o Homem dominasse e se sobrepusesse ao meio físico. Sem a vitória sobre o sertão não haveria civilização e progresso no país. Tratava-se exatamente da “luta territorial” a que fazia menção Capistrano.<sup>157</sup>

Logo após o lançamento de *Brás*, em 1927, Alcântara fazia afirmações que associavam pressupostos de Buckle, como a sujeição do Brasil ao seu meio físico, à um estágio de adolescência. Diz que um dos sentidos de se construir uma literatura essencialmente descritiva e objetiva deriva desse fato e, por fim associa à luta territorial à luta étnica, política e financeira:

---

<sup>155</sup> MACHADO, A. Balanço de fim de ano. **Jornal do Commercio**. 1 de janeiro de 1927.

<sup>156</sup> ABREU, J. Capistrano. “Variedades. Gravetos de História Pátria”, *Gazeta de Notícias*, 9/dez/1881. In Idem, **Op. Cit.** 4ª série. 1976 p. 311, FERRETI, **Op. Cit.**, p. 133.

<sup>157</sup> FERRETI, **Op. Cit.**, p. 133-134.

num país como a França a literatura para se renovar tem necessidade de se agarrar ao ideal. Desprezar o documento. Espiritualizar-se. Valer-se só e só da fantasia. Correndo atrás do inexistente. Porque lá a realidade já está esgotada. Mais que esgotada. Mas aqui não. Nós estamos na puberdade. Período de transformação importante. Não há psicologia assente. Não há nada assente. O ambiente dorme de um jeito e acorda no dia seguinte de outro. Cedo ainda para a literatura de pura invenção. (...) o drama brasileiro é todo objetivo. Ainda não chegamos a esse estado de civilização em que o indivíduo, realizada a obra exterior, se volta para dentro de si mesmo porque o que está lá fora já não interessa mais. Até agora não nos libertamos do ambiente físico. Estamos em luta com ele. No princípio da luta até. Luta étnica. E política. E social. E também financeira. Materialíssima. Materialíssima. Por isso mesmo talvez grandiosamente poética. A história dessa luta e pura poesia ...<sup>158</sup>

A dimensão de registro da realidade prefaciada em *Brás* aparece aqui como decorrência do estágio de evolução do Brasil. Note-se aqui a proximidade das proposições de Alcântara com as dos autores norte americanos Mencken e Sherwood Anderson. Assim como nesses autores registrou-se a objetividade com que mostraram uma sensibilidade nova e um jeito de pensar americano ao mundo, que antes não eram suspeitados, Alcântara, em confluência também com os pressupostos do Manifesto Pau Brasil, mobilizou sua poética do registro para fazer demonstrar um diagnóstico novo sobre o que desenvolvia em São Paulo, no esteio do determinismo geográfico e de visão histórica fundamentada que indicava para um posicionamento político dentro de debates da época de fatura do compêndio de contos.

#### 2.2.1.1.1. Paulo Prado

Já citamos a relação íntima que a obra de Prado guarda com a de Capistrano; *Paulística*, livro de estreia de Paulo Prado que era reivindicado nas páginas de *Terra Roxa e Outras Terras...* foi concebido a partir de troca de cartas com Capistrano de Abreu. Cumpre apontar aqui a origem aristocrática de Paulo Prado, pertencente à poderosa família cafeicultora, uma das mais ricas do Brasil à época. Passou boa parte da juventude com seu tio Eduardo Prado, monarquista, em Paris. Seu pai, o Conselheiro Antônio Prado, foi um dos homens mais poderosos de São Paulo, figura central no governo do fim do império e começo da República, um dos responsáveis pela iniciativa privada de imigração nos últimos anos do Império, quando era Ministro da Agricultura e participou, como sócio majoritário, da Sociedade Promotora de Imigração, responsável pela maior leva de imigração de italianos

---

<sup>158</sup> MACHADO, A de A. PEREGRINO Jr. E. *Uma hora com o senhor Antônio de Alcântara Machado*. O Jornal, Rio de Janeiro, 3/7/1927.

para o Brasil, entre 1885 e 1896.<sup>159</sup> Foi o primeiro prefeito da cidade de São Paulo, entre 1899 e 1911 e via de regra manteve-se à margem da política partidária até 1921, quando, como presidente da Sociedade Auxiliadora de Fornecimento de Braços à Lavoura, mediou um acordo com o governo italiano, a fim de promover a retomada de um fluxo imigratório que ainda não tinha se reorganizado depois da Grande Guerra. Segundo esse acordo, conhecido como *Convenção de Ouchy*, se estabeleceria a retomada da imigração italiana para o Brasil, desde que, dentre outras exigências: os representantes do governo italiano tivessem a liberdade de inspecionar as condições de trabalho e fiscalizar cumprimento dos contratos com os imigrantes no território das fazendas; de que esses representantes tivessem direito de realizar reuniões privadas com os colonos em local de trabalho e dentro de suas residências; de que os proprietários de terra que recebessem os imigrantes italianos se comprometessem a construir escolas para os filhos desses trabalhadores, nas quais teriam aulas de idioma italiano, bem como de geografia e de história da Itália. Os termos do acordo foram entendidos como ameaçadores à soberania do país, o que impediu que a convenção se concretizasse.<sup>160</sup> O Conselheiro Antônio Prado, presidente da Sociedade Auxiliadora, trocou ofensas na imprensa com o então presidente do Estado Washington Luís, que inviabilizou a Convenção suspendendo o subsídio público ao transporte dos italianos.<sup>161</sup> “Antônio Prado

---

<sup>159</sup> Deve-se lembrar que a família Prado aumentou suas posses enormemente no processo de implementação da imigração. O império econômico da família Prado incluía latifúndios cafeicultores, casas exportadoras de café, estradas de ferro e bancos. O clã deteve participação majoritária na Sociedade Promotora de Imigração, iniciativa privada que mobilizava dinheiro público para subsidiar a vinda de imigrantes em fins do século XIX. O Conselheiro Antônio Prado beneficiou seus pares quando Ministro da Agricultura durante o Império, e, antes disso, foi um dos principais incentivadores da vinda de imigrantes, principalmente os italianos, propícios à imigração depois das peijas referentes à unificação desse país. Paulo Prado participou da formação da Sociedade Promotora em 1887, ainda quando contava 18 anos, ao lado de seu pai, o Conselheiro, e seu tio, Martinho Prado, Visconde de Parnaíba. No mesmo ano, participou da organização da Casa Prado-Chaves & Cia., que se transformaria em pouco tempo na mais importante empresa nacional de exportação de café, antes dominada hegemonicamente pelo capital inglês. Cf. SANTOS, Iverson Poletto dos. **A Sociedade Promotora de Imigração e o financiamento público do serviço de imigração - (1886 - 1895)**; Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo, 2007. BERRIEL, 2000, **Op Cit.**, FERRETI, 2010, **Op. Cit.**

<sup>160</sup> CASALECCHI, **Op. Cit.**, p.158; FERRETI, 2004, **Op. Cit.**, pp. 293-294, BERTONHA, João Fábio. O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943. **Rev. Bras. Polít. Int.** 40 (2), 1997. pp. 106-130; TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Ed. Nobel, Instituto Italiano de Cultura, 1989. pp. 268-277; 280-281.

<sup>161</sup> Segundo Casalecchi, o debate travado entre Antônio Prado e Washington Luís ganha força e vai para as páginas do *Fanfulla* “o debate ganha amplitude ao trazer à luz as condições de trabalho dos colonos e as denúncias de recrutamentos e transportes. Nesse aspecto também as baterias se voltam contra o governo. O *Fanfulla*, em irado editorial, expõe as precárias condições de existência dos colonos italianos e provoca a fundação da Liga Defensiva Nacional (que se enquadrava em movimento de maior amplitude da Liga Nacionalista) para não permitir os insultos e achincalhamento aos nacionais, em especial aos fazendeiros de café.” Cf. CASALECCHI, **Op. Cit.**, p.158, nota 65. Na continuidade da questão da imigração italiana nos anos 1920, Antonio Prado e Luís Alves de Almeida procuraram estabelecer acordos informais, no que foram rechaçados pela maior parte dos fazendeiros, bem como pelo governo estadual. Ao longo de 1923, São Paulo voltou atrás e procurou dialogar novamente com o Estado italiano. O industrial Matarazzo, após viagem à Itália, enviou a Mussolini uma carta na qual argumentava a favor

acusava o Presidente paulista de ‘autocrático’ e o responsabilizava por impedir a boa resolução do crucial problema da mão-de-obra.”<sup>162</sup> Anos depois, em 1926, o Conselheiro foi designado como presidente de honra do Partido Democrático, a mais consistente organização política a se opor ao Partido Republicano paulista das primeiras décadas do século XX. Ferreti aborda a atuação política do Partido Democrático para argumentar sobre a construção do passado paulista construída por Paulo Prado. O autor observa que Prado e Washington Luís eram próximos no começo dos anos 1920 e que Prado serviria de veículo para a escrita de uma história sobre *O Caminho do Mar*, que seria construída em convergência com os planos de ampliação da malha rodoviária presente nos objetivos de governo daquele presidente. Poucos anos depois, após o episódio da *Convenção de Ouchy*, Washington Luís passaria a ser atacado por Prado. Ferreti apresenta Paulo Prado como identificado com os pressupostos do Partido Democrático, fundado em 1926, e ao qual não esteve oficialmente filiado - Mário de Andrade esteve desde o primeiro momento e embora não tenha declarado publicamente, Alcântara colaborou com o *Diário Nacional*, jornal oficial desse partido, a partir de 1928. Paulo Prado apontava para a falta de liberalismo por parte dos paulistas, o que não correspondia ao espírito dos primeiros colonizadores.

“Post- Scriptum” de seu principal livro, *Retrato do Brasil*, retornaria ao tema, afirmando: “Sobre este corpo anêmico [o Brasil] (...) tripudiam os políticos. É a única questão vital para o país – a questão política. Feliz ou infelizmente, não há outro problema premente a resolver: nem social, nem religioso, nem internacional, nem de raças, nem graves casos econômicos e financeiros. Somente a questão política, que é a questão dos homens públicos.”<sup>163</sup>

---

da volta de envio de mão de obra ao Brasil, sugerindo a criação de uma “instituição autônoma de colocação dos emigrantes” e apontando as benesses em manter relações comerciais com o Brasil naquele momento. Após negociações que se prolongaram por um ano, fez-se um acordo baseado nos acertos propostos por Prado e Almeida. O texto final do contrato foi enviado ao governo brasileiro em março de 1924, porém acompanhado da condição de ser cedido à Itália um tratamento privilegiado em intercâmbios comerciais. Como a condição não havia sido negociada previamente, o Brasil negou-se a assinar o acordo. Em junho do mesmo ano, o Brasil enviou Rodolfo Crespi, empresário ítalo-paulista de renome, para tratar das negociações com o governo italiano, diretamente com Mussolini e De Michelis. Crespi voltou ao Brasil em agosto, com um projeto parecido com o anterior, que foi imediatamente aprovado pelo então presidente do Estado de São Paulo, Carlos de Campos. No entanto este acordo também não foi ratificado, devido à insistência de contrapartidas comerciais por parte da Itália. Mais tarde, membros importantes do governo italiano vieram a São Paulo procurando retomar as conversações, no entanto, a partir de 1928, a cotação internacional do café sofreu uma drástica queda e a economia paulista assistiu o aumento das pequenas propriedades nas áreas de fronteira, o que terminou por desestruturar ainda mais a política de imigração. Assim, a imigração subsidiada estancou em São Paulo em 1927 para retornar apenas em meados de 30, com pouca expressividade, excetuando-se, evidentemente, a escassa mão de obra clandestina. Cf. TRENTO, **Op. Cit.**

<sup>162</sup> FERRETI, **Op. Cit.**, p.294.

<sup>163</sup> Idem, *Ibidem*, 575; PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**. São Paulo: Cia. das letras; 1997; p. 205.

A conclusão de Prado de algum modo parece ecoar na fala de Tranquilo Zampinetti, no conto *Nacionalidade, de Brás, Bexiga e barra Funda* : “- Do que a gente *bisogna* no Brasil, *bisogna* mesmo, é *d'un buono* governo, mais nada!”. Colocada como uma das últimas falas do último conto, a conclusão de Zampinetti, alinhada ao enredo do conto que protagonizara, apontava para a conclusão de que a questão nacional, no fim das contas, seria questão de escolha de governo. A conclusão de que faltava um bom governo ao Brasil, vinda de um cabo do longevamente situacionista PRP, parece apontar que os governos ministrados por este partido não eram bons e que a nacionalização de Zampinetti converge com seu afastamento do situacionismo, o que seria um indício positivo, como veremos no próximo tópico. Uma das principais críticas feitas ao PRP, por parte dos integrantes do Partido Democrático referia-se à prática do voto múltiplo e da incorporação de imigrantes não enraizados à suas fileiras. Dois pontos associados à figura de Zampinetti, como vimos no primeiro capítulo.<sup>164</sup>

Voltando às considerações sobre o posicionamento político de Paulo Prado, observamos que oposição ao governo, por parte de Prado, foi explicitada primeiramente nos editoriais da *Revista do Brasil*, nos quais, em confluência com os diagnósticos de *Paulística*, criticava o caráter adesista do paulista moderno.<sup>165</sup> Nos seus primeiros editoriais nessa revista, Prado classificava o governo Washington Luís como “ditatorial” e identificava nele o fenômeno do “bovarismo paulista”, descrito como “a capacidade do paulista imaginar-se diferente do que realmente é”. Esse bovarismo explicaria o adesismo do “otimista” paulista contemporâneo. Para Prado, por se imaginar diferente do que eram, os seus conterrâneos eram otimistas e ignoravam seu “atraso” cultural.<sup>166</sup>

---

<sup>164</sup> JANINE, Maria Terezinha. **Desejado e Temido** – preconceito contra o imigrante italiano na Primeira República. Dissertação de mestrado. FFLCH – USP, 1985, p.172.

<sup>165</sup> Ferreti identifica essa conclusão de Prado como compondo um debate maior com intelectuais como Julio de Mesquita Filho e Breno Ferraz, ambos, assim como Prado, oposicionistas ao PRP . Em fins de 1922, Julio de Mesquita Filho escrevia um texto no qual elogiava o paulista contemporâneo e observava valor no desprezo do paulista à política. Associava o afastamento da política militante às grandes realizações desse povo. Diagnosticava a existência de um “imperialismo benéfico” que poderia ser observado por parte do paulista e que se aproximava do norte americano. Breno Ferraz do Amaral, por sua vez, nas páginas da *Revista do Brasil*, respondia à Mesquita divergindo da pouca participação política do paulista: Apontava um retrospecto no qual os cidadãos proprietários de terra seriam tradicionalmente ativos politicamente. Para Ferraz, a abstenção política do paulista era fenômeno recente, decorrente da violência dos processos eleitorais. Prado insere-se no debate aproximando-se de Breno Ferraz do Amaral. Meses depois do texto deste autor, Prado assumiria a *Revista do Brasil*. FERRETI, **Op. Cit.**, pp. 302-314.

<sup>166</sup> FERRETI, **Op. Cit.**, p.302. Outro indício da adesão de Alcântara à visão de Prado expressa em *Paulística* é a proximidade de personagens de *Laranja da China* a este bovarismo. Ver especialmente o *O Patriota Washington*. Emery Marques aproxima a leitura histórica de Paulo Prado à *Laranja da China* em MARQUES, 1995, **Op. Cit.**76-89

Danilo Ferretti identifica no tema da explicação sobre o adesismo paulista, a particularidade de contribuição de Prado em *Paulística*.<sup>171</sup> Como dissemos, nesse livro Prado divide a história paulista em quatro momentos. A ascensão do paulista seria atribuída à contribuição do português aventureiro e independente e dos “hebreus” que viriam de Portugal e se “caldeariam” com o indígena. Do “cruzamento desse índio nômade, habituado ao sertão como um animal à sua mata, e do branco aventureiro, audacioso e forte, surgiu uma raça nova”, os mamelucos paulistas. Essa raça estaria definida em fins do século XVI, o momento de seu auge. Os traços fundamentais do paulista seriam a independência e a insubmissão à metrópole. Tais traços desapareceriam no momento da decadência, no começo do Setecentos. Dentre os principais motivos figuravam a Guerra dos Emboabas, o despovoamento da Vila de Piratininga e a perda das virtudes originais, decorrentes da busca por riquezas.

Se no auge de seu desenvolvimento histórico o paulista se caracterizara como ambicioso, dinâmico, livre e independente, a partir do séc. XVIII ele teria seu caráter modificado pela perda da energia e liberdade primitivas. O paulista degenerado retirou-se para os matos e sedentarizou-se, transformando-se no Jeca Tatu (...) O cabo de tropa bandeirante, de livre e independente, transformou-se em “entusiasta do governo”, antepassado direto daquele que “será hoje o chefe político (...)”<sup>167</sup>

Nas palavras de Prado, “toda a história política de São Paulo, a partir desse nefasto século XVIII de capitania independente, é um lamentável quadro do que é a decadência da liberdade”. Outro traço da originalidade do livro de Paulo Prado em relação à tradição regionalista paulista estaria no diagnóstico do período da regeneração, associada à construção da estrada de ferro Santos- Jundiaí. Tal regeneração não estaria completa, porém.

No traçado gráfico que imaginamos para indicar a evolução histórica e social de São Paulo, a linha de regeneração, a seguir, se bifurca em direções opostas – uma ascende à culminância do progresso material e econômico dos dias presentes, outra conserva-se na horizontalidade em que a abandonou a tirania colonial: é esta a linha dos sentimentos cívicos e políticos do habitante desta província. O passado, dos tempos heróicos do Paulista, ‘amantíssimo de liberdade’, insubmisso diante das ordens de Salvador Correia, impenitente nas lutas seculares contra a Companhia de Jesus, resistindo até a morte no casotrágico dos irmãos Lemes, esse passado desaparecera no período sombrio das administrações fidalgas.<sup>168</sup>

---

<sup>167</sup> FERRETI, **Op. Cit.**, p.302.

<sup>168</sup> PRADO, 2004, **Op. Cit.**, . p.61.

O sentimento de liberdade e de independência do paulista não teriam se recuperado: o adesismo, característico da sociedade paulista da época, seria um índice do quão afastada a população ainda estava do espírito de insubmissão e de independência.<sup>169</sup> A alternativa poderia ser observada em termos políticos, artísticos e culturais, a partir do oposicionismo e, segundo a retórica de Prado, do modernismo.<sup>170</sup> Prado dizia à época que São Paulo, “em questões públicas, divide-se em três grandes grupos: os políticos, os fazendeiros, os indiferentes”<sup>171</sup>. Os indiferentes seriam uma grande parcela da população, dos quais parecem ter sido tirados personagens de *Brás, Bexiga e Barra Funda*: “os recém chegados, os cosmopolitas, os enriquecidos depressa”, “a gente rica brasileira e estrangeira”, “também os epígonos da grandeza passada”, que “tudo aceitam, tudo toleram, tudo aplaudem e só se agitam para correr atrás dos poderosos do dia”.<sup>172</sup>

Como observa Emery Marques, existe uma aproximação entre os diagnósticos do espírito paulista por parte de Paulo Prado e os personagens de *Laranja da China*. Não adentraremos em uma descrição aprofundada dos contos dessa obra: apenas pontuamos que o adesismo, o conformismo, o retraimento e a valorização da Europa e da cultura bacharelesca perpassa a caracterização das personagens principais desses contos, que, situados na cidade de São Paulo, não contam com protagonistas ítalo-paulistas. Dos contos que compõem *Laranja da China* apenas *A Piedosa Teresa*, publicada antes com o nome *A Festa de São Gonçalo*, foi a público enquanto *Brás* estava sendo escrito. Segundo Eduardo Benzatti o título do livro é uma referência à uma paródia, então na moda, sobre os primeiros acordes do hino nacional. Usa como exemplo os versos do poema *O domador*, de Mário de Andrade, publicado em *Pauliceia Desvairada*, que reproduzimos a seguir:

---

<sup>169</sup> Segundo Ferretti, “O tratamento da decadência paulista em Paulística pode ser visto como uma contestação àquele definido pelo “Presidente historiador” no texto Na Capitania de São Paulo, o governo de Dom Rodrigo César de Meneses, publicado em livro em 1918. Nele Washington Luís acabava consolidando um mito de origem perrepista, através da sugestão do renascimento, (“como a fênix das cinzas”) da primitiva liberdade paulista no presente republicano.”

<sup>170</sup> PRADO, Paulo. **O momento**. Revista do Brasil, n° 89, mai. 1923.

<sup>171</sup> FERRETTI, Op. Cit., p. 302.

<sup>172</sup> FERRETTI, Op. Cit., p.303; PRADO, Paulo. **O momento**. **Revista do Brasil**, n° 89, mai. 1923.

Laranja da China, laranja da China, laranja da China! /Abacate, cambucá e tangerina / Guardate! Aos aplausos do esfusiente clown, /heroico sucessor da raça heril dos bandeirantes, / passa galhardo um filho de imigrante, / loiramente domando um automóvel<sup>173</sup>

Acrescentamos à observação de Carmo que a laranja da china também era conhecida como laranja *portucalis*, ou laranja de Portugal. Achamos possível supor que Laranja da China insinue, tanto na obra quanto no poema de Mário de Andrade, uma herança portuguesa legada à sociedade paulista e brasileira - o que, como vimos, conflui com a leitura de Marques e é coerente com o primeiro conto publicado: a festa de São Gonçalo é uma tradição portuguesa que remete aos tempos coloniais. Assim como no prefácio de *Brás, Bexiga e Barra Funda* o imigrante italiano é comparado ao café, “planta também imigrante que veio fundar a riqueza brasileira”, *Laranja da China* usaria a metáfora do desenvolvimento de um fruto estrangeiro que se desenvolve em contato com o ambiente local . A visão sobre uma “raça” que se desenvolve e interação com as condições locais em sua integração com o ambiente se mantém aqui. O nome da revista na qual Alcântara trabalhava, financiada, entre outros, por Paulo Prado, *Terra Roxa e Outra e Outras Terras*, complementa a plêiade de metáforas mesológicas que usamos para o título desse subtópico: Terra Roxa é o nome popular da terra vermelha, fértil, excelente para o plantio do café, característica do interior paulista. Curiosamente ou não ganhou esse nome por um deslizamento fonético: os italianos que chegavam àquelas terras chamavam-na de “Terra Rossa” - terra vermelha, em italiano.

Como já citamos no primeiro capítulo, meses antes de Alcântara publicar *Brás, Bexiga e Barra Funda* ele afirmava em nas páginas do JCSP que o paulista era retraído, não saía de casa e que esse problema já fora muito estudado. O *suelto* comentava a regulamentação do transito de automóveis, proposto para ser visto na Câmara Municipal

Em São Paulo, não se enxerga viva alma nas ruas. O Paulista não sai de casa, e esse seu retraimento já foi comentado e explicado inúmeras vezes. A não ser em certos dias, chamados elegantes, e nesses ainda das quatro às seis horas da tarde e no pequenino trecho da rua Direita que vai da praça do Patriarca à rua Quinze tão somente, o Triângulo tem um movimento apenas sofrível, que se deve a um ou outro Ford que passa, a um ou outro vendedor de jornais que corre...<sup>174</sup>

<sup>173</sup> ANDRADE, Mário. Pauliceia Desvairada. 1922, p.79 APUD CARMO, Eduardo, **Op. Cit.**

<sup>174</sup> NESTA BOA E leal cidade São Paulo...**Jornal do Comercio**. São Paulo. 11 de set. 1924, p. 1.

Concluía afirmando haver “problemas muito mais sérios e muito mais urgentes” que reclamavam a atenção naquele momento, como, por exemplo, o do povoamento.<sup>175</sup> O retraimento do paulista associado ao problema do povoamento da cidade de São Paulo, no comentário de Alcântara.

### 2.1.1.2. Oliveira Vianna

Assim como Paulo Prado, Oliveira Vianna também se opunha ao PRP. Ao contrário de Prado, que criticava o PRP por seu autoritarismo, Oliveira Vianna apontava a inviabilidade do projeto liberal no Brasil, visto por ele como inadequado à realidade local. *Populações Meridionais do Brasil*, de 1920, escrito por Oliveira Vianna, esteve associado ao esforço governamental representado pelo Censo de 1920 - o maior e mais sistemático esforço de contabilização e classificação da população brasileira até então, levada a cabo por Bulhões de Carvalho. *Populações Meridionais* foi a obra que consagrou Vianna como um dos principais intelectuais brasileiros. O pensador fluminense aponta para a ausência de integração social e política na realidade brasileira, marcada pelo princípio da “Insolidariedade”. Defendia um estado centralizado como forma de dirimir uma tendência natural do brasileiro à dissolução. A solução para tal problema, para Vianna, seria a adoção do “Idealismo orgânico” - um conjunto de princípios baseados na realidade brasileira que seriam alcançados a partir do conhecimento histórico. Esse conhecimento, no entanto, seria alcançado distanciando do que considerava o “fetiche do documento”

Os documentos não dizem tudo, não fixam tudo, não apanham todos os aspectos dos acontecimentos; dizem apenas alguma coisa, fixam apenas alguns detalhes (...) esses detalhes que fixam, nem sempre são necessários, essa alguma coisa, que eles dizem, nem sempre contém o sentido íntimo e substancial da realidade<sup>176</sup>

Oliveira Vianna reivindicava a síntese histórica, que segundo Ferreti

remetia-se explicitamente a Henri Beer e sua *Revue de Synthèse Historique*, o mesmo autor que, nestes anos 20, servia de referência aos propósitos de federalismo disciplinar da historiografia renovadora do grupo francês dos *Annales*. De forma original no ambiente brasileiro, Oliveira Vianna propunha um trabalho historiográfico baseado em atividade multidisciplinar, que recriasse um

<sup>175</sup> Danilo Ferreti cita de passagem a visão de um paulista “desconfiado, reservado, soturno e alheio ao contato com gente de fora, imagem esta tão difundida pela literatura de viagem e pelos estudantes da faculdade de direito originários de outras províncias.” Nota que em fins do século XIX tal visão passou a ser mais associada ao caipira. FERRETI, *Op. Cit.*, p.163.

<sup>176</sup> OLIVEIRA VIANNA, F. J. O sentido pragmático do passado *In Revista do Brasil*, 1924, pp. 28-29; *APUD FERRETI Op. Cit.* p. 260

panorama a largos traços da constituição histórica da nacionalidade, procurando romper com a minúcia factual da historiografia do período. Mas, para realizar esta “síntese histórica”, Oliveira Vianna (...), apelou para sociólogos, etnólogos, antropólogos, historiadores e geógrafos, na sua grande maioria ligados às correntes racistas e deterministas da ciência social europeia da passagem dos sécs. XIX para o XX. Assim, estavam presentes em suas páginas elementos do arianismo de Gobineau e Lapouge, da antropogeografia de Le Play e do determinismo de Taine, dentre vários outros. Numa conjuntura em que as teorias raciais começaram a ser contestadas, Oliveira Vianna (da mesma forma que Alfredo Ellis Jr, outro autor do período) não deixou de conferir um papel central ao fator “raça”.<sup>177</sup>

Em *Populações Meridionais* propunha a existência de três “meios cósmicos” a que corresponderiam três tipos populacionais diferentes: o tipo nordestino, associado à caatinga, o tipo gaúcho, associado aos pampas e o tipo matuto, associado às matas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Vianna diz que os primeiros aristocratas de São Paulo viviam uma vida de luxo, com pompas e modos fidalgos nos primeiros séculos da colonização - pelo que foi muito criticado por diversos historiadores, como José de Alcântara Machado, pai de Alcântara. A partir do contraste entre o meio colonial os colonizadores formou-se uma tendência de colonização nos centros urbanos, europeia, e outra voltada para ocupação das zonas rurais, paulista. Aos poucos a aristocracia europeia se ruralizou e dispersou, e as cidades ficaram despovoadas. A partir da ruralização formaria-se uma nova forma social e o surgimento de uma aristocracia rural “entendida como o principal agente de nossa história e na predominância do caráter rural e anti-urbano da formação nacional”. A formação de latifúndios auto suficientes espalhados pelo território formou um isolamento dos núcleos populacionais e uma relação insolidária entre eles. O latifúndio favoreceria uma formação autárquica e desde os tempos coloniais até a introdução do café, o “o latifúndio era capaz de produzir quase tudo o que precisava para se manter em seu necessário isolamento.”<sup>178</sup> O domínio rural implicou na simplificação da estrutura nacional. A auto suficiência do latifúndio impediria a formação do comércio, da burguesia mercantil, das classes industriais ou de classes agrárias solidárias, consequência da diferenças de interesses entre grandes e pequenos proprietários de terra e do isolamento pelo qual estavam submetidos.

Sem quadros sociais complexos; sem classes sociais definidas; sem hierarquia social organizada; sem classe média; sem classe industrial; sem classe comercial; sem classes urbanas em geral; - a nossa sociedade rural lembra um

---

<sup>177</sup> FERRETI, p. 266

<sup>178</sup> Idem, Ibidem

vasto edifício, em arcabouço, incompleto, insólido, com os travejamentos mal ajustados, e ainda sem pontos firmes de apoio.<sup>179</sup>

A descrição dos ambientes e das personagens de *Brás* indicam para o oposto da formação social observada por Vianna na formação do povo brasileiro: as personagens, em geral, pertencem a classes médias urbanas - há menção ao aspecto industrial da cidade direta e indiretamente: o irmão de Gaetaninho dera a ele, de presente, um chapéu palhetinha “que trouxera da fábrica”; a marcação de tempo em *Amor e Sangue* era o apito das fábricas; Em *A Sociedade* o italiano Salvatore Melli era um industrial do ramo têxtil, ex- comerciante. Comerciante também era seu Natale do *Armazém Progresso de São Paulo*, e como vimos no primeiro capítulo quando falamos sobre a figura dos *carcamanos* o comércio aparece recorrentemente ao longo do livro.

Os interesses vinculados ao latifúndio e a insolidariedade rural formariam uma psicologia política no qual o “espírito de clã” prevalecia sobre o interesse coletivo, o que condenava instituições públicas como a Câmara Municipal e o juiz ordinário a serem instrumento de interesses particulares. Os caudilhos rurais diagnosticados por Vianna provocariam a ausência da autoridade política, fazendo prevalecer a “anarquia colonial”. Ferreti observa que nesse ponto Oliveira Vianna diverge das leituras históricas de Américo Brasiliense, Antônio Piza e Washington Luís, que viam nas Câmaras Municipais as origens das instituições liberais paulistas. Vianna buscava, a partir dessa leitura do passado, justificar a defesa de um estado forte e centralizado.<sup>180</sup>

Opositor do liberalismo do PRP, Vianna também recorria ao tema das bandeiras para elogiar os paulistas em termos raciais.<sup>181</sup> Entre 1926 e 1927, ou seja, no exato momento de finalização e produção de *Brás Bexiga e Barra Funda*, Vianna publicava nas páginas do *Correio Paulistano* uma série de textos sobre “o eugenismo paulista”. Como resume Ferreti, o bandeirante confunde-se com o colono do centro-sul e dele pode-se destacar três características: seria um aristocrata em termos sociais, um caudilho “anarquizante” politicamente e um racialmente um ariano, que recusava a miscigenação,

Uma das características da ruralização diagnosticada por Vianna era a posse do latifúndio e o controle social interno. Esse controle

afastava os grupos subalternos de comerciantes, mestiços e negros do mundo da política, concentrando nas mãos do grupo latifundiário o direito de participação nas câmaras. (...) socialmente o bandeirante servia para uma função essencialmente benéfica, uma vez que mantinha a ordem hierarquizada necessária ao movimentadas Bandeiras e à conseqüente expansão do latifúndio.<sup>182</sup>

<sup>179</sup> VIANNA, O. **Populações meridionais do Brasil**. São Paulo: Ed. Monteiro Lobato, 1920. p. 143. *APUD FERRETI, Op. Cit.* 267

<sup>180</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>181</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil**. 2. ed. rev. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2007.p. 248

<sup>182</sup> FERRETI, *Op. Cit.* p.274.

Oliveira Vianna reivindicava o arianismo, que atribuía superioridade ao tipo racial germânico. Pautava-se em autores como Gobineau, Lapouge e Quatrefages.<sup>183</sup> Sua explicação associava a posição social dos indivíduos à sua formação racial. Na opinião deste autor o bandeirante não era um mameluco, racialmente - evitou contato com a gente local mantendo a “pureza” de seu tipo racial.<sup>184</sup> O resultado do contato dos bandeirantes com os locais, quando existia, resultaria em mulatos, divididos entre superiores e inferiores. A grande maioria dos mestiços seria composta pelos inferiores, que tinham predominância da herança negra ou indígena. Estes mestiços teriam “um caráter de instabilidade psicológica crônica”, o que tornava-os avessos à civilização.<sup>185</sup> Os “mestiços superiores” seriam aqueles nos quais prevalecia a herança do tipo ariano. Por isso poderiam desenvolver um “comportamento civilizado semelhante àquele da aristocracia.” A possibilidade de ascensão social viria deste tipo de mestiço. Neste ponto ele divergia do fatalismo de Gobineau, que achava a miscigenação levaria inexoravelmente à degeneração. Divergia também de Alfredo Ellis Jr., Afonso de Taunay de José e António de Alcântara Machado, para quem os bandeirantes seriam mamelucos.

O racismo de Vianna justificava a incapacidade de participação popular na política. As elites de formação racial ariana e aderidas ao “idealismo orgânico”, ou seja, antiliberais, garantiriam ao país a um futuro civilizado. Ferreti cita um projeto de Vianna de escrever uma obra chamada *O Ariano no Brasil*, na qual o estudo do passado colonial seria mais aprofundado.<sup>186</sup> Alguns esboços desse livro, nunca lançado, foram publicados nas páginas do *Correio Paulistano*, jornal oficial do PRP, em uma série de artigos com temas intitulados *Seleção imigrantista e Eugenismo paulista*, publicados durante os anos de 1926 e 1927. O projeto do livro continuaria em 1930, com a publicação de *Raça e Assimilação*.<sup>187</sup> Antes, em *Evolução do Povo Brasileiro* (1922), o autor já apontava que o Brasil tendia a se “arianizar”. Os artigos de 1926 e 1927 - publicados na iminência do lançamento de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, portanto - seriam uma sugestão sobre como “potencializar” ou assegurar a arianização do povo brasileiro.<sup>188</sup> Nesses artigos discutia-se em termos eugênicos

---

<sup>183</sup> FERRETTI, 2004, **Op. Cit.** p.278; BRESCIANI, 2007, **Op. Cit.** p. 252

<sup>184</sup> FERRETTI, 2004, **Op. Cit.** p.278

<sup>185</sup> BRESCIANI, 2005, **Op. Cit.**, pp.265-266.

<sup>186</sup> “Contudo, ao longo dos anos 30 e 40, com o descrédito, no âmbito internacional, das teorias do determinismo racial, acabou abandonando o projeto” Cf. FERRETTI, 2004, **Op. Cit.** , p.281.

<sup>187</sup> FERRETTI, 2004, **Op. Cit.**, p.281

<sup>188</sup> Iberos e Eslavos, 15/8/26; Seleção das matrizes étnicas, 25/8/26; Seleção Imigrantista, 15/9/26; Raça e pesquisas estatísticas, 25/9/26; Key e a hereditariedade mental, 5/11/26; A imortalidade das raças, 25/11/26;

a criação de um tipo brasileiro futuro e do papel da medicina no “melhoramento das raças”, em abordagem que abrangia todas as classe sociais. A importância da seleção dos imigrantes estava no pressuposto de que as elites nacionais seriam formadas a partir dos elementos mais eugênicos de um povo, o que era coerente com a sua visão do passado bandeirante. Para esse autor, afinal, superioridade de uma elite seria “ pura questão de biologia étnica.”<sup>189</sup>

Vianna estabelecia uma relação direta entre seleção de imigrantes, excelência da elite e progresso futuro do país, considerando cada um dos elementos como condição imprescindível para a realização dos demais. Mais uma vez, o autor trazia à tona seu profundo elitismo, o que o impulsionou a escrever quatro artigos em que tratava do caráter altamente eugênico da “elite paulista – porque, como sempre, aqui, como em toda parte, só as elites contam.”<sup>190</sup>

A esta altura observamos outro ponto fundamental do afastamento entre Vianna e Alcântara. Alcântara preocupava-se em abordar e admirava quem abordasse a temática dos mais pobres, menos abastados, e não concebia quadro social que não os contemplasse. Do mesmo modo, José de Alcântara Machado em *Vida e Morte do Bandeirante* chamava atenção ao absurdo dos pressupostos de análise de Vianna, comparáveis ao de um geógrafo que só se interessasse pelo cume das montanhas. Como observa Stella Bresciani, nesses artigos Vianna “deduziria ser da antropologia diferencial em prática o procedimento confiável para estabelecer as características dos componentes raciais de todas as populações.” Alertava para o perigo da aglomeração de negros e mestiços e, embora admirasse a disciplina dos alemães, criticava a difícil dissolução deles no meio brasileiro, embora sua assimilação não fosse tão difícil quanto a do anglo saxão, do sírio e dos judeus. Para Vianna os portugueses seriam os mais assimiláveis, seguidos pelos italianos e espanhóis. O maior problema seriam os japoneses, pela sua “insolubilidade”.<sup>191</sup>

Ao afirmar que São Paulo seria o lugar da superioridade étnica por excelência, Vianna corroborava com a visão de superioridade e liderança paulista. Como observa Ferreti,

o ponto central de todos os quatro artigos girava em torno da idéia de permanência dos caracteres eugênicos da elite paulista, capaz de liderar todo o processo de ocupação do território durante o período colonial, e manter-se “à frente dos principais acontecimentos históricos da nação.”<sup>192</sup>

---

Etnologia das raças bárbaras, 25/12/26; O eugenismo das raças bárbaras, 6/1/27; Raças nacionais e raças históricas, 14/1/27. FERRETI, **Op. Cit.**, p.281

<sup>189</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>190</sup> Idem, *Ibidem*. O trecho citado por Ferreti é de VIANNA, O. **Seleção das Matrizes Étnicas**. Correio Paulistano. São Paulo. 25 de agosto de 1926, p.4.

<sup>191</sup> BRESCIANI, 2005 **Op. Cit.**, pp.280-281

<sup>192</sup> FERRETI, **Op. Cit.**, p.282

Para Oliveira Vianna, a superioridade paulista residia na sua composição racial. Opunha-se, por isso, ao discurso regionalista que atribuía tal superioridade ao caráter de independência e liberdade dos primeiros colonos, tributários de seu isolamento. Na edição de 1927 do livro *O idealismo da Constituição*, Vianna ironizava o recém criado Partido Democrático, que defendia a reafirmação de pressupostos democráticos do regime republicano. Vianna considerava a iniciativa como uma “agitação” característica do legado negativo do bandeirante. Como visto, enquanto Vianna criticava o excesso de liberalismo dos anos 1920, Prado apontava justamente a falta deste liberalismo em seus contemporâneos.

### 2.2.1.3. Alfredo Ellis Jr.

O desprezo de todos os de hoje pelas homéricas tradições que herdamos dos nossos maiores deixa-nos ao sabor do estrangeiro, que nos invade aos milhões, ameaçando engolir os descendentes dos antigos donos da terra de Piratininga. (...) Os novos ricos alienígenas imperam em São Paulo, na sua babilônica algaravia, tendo para adular os filhos da terra, que hoje só cuidam no rasteiro esnobismo de incensar o estrangeiro, desprezando o nacional. (...) Enfim, todas estas dolorosas verdades, que acumulam a ingratidão do presente ao passado, não deixam de formular a pergunta, cuja resposta pela afirmativa se evidencia. Seremos, dentro em pouco absorvidos?<sup>193</sup>

O trecho acima foi retirado da conclusão de *Ascendendo na história de São Paulo*, primeiro texto historiográfico de Ellis Jr., publicado em 1922.<sup>194</sup> O começo do trabalho de Ellis Jr. sobre o passado paulista, no começo dos anos 1920, foi marcado pelo temor em relação à absorção do nacional pelo estrangeiro, decorrente do processo de imigração. Essa atuação teve paralelo com a sua ação, que “temia os efeitos sociais, políticos, culturais e até raciais” da ação do imigrante. Em 1926, um ano antes da publicação de *Brás*, este autor propôs, na Assembléia Estadual, a adoção de medidas voltadas à seleção de imigrantes. Tomava como paradigma os Estados Unidos, que adotavam rigorosas medidas para impedir a entrada de estrangeiros considerados racialmente prejudiciais.<sup>195</sup> Como ainda não era claro quais imigrantes seriam indesejáveis, tomando-se em conta o critério racial, seu projeto propunha um “aparelhamento técnico” destinado a estudar qual ou quais estrangeiros contribuiriam para manter o grau de eugenismo característico dos primeiros paulistas. O

<sup>193</sup> ELLIS JÚNIOR, Alfredo. *Ascendendo na história de São Paulo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1922. APUD Ferreti, *Op. Cit.*, p.320.

<sup>194</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>195</sup> Ferreti 320. Observaremos a política de restrição à imigração estadunidense no próximo capítulo.

critério de seleção não se resumiria às melhores características “raciais”, mas principalmente à capacidade de assimilação cultural e social. O historiador definia assimilação como processo de nacionalização dos estrangeiros.<sup>196</sup> Antes de nacionalização formal e jurídica ou da perda de costumes estrangeiros, Ellis Jr, priorizaria o estrangeiro que se assimilasse:

Assim, para que o imigrante como povoador ou colonizador satisfaça as nossas necessidades não é preciso apenas que ele ou a sua prole percam os característicos da nacionalidade de origem e adquiram ele ou os seus filhos a nacionalidade brasileira; abandonem o seu idioma primitivo de origem, os seus costumes, as suas tradições, etc. [mas que] se deixem assimilar, pelos brasileiros, de modo que dentro de algum tempo, desapareçam os traços de um agente estranho à nossa comunidade nacional, para só se revelar um todo compacto e homogêneo de brasileiros.<sup>197</sup>

Tal assimilação se daria em duas vias: pelos casamentos entre estrangeiros e nacionais e pela educação. Para Ellis Jr, no entanto, o fator mais poderoso para a absorção do elemento estrangeiro seria a educação. O foco das políticas de Estado, segundo Ellis Jr., deveria recair sobre o filho do imigrante. No ano de lançamento de *Brás*, em 1927, Ellis Jr. propunha a criação de uma cadeira de estudo da história paulista em todas as escolas do Estado - o tempo de aula substituiria o destinado à História Universal. A motivação para tal medida seria justamente “conquistar as mentes e corações dos imigrantes e descendentes, incutindo-lhe os valores da paulistanidade, caros ao grupo social dominante”. O autor falava baseado em um compêndio do Colégio D. Pedro II, escrito por Julio Ribeiro, que criticava a ambição bandeirante e o aprisionamento de índios

nós paulistas, cômicos do que foi a nossa epopéia magna, não podemos ensinar aos filhos de italianos, de japoneses, de húngaros, de sírios, de iugoslavos, de alemães, etc., que o bandeirismo foi uma obra satânica. Seria isso fazer obra de falso patriotismo... (...) E foi por isso que pensei em fazer incluir no programa do ensino secundário paulista um ensinamento que visasse a criação de professores destinados a mostrar a esses elementos adventícios que aportaram ao país qual foi o nosso passado, pois isso seria uma grande alavanca de nacionalização desses mesmos elementos heterogêneos de nosso território, os quais precisamos assimilar, e pela educação conseguiremos assimilar muito mais do que pelo cruzamento. Além disso, é preciso que também ensinemos a essas crianças o que foi a grande formação da lavoura de café do Estado de São Paulo, o maior fenômeno agrícola do século passado. Esse fator gigantesco da nossa economia, era preciso ser posto em relevo, de maneira que essa gente adventícia não

---

<sup>196</sup> “Quais os contornos do que se quer chamar assimilação? Quer me parecer que assimilação é o processo pelo qual estrangeiros imigrantes se transformam em nacionais”. Sobre a atuação de Ellis Jr. nos debates sobre imigração ver RAMOS, Jair de Souza.. **O ponto da mistura: raça, imigração e nação em um debate da década de 20**. 1994. Dissertação (mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro, pp. 10-11 e 123-148, RAMOS, 1995, **Op. Cit.** (41-58).

<sup>197</sup> ELLIS JR. Alfredo. **Pedras Lascadas**. São Paulo: Ed. Piratininga; 1933.p. 255. *APUD FERRETI, Op. Cit.*, p.321.

pensasse que a grandeza de São Paulo começou com ela; é preciso que saibam que, antes da imigração, São Paulo já tinha as bases da sua grandeza perfeitamente solidificada (...)<sup>198</sup>

A mesma preocupação era aventada ao se requerer verbas para pesquisa histórica sobre o passado bandeirante:

(...) um auxílio, dado pelo Estado, para a continuação da publicação da grande obra de patriotismo que, já em quadriênio anterior, encetou o dr. Afonso d'Escragnole Taunay, qual seja a 'História Geral das bandeiras Paulistas'. (...) O esforço que a gente de origem puramente paulista tem de despender para a naturalização dessa massa enorme de imigrantes exóticos, é naturalmente formidável (...) e os elementos que São Paulo dispõe, no momento, para esse fim são a educação largamente difundida e o culto à tradição, ao passado, para a conservação da nossa língua, dos nossos costumes, de tudo, enfim (...) para que o ilustre escritor continue a sua obra, que acredito, com o auxílio proposto, possa estudar a grande epopéia até 1700, isto é, até o início da época do ouro<sup>199</sup>

Ferreti identifica o “núcleo do pensamento imigrantista” de Ellis Jr como a mobilização do passado paulista para integrar o imigrante ao sentimento de paulistanidade, intentando torná-lo um nacional e, ao mesmo tempo, demonstrar que “esta integração do imigrante se dava de forma subalterna, uma vez que se procurava difundir que o principal agente da grandeza paulista era o fazendeiro e não o imigrante”.

Ellis Jr. procurava transpor para o terreno simbólico e introjetar na mente dos descendentes de imigrantes a sua inserção socialmente subalterna na comunhão paulista. A lógica simbólica que integrava o imigrante era a mesma que o separava do paulista antigo, do fazendeiro, conferindo-lhe o papel secundário de mero auxílio. Esta lógica dupla se unificava na forma do projeto de assimilação.<sup>200</sup>

Retomaremos o tema do protagonismo paulista no processo de integração do imigrante no próximo capítulo, quando observaremos alguns debates aos quais Alcântara estava inserido no momento da fatura de *Brás*. Em nota, Ferreti comenta que nos estudos imigrantistas de Ellis Jr., um artigo intitulado “Populações de São Paulo”, escreve:

Aos maus brasileiros, aos vesgos (...) parece que a prosperidade e a grandeza paulistas se deve a duas causas principais: a) a proteção deferida a SP por parte da União(...) b) a corrente imigratória estrangeira, principalmente a italiana.” Mais adiante concluía: “Quando os imigrantes em massa aqui aportaram, já

<sup>198</sup> SÃO PAULO, Atas da Assembléia Legislativa Estadual. 1927, pp. 1172, 1173 APUD FERRETI, **Op. Cit.**, p.325

<sup>199</sup> SÃO PAULO. Anais da Assembléia Legislativa. Ano 1926, p. 396 APUD FERRETI, **Op. Cit.** p, 329

<sup>200</sup> FERRETI, **Op. Cit.**325.

encontraram um aparelhamento completo, tendo só lhes demandado um auxílio para a impulsionar com o vigor que a libertação do negro, suprimira da nossa lavoura. Mas quem montou a máquina e a fez inicialmente funcionar foi o paulista.<sup>201</sup>

Aqui não há como não tomar o exemplo de Aristodemo Guggiani, do conto *Tiro de Guerra n° 35* como indicador da capacidade de assimilação do imigrante italiano pela educação. Vimos nesse conto que

No Grupo Escolar da Barra Funda Aristodemo Guggiani aprendeu em três anos a roubar com perfeição no jogo de bolinhas (garantindo o tostão para o sorvete) e ficou sabendo na ponta da língua que o Brasil foi descoberto sem querer e é o país maior, mais belo e mais rico do mundo. O professor Seu Serafim todos os dias ao encerrar as aulas (...) dizia olhando o relógio:

- Antes de nos separarmos, meus jovens discentes, meditemos uns instantes no porvir da nossa idolatrada pátria.

Depois regia o hino nacional. Em seguida o da bandeira. O pessoal entoava os dois engolindo metade das estrofes. Aristodemo era a melhor voz da classe. Berrando puxava o coro.<sup>202</sup>

Como os casamentos entre nacionais e estrangeiros já estariam se realizando, para Ellis Jr. o foco da atuação estatal deveria recair sobre a educação dos imigrados e de seus descendentes. Neste ponto deve-se notar o papel da Liga Nacionalista de São Paulo e da reforma educacional coordenada por Sampaio Dória no começo dos anos 1920 em São Paulo.

Ao manusear os originais de *Brás*, de pronto chama atenção um título que vem riscado logo acima do definitivo *Tiro de guerra n° 35*: “A defesa da Pátria”. “A Defesa da Pátria” pode reverberar o título da revista *A Defesa Nacional*, fundada em 1913, sobre estratégia e filosofia do exército, pensada pelos militares conhecidos como “jovens turcos” - alguns militares de baixa patente que foram enviados por Hermes da Fonseca para fazer um treinamento no exército alemão, entre 1903 e 1912, com o intento de modernizar as forças armadas brasileiras.<sup>203</sup> A Liga de Defesa Nacional, antecessora da Liga Nacionalista de 1916, tomaria o título da revista como inspiração<sup>204</sup>. Tanto a revista quanto a Liga defendiam a instrução primária baseada em valores nacionais e a instituição do serviço militar obrigatório, a ser organizado em núcleos denominado Tiros de Guerra. Esse título,

<sup>201</sup> ELLIS JR. Alfredo. **Pedras Lascadas**. São Paulo: Ed. Piratininga; 1933. p. 177. FERRETI, **Op. Cit.**, p.326.

<sup>202</sup> MACHADO, A.de A. 1927, **Op. Cit.**

<sup>203</sup> DICIONÁRIO da elite política na Primeira República. Verbetes A DEFESA NACIONAL. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/1>. Acessado em 13/12/2016.

<sup>204</sup> O apelido “jovens turcos” foi cunhado devido ao treinamento que parte do exército turco também recebeu dos germânicos. Após tal treinamento as forças armadas desse país promoveram uma reforma republicana no governo, antes gerido segundo preceitos religiosos. Cf SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo:Cia das Letras. 1994, p.381.

associado a um conto que tem em seu enredo um modelo de nacionalismo ensinado no grupo escolar e no Tiro de Guerra parece ecoar pressupostos e objetivos da Liga de Defesa Nacional (LDN).<sup>205</sup> Ainda que Ellis Jr. não tenha se envolvido diretamente na Liga Nacionalista, há de se destacar a confluência de objetivos, entre autor e instituição, em assimilar o estrangeiro a partir da educação escolar.

Voltando às considerações sobre a obra de Ellis Jr, observamos que este autor pronunciava-se publicamente a favor da imigração do Japonês. Seus artigos, reunidos em *Pedras Lascadas*, de 1928, concluíam que os japoneses mostravam-se mais permeáveis à assimilação - ao contrário dos sírios, por exemplo. Como vimos, parte da intelectualidade opunha-se à imigração do elemento japonês, alegando diferença de interesses referentes à cultura e tradição nacionais, à ordem sócio-política e ao predomínio da elite regional. Entre estes contava Oliveira Vianna, que afirmava ser o japonês inassimilável como o enxofre.<sup>206</sup> Como observamos no primeiro capítulo, contemporâneo da escrita de Brás é o conto *A Festa de São Gonçalo*, publicado no primeiro número de *Terra Roxa e Outras Terras* e que seria incluído, posteriormente no livro *Laranja da China*. Na ocasião de uma das festas tradicionais de origem portuguesa que intitulam o conto, feita numa fazenda paulista, é narrado que um japonês participa dos festejos, junto a sua esposa e filhos brasileiros - o japonês pula da roda de festejos, reverencia o santo católico e se recolhe.

---

<sup>205</sup> “A maioria das descrições da Liga de Defesa Nacional (LDN) e da Liga Nacionalista (LN) partem da conferência do poeta Olavo Bilac na Faculdade de Direito de São Paulo em outubro de 1915 (...) Dessa conferência nasceram duas Ligas, que diferiram em sua composição e em empenho para determinados objetivos. A LDN foi lançada oficialmente em setembro de 1916, e se constituía como uma organização de caráter cívico. Foi fundada no Rio de Janeiro, por Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon. Assim como no discurso da Faculdade de Direito de São Paulo, as maiores preocupações da organização seriam a mobilização militar incipiente, em plena Grande Guerra, e a falta de instrução e amor à pátria por parte do cidadão brasileiro. Estiveram presentes e declararam adesão à Liga figuras como o ministro da Guerra, general Caetano de Faria e o Conselheiro Rui Barbosa. Na reunião ficou decidido que o presidente da LDN seria sempre o presidente da República eleito. a LNSP foi fundada numa sala da Faculdade de Direito de São Paulo. As articulações para o início dessa Liga datam da própria ocasião do discurso de Olavo Bilac nesta Faculdade, quando se formou uma comissão responsável por formular uma instituição que promovesse as ideias apresentadas pelo prestigiado poeta naquela noite. A Liga Nacionalista de São Paulo foi fundada oficialmente 25 de janeiro de 1917.<sup>#</sup> Como indica Patrícia Hansen, a LNSP daria mais ênfase na prática da instrução pública e na conseqüente promoção da “efetividade do voto” do que à campanha de alistamento – ao contrário do que aconteceria na LDN, que tinha militares mais engajados em sua direção.” Cf. MOURA, 2014, **Op. Cit.**; HANSEN, Patrícia. Um discurso, duas ligas. Olavo Bilac e a criação da Liga da Defesa Nacional (1916) e da Liga Nacionalista de São Paulo (1916-1924). Trabalho apresentado no VIII Colóquio Tradição e Modernidade no mundo Iberoamericano, realizado em Coimbra em setembro de 2011. In: **Olavo Bilac, ideólogo do nacionalismo brasileiro**. Relatório final do projeto de pesquisa apoiado pelo Programa de Apoio ao Pós-Doutorado no Estado do Rio de Janeiro da CAPES/FAPERJ (09/2010-08/2011), pp.118-132.

<sup>206</sup> BRESCIANI, 2005, **Op. Cit.** p.281.

Em *Raça de Gigantes*, Ellis Jr., concentrou os sua pesquisa na descrição e análise de “aspectos raciais” do bandeirante. Afirmava que os tipos formadores do paulista eram o índio e o português. Dedicou um capítulo de seu livro a afirmar que o negro não fez parte da formação do tipo paulista. Na abordagem racista da época afirmava que a ausência dos negros na formação dos paulistas foi um dos índices de progresso do estado e motivo da superioridade do tipo regional. Dedicou boa parte do livro a provar que o tipo germânico era escasso e quase extinto em Portugal no século XVI - opunha-se assim a Oliveira Vianna, que via no português um tipo eugênico germânico por excelência. Destacava os guaianás como o grupo indígena incorporado na formação do paulista e, por fim, festejava o mestiço do português com o índio guaianá como o mameluco, associado ao bandeirante. Apoiado no antropólogo Paul Broca, Ellis Jr. argumentava que a mestiçagem poderia levar a seres inferiores e estéreis, o que não aconteceria em todos os casos, porém. Chegava à conclusão de que o mestiço paulista seria superior aos de outras regiões do país.<sup>207</sup>

Nos termos da antropologia da época, o mameluco bandeirante seria fruto de uma “sub raça” nova, por criar um tipo original que não retornou a nenhum dos tipos formadores (índio e português), e eugênica, pois dotada em doses elevadas de fecundidade e longevidade. Sem romper com o paradigma racista, Ellis Jr. realizava um elogio da mestiçagem paulista, identificando nela a principal explicação para o progresso de São Paulo e a superioridade do tipo regional.<sup>208</sup>

Em *Raça de Gigantes*, Ellis Jr. dedicava quatro capítulos a mostrar os filtros pelos quais o paulista passou e que teriam sido responsáveis por melhorar suas disposições raciais. Em oposição a Oliveira Vianna, Ellis Jr., assim como José de Alcântara Machado, rejeitava a tese da fidalguia dos bandeirantes nos primeiros séculos da colonização paulista. O esforço de Ellis foi “ressaltar as origens plebéias e burguesas do colono paulista”. Para Ellis Jr. a nobreza portuguesa encontrava-se em “estado de mórbida nevropatia e degenerescência”, consequência dos casamentos consanguíneos. Responsáveis pela condução dos portugueses, a degenerescência da nobreza teria resultado em degenerescência do reino Português e da ausência da aristocracia na ocupação do planalto. Para Ellis Jr., os primeiros colonizadores deveriam ser encontrados “na plebe, na burguesia portuguesa e na nobreza mediana empobrecida de Portugal, em suma, em um grupo composto mas que muito se aproximava

<sup>207</sup> “ao Norte (estados nordestinos ao norte da Bahia e Amazônia) ocorrera uma mestiçagem em que os tipos formados pela junção do índio com o branco, por um fenômeno de atavismo, haviam retornado ao tipo indígena original. No centro (Bahia, Minas e Rio de Janeiro) a mestiçagem se dera entre os tipos negro e branco, formando o mulato, considerado como um tipo mestiço inferior, não somente pela presença do negro mas também por que o autor acreditava que se mantinha fecundo até somente algumas gerações, decaindo então na infecundidade.” Cf. FERRETI, *Op. Cit.*, p. 350

<sup>208</sup> FERRETI, *Op. Cit.*, p. 350

daquelas “classes moyennes” que Tocqueville considerou a origem social dos colonizadores da Nova Inglaterra”. Esses grupos peninsulares seriam os eugênicos, que expulsaram o inimigo muçulmano, formaram o conjunto dos colonizadores e , por fim, compuseram a maior parte do conjunto dos primeiros paulistas. A pobreza desses primeiros moradores foi considerada um fator de depuração dos paulistas. Como já afirmamos, José de Alcântara Machado, pai do autor de *Brás*, ressaltava a pobreza dos primeiros anos paulistas, contestando Oliveira Vianna e afirmando a originalidade paulista em relação à nordestina que, beneficiada pelas correntes marítimas e por sediar a capital da colônia, seria caracterizada como opulenta e luxuosa. A seleção do paulista seria intensificada, além da pobreza, pelas migrações - só os mais fortes migrariam - e pelo meio sertanejo, que limitaria fracos e inadaptados ao ambiente novo. Como tinham a origem plebeia em comum, as divisões sociais existentes em Portugal não seriam reproduzidas em São Vicente.

a plebe e a burguesia peninsulares como acabamos de ver, forneceram a maior parte das correntes povoadoras do planalto além de uns poucos saídos das altas esferas. Vinham eles portanto no regime democrático o mais perfeito, nivelados uns com os outros, pela lei da miséria e da necessidade em que viviam na Europa. Aqui, na colônia, formaram um meio social ‘sui generis’, absolutamente desprovido de castas e até de classes, vivendo todos, os ibéricos e mamelucos, irmanados na mais absoluta igualdade a qual é mostrada pela leitura simples dos documentos de publicação oficial<sup>209</sup>

A origem socialmente democrática da sociedade paulista encontrava paralelo com a experiência colonial norte-americana, conforme a descrevia o pensamento americanista do séc. XIX.

O estado de nivelamento social do planalto, durante esses estágios primeiros, é bem aquele que o historiador Laboulaye, no seu *Histoire des États Unis*, vol. 1, 138, ao descrever a colônia de New Plymouth, pinta com mão de mestre: “. todos irmãos pela fé e pelo sofrimento, iguais de condições e sorte, o que mais poderiam ser, senão uma pura democracia. Não havia ali um chefe guerreiro dividindo a terra entre seus companheiros de armas(...) A igualdade era absoluta entre os peregrinos.”<sup>210</sup>

Ferreti indentifica o americanismo de Ellis Jr. como afastado de Tocqueville e próximo de Laboulaye e do antropogeógrafo francês Edouard Demolins. Ellis Jr. defendia a idéia de um passado colonial democrático por parte dos paulistas , filiando-se a uma tradição perrepista. A origem pobre e igualitária dos colonos reforçaria o valor da meritocracia quando fosse observada a aristocracia paulista contemporânea à escrita do livro. Seria resultado da

<sup>209</sup> ELLIS Jr. A. *Raça de Gigantes*. São Paulo: Editorial Helios Ltda. 1926.

<sup>210</sup> ELLIS Jr. *Op. Cit.*, 1926, p. 314. *APUD FERRETI, Op. Cit.*, p.353.

“capacidade de trabalho” e da “seleção moral”. No lugar de nobreza, tradição e arianismo característicos de Oliveira Vianna, Ellis Jr. apresentava mérito, competição e elogio do mameluco. Para Ellis Jr., São Paulo passaria de democracia social absoluta dos primeiros anos da colônia para uma diferenciação social resultante do *struggle for life*, conceito darwinista social.<sup>211</sup>

Para Ellis Jr., o caráter democrático dos tempos coloniais permaneceria na psicologia política do paulista. A pobreza e o meio rude no qual viviam os primeiros colonizadores geraria um tipo “inculto, ignorante e sem instrução”. Um indício dessas características seria a ausência de literatura ou de arte, incompatível com o período do Renascimento. A religiosidade dos jesuítas era vista como um dos fatores do atraso mental do paulista e como fonte de “seleção regressiva”, por não permitirem que os homens mais inteligentes da colônia se reproduzissem. O atraso intelectual seria agravado pelo isolamento: ideais diferentes não chegariam à colônia. Por outro lado seria animado um sentimento de pátria que foi responsável por episódios de insubmissão à metrópole, como no caso da aclamação de Amador Bueno. O controle português se imporia no século XVIII a partir de Minas. Apesar do respeito à autoridade real ser um traço ibérico, Ellis Jr. ressaltava que o isolamento e a pobreza originaram um governo próprio por parte dos paulistas e conseqüentemente uma transformação de psicologia política. Como observa Ferreti, além de originariamente democrático, pelo compartilhamento da origem plebéia, o paulista aparecia como também originariamente liberal, oposto ao governo da metrópole.

A sua parca população, a sua pobreza de recursos de qualquer espécie, faziam dessa parte elevada da capitania vicentina, um lugar esquecido, e entregue exclusivamente quasi a si mesma, ou ao donatário, que também só cogitava de auferir os lucros aliás, bem magros que o seu feudo com os seus frágeis elementos poderia proporcionar, em comparação com os produzidos pelas capitanias de Pernambuco, Bahia, etc. Ora, isso resultaria para o planalto um governo próprio, com muita independência de ação, exercido por elementos democraticamente tirados do próprio povo, muito raras vezes aí se imiscuindo os poderes centrais, de modo que esse governo autônomo paulista, criou uma mentalidade popular ativa, independente, liberal, que se dirigindo aos governantes da terra de igual para igual, só muito de longe tributava um culto mais aparente e visto do que real, a “S. Magestade el rey Nosso Senhor”(…) <sup>212</sup>

Os paulistas, assim como os estadunidenses, seriam caracterizados a partir da marca de uma política liberal e independente, ao contrário dos povos da região norte, mais próximos da metrópole. Ainda em movimento oposto ao de Oliveira Vianna, Ellis Jr. destaca predominância

<sup>211</sup> FERRETI, **Op. Cit.**, p.354

<sup>212</sup> ELLIS Jr.**Op. Cit.**, 1926, p.229; FERRETI, **Op. Cit.** 2004, p.357.

da pequena propriedade entre os primeiros colonizadores, o que distanciava o bandeirante do tipo norte americano. Esta estrutura fundiária concederia um “espírito comunitarista” ao colono, típico do ibérico, que acompanharia os “atributos de temeridade, audácia, espírito ávido de aventuras e cheio de arrojo”<sup>213</sup> compartilhado com os norte americanos. O paulista aproximaria-se mais do tipo norte americano, enfim, no século XIX, quando o latifúndio cafeeiro transformaria o caráter “comunitarista característico das primeiras comunidades em particularista”.<sup>214</sup> Como nota Ferreti “ Ellis jr. rebatia, nas entrelinhas e sem citar o autor, a caracterização de Paulo Prado sobre a decadência do paulista moderno pela perda de seu espírito de liberdade e independência política”.<sup>215</sup> Antes de decadente, o paulista moderno teria aprimorado as qualidades dos primeiros paulistas.

*Raça de Gigantes* filia-se a uma visão republicana do passado paulista. Opõe-se à crítica de Oliveira Vianna ao PRP. Reforçava que o espírito liberal e democrático do paulista remetia a seus tempos coloniais: “o bandeirante, entendido como paulista antigo, era transformado em símbolo fortemente marcado pelos valores liberais americanistas da energia empreendedora e da liberdade individual frente ao poder estatal. Afirmava a eugenia racial, a sub-raça mameluca, uma origem igualitária do paulista e uma psicologia política livre.”<sup>216</sup> Assim como em Tocqueville, as origens do progresso e da democracia estavam nos períodos coloniais, resultado da “pequena propriedade, igualdade social original, miscigenação racial eugênica, self government representado pelas câmaras, psicologia política livre e democrática”, numa leitura que associava tradição e progresso.

Toda a civilização moderna e liberal democrática que consideravam vicejar na São Paulo dos anos 20, era vista como decorrência única e exclusiva de seu passado colonial bandeirante. Assim, num ambiente de profunda euforia modernizadora, puderam apelar para um símbolo de caráter histórico – o bandeirante – para representar a identidade de toda a coletividade paulista.<sup>217</sup>

#### 2.1.1.4. Grupo do Correio Paulistano

Ferreti identifica um grupo do Correio Paulistano se teria sido criado entre 1917 e 1923, que congregaria pessoas do entorno de Washington Luís. Nesse momento Taunay

<sup>213</sup> FERRETI, *Op. Cit.*, p. 357. ELLIS Jr. A. *Op. Cit.*, 1926, p. 275.

<sup>214</sup> *Idem*, p. 359

<sup>215</sup> *Idem*, p. 358.

<sup>216</sup> *Idem*, p. 359.

<sup>217</sup> FERRETI, *Op. Cit.*, p. 360.

passou a atuar no Correio Paulistano e a coordenar a reforma do Museu Paulista concomitantemente; Cândido Motta Filho se juntaria ao grupo em 1919 e em 1920 Menotti del Picchia assumiria o cargo de “redator político” do jornal. Alarico Silveira tornaria-se Secretário do Interior, responsável pelas iniciativas de cultura e educação do estado. Plínio Salgado passou a trabalhar no Correio em 1921 e em 1923 Cassiano Ricardo e Alfredo Ellis Jr. compuseram também a equipe do jornal. Ferreti aponta o Correio Paulistano como o “principal foco de produção da historiografia sobre o bandeirante nos anos 20”, tomando o lugar do IHGSP, que caía em prestígio.

A formação desse grupo é atribuída ao interesse em difundir uma visão do passado paulista que referendasse o PRP como instituição legítima. Além disso o grupo ajudaria a construir narrativas para as comemorações do centenário da independência e ajudariam a “assimilar uma massa imigrante vista pela elite paulista como triplamente ameaçadora aos valores culturais nacionais, à ordem pública, e ao prestígio social da elite tradicional”<sup>218</sup>

Em 1925 os modernistas que se associariam ao movimento verde-amarelo comporiam este grupo, como Menotti del Picchia e Plínio Salgado, assim como Ellis Jr., que foram eleitos deputados estaduais pelo PRP em 1924, assumindo em 1925<sup>219</sup>; autoproclamavam-se como “nova geração republicana” e apoiavam a maior intervenção do Estado nos conflitos sociais de sua época. Combateriam diretamente o Partido Democrático, reunido em torno das pautas de “liberdade, do voto secreto e da educação popular”. Os verde-amarelos, por sua vez, pautavam suas falas em torno das pautas de “ordem, hierarquia e melhoramento materiais para a ocupação do sertão”<sup>220</sup> Apropriaram-se da oposição entre “idealismo utópico” e “idealismo orgânico”, de Oliveira Vianna - com a diferença de que identificavam o PRP como representante do “idealismo orgânico”, força que uniria a nação.

---

<sup>218</sup> FERRETI, **Op. Cit.** p.329

<sup>219</sup> FERRETI, **Op. Cit.** p.343

<sup>220</sup> Idem, *Ibidem*.

### 2.1.1.5. Arthur Motta, Brenno Ferraz do Amaral

Destacamos nesse subtópico o livro de Brenno Ferraz do Amaral, comentado pelo crítico literário Arthur Motta na série documental a que adentraremos no próximo capítulo.<sup>221</sup> Gostaríamos de apontar as proximidades entre a crítica que Motta faz de *Cidades Vivas* e características da obra *Brás, Bexiga e Barra Funda*<sup>222</sup>. Motta começa seu comentário considerando o valor do estudo dos núcleos urbanos para se refletir sobre o Brasil. A partir destes estudos poderia se observar “leis de desenvolvimento das colmeias humanas” e à “marcha evolutiva” do progresso brasileiro, desde a colônia até a fase então contemporânea de desenvolvimento e intensificação da indústria de transportes.<sup>223</sup>

Para desenvolver seu argumento, cita Le Play e seus discípulos, destacando Henri de Tourville e Edmond Demolins, por melhor associarem-se ao tema que lhe preocupava. A importância dos trabalhos destes intelectuais, junto ao dos historiadores, seria fornecer o cabedal que permitiu aos sociólogos “deduzir princípios gerais e formular leis, acerca dos fenômenos transcendentais relativos aos seres humanos em coletividade.”<sup>224</sup> O cabedal fornecido por Tourville e Demolins seria o estudo da “diversidade dos tipos sociais, as variedades de raças”. O “tipo social” decorreria da interação do ser humano com o meio. A observação “da maneira por que se formam e desenvolvem as povoações”, para Demolins, é de especial interesse para o crítico em questão.

[...] Desmolins explicou a formação e diferenciação dos tipos sociais, a diversidade dos povos e das raças (...) [usando-se da] teoria mesológica, conhecida desde a mais remota antiguidade - nos tempos de Hipócrates e de Diodoro da Sicília [...]. Para Desmolins é a estrada que cria o tipo social, desempenhando a função de poderoso alambique, para transformar e depurar espécies humanas. [...] apresenta muitos outros ou todos os tipos que se observam na superfície do planeta, segundo as vias de comunicação que os conduziram às regiões por eles habitadas, em gerações sucessivas. (...) Ninguém ousa negar ou contestar a influência mesológica na constituição das raças ou dos tipos sociais. O que nos atrai a atenção, no caso vertente, é a maneira por que se formam e desenvolvem as povoações.<sup>225</sup>

<sup>221</sup> MOTTA, Arthur. Semana Literária. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 3 out de 1924, p.3.

<sup>222</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>223</sup> “Quem se propuser a estudar a formação dos núcleos urbanos, em um país novo como o nosso, determinará, com precisão, certas leis de desenvolvimento das colmeias humanas que vemos surgir de um dia para o outro; assim como acompanhará a marcha evolutiva do nosso progresso, desde os tempos coloniais, no período das explorações, até o momento atual, na fase em que se desenvolve e se intensifica a indústria de transportes, para acudir as exigências da expansão agrícola e pastoral. [...] Cf. MOTTA, 1924, **Op. Cit.**, p. 3.

<sup>224</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>225</sup> Idem, *Ibidem*.

Motta tece algumas considerações sobre experiência brasileira de criação de núcleos urbanos, descrevendo sucintamente a sua evolução, para depois fazer paralelos com a sociedade contemporânea. No Brasil Colônia os núcleos urbanos eram associados ao litoral ou aos portos marítimos fluviais, que se tornariam as sedes das Capitâneas, irradiadoras de incursões ao sertão. Da extração de minerais e das primeiras lavouras decorreria o comércio, e dele, por sua vez, as estradas de rodagem e de tropas. Ao longo das estradas de rodagem instalariam-se pousos e tavernas para viajantes. Eventualmente, a partir desses pousos, eram iniciadas vilas e cidades, quando as empresas de exploração de ouro e diamantes se tornavam lucrativas.<sup>226</sup> As vilas e cidades teriam seu crescimento impulsionado, por sua vez, por feiras comerciais. Na sociedade contemporânea à de Motta, as aglomerações urbanas decorreriam também dos caminhos abertos pela humanidade: “estações intermediárias ou terminais das vias de comunicação” ao longo de “estradas de ferro, rios navegantes e boas estradas de rodagem”. Segundo Motta, *Cidades Vivas*, reunião de textos publicados primeiramente n’*O Estado de São Paulo* por Brenno Ferraz, tem o valor de trazer elementos de um estudo analítico, de um inquérito, sobre diversas dessas modernas aglomerações - no caso as dispostas ao longo das linhas férreas Sorocabana e Noroeste.<sup>227</sup> Nas palavras de Motta,

O autor fixou na objetiva de sua capacidade observadora fatos e causas da prosperidade, em relação a cada unidade coletiva ou grupo social por ele visitado, na demorada excursão, ao longo a EF Sorocabana, de Cerquilha a S. Manuel; em Botucatu; No percurso do ramal de Tibagy; Em Lençóis, Agudos e Bauru. Com o mesmo método, estendeu o exame esmiuçador à zona noroeste, regressando até Jaú, pra terminar as suas observações em Barra Bonita.<sup>228</sup>

Motta cita que o autor de *Cidades Vivas* procurava “subordinar o seu trabalho à orientação esboçada por Oliveira Vianna” embora, como reconhecesse o próprio Ferraz, não o conseguira com eficácia. O livro de Breno Ferraz era valorizado, no entanto, pelo “cabedal de elementos provenientes de um estudo analítico, de um inquérito a exemplo dos que Jules Huret realizou, nos Estados Unidos e na Alemanha.”<sup>229</sup>

Ao se refletir sobre a obra futura de Alcântara, parece ser digno de nota que Motta use como metáfora a “objetiva” para falar sobre o olhar e a capacidade de observação de Ferraz do Amaral. Se entendermos “a objetiva” como sinônimo de lente fotográfica ou cinematográfica, observamos que a metáfora da objetiva com o olho é a mesma que

<sup>226</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>227</sup> “[...] ao longo a EF Sorocabana, de Cerquilha a S. Manuel; em Botucatu; No percurso do ramal de Tibagy; Em Lençóis, Agudos e Bauru.[...] estendeu o exame esmiuçador à zona noroeste, regressando até Jaú, pra terminar as suas observações em Barra Bonita.” Cf. MOTTA, 1924, **Op. Cit.**, p.3.

<sup>228</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>229</sup> Idem, *Ibidem*.

Alcântara recorre ao intitular as suas narrativas sobre cidade como *Pathé Baby* - nome de uma filmadora de mão à época. Outros elementos valorizados enquanto interessantes por Motta encontram correspondência com *Pathé Baby e Brás , Bexiga e Barra Funda*: “a narrativa (...) feita com simplicidade e arte”; as descrições “oportunas e de muita sobriedade”; o “método expositivo, clareza, concisão de estilo” ; capacidade de “ver o que olha e narrar o que vê.”

*Cidades Vivas* ia ao encontro da reiterada defesa da prosperidade do imigrante em terras brasileiras que encontra ressonância em diversos textos publicados ao longo de 1924 no *JCSP*. Como veremos, neste momento o governo brasileiro estava em plena negociação com o governo italiano sobre um acordo migratório. Um livro sobre as condições das cidades do interior do Estado de São Paulo corroboraria para a tese que o imigrante italiano prosperava em terras brasileiras. A continuidade do artigo de Motta evidencia ainda mais as convergências entre o que Motta valorizava na obra de Ferraz do Amaral e os objetivos de *Brás, Bexiga e Barra Funda*:

Não há dúvida que o trabalho de Brenno Ferraz constitui uma contribuição valiosa para se estudar **o modo por que se opera a fusão do imigrante ao elemento nativo, no imenso cadinho de solo brasileiro**, sobre a ação vivificante do trabalho, em todas as suas manifestações, desde o desbravar o sertão ou a derrubada das matas virgens, até o máximo progresso urbano<sup>230</sup>. (grifo meu)

Junto à reflexão sobre a fusão do imigrante ao elemento nativo, e a respeito da ação do homem sobre o meio, aparece na crítica de Motta a observação do progresso representado pela expansão da “onda verde” , expansão agrária do território paulista, atribuída à bravura do sertanejo, `a coragem dos fazendeiros e também aos imigrantes, quando cita a “ ânsia de conquista do elemento estrangeiro que vem à procura da felicidade, em rivalidade com os nacionais, estimulados em seu amor próprio e nos brios patrióticos, a ponto de predominarem na operação de caldeamento.”<sup>231</sup> Ao final da leitura, a visão seria positiva: Breno Ferraz reproduzia os ”fatos observados com verdade e sem exageros” e antevia um futuro otimista para o país, decorrente “da iniciativa particular e da luta pela vida”. Nas cidades observadas, Ferraz teria visto sintomas de rejuvenescimento, vitalidade latente e nova energia a despontar”.

## 2. Alcântara no Jornal do Commercio de São Paulo (1924 – 1925)

---

<sup>230</sup> Idem, Ibidem.

<sup>231</sup> Idem, Ibidem.

As informações extraídas a partir da leitura do JCSP, em sua edição paulista, são indícios de importância central para os propósitos desta pesquisa.<sup>232</sup> Como vimos no primeiro capítulo, nesse jornal Alcântara atuou regularmente desde 1923, escrevendo suas impressões sobre teatro. Passou a redigir textos não assinados, que por isso expressavam a opinião do jornal, a partir de agosto de 1924. Entre outubro deste ano e janeiro de 1925 atuou como redator chefe e ao fim desse período externalizou o desejo de escrever um livro sobre os ítalo paulistas. Entre 1924 e 1925, portanto, Alcântara provavelmente gestou a ideia de escrever um livro sobre descendentes de italianos em São Paulo. A expansão da atuação do autor no *Jornal do Commercio* é, portanto, concomitante à provável concepção de *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Considerando a simultaneidade da concepção de *Brás* com as discussões sobre o problema imigratório, recorreremos à atuação de Alcântara no JCSP e ao modo como questões concernentes aos estrangeiros apareciam neste jornal. A partir desse procedimento, tivemos acesso privilegiado às tessituras discursivas com as quais Alcântara interagiu quando teve a ideia de escrever *Brás* e avançamos no nosso objetivo de apontar possíveis sentidos para a integração do imigrante italiano em *Brás, Bexiga e Barra Funda*. Como já ressaltamos, o esforço desta pesquisa é prospectar discursos capazes de servir como indícios para a resposta à pergunta problema aqui colocada, situando o livro num conjunto de diferentes ideias e explorando possíveis motivações, inspirações e/ou diálogos envolvidos na fatura da obra. Ao cotejar as matérias e notícias publicadas neste jornal com os escritos de Alcântara, pretende-se inferir as escolhas que presidiram os alinhamentos, distanciamentos ou oposições do autor. O conjunto dessas inferências, elaboradas como hipóteses, guardam a expectativa de ajudar a entrever um conjunto de possibilidades a respeito da concepção de *Brás, Bexiga e Barra Funda* enquanto ação política de Alcântara, na qual ele responde, afirma, concorda ou discorda de outras posições contemporâneas suas, esperando gerar um impacto calculado em seu público leitor. As limitações desse procedimento acompanham a impossibilidade de se estabelecer a totalidade dos discursos que compunham a tessitura discursiva disponível à Alcântara no momento que concebeu e escreveu sua obra: os discursos que chegaram até nós são difusos, não lineares, infinitamente variados. Os que não chegaram podem fugir aos nossos critérios de probabilidade e verossimilhança.

---

<sup>232</sup> O JCSP foi editado e circulou em São Paulo entre 1915 e 1928, e a atuação regular de Alcântara situou-se entre 1923 e 1927.

*Gaetaninho* foi publicado em 25 de janeiro de 1925. O volume completo de *Brás, Bexiga e Barra Funda* foi mandado ao prelo em janeiro de 1927.<sup>233</sup> Dois anos inteiros, portanto, entre a primeira expressão pública da obra e a sua definição. A série documental selecionada nesta parte do trabalho é composta especialmente por notícias do ano de 1924 e do começo de 1925, o que se justifica por Alcântara enunciar intenção de escrever obra sobre ítalo-paulistas imediatamente após esse período. Esses contos publicados em 1925 não carregam, necessariamente, o sentido da integração do imigrante italiano nos mesmos termos em que este se constituiria posteriormente, na publicação do conjunto que compõe o livro. O interesse na exploração deste conjunto documental reside na apreciação de diferentes discursos - sobre colonização, povoamento, imigração, “conveniência” étnica, em suas modulações ao longo dos meses - aos quais a sensibilidade de Alcântara estava exposta no momento em que concebeu uma obra sobre os descendentes de italianos nascidos em terras paulistas.

Notamos como nas discussões sobre os dilemas da imigração aparecem características que podem ser observadas na composição do enredo e dos contos de *Brás e da Bexiga e Barra Funda* - a centralidade do argumento da língua e dos costumes em comum como fator de assimilação; a recorrência do discurso de que o italiano era proprietário de terras em São Paulo, associado à ambição como característica desejada no imigrante; que o enredo dos contos que apresenta a integração se opõe a ideia fascista de que filhos de italianos também deveriam ser considerados italianos; que o fato de *Brás* ser um livro sobre bairros compostos em sua maioria por estrangeiros e filhos de estrangeiros pode dialogar com a apreensão sobre os imigrantes que iam para as cidades; que a leitura de *Brás* aponta para a transformação do imigrante italiano em contato com os nacionais e com o ambiente - retoma Capistrano de Abreu mas retoma também os textos em que Rangel Moreira falava como os imigrantes que vinham para São Paulo transformavam-se em contato com o meio e a gente paulista. Alemanha e Japão frequentemente eram vistos como países imperialistas ameaçadores, enquanto o regime fascista italiano era colocado em perspectiva. Uma mudança no discurso referente à Itália converge com a radicalização do fascismo e com o momento em que Alcântara assume o JCSP como redator chefe. Nesse período foram

---

<sup>233</sup> “Brás, Bexiga e Barra Funda está prontinho da Silva. Por estes dias vai para o prelo. São dez contos ítalo-paulistas.” Carta de 17 de janeiro de 1927 para Prudente de Moraes, neto. MACHADO, Antônio de Alcântara; MORAES NETO, Prudente de; LARA, Cecília de. **Pressão afetiva & aquecimento intelectual**: cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto. São Paulo, SP: EDUC: Giordano: Lemos. 1997, p.66.

divulgadas trocas de telegramas entre o governo italiano e políticos e industriais brasileiros. As discussões se intensificam a ponto de uma das Sociedades Agrárias de São Paulo declararem que se desinteressavam da imigração italiana.

### 3.1. Perfil do *Jornal do Commercio*

Publicado a partir de novembro de 1915, sob direção de J. Mattos e Mário Guastini, funcionava como sucursal paulista do tradicional *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro. Em 1924, o diretor do *Jornal do Commercio* carioca era Felix Pacheco, que foi Ministro das Relações Exteriores entre 1922 e 1926. Embora datado de 1915, o JCSP reivindicava, também, a sua filiação ao *O Commercio de São Paulo*, órgão que fora comprado para a sua fundação e no qual Guastini trabalhara nos primeiros anos da década de 1900. O JCSP já não era, oficialmente, vinculado ao *Jornal do Commercio* fluminense em 1924, embora Felix Pacheco estivesse entre os sócios da empresa que financiava o periódico.<sup>234</sup> Entre os colaboradores ilustres estavam, dentre outros, Oswald de Andrade, Moacyr de Toledo Piza, Coelho Netto e Alfredo Ellis Jr.<sup>235</sup>

A opinião do jornal era expressa principalmente através de *sultos*, isto é, pequenas crônicas alocadas entre as notícias das primeiras páginas do periódico, sem assinatura.<sup>236</sup> Esses *sultos* faziam as vezes tanto de editorial quanto de comentário, alternando suas temáticas principalmente entre política e necessidades do comércio e da agricultura, sempre em âmbito nacional e internacional. As seções mais frequentes eram: *Telegramas do Exterior*, responsáveis pelas notícias internacionais divulgadas pelas agências de notícias, sempre nas primeiras páginas; *Notícias do Rio, No Congresso do Estado e Câmara Municipal*, que noticiavam atividade parlamentar nas esferas federal, estadual e municipal, respectivamente; *Pela Política*, que informava o trânsito de políticos, visitas aos gabinetes

<sup>234</sup> Ata da assembleia geral Extraordinária da empresa editora d' *O Commercio de São Paulo* aponta como membros que assinaram: “Vicente Ráo, presidente, Aristides Corradin, secretário, Mario Guastini, J. Mattos, Rodrigues & Comp, pp Henrique Dias, dr. José Felix Alves Pacheco pp Henrique Dias, Salvador Crassia Sereno pp Henrique Dias, Luiz G. de Azevedo, A. de Lacerda Franco, Antonio Noschese, Joaquim de Toledo Piza Almeida, Saul Cagy, José lauro da Costa Pereira. Cf. ESTADO DE SÃO PAULO. *Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOSP)*16/05/1923,p.3651. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3807797/pg-3651-diario-oficial-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-16-05-1923/pdf>. Acessado em 13/12/2016.

<sup>235</sup> RAMOS, Roberta Fabron. **Feira das Quintas**: crítica e polêmica nas crônicas oswaldianas. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2008, p. 60.

<sup>236</sup> LARA, Cecília de. Antônio de Alcântara Machado. Uma faceta do cronista: a crônica de espetáculos. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Setor de Filologia. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. (Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992,pp. 345-355.

da presidência ou de ministros, reuniões, alterações de cargo, viagens e informações congêneres; *Teatros e Música*, que informava sobre os espetáculos em cartaz; *Cinema*, que indicava as salas e títulos em exibição; *Gazetilha e Registo*, que comentavam, em tom mais descontraído que um *suelto*, as notícias do dia; *Várias Notícias*, que reproduzia trechos de discursos de políticos ou de outros jornais e comentava assuntos de interesse que não contemplados pelas outras sessões – insere-se em *Várias Notícias* a subsecção *Imprensa Carioca*, frequentemente mobilizada nesse trabalho; *A Sociedade*, que noticiava nascimentos, mortes, casamentos, trânsito de pessoas ilustres e eventos de prestígio; *Pelo Interior* ou *Revista dos Municípios*, que informava sobre outras cidades do Estado; *Desastres e Crimes*, que noticiava assassinatos, atropelamentos, acidentes de trabalho, suicídios e afins; *Parte Jurídica*, que reproduzia despachos, anunciava de substituições de cargo e noticiava questões do âmbito judiciário; e por fim *Publicações a Pedido e Anúncios*, que tinham caráter diversificado, regularmente reproduzindo convocações e atas resumidas das reuniões promovidas pelas sociedades agrícolas paulistas e nacionais, institutos históricos e diversas outras instituições. Além dessas divisões, era frequente a publicação de um romance, na sessão *Folhetim*, em trechos diários, ao rodapé de uma página. *Notas de Arte*, sobre artistas e exposições principalmente do campo da pintura, assim como notícias religiosas e esportivas eram secções menos constantes. Invariavelmente, na primeira página à esquerda, eram publicadas informações, cotações e índices variados sobre café, açúcar, milho, algodão, câmbio e informações congêneres. Nessa mesma parte, eram apresentados os principais fatos internacionais, associados a uma nota, em média de duas linhas por país. Semanalmente era publicada a secção *Só aos Domingos*. A partir do segundo semestre de 1924 foram incluídos os rodapés *Às Segundas* e *A Semana Literária*. Em *A Semana Literária*, Arthur Motta comentava uma seleção de livros recém lançados enviados à redação. Em *Às Segundas*, Mário Guastini desenvolvia um comentário sobre diversos temas, geralmente veiculados no *JCSP* na semana anterior. *Só aos Domingos* trazia textos de diversos autores e charges, principalmente estrangeiras. Os textos mais recorrentes desta sessão eram comentários sobre literatura, pequenos contos, trechos de obras de grandes autores, textos sobre história nacional e estrangeira, crítica de costumes, moda e textos de humor.<sup>237</sup>

### 3.2. Trajetória de Alcântara neste jornal

---

<sup>237</sup> Cecília de Lara também caracteriza o Jornal do Comércio de São Paulo Cf. LARA, C., BARBOSA, F.de A., *Obras*. v.1.São Paulo: Civilização Brasileira, 1982, pp.25-26.

A posição de Alcântara no JCSP foi, de certo modo, privilegiada. Um pedido pessoal de seu pai, José de Alcântara Machado, à Mário Guastini, o introduziu nas redações deste jornal. Guastini afirmava na década de 1940 que foi amigo íntimo de José de Alcântara Machado por mais de 30 anos, e que conheceu Antônio ainda pequeno.<sup>238</sup> A relação de amizade que unia as duas figuras, segundo Guastini, seria descrita na estreia do rodapé *Às Segundas*. O assunto escolhido nessa ocasião foi um elogio a José de Alcântara Machado, “amigo de juventude”, e a Brasília Machado, avô de Alcântara e também jornalista, citado como brilhante orador e ex-chefe na redação do jornal *O São Paulo*.<sup>239</sup>

Antônio de Alcântara Machado publicou pela primeira vez no *JCSP* em 1921, aos 19 anos, ainda aluno da Faculdade de Direito de São Paulo. Como expusemos no primeiro capítulo, no artigo em questão, comentava *Vultos e Livros*, a compilação de história da literatura brasileira promovida por Arthur Motta.<sup>240</sup> Passou a trabalhar para o *JCSP*, efetivamente, em 1923, ao assumir a secção *Teatros e Música*. Eventualmente publicava algum conto ou comentário na seção *Só aos Domingos*. Sua contribuição jornalística ganhou mais espaço durante a segunda metade de 1924, logo depois da Revolução Isidora em São Paulo, portanto. A partir de então passou a redigir sueltos.<sup>241</sup> Mário Guastini partiu em viagem ao Rio de Janeiro entre fins de outubro de 1924 e de janeiro de 1925, deixando a Alcântara a responsabilidade de substituí-lo como redator principal do *JCSP* neste

<sup>238</sup> Em discurso por ocasião do enterro de Alcântara, declarou que “Antonio, como seu pai, era um tímido. Eu sou um dos poucos que o conheceram de perto. Amigo fraternal de seu pai, há mais de 30 anos, conheci Antônio criança (...) desenvolvimento intelectual orgulhava seu pai (...) Lancei-o na grande imprensa. Nos começos de setembro de 1921 fui procurado pelo dr. Alcântara Machado. Vinha, tímido, dizer que seu Antônio vinha de dar alguma coisa. Acabava de escrever trabalho que ele reputava bom. Desejava que o lesse e, se o julgasse publicável, lhe desse lugar no jornal do commercio. Respondi-lhe que não deixaria de ler depois de ... publicado. Em 9 de setembro de 1921 saía o primeiro artigo de Antônio, chamado *Vultos e Livros*. Nesse mesmo ano fora entregue na livraria, com o mesmo título, volume de Artur Mota com o mesmo título sobre imortais da ABL.” GRIECCO, A (et. al). **Em memória de Antônio de Alcântara Machado**. São Paulo: Polai, 1936. Pp.110-111. Quando José de Alcântara Machado morreu, no começo dos anos 1940, a primeira obra de homenagem lançada foi a de Guastini, que comentava a vida de seu amigo publicando algumas das cartas recebidas em diversas ocasiões. A obra trata-se de GUASTINI, Mario. **Alcântara Machado**. São Paulo, SP: [s.n.], 1941.

<sup>239</sup> GUASTINI, Mário. *Às Segundas*. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 01 set de 1924, p.1. Em busca na base Hemeroteca digital da biblioteca nacional chegamos a algumas menções a Mário Guastini citando-no como representante do “S. Paulo”. Cf. EXCURSÃO Presidencial. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1908. Menções à Guastini como integrante no mesmo jornal em 15 de fevereiro de 1908, p.2.

<sup>240</sup> MACHADO, A de A. *Vultos e Livros*. **Jornal do Commercio**. São Paulo: 19 de setembro de 1921.

<sup>241</sup> Alguns dos “suetos” escritos por Alcântara, apesar de não terem assinatura na publicação, foram por ele selecionados, armazenados e assinados num caderno de recortes que tinha a finalidade de compilar sua produção intelectual. O caderno se encontra no fundo Antônio de Alcântara Machado do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo - IEB USP. Os recortes desse jornal foram compilados por Cecília de Lara e Francisco de Assis Barbosa no volume I de “Obras”, série de compilação da produção de Antônio de Alcântara Machado que pretendia ser publicada até o número VII, mas foi encerrada no volume II.

período.<sup>242</sup> Como visto, logo depois publicou *Gaetaninho*, *Carmela*, *Liseta*, partindo na sequência em viagem para Europa, entre março e novembro, de onde enviou, enquanto correspondente, os rodapés *Pathé Baby*. Continuou a escrever crítica de espetáculos e *sueños* até setembro de 1926, quando passou a assinar exclusivamente o rodapé semanal *Saxofone*, que depois passou a se chamar *Cavaquinho* e saía aos sábados. A contribuição de Alcântara ao *JCSP* se encerraria em 1927 e o *JCSP* encerraria sua circulação no ano seguinte.

### 3.2.1 Debate internacional sobre imigração

Da análise do *corpus* documental selecionado, destacamos a repercussão de dois episódios internacionais deram novo fôlego ao tradicional debate brasileiro acerca do povoamento de seu território. São eles o *Johnson-Reed Act*, que entrou em vigor em meados de 1924, e a *Conferência Internacional de Emigração*, realizada em maio do mesmo ano. A repercussão desses eventos retomam e inserem novos elementos aos debates sobre perigo estrangeiro, política imigratória mais adequada à solução dos problemas da lavoura e composição étnica do povo brasileiro.

#### 3.2.1.1. Johnson-Reed Act e os “Atos de Restrição” (1921 -1924)

A *Lei de Imigração de 1924* ou *Johnson-Reed Act* foi uma medida restritiva que proibia e restringia a imigração de determinados estrangeiros nos Estados Unidos. Essa lei foi um agravamento da *Lei de Cotas de 1921*, que limitava a entrada de estrangeiros a 3% do total de pessoas da mesma nacionalidade registradas no censo de 1910. O *Johnson-Reed Act*, mais radical que a *Lei de Cotas*, limitava a emissão de vistos a uma cota fixada em 2% do total de pessoas da mesma origem nacional, recenseadas não em 1910, mas em 1890. Além de diminuir a cota de imigração de 3% para 2%, eram atingidos pelo *Johnson-Reed Act* não só nascidos fora de solo norte-americano (estrangeiros), mas também aqueles que não tinham “origem nacional”. Ou seja, os descendentes de estrangeiros passaram a compor o cálculo. A fixação dessa taxa, ao considerar os descendentes registrados em 1890, privilegiou o acesso de pessoas da Grã Bretanha e Europa Ocidental em detrimento das

---

<sup>242</sup> Provavelmente Guastini foi ao Rio prestar satisfações e testemunhar no inquérito que então apurava os fatos ocorridos durante a Revolução de 1924. “Em fins de outubro de 1924, forçado à viagem que se prolongou por mais de 3 meses, deixei à Antônio a responsabilidade redatorial do Jornal do Comércio, num período delicadíssimo para a vida política de São Paulo e do Brasil” Cf GUASTINI, Mário. Antônio de Alcântara Machado. In: GRIECCO, Agrippino (Coaut. de). **Em memória de Antônio de Alcântara Machado**. São Paulo: Polai, 1936. p.111.

vindas de países da Europa Mediterrânea e do Leste Europeu, que passaram a imigrar em massa para solo estadunidense na década de 1910.<sup>243</sup> A lei foi acusada de ser preconceituosa com os países católicos, como Itália e Espanha, com os árabes e também com os eslavos e judeus da Europa Oriental.<sup>244</sup>

Outra característica do *Johnson-Reed Act* foi a proibição da entrada de pessoas que não pudessem exercer cidadania em solo americano, o que afetou principalmente os japoneses. Em 1907, os governos japonês e norte-americano firmaram informalmente um acordo que ficou conhecido como *Gentleman's Agreement of 1907*, jamais protocolado pelo Congresso dos Estados Unidos. Nesse acordo, ficava estabelecido que o governo japonês não concederia mais vistos para japoneses que quisessem trabalhar nos Estados Unidos. Em contrapartida, os EUA permitiriam que esposas, pais e filhos de imigrantes japoneses que já residissem nos EUA pudessem se juntar às suas famílias em solo norteamericano.<sup>245</sup> Pelo *Gentleman's Agreement*, o Japão ficou excluído da *Asiatic Barred Zone*, divisão geográfica formalizada em 1917 sobre a qual recairia o veto de vistos por parte dos EUA. As tensões entre Estados Unidos e Japão aumentariam até a Suprema Corte dos Estados Unidos especificar que os japoneses estariam entre os imigrantes que não poderiam tornar-se cidadãos.<sup>246</sup> Como o *Johnson-Reed Act* proibiu que fossem emitidos vistos para quem não pudesse ser cidadão, todos os japoneses foram proibidos de entrar nos EUA a partir deste decreto.<sup>247</sup>

Algumas das repercussões diretas destes “Atos de Restrição” podem ser observadas no *JCSP*. Tais repercussões se davam principalmente em eixos que pautavam a discussão sobre os paralelos possíveis entre e Brasil e Estados Unidos e, mais tarde, entre Brasil e Argentina. Quais as motivações da proibição? Que estado de coisas a possibilitou? Qual a

<sup>243</sup> The Immigration Act of 1924 (The Johnson-Reed Act). Office of the Historian, Bureau of Public Affairs. United States Department of State. site: <https://history.state.gov/milestones/1921-1936/immigration-act>, Acessado em 25/03/2017.

<sup>244</sup> Os efeitos da lei indicam o impacto causado na imigração de italianos, por exemplo. Na primeira década do século XX, cerca de duzentos mil italianos entravam nos Estados Unidos por ano. Depois de 1924, esse índice passaria para menos de quatro mil imigrantes. Consultado em Who Was Shut Out?: Immigration Quotas, 1925–1927. History Matters. by the American Social History Project / Center for Media and Learning (Graduate Center, CUNY) <http://historymatters.gmu.edu/d/5078> Consultado em 25 de março de 2017.

<sup>245</sup> Além disso, desenvolveriam políticas para dirimir o preconceito pelo qual passavam os descendentes de japoneses nos Estados Unidos, especialmente na Califórnia, onde tramitavam negociações para instituir escolas especiais para descendentes de japoneses e chineses.

<sup>246</sup> Japanese-American Relations at the Turn of the Century, 1900–1922 . Office of the Historian, Bureau of Public Affairs. United States Department of State. site: <https://history.state.gov/milestones/1899-1913/japaneserelations>. Acessado em 25/03/2017.

<sup>247</sup> NGAI, MAE M. **Impossible Subjects**: Illegal Aliens and the Making of Modern America. Princeton University Press, 2004.

conveniência de abrir os portos aos japoneses, italianos, judeus do leste europeu que poderiam, agora, vir aos milhares para o Brasil? O fato de diferentes levas imigratórias que se destinavam aos Estados Unidos terem sido impedidas em seu objetivo aumentou em muito a expectativa do incremento da oferta de mão de obra para o Brasil. A discussão sobre o povoamento brasileiro não deixara de ser pauta fundamental nas primeiras décadas do século XX, mas foi depois dessas leis retomada com novo fôlego.

### 3.2.1.2. A Conferência Internacional de Emigração (1924)

Como vimos, o *Johnson-Reed Act* iria causar grande impacto na imigração italiana, que encontrava nos Estados Unidos seu principal destino. Tal lei entraria em vigor a partir de junho de 1924. Diante deste cenário, chama atenção que a Itália tenha centralizado as articulações para realizar uma Conferência que reunisse países do mundo inteiro com a finalidade de discutir termos internacionais para políticas bilaterais a respeito da imigração. A Conferência Internacional de Imigração e Emigração foi um encontro internacional realizado em Roma, entre 15 e 31 de maio de 1924 - na iminência da aplicação do *Johnson-Reed Act*, portanto. A Conferência tinha finalidade de “estudar, sob o ponto de vista exclusivamente técnico” problemas sobre emigração e imigração. Entre seus objetivos estava fixar os princípios dos termos e critérios que “pudessem servir de base para a negociação de convenções bilaterais.”<sup>248</sup> A Conferência reuniu 59 comissões - 57 de países participantes, uma do Ofício Internacional do Trabalho e uma última que representava a Liga das Nações.<sup>249</sup>

O evento dividiu-se em quatro seções, que trataram respectivamente das seguintes questões:

1. Transporte de emigrantes, higiene e serviços sanitários;
2. Assistência aos emigrantes antes da partida, durante a viagem, e por ocasião do desembarque, e aos imigrantes nos países de imigração. Assistência especial às mulheres e às crianças. Desenvolvimento da cooperação, da previdência e da mutualidade entre os emigrantes.
3. Medidas recomendáveis no sentido de adaptar a imigração às necessidades de mão de obra nos países de imigração. Colaboração entre os países de emigração e de imigração dos diferentes países (sic)
4. Princípios gerais que deveriam regular os tratados de emigração e imigração<sup>250</sup>

<sup>248</sup> Conferência Internacional de Emigração e Imigração de Roma. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1925. p.51.

<sup>249</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>250</sup> Idem, *Ibidem*.

A primeira comissão<sup>251</sup> buscou ajustar legislação sanitária e procedimentos educativos que garantissem a higiene e a saúde dos imigrantes nos portos de saída e entrada dos países. Sugeriu-se que fossem criados asilos especiais para mulheres nos pontos de embarque e medidas especiais para as mulheres que viajassem sós. Sobre o transporte, foram discutidos procedimentos de melhoria de conforto e higiene, tanto nos transportes ferroviário quanto marítimo. Nessa comissão sugeriu-se, ainda, um futuro Código Sanitário Internacional de Emigração. A comissão italiana propôs que inspetores sanitários interviessem em navios estrangeiros, mas a sua proposta não foi aceita.<sup>252</sup>

A segunda seção recomendou a instalação de asilos e de Hospedarias de Imigrantes, propôs resoluções para a repressão do tráfico de mulheres e crianças, proibiu propaganda em favor da emigração e recomendou aos países de imigração que facilitassem a admissão de estrangeiros nas sociedades de socorros mútuos ou assistência constituídas por nacionais.

Na terceira seção foram votadas resoluções sobre a possibilidade de que países de emigração ou imigração trocassem informações sobre a “situação do mercado de trabalho, as condições de salários e demais informações interessando a emigração e imigração.” Sugeriram a criação de tratados que facilitassem “a colocação dos técnicos e dos intelectuais, segundo as necessidades de cada país de imigração”. A seção em questão expressou ainda o desejo de ver abolida a exigência de passaportes e, por fim, apontou a necessidade de uma carta de identidade padronizada internacionalmente. Sobre as condições de trabalho, foi aconselhado aos países que a prática de retenção de salários fosse regulamentada. Foram determinadas condições para o recrutamento coletivo, “para proteger os trabalhadores dos países de imigração contra a introdução excessiva e inoportuna de mão de obra estrangeira”. Por fim, foi feita uma proposta aconselhando os governos a obrigar-se a punir severamente os que promovessem imigração clandestina.

Durante a quarta seção discutiu-se o significado dos termos emigrante e imigrante, com o fim de permitir o estabelecimento de métodos uniformes de estatística comparada de emigração e imigração. A delegação italiana fez uma proposta que considerava imigrantes

---

<sup>251</sup> Da primeira seção - transporte, higiene e serviços sanitários - participaram Filomeno de Padula e Dr. Alberto Cunha. Da segunda, Deoclecio de Campos e Bandeira de Mello. Da terceira o delegado geral do Brasil, Dr. James Darcy. Da quarta, Dr. Tarquínio de Souza. Cf. BRASIL. **Relatório apresentado ao presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio Miguel Calmon du Pin e Almeida**. Ano de 1924. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1928, p. 615.

<sup>252</sup> Conferência Internacional de Emigração e Imigração de Roma. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1925. pp.51-52.

também os que passavam por outros países ou trabalhavam por jornada. A proposta foi rejeitada e em seu lugar foi aprovado, “com reservas de alguns países”, o texto do qual se segue o trecho:

consideram-se emigrantes ou imigrantes todas as pessoas que deixarem sua pátria em busca de trabalho, ou que vão dedicar-se ao pequeno comércio, ou que vão reunir-se a parentes que já emigraram em busca de trabalho <sup>253</sup>

Ainda nessa comissão, a delegação italiana propôs um projeto de resolução sobre o Estatuto do Imigrante, o que causou divergências. A conferência tinha como fim a estudar questões no sentido técnico, e o Estatuto proposto foi considerado como assunto de ordem política e jurídica. O delegado italiano contra-argumentou que a Conferência não iria assinar convenções sobre a matéria, mas tão somente indicar, de forma consultiva, proposições a respeito da regulamentação da emigração e imigração. Ainda assim, como informa o relatório da comissão brasileira, houve muitas abstenções. O mesmo relatório conclui que “algumas das resoluções votadas visam, de certo modo, influir na legislação, o que explica grande número de abstenções verificadas quando foram sujeitas à votação no plenário”. <sup>254</sup>

Dessa breve descrição da Conferência, retirada principalmente dos relatórios do Ministério das Relações Exteriores e do Ministério da Agricultura referentes ao ano de 1924, chama atenção a iniciativa, por parte da comissão italiana, de propor medidas rejeitadas por extrapolar os princípios reciprocidade e salvaguarda da soberania dos países de imigração. Na primeira seção foi recusada a subida de médicos portuários aos navios que chegavam com imigrantes. Na terceira seção, como veremos adiante, foi recusada a proposta da delegação italiana e espanhola de requerer dos países de imigração dados sobre os cidadãos emigrados. Na quarta e última seção, enfim, a comissão italiana teve rejeitada a sua proposta de definição de imigrante, que abrangeria os estrangeiros que estivessem de passagem por outro país ou que se deslocassem para trabalhos por jornada. Na mesma sessão foi acusada

---

<sup>253</sup> BRASIL, 1928, **Op. Cit.** P.504. Segundo Jair de Souza Ramos, “A conferência de Roma, em especial, traz a primeira definição precisa, no direito internacional, dos termos emigrante e imigrante, tendo desempenhado um papel significativo na constituição de mecanismos administrativos nacionais de tratamento dos imigrantes” Cf. RAMOS, Jair de Souza. **O poder de domar o fraco: construção de autoridade pública e técnicas de poder tutelar nas políticas de imigração e colonização do Serviço de Povoamento do solo nacional no Brasil.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 19, julho de 2003, p. 15-47. A decisão é comentada no JCSP por Mário Guastini em GAMA, Stiumírio. “As Conferências...”. **Jornal do Commercio.** São Paulo, 1º de junho de 1924, p.1

<sup>254</sup> BRASIL. **Relatório apresentado ao presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio Miguel Calmon du Pin e Almeida.** Ano de 1924. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1928. P..57.

de buscar interferir política e juridicamente nos regimentos internos dos países de imigração ao propor o Estatuto do Imigrante.

### 3.2.2. Debate interno a partir do Jornal do Commercio

#### 3.2.2.1. Os contornos de um imigrante ideal e o projeto nº291 de 1923.

Uma das repercussões dos Atos de Restrição norte americanos no Brasil foi a mudança na legislação a respeito da imigração. Em 1921, os deputados Cincinato Braga e Andrade Bezerra propuseram uma lei que proibia a imigração de negros para o Brasil, como resposta a uma suposta iniciativa de imigração de negros norteamericanos, que pretendiam estabelecer-se em colônias no Mato Grosso.<sup>255</sup> Aprovado, o projeto de Braga e Bezerra seguiu para a Comissão de Agricultura e encontrou em Fidélis Reis seu relator.<sup>256</sup> Na apresentação de Fidélis Reis, o relator, foi sugerido um novo projeto, que a exemplo das leis norte americanas proibisse a imigração negra e fixasse uma cota limite anual para a imigração japonesa. Tal cotaseria de 3% sobre o total dessa população então residente no país. O parecer sobre o projeto 291, feito por João Faria, a partir de relatoria de Fidélis Reis, “sobre a proibição da entrada de negros e asiáticos no Brasil”, foi reproduzido no *Correio Paulistano*, órgão oficial do PRP. Sua inclusão neste trabalho se justifica pela sua grande repercussão e por reunir diversas ideias sobre estrangeiros que seriam discutidas ao longo de todo ano de 1924 no *JCSP*.

O parecer apresentado por João Faria, de novembro de 1923, foi publicado em janeiro de 1924 no *Correio Paulistano*<sup>257</sup> Referia-se ao projeto nº291, que proibia

a imigração de pretos africanos parecendo que o móvel dessa iniciativa foi a notícia propalada de que um sindicato americano do norte pretendia comprar uma vasta porção de terras no Mato Grosso, para a fundação de uma colônia com trabalhadores daquela espécie e origem.<sup>258</sup>

Segundo o parecer, ao invés de proibir apenas imigrantes negros, o relator Fidélis Reis preferiu apresentar outro projeto, que “estendesse aquela proibição aos colonos da raça amarela e providenciasse sobre outros aspectos do problema imigratório no Brasil.” Os objetivos do projeto seriam:

<sup>255</sup> IMMIGRAÇÃO. Discussão do importante problema na Câmara Federal - brilhante parecer do dr. João de Faria. *Correio Paulistano*. São Paulo. 30 jan 1924, p.5

<sup>256</sup> Sobre a relação do projeto de Fidélis Reis com os Atos de Restrição norte americanos ver mestrado de Thiago Riccioppo. RICCIOPPO, Thiago. **Inassimiláveis ou prejudicialmente assimiláveis?** Raça, etnia, miscigenação, imigração e trabalho na perspectiva de Fidélis Reis (1919-1934). Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia 2014, especialmente pp.72-105.

<sup>257</sup> IMMIGRAÇÃO. Discussão do importante problema na Câmara Federal - brilhante parecer do dr. João de Faria. *Correio Paulistano*. São Paulo. 30 jan 1924, p.5

<sup>258</sup> Idem, Ibidem.

intensificar as correntes imigratórias para o nosso país (artigos 1º, 2º e 3º), evitar que entrem no território nacional indivíduos que prejudiquem a nossa formação técnica, moral, física (art. 4º) e finalmente proibir a entrada de colonos da raça preta e restringi-la no tocante aos amarelos ( art. 5º).

João de Faria argumentava que as vantagens de uma vasta corrente imigratória de europeus eram óbvias e que o estado de São Paulo foi beneficiado ao “povoar as suas fazendas com italianos do norte.”<sup>259</sup> Tais vantagens, segundo Faria, explicariam o porquê dos cafeicultores paulistas “se baterem (...) desesperadamente pelo restabelecimento da corrente imigratória italiana”.<sup>260</sup> Prosseguia dizendo que não se observou dano aos interesses nacionais com a vinda massiva desses imigrantes, e que o italiano,

porque pertence à mesma raça, falando uma língua muito parecida com a nossa, adotando os os mesmos costumes de família, sectário do mesmo credo religioso, mesclou-se de tal maneira com a população paulista, que o mulhão (sic) de indivíduos da bela península do Mediterrâneo formou conosco um só povo, que vive feliz em uma terra que teve a ventura de receber os melhores dons da natureza.<sup>261</sup>

Ao falar da corrente de imigração espontânea que se dirigia para os estados do Sul, alegava que os imigrantes germânicos e eslavos “transformaram completamente, para melhor as condições de sua [dos estados do sul] economia rural.” Recorria ao influxo do gênio e sangue romanos incutidos naqueles povos ao longo da história para justificar a índole e costumes próximos aos dos brasileiros. Alertava, no entanto, para o perigo latente representado por essas colônias, que seria decorrente

de uma língua tão diversa da nacional, que os obrigam, por conveniência justificável, à formação de agrupamentos, onde o sentimento da pátria brasileira não penetra, porque formam quistos no organismo do país. Desse modo, aumentando cada vez mais a população, assim divorciada dos nossos sentimentos cívicos, teríamos que resolver graves problemas, se o poderio alemão e austríaco não fosse eclipsado pelas armas aliadas no recente conflito europeu. Precisamos providenciar, com medidas positivas, para que as correntes imigratórias desses povos não nos tragam inquietações e não diminuam os laços de fraternidade brasileira<sup>262</sup>

<sup>259</sup> “Não há, no Brasil, quem desconheça as vantagens de uma vasta corrente imigratória de camponeses europeus. Quando o Estado de S. Paulo começou a povoar suas fazendas de café com os italianos do norte tinha uma colheita de 4 milhões de sacas de 60 quilos. Passados alguns anos de forte colonização europeia, atingiu a média de oito milhões. O Estado gastava anualmente quatro a cinco mil contos com a imigração. Pois bem, daí em diante sua receita anual, na coluna relativa ao imposto de saída do café (11% sobre a pauta da quinzena) figurava a cifra média de 24.000:000\$, correspondente a 3\$ sobre cada saca de 60 quilos, quando no regime anterior à imigração a receita média era a [...] [metade]. [...] Como é fácil de ver, o estado gastava 5 contos e recebia uma diferença de 12 mil. Acrescente-se a isso o acréscimo de uma fortuna particular, que passou, em média a ser de 120 mil contos de réis, correspondente ao aumento de 4 milhões de sacas a 30\$. Cf. IMIGRAÇÃO. Discussão do importante problema na Câmara Federal - brilhante parecer do dr. João de Faria. **Correio Paulistano**. São Paulo. 30 jan 1924, p.5

<sup>260</sup> Idem, Ibidem.

<sup>261</sup> Idem, Ibidem.

<sup>262</sup> Idem, Ibidem.

Ao falar sobre os japoneses, o parecerista afirma que esse imigrante não agradou aos fazendeiros paulistas, em virtude de numerosos motivos, começando por ser caro, devido à distância de seu país natal. Além disso, segundo o parecerista

sua língua nos é incompreensível, os costumes são muito diferentes dos nossos, com um aspecto físico pouco atraente, dotado de uma moral que a nosso ver é estranhável e se caracteriza pela falta de cumprimento de seus contratos, o colono japonês, em regra, quando recebe o pagamento, deserta em massa da fazenda, durante a noite. O fazendeiro desconfiou logo desse colono, porque ele não arranjava convenientemente a sua casa. Dormia no chão, com agasalhos de ínfima ordem, não procurava criar galinhas, porcos, não tratava de possuir uma vaca de leite, que é o ideal de todos os colonos, andava a pé para não gastar dinheiro com a compra do cavalo, e o banho era tomado em comum, entre homens e mulheres atirando água um sobre os outros, de modo que a casa, já sem higiene, ficava em petição de miséria. Porque ele não quis arrumar bem a sua casa, com plantações em redor, nem fazer criação de animais domésticos, compreendeu-se muito bem, quando ficou retificado que todo o dinheiro que ganhava foi suficiente [ilegível] compra de terras indo todos para determinados lugares, onde fizeram e estão fazendo vida à parte.<sup>263</sup>

E mais à frente:

O trabalho japonês na fazenda de café mostrou-se ótimo, quer na limpeza da terra, onde está o cafeeiro, quer na colheita dos seus frutos. Entretanto a sua rápida passagem pela fazenda serviu para abrir os olhos dos governantes, de modo a não mais cogitar dessa imigração, desde que em São Paulo de que se precisa é de braços para a lavoura de café e não povoadores do solo, pois o território do Estado está bem povoado e o que há de inculto constitui reserva para o futuro.<sup>264</sup>

Além de apontar tais distâncias culturais e de costumes, o parecer prosseguia dizendo que o imigrante japonês representava perigo. Em seu argumento, o Japão aparecia como uma potência militar em condições de reagir diante de restrições à sua expansão colonial e as tensões com os Estados Unidos atestavam essa capacidade de reação. Afirmava ainda que o japonês, considerado fisicamente, não parecia conveniente para produzir a pretendida “raça brasileira”. Nesse aspecto, as palavras do relator parecem ser eloquentes sobre em que termos se abordava o tema:

Quando se trata de imigrante estrangeiro, como elemento colonizador, o que nos vem logo à ideia é que devemos preferir aqueles que são de boa raça, igual ou melhor do que a nossa, não só para fecundar o solo, como para fazer conosco o cruzamento dos indivíduos, causando-nos grande lucro e com pouco prejuízo para eles. A mesma coisa é o que se aconselha sempre nos domínios da zootecnia, onde se procura o aperfeiçoamento do animal pelo cruzamento com raças de estirpe mais nobre, a fim de que o produto se apresente com melhor aspecto e

---

<sup>263</sup> IMIGRAÇÃO. Discussão do importante problema na Câmara Federal - brilhante parecer do dr. João de Faria. **Correio Paulistano**. São Paulo. 30 jan 1924, p.5

<sup>264</sup> Idem, *Ibidem*

tenha maior valor. Por que razão havemos de proceder de outro modo com a espécie humana? Que o japonês ou o amarelo, em geral, considerado fisicamente, diverge bastante do nosso tipo de raça, parece que não há nenhuma dúvida. O Brasil já foi grande vítima de um vasto cruzamento da boa raça lusitana com os pretos da África para aqui trazidos devido à necessidade do momento. Basta, pois, de prejudicar o sangue com elementos inferiores e tratemos de imitar São Paulo, que, com o caldeamento de italianos, e espanhóis, prepara dia a dia a formação de novo povo, dotado de grande capacidade para o trabalho e belo aspecto físico.<sup>265</sup>

Mais a frente o parecerista apresenta a opinião formalizada das três sociedades agrícolas de São Paulo, representantes da elite cafeeira, que, via de regra, concordavam com a proibição da entrada do imigrante negro e com a limitação de incentivos ao imigrante japonês; corroboravam essa posição avaliações como a do eminente médico eugenista Miguel Couto, também citado no documento, que criticava a imigração de milhares de japoneses para São Paulo, “absolutamente e reconhecidamente inassimiláveis pelos seus hábitos, suas tendências, sua língua, sua religião”. O relato destacado do médico terminava aventando a conveniência de se tomar como lição a experiência e precaução dos Estados Unidos.<sup>266</sup>

Adiante, apresentava argumentos dos defensores da imigração japonesa, rejeitando-os em seguida. Segundo João Faria, os defensores da corrente imigratória nipônica ressaltavam a boa índole do japonês, demonstrada pela ausência de greves protagonizadas por esses imigrantes e pelo seu respeito à autoridade. Os defensores da imigração japonesa lembrariam ainda o dever de fraternidade universal de acolher povos que sofressem do “mal de excessivo agrupamento humano” e a garantia constitucional à “livre entrada de qualquer

---

<sup>265</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>266</sup> “Da Sociedade Rural: ‘Submetido o assunto do seu prezado favor em discussão, de diretoria, em sessão semanal desta sociedade, prevaleceu a opinião, em obediência aos altos interesses da lavoura e ordem geral do país, de haver máxima conveniência na proibição da entrada de imigrantes de raça preta, e quanto à raça amarela, seria tolerável o aumento de proporção sobre a entrada de japoneses, que foram (sic) reconhecidamente agricultores.’ Da Liga Agrícola Brasileira: ‘Quanto à imigração negra, é a Liga Agrícola Brasileira de parecer que se deve proibir ou vedar, de modo absoluto, a corrente imigratória de pretos, sejam de que procedência forem. Quanto à imigração amarela, julga a Liga Agrícola Brasileira deve ser simplesmente permitido, com restrições, a imigração dos amarelos.’ Da Sociedade Paulista de Agricultura: ‘Atendendo e, que as correntes imigratórias de outras raças, que não as de procedência europeia, podem alterar, no futuro, a constituição da raça brasileira, para a Sociedade Paulista de Agricultura é de parecer que se deve evitar as fortes correntes imigratórias de raças que se distanciam do nosso tipo étnico, sem, porém, impedir imigrantes esporádicos de qualquer procedência.’ Miguel Couto: ‘Um país de imigração como o nosso, na altura em que se acha, já está em tempo de cuidar de sua seleção social, não tanto pelo medo do contágio de seus defeitos, como pela necessidade do apuro de suas qualidades. É este um elemento eugênico de primeira ordem na valorização do nosso homem: pois bem. Já houve um grande estado brasileiro que cometeu o supremo crime de introduzir no seu território milhares de asiáticos, absolutamente e reconhecidamente inassimiláveis pelos seus hábitos, suas tendências, sua língua, sua religião e que hão de se tornar, em futuro próximo, a fonte dos maiores dissabores. Tudo nos vem dos Estados Unidos, menos a sua dura lição de experiência feita’ (As alocações do presidente da academia de medicina, 1923).

pessoa em território nacional, com suas fortunas e bens, independente de passaporte”. Faria respondeu a esses argumentos afirmando que, embora boa, a índole do japonês enquanto “homem manso” não seria uma vantagem clara, pois é absolutamente certo que se encontrem muitas opiniões dando preferência ao indivíduo que seja altivo, que promova greves contra as iniquidades da organização social e que não deva respeito à autoridade constituída, desde que ela evidentemente não o mereça. Os que pensam assim estão seguros de que os homens dotados de tal energia concorrem eficazmente para a sua própria elevação moral e benefício do mecanismo da sociedade.<sup>267</sup>

Para Faria, ainda que as características japonesas fossem positivas, elas não compensariam as desvantagens trazidas pela contribuição nipônica. O parecerista insinua que a questão da superpopulação japonesa poderia ser resolvida com a redistribuição de terras no Japão e rebate o argumento constitucional dizendo que a vinda em massa do imigrante japonês poderia consistir numa ameaça aos interesses nacionais e, portanto, seria direito do país proibi-la.

Ao falar dos negros estadunidenses, que inspiraram o projeto original, o orador afirma precisar de menos justificativas, por haver poucos intelectuais que defendessem essa imigração. Faria inicia sua fala abordando a segregação nos EUA, que ele considerava um mau exemplo, por aumentar o “ódio de raça” e expandir a proporção demográfica da população negra daquele país. Afirma em seguida estarem os Estados Unidos dispostos a despendar grandes quantias de dinheiro para fazer com que os negros saíssem de seus territórios. Diferencia, então, os EUA do Brasil, afirmando não haver no nosso país ódio de raça. Para sustentar tal afirmação, questiona o discurso do médico João Baptista Lacerda no Congresso Internacional das Raças de 1911. Lacerda afirmara que a influência da população negra no Brasil não desapareceria antes de um século. João de Faria discordava do médico e dizia que embranquecimento da população estava se dando a olhos vistos, como observava a dra. Gina Lombroso Ferrero, em seu livro *América Meridional*. Para Faria, o “processo eliminador” dos negros do Brasil seria um sacrifício: o povo brasileiro estaria ficando em parte mais feio e mais fraco ao se misturar com os negros para embranquecer o país. Por conta deste ‘sacrifício’, dizia Faria que

a nossa grande dívida para com o preto, que desbravou os nossos sertões, já está paga, até com juros de usura. Que outros povos com sentimentos filantrópicos os recebam, em seu território, para contemplá-los como raça afetiva, no conceito de

---

<sup>267</sup> IMIGRAÇÃO. Discussão do importante problema na Câmara Federal - brilhante parecer do dr. João de Faria. **Correio Paulistano**. São Paulo. 30 jan 1924, p.5

Augusto Comte, ou como dotadas de capacidade industrial na frase de John Grayl.<sup>268</sup>

Ao falar sobre a relação do homem branco com o indígena em solo nacional, Faria aproxima-se do discurso regionalista paulista. Ignorando os indígenas contemporâneos ao seu discurso e localizando-os em um passado longínquo, afirma que o “contato com os silvícolas só deixou traços de justo orgulho. Do seu cruzamento com os portugueses resultou aquela formidável raça dos Bandeirantes, a quem o Brasil deve a vastidão de seu território.”

Por fim, faz considerações sobre a legislação dos países a respeito da imigração para o Brasil. Cita as leis alemã de 1896 e francesa de 1908, que revogaram a proibição de imigração para o Brasil, contrapondo-as ao Ato Prinetti, da Itália, em 1902, que “proibiu o recrutamento de famílias camponesas e o seu transporte gratuito para o Brasil, devido às falsas informações de Adolpho Rossi”. Ao final de seu parecer, o autor opõe a situação da região sul brasileira, tida como de sucesso imigratório, à do norte, cujas vastíssimas regiões e terras férteis estariam sendo subutilizadas pela falta de imigrantes. Propõe por isso um incremento ao povoamento das terras do norte do país, simultâneo ao revezamento de trabalho de colheita entre o sul e o norte. A época de colheita das culturas tradicionais do norte do Brasil seria diferente da época de colheita do café. Em sua proposta, a mão de obra do norte, portanto, poderia ser aproveitada nos cafezais do sudeste, a exemplo do que ocorria com os imigrantes italianos que iam aos milhares para a colheita de trigo na Argentina, voltando logo depois para a época de colheitas na Itália.<sup>269</sup>

Gostaríamos de ressaltar alguns pontos do parecer de João Faria acerca do projeto 291, que apontam para os contornos de uma ideia de imigrante. Qual era o imigrante ideal, para Faria? Destacamos a centralidade da latinidade como critério para a constatação da conveniência. Os italianos e espanhóis são considerados da mesma raça que os brasileiros, ao passo que eslavos e alemães teriam a sua condição de conveniência associada à presença do Império Romano na sua formação como povo. Associado a esse ponto, fica explícita a centralidade da língua como um dos fatores que, junto com religião e costumes, facilitariam a observada “mescla” do povo italiano. Esse aspecto seria ressaltado com a identificação da língua como obstáculo à assimilação, tanto por imigrantes japoneses quanto por alemães e eslavos. Desse ponto deriva a associação do alemão com a não internalização do “sentimento da pátria” brasileiro. Além disso, é notável a importância atribuída à beleza e à capacidade de atração física quando se considera a conveniência do imigrante. Ao rejeitar a imigração

---

<sup>268</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>269</sup> Idem, *Ibidem*.

de japoneses, Faria afirma que o Brasil precisava de mão de obra, e não de povoadores, e que a mansidão e subserviência do japonês poderiam não ser características necessariamente positivas. Ambas as afirmações saltam aos olhos por por destoar do conjunto dos discursos que veremos adiante. Ressaltamos ainda a explícita expectativa de branqueamento da população e da eliminação da contribuição da “gente preta” do conjunto racial brasileiro, e como esse ponto era tratado como “sem oposição” por parte de Faria. Por fim, destacamos a possibilidade de revezamento de mão de obra entre norte e sul do Brasil seguindo o regime de colheitas. Os critérios elencados por Faria aproximam-se dos percursos narrativos de integração do italiano nos contos de *Brás* que observamos no primeiro capítulo: o fundo “racial” compartilhado, a língua próxima que se mistura rápido, religião e costumes familiares em comum entre as duas culturas, a beleza, se tomada como índice da capacidade do imigrante se mostrar atraente ao paulista. Acresça-se a este ponto a rejeição de integração do imigrante alemão. O discurso de Alcântara se afasta do parecer de Faria na abordagem de uma possível imigração japonesa em *Brás* e explícita em *A Festa de São Gonçalo*, escrito no começo de 1926 para *Terra Roxa e Outras Terras* e depois publicado como *A Piedosa Teresa em Laranja da China*. Como vimos, nesse conto o japonês com “mulher e filhos brasileiros” participa da tradicional festa de origem portuguesa, entrando nos festejos e reverenciando o santo católico.

O imigrante ideal que formamos a partir do parecer sobre o projeto 291 é latino, “bonito”, “atraente”, cristão, essencialmente um trabalhador braçal, e, por fim, não necessariamente manso e subserviente - ainda que pese nesse último aspecto a força retórica empregada na recusa dos argumentos em favor da imigração japonesa. A imigração tem por finalidade embranquecer a população e fornecer braços à lavoura antes de povoar o solo. O imigrante italiano, em especial os do norte, seriam desejados pelos paulistas “com razão”, e à mão de obra dessa origem é creditado o aumento do rendimento da safra paulista

Quando o Estado de S. Paulo começou a povoar suas fazendas de café com os italianos do norte tinha uma colheita de 4 milhões de sacas de 60 quilos. Passados alguns anos de forte colonização europeia, atingiu a média de oito milhões<sup>270</sup>

O imigrante alemão, embora tenha transformado “para melhor” a economia da região Sul, se enquistaria por causa da barreira da língua e era um perigo em potencial. Os japoneses, embora subservientes, mansos, bons trabalhadores, não se fixavam nas fazendas, não eram higiênicos e, assim como os alemães pertenciam a uma potência militar - a

---

<sup>270</sup> Idem, *ibidem*.

dimensão militarista e imperialista do fascismo em ascensão na Itália é ignorada em absoluto. Os conflitos diplomáticos entre Japão e Estados Unidos, que aumentavam desde que o *Gentleman's Agreement* fora encerrado e o *Johnson-Reed Act* promulgado, deveriam servir de alerta ao Brasil a respeito da índole nipônica. Os negros, vistos de forma francamente preconceituosa e racista, estariam desaparecendo aos poucos pelo processo de embranquecimento da população e retardando o aperfeiçoamento do brasileiro, pois eram tidos como o oposto da “beleza da forma humana, (...) robustez do corpo e beleza de espírito”. O indígena contemporâneo ao parecer era ignorado, visto como elemento do passado, “que só deixou traços de orgulho” e que ajudou a compor “a raça dos bandeirantes.”

Alguns destes pontos, que dialogam com a análise de *Brás, Bexiga e Barra Funda* feita no primeiro capítulo, serão retomadas a seguir em considerações elogiosas ou negativas expressas a respeito de imigrantes de origens diversas.

### 3.2.2.2. Imigração: “velho e batido”, mas ainda “nosso maior problema”

Nenhum problema, para nós, tem tanta atualidade e interesse quanto o problema da imigração (...) [e do] povoamento das zonas férteis (...) A questão é não esquecer que somos um povo em formação e que não devemos complicar o caldeamento introduzindo gente que resista à fusão. [...]

Vigiem os que entram e nos oferecem seus braços.

Todos os escrúpulos serão bons, defendendo a nação (...), evitando a importação de indivíduos perigosos e inadaptados.<sup>274271</sup>

*Suelto, Jornal do Commercio de São Paulo, 13 jun 1924*

O assunto é velho e batido, mas não importa, sempre oportuno! queremos nos referir ao problema imigratório (...)

Qual a imigração que nos convém? Como localizá-la? Devemos afastar ou não os elementos asiáticos que já começam a se deslocar em procura de nossas terras? Como realizar, com energia e felicidade, a assimilação? Que forças contamos para esta obra, da qual deve sair nossa Nação Unida, decidida, com um único pensar e sentir, isentas dos esfacelamentos e contrastes cavados pela antipatia de raças? Tudo isso são pontos que se enquadram na tese da migração estrangeira.<sup>272</sup>

*Suelto, Jornal do Commercio de São Paulo, 19 ago 1924*

Aí estão delineados os três problemas capitais para o Brasil - seleção, distribuição e assimilação dos imigrantes.<sup>273</sup>

*Arthur Motta, Semana Literária. Jornal do Commercio. São Paulo, 4 de setembro de 1924*

As epígrafes acima, retiradas das páginas do *Jornal do Commercio* no ano de 1924, apresentam pontos centrais na discussão a respeito da imigração. Como observamos no capítulo 2, essa discussão atravessou a década de 1920, frequentemente associada a discursos sobre o passado paulista. A questão do problema imigratório e, portanto, do povoamento e da composição do povo brasileiro, estava pautada pelo menos desde meados do século XIX, e constituía um lugar-comum no horizonte do conjunto das análises sobre o Brasil quando *Brás, Bexiga e Barra Funda* foi concebido. Ainda que eventualmente seja necessário recorrer a algumas linhas desses debates, retomar o vasto conjunto das visões sobre o povoamento e

<sup>271</sup> NENHUM PROBLEMA... . *Jornal do Commercio*. São Paulo, 13 de junho de 1924, p.1.

<sup>272</sup> O ASSUNTO é velho e batido...*Jornal do Commercio*. São Paulo, 19 de agosto de 1924,p.2.

<sup>273</sup> MOTTA, Arthur. *Jornal do Commercio*. São Paulo, 4 de setembro de 1924, Semana Literária. p.3.

colonização no Brasil e em São Paulo extrapolaria os limites do recorte proposto por essa pesquisa.

### 3.2.2.3. Possibilidade de enriquecimento e conveniência do contato com o brasileiro

Na mensagem que deixou ao seu sucessor na presidência do Estado de São Paulo, Washington Luís reservou parte considerável de suas palavras para a defesa da ideia de que o imigrante escolhia o Brasil por encontrar nesse país condições favoráveis à sua prosperidade econômica.<sup>274</sup> Afirmava ser considerável a situação “dos estrangeiros que se localizavam na lavoura e se tornaram fazendeiros”, e apresentava uma estatística segundo a qual pouco menos de um terço das propriedades agrícolas de São Paulo eram identificadas como pertencentes a imigrantes italianos.<sup>275</sup> A passagem é concluída afirmando que

os preconceitos criados contra nós, afim de evitar que a corrente emigratória se avolume para São Paulo, principalmente, caem pela base. Não encontram apoio na verdade nem na boa fé. O emigrante em São Paulo é feliz, e tem diante de si vasto campo para seus empreendimentos.<sup>276</sup>

Uma semana depois, seria a vez da mensagem do presidente do Brasil ao Congresso Nacional<sup>277</sup> ser reproduzida no *JCSP*. Nela, Arthur Bernardes lamentava a falta de recursos destinados para o Serviço de Povoamento, especialmente pela escassa oferta de braços para

<sup>274</sup> SOUSA, Washington Luís P. de. **Mensagem apresentada ao Exmo Snr. Dr. Carlos de Campos em 1º de maio de 1924 pelo Exmo Snr. Dr. Washington Luís Pereira de Sousa**. Consultado em : <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1181/000003.html>, em 15 de dezembro de 2016.

<sup>275</sup> Segundo o orador, de 32486 propriedades agrícolas, 13197 pertenciam a imigrantes, dos quais 9759 eram italianos, 1556 portugueses, 1137 de espanhóis, 642 de alemães e 323 de diversos outros países. Depois de expor esses dados argumenta que “quase toda a totalidade dessa gente iniciou a sua carreira na grande e velha lavoura, onde aprendeu, aclimatou-se e adquiriu recursos para se tornar proprietária independente, gozando de todas as liberdades democráticas e de todos os proveitos da nossa cultura e civilização, que não distingue classes nem nacionalidades Cf. SILVA, Washington L. P. da **Op. Cit.** Clifford Andrew Welch, apoiado em Mauricio Font, Thomas Holloway e James Woodard observa que “Luís foi também um dos primeiros políticos importantes a competir pelos votos dos imigrantes, promovendo sua incorporação política. (...) Contra os protestos de alguns fazendeiros do café, o secretário de justiça Washington Luís regulamentou que todos os imigrantes que casassem com brasileiros, tendo filhos nascidos no Brasil, ou que fossem donos de terra, deveriam ser considerados brasileiros e, portanto, possuidores dos direitos da cidadania. (...) Então, como governador do Estado de São Paulo de 1920 a 1924, Luís ajudou na quebra das fazendas ineficientes, o crescimento de fazendas menores e a diversificação do cultivo. Ele também aumentou a eficácia do Patronato Agrícola, com o aumento do pessoal, profissionalizando o judiciário (utilizando sua autoridade de fato para indicar juízes locais fora das mãos dos coronéis), instituiu um sistema de tribunais de trabalho rural (com a lei 1.869 de 1922) e tomou posse de todas as terras sem dono (alienando, mais uma vez, os fazendeiros, que reclamavam muitas dessas terras). Eleito Presidente da República em 1926, Luís continuou a agir de modo a exacerbar a fragmentação da oligarquia cafeeira paulista.” WELCH, Cliff. **A semente foi plantada: as raízes paulistas do movimento sindical camponês no Brasil, 1924-1964**. Tradução de Melissa Fortes, Andrei Cunha. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2010, p. 68.

<sup>276</sup> BERNARDES, Arthur. **Mensagem Apresentada ao Congresso Nacional Na abertura da Primeira Sessão da décima segunda legislatura pelo presidente da república Arthur da Silva Bernardes**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial. 1924. Consultado em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1316/contents.html>, em 15 de dezembro de 2016., pp. 194-198. A referência no *Jornal do Comércio* é BERNARDES, Arthur. Mensagem Apresentada ao Congresso Nacional Na abertura da Primeira Sessão da décima segunda legislatura pelo presidente da república Arthur da Silva Bernardes. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 8 mai 1924, p.3

<sup>277</sup> Idem, *Ibidem*.

a lavoura. Ressaltava a importância de se conseguir imigrantes agricultores, especificamente, que deveriam atuar ao lado do trabalhador nacional. A preocupação em se afirmar que o estrangeiro que vem ao Brasil se torna proprietário também está no discurso do presidente. Segundo Bernardes, o melhor lugar para o alocamento destes imigrantes seria o núcleo colonial, em contato com o brasileiro:

Pelo atento exame das estatísticas, chega-se à conclusão de que o estabelecimento de núcleos coloniais constitui o atrativo, por excelência, para o imigrante que, ao abandonar o seu país de origem, tem por principal escopo tornar-se proprietário agrícola.[...] “colônias bem organizadas e próximas dos grandes centros populosos viria contribuir, de modo decisivo, para o barateamento dos gêneros alimentícios. De outro lado, parece que, nas circunvizinhanças dos centros cafeeiros mais importantes, deveriam ser estabelecidos núcleos coloniais constituindo reservas de braços, para ser utilizados a jornal, por ocasião das colheitas.”<sup>278</sup>

O presidente ressaltava, porém, sua preocupação com uma possível absorção dos elementos nacionais pelos estrangeiros:

É preciso, porém, que evitemos a desnacionalização dos centros rurais, criando escolas e adotando outras medidas complementares que impeçam a absorção do elemento nacional pelo estrangeiro e que evitem o predomínio de suas línguas, de seus usos e costumes.<sup>279</sup>

Um *suelto* do JCSP comentava a Mensagem de Arthur Bernardes ao Congresso Nacional, lamentando os baixos recursos destinados ao Serviço de Povoamento:

não há problema que mais interesse países americanos. Aumentar a população pelo imposição de elementos sadios que aportem de outras plagas com longas ambições de trabalho e riqueza é favorecer a expansão nacional sob todos os aspectos. O deserto é inimigo do progresso. Combatê-lo só fundando núcleos coloniais em terras férteis e bem dotadas, já levando os “rails” a todos eles para que se comuniquem com todos os centros distribuidores ou consumidores - é um dever que não pode escapar a nenhum estadista adiantado.<sup>280</sup>

O *suelto* termina afirmando que a solução do problema imigratório só seria encontrada por uma “reta e minuciosa” assistência do Estado aos departamentos que devem guiar o imigrante e fixar o colono. A ideia explícita do *suelto* é defender o povoamento do território, pelo incentivo de núcleos de povoamento e estradas. Chama atenção a observação sobre o deserto ser inimigo do progresso e a aproximação dessa ideia com a de que “governar é povoar, e povoar é construir estradas”, atribuída ao pensador argentino Alberdi e que ficou famosa no Brasil como lema de governo de Washington Luís. Ainda sobre as repercussões da fala de Bernardes, salta aos olhos a designação do imigrante ideal como *camponês*,

---

<sup>278</sup> Idem Ibidem

<sup>279</sup> Idem, Ibidem.

<sup>280</sup> PONTOS da Mensagem... **Jornal do Commercio**. São Paulo, 1º de junho de 1924, p.2.

integrado ao trabalhador nacional, “para não absorver o brasileiro”. Tal afirmação associada ao recurso às escolas nos núcleos coloniais demonstra a confluência de interesses do presidente com as propostas da LNSP e de Alfredo Ellis Jr., que vimos no capítulo anterior. Meses depois da fala de Bernardes, o JCSP destacava a apresentação, por parte de Eneias Paiva, de um “projeto de organização de uma companhia brasileira de colonização e construção, destinada a resolver o problema da fixação do imigrante ao solo”, realizada no salão de honra da Associação Comercial do Rio de Janeiro e presidida por Bento Miranda, senador federal pelo Pará, com assistência dos embaixadores do Japão e da Itália. Paiva reforçava a ideia de que para que esse objetivo fosse alcançado seria preciso fazer do colono proprietário.<sup>281</sup>

O iniciador da solução atualmente proposta ao velho problema (...) afirmou que (...) Todo homem válido e pobre é um valor; todo homem válido e honesto é uma riqueza. O colono em nossa terra (...) é bem acolhido mas mal aproveitado, porque, colhendo em cada fazenda um resultado mínimo em relação ao resultado de seu trabalho, começa a deslocar-se, deixando o fazendeiro, que não lhe vende terras, com falta de braços. O núcleo colonial não resolve a questão pois deixa ao colono produtos da grande lavoura com a qual não pode ele competir. É preciso, pois, para ficar o colono no solo fazer dele proprietário, objetivo esse visado pelo sr. Eneias Paiva.<sup>282</sup>

Ao fim da exposição de Paiva, foi sugerida a introdução de uma turma de nacionais no projeto, para “facilitar a assimilação do imigrante”. Dias depois da exposição de Paiva, ao comentar uma reflexão publicada no *Correio da Manhã*,<sup>283</sup> que defendia o direito a seleção de estrangeiros por parte dos países de imigração, um suelto do JCSP concluía que imigrantes sem perfil camponês não seriam convenientes, pois o Brasil precisava

sobretudo de quem vá trabalhar nos seus campos, desenvolver sua pecuária. Nosso imigrante deverá ser, sobretudo, um agricultor, um homem acostumado com a criação de animais. Em menor número precisamos de operários fabris. Carecemos, sobretudo, de gente que vá para o campo. O Brasil, como o resto do mundo, está passando por um fenômeno que consiste no êxodo das regiões rurais e pletora das regiões urbanas. Isso, nos países velhos que já tem a sua riqueza acumulada causa enormes prejuízos. Em terra nova, como a nossa, destrói a semente da riqueza nacional.<sup>284</sup>

---

<sup>281</sup> Para tal, seria fundado um núcleo com 500 lotes no Rio de Janeiro, com um armazém-cooperativa, uma escola e uma casa para administração. Ao fim da exposição, segundo o JCSP, o sr. Morales de los Rios aconselhou a colocação de uma turma de nacionais em tal núcleo, a fim de facilitar a assimilação do imigrante. Segundo o comunicado, a reunião terminou com o convite aos Srs Bento Miranda, Prado Lopes, Horácio da Silva, João Reynaldo Coutinho e aos embaixadores da Itália e do Japão, para estudarem os estatutos da nova Companhia. O PROBLEMA da Imigração: projeto de criação de uma companhia de colonização. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 20 de agosto de 1924, p.1

<sup>282</sup> Idem, Ibidem.

<sup>283</sup> *Correio da Manhã*. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 23 de agosto de 1924, Imprensa Carioca, p.2.

<sup>284</sup> Idem, Ibidem.

Os discursos de Washington Luís e Arthur Bernardes, que vimos no começo desse tópico, foram feitos no início de maio de 1924, poucos dias antes do início da Conferência Internacional de Emigração. A defesa da prosperidade do imigrante e a preocupação com a absorção dos brasileiros por estrangeiros seria expressada poucos dias depois no JCSP, a partir das declarações de James Darcy, chefe da delegação brasileira destacada para a Conferência em questão. Darcy declarava ser o Brasil um bom campo para a prosperidade do imigrante, por oferecer “as mais ricas extensões, o deserto, possibilidades para todas as lavouras, o acolhimento entusiástico ao trabalhador, as facilidades que se lhe abrem para se fazer proprietário, prosperar e vender”.<sup>285</sup>

Ao longo da segunda quinzena de maio, o *JCSP* realizou a cobertura da Conferência apontando considerações da imprensa carioca<sup>286</sup> e reproduzindo telegramas das agências de notícias. Noticiava-se o andamento das sessões, seus bastidores, as declarações dos representantes nacionais e internacionais à imprensa e as negociações entre países sobre possíveis acordos imigratórios. As pretensões do governo brasileiro em negociar a volta do fluxo imigratório italiano eram bem explícitas: o chefe da delegação brasileira declarou à imprensa que a imigração italiana era a mais conveniente ao Brasil. Segundo os telegramas do exterior, teria afirmado que o Brasil precisava de “mão de obra, e que, mais que isso, precisava de imigrantes” para “conservar o característico da raça”, que estava na iminência de ser absorvida por alemães, eslavos e orientais.<sup>287</sup> Segundo as agências de notícias, o delegado brasileiro teria dito que

Somente recebendo numerosos imigrantes italianos poderá o Brasil manter a sua origem íntima, pois o país está na iminência de ser absorvido pelos imigrantes alemães, eslavos e orientais [...] estamos aqui a fim de discutir as condições em que os italianos poderão emigrar para o Brasil. O nosso país precisa discutir esse assunto, sejamos francos. Ficaremos nessa capital até o mês de setembro a fim de chegarmos a uma conclusão e esperamos liquidar a questão e esclarecer todas as

---

<sup>285</sup> ESTÁ JÁ NA ITÁLIA O senhor James Darcy...**Jornal do Commercio**. São Paulo, 8 de maio de 1924, p.1.

<sup>286</sup> A PÁTRIA, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 16 mai 1924, Imprensa Carioca, p.3; GAZETA DE NOTÍCIAS, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 24 mai 1924, Imprensa Carioca, p.3; O PAIZ, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 28 mai 1924, Imprensa Carioca, p.2; CORREIO DA MANHÃ, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 28 mai 1924, Imprensa Carioca, p.3; A PÁTRIA, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 30 mai 1924, Imprensa Carioca, p.3; JORNAL DO BRASIL, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 30 mai 1924, Imprensa Carioca, p.3; CORREIO DA MANHÃ, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 5 jun 1924, Imprensa Carioca, p.2.

<sup>287</sup> Conferência Internacional de Emigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 24 de maio de 1924, p.2.

desinteligências. Precisamos saber se é possível chegar a um acordo a respeito da imigração.<sup>288</sup>

Chama atenção, no excerto, além do reforço da ideia prosperidade do imigrante italiano, a de que o brasileiro estaria na iminência de ser assimilado. Ambas as ideias foram reproduzidas em setembro no *Jornal do Commercio*, o que basta para dizer que as intenções de Darcy de permanecer em Roma para conseguir um acordo não chegaram a bom termo.

Um *suelto* de setembro evidenciava um elemento que estava presente na maioria dos discursos sobre a prosperidade do imigrante: os discursos em contrário, feitos por representantes do governo italiano. O *suelto* em questão elogiava o jornalista Francisco Pettinatti, do *Fanfulla*, por ter publicado em tal jornal um artigo chamado *Terra Roxa*.<sup>289</sup> Segundo o JCSP, a matéria de Pettinatti “mereceria ampla divulgação na Itália, onde nem sempre se discute com seriedade o problema da imigração”. O jornalista visitara Jaú e escrevera um testemunho do desmembramento da fazenda no interior paulista. Segundo sua matéria, a maioria dos sitiantes da cidade eram ex-colonos italianos, seguidos por “um pequeno número de espanhóis e portugueses”. O *suelto* conclui que a matéria de Pettinatti seria “a prova eloquente de que o imigrante não é absolutamente o pobre diabo, atirado ao inferno pela sociedade, condenado ao trabalho aviltante e exaustivo em troca de poucos mil réis que mal chegam para o alimento...”<sup>290</sup>

O esforço em reforçar que o imigrante italiano tornava-se proprietário e era o de maior interesse para o Brasil acompanha insinuações sobre considerações negativas a respeito do tratamento do imigrante italiano no Brasil. Observamos o mesmo movimento quando é anunciada a vinda do Vice-Comissário Geral de Emigração da Itália, sr. Mastromattei, enviado em missão especial para Brasil, Uruguai e Argentina.<sup>291</sup> Um *suelto*

---

<sup>288</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>289</sup> O NOSSO BRILHANTE COLEGA ..... **Jornal do Commercio**. São Paulo. 25 set de 1924. p.1

<sup>290</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>291</sup> O Problema da Emigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo . 29 set de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. P.2; Missão especial a ser desempenhada no Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo . 1º out de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.1; Outras matérias sobre a passagem do Vice Comissário são encontradas em : Estudos sobre o Problema da Emigração Italiana para os países da América do Sul. **Jornal do Commercio**. São Paulo . 17 out de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. P.1; A Intensificação da imigração italiana para o Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo . 29 out de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.2; Embarca hoje para São paulo o General Badoglio, acompanhado do conselheiro da embaixada Sr. Rafeale Bascarelli e pelo Comandante Giovanni Mastro Mattei. A Intensificação da imigração italiana para o Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo . 2 nov. de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. P.2; O embarque do vice comissário de emigração italiana para São Paulo. **Jornal do Commercio**. São Paulo . 8 jan de 1925. Notícias do Rio P.2.

do *JCSP* no começo de outubro comenta a vinda do enviado especial. Pela sua relevância, o reproduzimos aqui, inteiro:

Essa questão da imigração italiana para o Brasil ainda não está suficientemente elucidada. De fato, é uma questão delicada e que, pela sua importância, merece o estudo demorado de brasileiros e italianos. Pela nossa parte, não nos temos interessado da matéria. Precisamos do braço italiano, da atividade italiana. O imigrante italiano está decantado em todos os tons. Enchemo-lo de virtudes. É sóbrio, é econômico. Tem resistência, trabalha muito e não se esforça mesmo quando na lavoura. Demais, adapta-se logo às nossas cousas. Depois de alguns meses de permanência entre nós - o italiano está quase como o nacional: fala a nossa língua ou pelo menos nela se faz compreender; acompanha os nossos costumes; observa, assimila e é assimilado. Ora, é gente assim que queremos. O imigrante italiano nos serve. Não há duas opiniões nesse sentido. Talvez isso não se dê na Itália. A América inteira disputa os seus filhos, que, de fato, são ótimos trabalhadores. Por que não escolher? E é o que ela tem feito, até hoje. A política italiana, nesse sentido, não tem andado com firmeza. Parecia que os dirigentes da grande irmã latina já possuíam elementos para se orientar. Isso não se dá. Os documentos argumentam. Mais de um visitante ilustre que não tem ficado nas nossas salas de visita - as avenidas dos grandes centros - mas tem ido até as fazendas, com algarismo e critério, soube o que é a imigração dos seus patrícios para o Brasil.

Mas a Itália não se satisfaz. Reuniu um Congresso de Imigração, em Roma. Mais uma vez o Brasil fez prova documental de tudo o que se refere ao trabalho italiano, no seu solo. Pois ainda não bastou. O Sr. Mussolini entende que não pode fazer um juízo claro sobre a imigração para essas bandas e daí comissionou um técnico - o sr Maestro Mattei [sic] - para se ocupar, em alguns meses, desse assunto, aqui. Vamos ver se fica, agora, terminada a era dos estudos. A montanha de papelório já é grande e há coisas que cansam...<sup>292</sup>

Passamos agora a exploração de algumas das adversidades a que os *sueltos* acima se referem direta e indiretamente, frequentemente panos de fundo das discussões a respeito da negociação do fluxo imigratório.

#### 3.2.2.4. Convenção de Ouchy e General Caviglia

Como vimos no começo deste capítulo, João de Faria, no parecer sobre o projeto 291, citava Adolpho Rossi como responsável pelo Decreto Prinetti de 1902, que proibia a imigração para o Brasil. Washigton Luís falava de “preconceitos criados contra nós, afim de evitar que a corrente emigratória se avolume para São Paulo”. James Darcy fala em “esclarecer todas as desinteligências”. No último excerto exposto é mencionado que “mais de um visitante ilustre que não tem ficado nas nossas salas de visita - as avenidas dos grandes centros - mas tem ido até as fazendas, com algarismo e critério, soube o que é a imigração dos seus patrícios para o Brasil.” Dentre os possíveis interlocutores dos textos elencados

<sup>292</sup> ESSA QUESTÃO DA IMIGRAÇÃO...*Jornal do Commercio*. São Paulo. 2 de out 1924, p.3.

neste subtópico, apontamos os propositores da Convenção de Ouchy e o General Caviglia.<sup>293</sup> Na convenção e na visita do general condensavam-se dois exemplos de entraves na negociação sobre a imigração entre os dois países: a Convenção seria uma expressão de afronta à soberania nacional, por desejar cultivar um sentimento extra nacional na educação dos filhos de imigrantes e coadunar com interesses imperialistas italianos. O diagnóstico do general Caviglia sobre o Brasil teria sua centralidade no tratamento do imigrante e no regime de grande propriedade característico do Brasil. Comentamos sobre a Convenção de Ouchy, de 1921, no segundo capítulo, ao mencionarmos de Paulo Prado e Washington Luís. Vimos como ela foi inviabilizada pelo governo do último, entendida como uma afronta aos interesses nacionais. Entre os termos do acordo, constava que os filhos de italianos deveriam ter aula de língua, história e geografia italianas nas fazendas e que representantes do governo italiano poderiam ter reuniões privadas com os colonos em seus locais de trabalho. Depois de frustrada essa convenção, muitas outras tentativas de retomada da imigração seriam interrompidas. Como aponta Ângelo Trento, via de regra nessas negociações o governo italiano incluíam contrapartidas comerciais desvantajosas ao Brasil.<sup>294</sup> Logo após a convenção de Ouchy houve uma aproximação entre governo italiano e brasileiro. Em 1922, o General Caviglia foi enviado ao Brasil como representante do governo italiano para tratar

---

<sup>293</sup> Muitos outros interlocutores poderiam ser citados. Desde fins do século XIX, a denúncia das condições de trabalho dos imigrantes italianos vindos ao Brasil foi frequente. Adolpho Rossi, por exemplo, citado por João de Faria no parecer sobre o relatório do projeto 291, foi um dos responsáveis pela assinatura do decreto Prinetti de 1902, que proibia a imigração do italiano para o Brasil.

<sup>294</sup> Na continuidade da questão da imigração italiana nos anos 1920, Antonio Prado e Luís Alves de Almeida procuraram estabelecer acordos informais, no que foram rechaçados pela maior parte dos fazendeiros, bem como pelo governo estadual. Ao longo de 1923, São Paulo voltou atrás e procurou dialogar novamente com o Estado italiano. O industrial Matarazzo, após viagem à Itália, enviou a Mussolini uma carta na qual argumentava a favor da volta de envio de mão de obra ao Brasil, sugerindo a criação de uma “instituição autônoma de colocação dos emigrantes” e apontando as benesses em manter relações comerciais com o Brasil naquele momento. Após negociações que se prolongaram por um ano, fez-se um acordo baseado nos acertos propostos por Prado e Almeida. O texto final do contrato foi enviado ao governo brasileiro em março de 1924, porém acompanhado da condição de ser cedido à Itália um tratamento privilegiado em intercâmbios comerciais. Como a condição não havia sido negociada previamente, o Brasil negou-se a assinar o acordo. Em junho do mesmo ano, o Brasil enviou Rodolfo Crespi, empresário ítalo-paulista de renome, para tratar das negociações com o governo italiano, diretamente com Mussolini e De Michelis. Crespi voltou ao Brasil em agosto, com um projeto parecido com o anterior, que foi imediatamente aprovado pelo então presidente do Estado de São Paulo, Carlos de Campos. No entanto este acordo também não foi ratificado, devido à insistência de contrapartidas comerciais por parte da Itália. Mais tarde, membros importantes do governo italiano vieram a São Paulo procurando retomar as conversações, no entanto, a partir de 1928, a cotação internacional do café sofreu uma drástica queda e a economia paulista assistiu o aumento das pequenas propriedades nas áreas de fronteira, o que terminou por desestruturar ainda mais a política de imigração. Assim, a imigração subsidiada estancou em São Paulo em 1927 para retornar apenas em meados de 30, com pouca expressividade, excetuando-se, evidentemente, a escassa mão de obra clandestina. Cf. TRENTO, Angelo, 1989, **Op. Cit.**, pp. 268-281.

de assuntos relativos à imigração. Na volta à Itália, realizou uma série de conferências dizendo que o sistema de trabalho brasileiro, baseado em grandes fazendas agrícolas, não era o mais adequado para o imigrante italiano, tratado no Brasil como “quase uma propriedade dos fazendeiros”. Segundo esse general, o sistema que se observava na Argentina e Uruguai seria mais interessante, por priorizar a pequena propriedade.<sup>295</sup> Embora tenha colocado sua posição em perspectiva pouco depois, a partir desse episódio Caviglia passou ser mencionado como exemplo de mediador que, sem ir ver a situação dos imigrantes nas fazendas, emitia juízos de valor equivocados sobre as condições dos imigrantes. Em fins de 1924, quando a polêmica acerca da imigração italiana tomava novo fôlego, o JCSP publicou a troca de telegramas entre Antônio Azeredo, então vice presidente do senado brasileiro, e Benito Mussolini. Nesses telegramas, Azeredo retomava o argumento estatístico de Washington Luís, afirmando que de 41 000 fazendas no Brasil, 11 000 pertenciam a italianos. No mesmo telegrama, lembrava que o General Caviglia teria retificado publicamente seu ponto de vista negativo sobre o Brasil.<sup>296</sup>

Pode-se entender, então, que afirmar que aqui o imigrante italiano ascendia socialmente e tornava -se proprietário seria um modo de corroborar com a visão de que o Brasil era um destino desejável para a massa de imigrantes que saía da Itália. Vimos que Washington Luís falava sobre o “vasto campo de empreendimentos” que o imigrante teria à sua frente ao chegar ao Brasil”, que o JCSP falava sobre a importância de se favorecer a expansão nacional com imigrantes com “longas ambições de trabalho e riqueza”, que James Darcy reforçava sobre as facilidades que se abrem ao imigrante “para se fazer proprietário”. Vindo inicialmente como mão de obra, o imigrante italiano encontraria no Brasil condições de ascender socialmente, satisfazer suas ambições e riqueza e ter sua própria terra. Segundo o último excerto reproduzido, os representantes enviados à Conferência Internacional de Emigração fizeram “prova documental” do trabalho italiano em solo brasileiro de forma a sanar as dúvidas sobre as condições que o imigrante italiano encontrava em terras brasileiras. Via de regra, os italianos eram vistos como integráveis, assimiláveis, excelentes trabalhadores. James Darcy, o chefe da delegação brasileira na Conferência Internacional de Emigração chegou a afirmar que o imigrante italiano era o ideal até para defender o brasileiro de ser absorvido por outros imigrantes. A fala de Arthur Bernardes afirmava que

---

<sup>295</sup> AS CORRENTES Imigratórias da Itália para a América. **O Paiz**. Rio de Janeiro. 5 dez de 1922. p.1

<sup>296</sup> A questão da imigração italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 dez de 1924. p.3

o imigrante deveria ser tratado junto aos nacionais e que as línguas e costumes brasileiros deveriam ser ensinados aos estrangeiros. Tal fala dialoga, certamente, com as colônias alemãs da região sul, no termo da época “enquistadas” por barreiras diversas, dentre as quais a língua se destacava. Tal fala poderia dialogar também com a alusão dos termos em que se deveria negociar acordos de imigração com a Itália: o italiano deveria integrar-se à nova pátria e acordos como Ouchy não serviriam. Vimos que o discurso do presidente, assim como o de Ellis Jr., observado no capítulo anterior, alertava para o perigo do nacional ser absorvido por estrangeiros. Se por um lado demonstrava-se o desejo de atrair o imigrante italiano, por outro expressava-se certo receio com a conduta imperialista do fascismo que vigorava naquele país. A expressão de admiração e receio pelos países de emigração foi a tônica das matérias a respeito dos estrangeiros na série documental. Selecionamos alguns textos sobre o perigo imperialista e o modo como eram observados.

### 3.2.2.5 Sobre Imperialismos e Nacionalismos

Passamos aqui à exposição de algumas manifestações a respeito dos imperialismos no JCSP, iniciando com o potencial risco representado pelo Japão.

#### 3.2.2.5.1. Japoneses

Um suelto do começo de maio de 1924 notava as perspectivas ruins para a imigração japonesa que tinha como destino os Estados Unidos, já que se avizinhava o momento em que o *Johnson-Reed Act* entraria em vigor.<sup>297</sup> O texto expressava preocupação em relação à imigração de pessoas vindas deste país “forte” e “de instintos imperialistas”:

País de instintos imperialistas, forte - não deixa de ser, com (...) suspeita, que são recebidos seus filhos que venham armar suas tendas em terras estranhas. Assim, o problema da imigração toma as proporções de uma intensa questão nacional [para o Japão] que não pode deixar de provocar as mais vivas preocupações<sup>298</sup>

Depois de elogiar o japonês pelas suas qualidades e atentar para a atitude do governo de estudar cuidadosamente o lugar de destino do imigrante<sup>299</sup>, o suelto aponta a inconveniência da imigração deste trabalhador devido à política então desenvolvida em solo japonês:

É indiscutível que o trabalhador japonês tem as suas qualidades: é sóbrio, é ativo, é enérgico. A política, porém, que tem desenvolvido a sua pátria, tem levado a lhe criar (...) um certo radicalismo (...) <sup>300</sup>

Ao longo da série documental frequentemente observamos indicações, comentários sobre ou breves descrições de artigos da imprensa carioca, de oposição à imigração japonesa. Em setembro o artigo *Contra os Amarelos*, publicado pelo jornal *O Imparcial* alegava que os japoneses estariam vindo ao Brasil, ainda em formação, para “fatalmente representar um programa esboçado pelo seu governo”.<sup>301</sup> Com a consolidação da restrição imposta pelos Estados Unidos, a articulação da política imigratória japonesa via na América do Sul um destino em potencial. É o que se vê no suelto do JCSP de outubro de 1924:

<sup>297</sup> O GOVERNO JAPONEZ está tomando...**Jornal do Commercio**. São Paulo, 2 de maio de 1924, p.1.

<sup>298</sup> Idem, Ibidem.

<sup>299</sup> No mesmo texto comenta-se os investimentos do governo japonês para organizar sua imigração, incluía o envio de funcionários ao exterior, para estudar as possibilidades de imigração, e a propaganda interna de incentivo à busca de terras estrangeiras. O GOVERNO JAPONEZ está tomando...**Jornal do Commercio**. São Paulo, 2 de maio de 1924, p.1.

<sup>300</sup> Idem, Ibidem.

<sup>301</sup> Jornal do Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1924, Imprensa Carioca, p.2.; O Imparcial. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1924, Imprensa Carioca, p.2.

O Japão, hoje está a braços com um dos mais duros problemas que pode se plantar perante um povo e lhe exigir uma solução pronta e imediata. Os recursos naturais do Japão são insuficientes para alimentar uma população dez ou quinze vezes superior à que deveria ter. [...] Evoluindo para o industrialismo, também evoluiu para a luta de classes e os conflitos sociais aí são como em qualquer lugar culto do globo. A obra da civilização é nivelar. Não há altos e baixos. O Japão tem seus (...) problemas sociais, atualmente. É uma raça de energia e atividade, de inteligência. Quer resolvê-los, e bem. Ora, para a superpopulação só há um remédio: a imigração, o escoamento. O excesso debanda. É exportado. O homem aspira ao bem estar. Se não encontra em sua casa, busca na casa alheia. É fatal. A terra não é privilégio de ninguém. Pertence a todos. Logo o Japão deve deslocar o excesso de população para o exterior. Era isso o que fazia. Os EUA eram um excelente mercado para o Japão. Iam para ali amarelos aos milhares. 130000 chegou a ter a República americana. **Mas o americano está com a preocupação da eugenia e do imperialismo. O japonês isola-se. É orgulhoso. É-o também o americano.** O conflito estalou:. Resultado: os Estados Unidos fecharam os portos à emigração japonesa.(...) <sup>302</sup>

Mais à frente o mesmo texto aborda a imigração para a América do Sul e Brasil. Deixa-se em aberto as perspectivas sobre o futuro dos destinos políticos do Japão - sugerindo, aqui, porém, que provavelmente se desenvolveria uma solução de inspiração extrema:

Resta a América do Sul. Terras imensas, despovoadas. O Brasil já tem 30. 000 japoneses. Este continente entra na preocupação dos estadistas e economistas nipônicos. Fala-se, até, no plano de uma companhia semi- oficial de imigração. Por ela - seria uma avalanche de japoneses sobre o continente. O Japão precisa exportar homens, pois a miséria e o número dos sem-trabalho é cada vez maior; a América precisa de braços para arrancar as riquezas da terra. [...] [o Japão] precisa ter uma imigração anual de 30 a 40 mil pessoas, sob pena de criar para si mesmo uma das situação mais graves. Oras, os mercados melhores recusam receber seus trabalhadores. Países como o Brasil mesmo, com desertos a povoar, andam hesitantes [...]. As inspirações extremas chegam nessas ocasiões. O “lugar ao sol” até hoje não se conquistou com facilidade. O que farão os nipônicos escoraçados de toda parte, como cães? Incognita e trágica resposta, possivelmente.<sup>303</sup>

Uma suposta companhia de imigração subsidiada pelo governo brasileiro seria citada pelo repórter Neville O’Neill, do *Herald Tribune*, de Nova Iorque, ao comentar a imigração de japoneses para a América do Sul e reproduzida no JCSP pela *United Press*. A dimensão da imigração como potencial propagadora do imperialismo estaria na reafirmação do japonês como imigrante que não se assimila. O jornalista citado na matéria da *United Press* aponta para o fato de que alemães, russos e japoneses não se assimilam no Brasil, repetindo

<sup>302</sup> O JAPÃO, HOJE... **Jornal do Commercio**. São Paulo. 19 out de 1924.p.1 Uma semana antes era divulgada a saída de 200 famílias de japoneses de Tóquio, rumo ao Brasil. Um terremoto no Japão por esses meses também gerou manchetes dizendo que os japoneses queriam reconstruir uma das cidades destruídas no Brasil.

<sup>303</sup> Idem, *Ibidem*.

as observações do parecer de João de Faria sobre o projeto 291 de 1923, que atribuía principalmente à língua a recusa à assimilação.

a recente decisão do governo nipônico de incrementar a ida de japoneses para o Brasil tem sido muito comentada em toda a América do Sul, e [ O'Neil] salienta que **as colônias russas, alemã e japonesa**, nesse país, são outras tantas secções das respectivas pátrias, pois os colonos não fazem o menor esforço para se assimilar aos elementos nacionais. [...] Os representantes japoneses estudaram as condições gerais dos diversos países, assim como os sentimentos do seu povo para com o Japão, sua estabilidade política e outros fatores de importância. O Brasil foi vitorioso, pelo que a Companhia 'Empreza Ultra Mar', subsidiada pelo governo, se ofereceu para pagar a passagem dos migrantes que se destinam ao Brasil, e o preço de seu transporte para o interior deste país, principalmente para as cidades de Iguá- (sic). [Iguape, provavelmente] [ grifos meus]<sup>304</sup>

Passamos, na sequência, a avaliar a percepção acerca da Alemanha.

### 3.2.2.5.2. Alemães

Ainda no excerto acima, podemos observar que os alemães recebiam um tratamento mais otimista. A presença do imperialismo da nação que demonstrara ser uma potência militar na Primeira Guerra, porém, causava apreensões. Em artigo chamado *Imigração*, Jordano Machado lamentava a ausência de colonos especializados para as cidades e zonas rurais e elogiava o imigrante italiano. Criticava, porém, a política imigratória comandada pelo Comissário de Emigração deste país, Giuseppe De Michelis. Transcrevia um texto da revista semanal *Critica Fascista*, escrito por Francesco Suplai, que responsabilizava De Michelis pela “desastrosa lei dos 3%” - referência aos *Atos de Restrição de 1921* -, denunciando a ineficácia do Comissário na negociação com diferentes representantes do governo estadunidense. Suplai indicava aos italianos o exemplo germânico como modelo a ser seguido:

O conselho que a Alemanha deu aos milhões de tantos que 1860 a 1880 emigraram aos EUA foi este: “naturalizem-se cidadãos dos países logo que possais porquanto isso nos dará o voto e a influência política”. Não fiquéis na cidade como assalariados, não vos preocupeis de remeter dinheiro para a pátria, mas, ao invés, sejais [ilegível], assegurando terras e aplicai nela vossas futuras economias. Assim fazem vossa fortuna e ao mesmo tempo a da pátria tedesca, que na burguesia agrária e não no *nelle pecus* dos assalariados se apoiará para a sua penetração financeira e cultural em vossa pátria de adoção. Sucesso, pois os Estados Unidos retardou-se em muito para entrar na guerra, dada a influência dos germânicos.<sup>305</sup>

<sup>304</sup> A Imigração japonesa no Brasil - Comentário feito por um jornalista norte-americano sobre recentes decisões do governo de Tóquio. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 23 set de 1924. Telegramas do Exterior, p.2.

<sup>305</sup> MACHADO, Jordano da Costa. Imigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 2 de maio de 1924, p.2.

Note-se que aqui a dimensão do imigrante enquanto proprietário de terras, desejada pela Itália e que estava sendo usada pelo Brasil como recurso para atrair imigrantes, também poderia ser visto como meio para perpetrar uma política de médio ou longo prazo que pudesse ser capaz de “penetrar financeira” e “culturalmente” na pátria de destino, cuidando dos interesses de seus países de origem. Assim, além de apontar indiretamente para uma prática alemã que segundo Suplai estaria acontecendo nos Estados Unidos, o texto traduzido por Machado poderia, de forma um pouco mais indireta, apontar para consequências em potencial no oferecimento de pequenas propriedades para o imigrante italiano que vinha orientado pelo fascismo.

Na ocasião do centenário da colonização oficial germânica no Brasil, o *JCSP* publicou um *suelto*. No decorrer do texto caracterizava os alemães como “bons amigos, bons colaboradores, dispostos a conjugar seus esforços para desbravar as terras, para plantar, para colher, vender e conquistar mercados”. Abordava a questão do “enquistamento” alemão minimizando suas consequências. Provavelmente citando indiretamente Oliveira Vianna:

Um sociólogo nosso houve que deu o alarme. Havia núcleos exclusivamente de origem alemã, de costumes alemães. Era como um burgo alemão enquistado no organismo nacional. Por que não absorvê-lo? Por que não assimilá-lo, não arrancá-lo à missão desnacionalizadora?

No Rio Grande do Sul esses conceitos comburentes não tiveram eco. É que se conhece a índole do alemão, manso boi de trabalho, colono ávido, energia silenciosa que jamais sonhara em transportar para a América o delírio pangermanista. É que também nos estados do sul, em face das campinas imensas e monótonas, desertas com o homem sempre esperto, franco e leal, sabe o imigrante que qualquer ato insólito à fibra patriótica seria, imediatamente punido com a rudeza que merece o que lhe falha à hospitalidade fidalga. Uma fábula - a tal América germanizada!<sup>306</sup>

O excerto acima termina como uma espécie de aviso ou ameaça velada. O *suelto* é concluído retomando qualidades dos alemães e sua importância para a obra de povoamento do solo brasileiro e transformação do meio, “vitória sobre a natureza”, nos termos de Buckle ou Capistrano:

Quando o centro consumidor fica distante ainda é o alemão que faz a estrada, que constroi a ponte, que torna praticável o rio, auxiliado pelos elementos oficiais que os respeitam e admiram, pela faina honesta e persistente. Se nessa quase estepe que é o Brasil - "governar é colonizar" - saudemos nessas caravanas de camponeses ruivos e gigantescos que vão arrancando à terra os seus frutos, em um século de combate - os elementos que facilitam a missão construtora e civilizadora do Estado Moderno.<sup>307</sup>

<sup>306</sup> O MÊS QUE CORRE é de festas...**Jornal do Commercio**. São Paulo, 14 de setembro de 1924. p.1.

<sup>307</sup> Idem, Ibidem.

Poucos dias depois do *suelto* ameno, um outro *suelto* elogia a Alemanha e acrescenta traços de apreensão com esse imigrante, ressaltando sua capacidade bélica e chegando a afirmar que eles tinham razão em se proclamar o povo eleito.

A Alemanha continua a assombrar o mundo.

Quando não é com a sua força, é com a sua inteligência, audácia, coragem. [...] Com a guerra maravilhou [...] E no direito mantinha a sua tese - a tese mística seus filósofos para derrubar, vencer, esmagar, porque a raça é superior, biologicamente superior. O alemão marchava com um grande ideal em seu crânio quadrado e violento. O crânio feito pela ideia de um Fichte, trabalhado por um Nietzsche. [...] ainda quer ser o povo eleito, a nação soberana. [...] que surpresas reserva a Germânia restaurada à humanidade? <sup>308</sup>

Na mesma época, no JCSP, era publicada uma reportagem da agência de notícias *United Press*, intitulada *O Fascismo na Alemanha*, que mostrava apreensão com a saída de Adolf Hitler da prisão, ocorrida naquele mês. A reportagem mostra apreensão com os caminhos tomados pela exaltação do nacionalismo neste país.<sup>309</sup>

Para dar sequência a análise, nos debruçamos por fim sobre as escolhas acerca do perigo imperialista italiano.

### 3.2.2.5.3. Italianos

Em maio, pouco antes da Conferência Internacional de Emigração, um *suelto* atribuía características imperialistas e radicalizadas ao governo japonês e tratava a ameaça italiana como exagero. Respondendo a interlocutores que enxergavam a possibilidade do “mussolinismo (...) transpor nossas fronteiras” o autor argumentava que, no fim das contas, o fascismo não serviria ao Brasil.<sup>310</sup> Como vimos, a terceira sessão da Conferência - das quatro existentes - foi presidida pelo chefe da delegação brasileira. Nela, as delegações italiana e espanhola propuseram um projeto de resolução sobre a verificação das alterações ocorridas na família do emigrante<sup>311</sup> depois de seu estabelecimento no país de destino. Tal projeto consistia no controle dos documentos de emigrantes em terras estrangeiras: as autoridades locais ficariam obrigadas a comunicar aos cônsules estrangeiros as modificações ocorridas nas famílias. Marcada por um prolongado debate, a sessão teve como desfecho a

<sup>308</sup> A ALEMANHA CONTINUA A ASSOMBRAR...**Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 out de 1924. p.1

<sup>309</sup> O fascismo na Alemanha. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 19 out de 1924. p.1

<sup>310</sup> Há quem diga por aí certa apologia do mussolinismo que bem pode, em oportunidade precisa, transpor as nossas fronteiras... na metáfora de certos oradores, já anda, até, a ‘marcha contra roma’ inculcada com uma exaltação verdadeiramente meridional. Cf. HÁ QUEM diga por aí... **Jornal do Commercio**. São Paulo, 3 de maio de 1924, p.1.

<sup>311</sup> Conferência Internacional de Emigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 27 de maio de 1924, Telegramas do Exterior, p.2.

retirada do projeto<sup>312</sup>, impugnado por França, Suíça, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Venezuela, Paraguai e Inglaterra. Durante a sessão de encerramento, o discurso do delegado brasileiro James Darcy reiterava a preocupação em deixar delimitada a possibilidade de intervenção dos países europeus em terras brasileiras:

(...) não se deveria intervir nos negócios dos países estrangeiros, como também os países de imigração não deveriam estender sua intervenção além dos próprios territórios (...) devem colaborar intimamente para recíproca colaboração e interesse.<sup>313</sup>

Na leitura de David Aliano,<sup>314</sup> as discordâncias sobre o controle da documentação de emigrantes nos países de destino seriam efeito de uma divergência anterior, a respeito da concepção de cidadania. O autor afirma que enquanto o governo italiano defendia o direito decorrente do sangue, *Jus Sanguini*, outros países, geralmente americanos, defendiam o direito decorrente do solo escolhido, *Jus Soli*. Segundo Aliano, a Itália tinha o objetivo de expandir o conceito de cidadania pelo sangue como meio de estender seu controle às colônias italianas radicadas no exterior, aumentando o alcance da política imperialista fascista.<sup>315</sup>

O relatório da comissão brasileira da CIE, publicado em 1925, comentava que os resultados da Conferência demonstravam uma preocupação maior em traçar princípios legislativos para países que recebem imigrantes:

[...] As resoluções, declarações e votos formulados pela recente Conferência de Roma contém princípios, mais ou menos explicitamente formulados, que visam, de certo modo, a legislação dos países imigratórios. [...] <sup>316</sup>

As conclusões da delegação brasileira enviada à Conferência indicavam uma postura intervencionista por parte do governo italiano. Nesse sentido, pode-se afirmar que o enredo de *Brás, Bexiga e Barra Funda* se contrapõe ao interesse manifestado por Espanha e Itália de ter controle sobre as famílias de emigrantes em seu solo de destino. Na obra, o imigrante italiano tende a se integrar ao meio e ao povo paulista no decorrer das gerações, a partir do consórcio com o meio e com a gente brasileira, constituindo um novo tipo, um novo mamaluco, o ítalo-paulista. Não por acaso, na recepção de *Brás*, Martim Damy observava que

<sup>312</sup> Conferência Internacional de Emigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 28 de maio de 1924, Telegramas do Exterior, p.3.

<sup>313</sup> A sessão de encerramento. O Discurso do chefe da delegação Brasileira. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 2 de junho de 1924, Telegramas do Exterior, Conferência Internacional de Emigração, p.1.

<sup>314</sup> ALIANO, David. **Mussolini's National Project in Argentina**. (The Fairleigh Dickinson University Pressseries in italian studies). Madison, N.J.: Fairleigh Dickinson University Press, 2012, pp.35-36

<sup>315</sup> Idem, p. 36

<sup>316</sup> BRASIL. **Relatório apresentado ao presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil pel Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio Miguel Calmon du Pin e Almeida**. Ano de 1924. Rio de janeiro: Imprensa Nacional. 1928. p.57.

o livro de Alcântara seria “considerado por Mussolini como nocivo à ideia cacete e impertinente da *italianità* criada pelo fascismo”<sup>317</sup>

O receio com o imperialismo italiano começava a tomar contornos mais concretos depois da Conferência. Logo após a sua realização, a milícia fascista dos camisas negras foi incorporada oficialmente ao exército e o deputado socialista Matteotti, opositor do fascismo e líder da oposição na Câmara Italiana, foi sequestrado. Seu corpo foi descoberto em setembro e seu assassinato foi atribuído à partidários do fascismo.<sup>318</sup> Um indício desse incômodo com a interferência do governo italiano está na ata de reunião da Liga Nacionalista de São Paulo<sup>319</sup>, veiculada na seção de anúncios, que informa envio, depois de uma longa discussão, de ofício à prefeitura de São Paulo, contra a construção de uma estátua de Mussolini na cidade.<sup>320</sup> Na mesma ata era publicado que a Liga oficiou à Academia de Medicina do Rio de Janeiro, parabenizando-a pelo parecer contrário à vinda de japoneses.<sup>321</sup>

Para o leitor que acompanha as notícias pelo *JCSP*, os contornos incômodos do fascismo acentuam-se em outubro de 1924, com o brutal assassinato de Ercole Lertua, deputado italiano da região de Placencia, mutilado de guerra, que havia formado uma dissidência interna no fascismo e por isso fora espancado até a morte por seus correligionários. Ao comentar o fato, Guastini afirmava que “em consciência, não se pode atribuir a responsabilidade pelos desatinos de seus sequazes” a Mussolini, mas pondera que

Depois do tenebroso caso Matteotti, acreditava-se que os crimes políticos da península não mais se verificariam. Isso entretanto não se deu. De então para cá, os jornais europeus e os telegramas tem divulgado longa série de delitos praticados em diferentes pontos da Itália, inspirados pela cega paixão partidária. Não se pense, porém, que essas cenas degradantes se desenrolam apenas no grande país amigo. (...) Elas se registam em toda a parte, sendo todavia forçoso

<sup>317</sup> DAMY, Martin. Brás, Bexiga e Barra Funda de Antônio de Alcântara Machado. **Jornal do Commercio**, São Paulo, 6 de abril de 1927, Espírito dos Livros.

<sup>318</sup> GAMA, Stiumírio. “O Respeito às Liberdades...”. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 18 de junho de 1924, p.1

<sup>319</sup> A Liga Nacionalista de São Paulo foi fundada oficialmente 25 de janeiro de 1917. Como indica Patrícia Hansen, a LNSP daria ênfase na prática da instrução pública e na conseqüente promoção da “efetividade do voto”. Se articulou como um organismo político que se opunha a diversos setores do PRP, ainda que mantivesse componentes de dissidências internas deste partido em suas fileiras. Seus membros distinguiam-se principalmente por representarem as elites civis do empresariado paulista, a exemplo de Julio de Mesquita, dono do jornal *O Estado de São Paulo*, e acadêmicas, provenientes, por exemplo, dos quadros da Faculdade de Direito. Cf. SETEMY, Adrianna. DICIONÁRIO da elite política na Primeira República. Verbete LIGA NACIONALISTA. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/1>, HANSEN, Patrícia. *Um discurso, duas ligas*. Olavo Bilac e a criação da Liga da Defesa Nacional (1916) e da Liga Nacionalista de São Paulo (1916-1924). Trabalho apresentado no VIII Colóquio Tradição e Modernidade no mundo Iberoamericano, realizado em Coimbra em setembro de 2011. In: **Olavo Bilac, ideólogo do nacionalismo brasileiro**. Relatório final do projeto de pesquisa apoiado pelo Programa de Apoio ao Pós-Doutorado no Estado do Rio de Janeiro da CAPES/FAPERJ (09/2010-08/2011), p126

<sup>320</sup> Liga Nacionalista. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 8 de maio de 1924, p.5.

<sup>321</sup> Idem, Ibidem - se abstiveram da moção Carlos de Macedo Soares e Prudente de Moraes, Neto.

reconhecer que depois do advento do fascismo, tão salutar para o seu revigoramento, a Itália tem concorrido para as estatísticas com o maior contingente [ilegível] (...) os maus fascistas - os elementos ruins existem em todos os partidos - tem prestado péssimos serviços ao seu ilustre condutor. A tragédia de Placencia (...) é disso mais uma prova eloquente. Os fascistas, depois do assassinio, opuseram-se à prisão dos criminosos, e, por via das dúvidas, facilitaram a prisão de 60 dissidentes companheiros da vítima [...] O rigor do governo em relação aos trucidadores de Matteotti e aos agressores de outras personalidades em evidência não conseguiu, pois, conter os impulsos sanguinários (...)<sup>322</sup>

Nota-se, portanto, que embora haja percepção sobre o risco de imperialismo italiano em solo nacional através dos imigrantes, havia esforço para que a ameaça em potencial fosse relativizada, e o próprio fascismo era com frequência visto de forma nuançada.

#### **3.2.2.5.4. Considerações sobre imperialismo no JCSP (maio-setembro de 1924)**

Em confluência com o parecer de João de Faria, observamos que o perigo do imperialismo esteve associado diretamente ao imigrante japonês, em primeiro lugar, e ao imigrante alemão, de modo mais indireto. Em que pese as características positivas apontadas sobre os japoneses, de sobriedade, altivez, energia e orgulho, o JCSP caracteriza o Japão como “país forte, instintos imperialistas”, diz que a política de sua pátria evidenciou um certo radicalismo de sua parte. O JCSP citou e comentou, ainda, o artigo de *O Imparcial* que afirmava que os imigrantes japoneses iriam “fatalmente representar o programa de seu governo” e uma matéria do *Herald Tribune* que afirmava ser o Brasil um lugar em que as colônias alemãs, russas e japonesas compunham secções de seus países de origem. O conteúdo das matérias retomava a preocupação, expressa no parecer de João de Faria, com o fato do Japão ser uma potência militar - preocupação que estenderia, ainda à Alemanha, no mesmo discurso. Do mesmo modo, o JCSP publicava em suas páginas um artigo de Jordano Machado sobre política imigratória no qual era citada uma característica alemã de, tornando-se proprietária rural, trabalhar para interferir politicamente sobre o seu país de destino. Em *suelto* de elogio às qualidades de trabalho e colaboração da colônia alemã, apesar de se recusar a tese da “América Germanizada”, foi expressa a preocupação, acompanhada de admiração, com a potência armamentista alemã, que se revigorava. No mesmo *suelto* é lembrada a ideia de superioridade biológica dos alemães, apontada uma característica

---

<sup>322</sup> GUASTINI, Mário . Às Segundas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 13 out de 1924. p.1

violenta e o perigo em potencial representado e pelos imigrantes do Sul, quando se questionava sobre as dificuldades pelas quais o Brasil poderia ter passado caso a Alemanha tivesse saído vitoriosa da Grande Guerra. Afirma que um dos motivos para não se preocupar com a colônia é a repressão militar a que eles estariam sujeitos caso se insurgissem contra o Brasil. Uma matéria da *United Press* publicada pelo *JCSP*, ainda, comentava a libertação de Adolf Hitler da prisão alertava para o perigo do “fascismo alemão”, que se intensificava. A postura em relação à Itália, no princípio de nossa série documental, relativizava o perigo fascista, o que poderia estar associado à concomitância da matéria com a Conferência Internacional de Emigração, à qual o Brasil teria ido com a finalidade de retomar a imigração com aquele país. Observamos que experiências anteriores, como a Convenção de Ouchy, já apontavam para preocupações com a interferência do governo italiano sobre assuntos do Brasil. A própria conferência deu mostras de intenções imperialistas com a colônia italiana radicada no Brasil por parte do governo fascista. As preocupações com os rumos políticos da Itália passou a ser expressa com mais ressalvas no *JCSP* depois do sequestro do deputado socialista Matteotti, mas a intenção de manter as negociações para o retorno do imigrante italiano permaneceu. Enquanto para Japão e Alemanha a preocupação com o fato de tais países se constituírem como potências militares e potencialmente imperialistas era apresentado como um impeditivo quase categórico, no caso do Japão, e uma ressalva associada ao “enquistamento” das colônias do Sul, no caso alemão, para o caso italiano os excessos do fascismo eram tratados principalmente como a ação de maus fascistas ou desvios de conduta que não deveriam impedir as negociações sobre a imigração advinda da península italiana.

### 3.2.2.6. “sério e urgente”: o problema dos estrangeiros na cidade

Como vimos, a afirmativa que o imigrante deveria tornar-se proprietário rural era de certa forma recorrente em textos do jornal que falavam sobre imigrantes. Os discursos tinham como tônica a conveniência do imigrante fixar-se no campo, o que deixava a questão do destino urbano para a imigração em segundo plano nos discursos oficiais. A questão os estrangeiros nas cidades, porém, passou a ser associada a um perigo em potencial, seja pela questão da concentração de grandes contingentes não nacionais no mesmo lugar, seja pela formação de comunidades em que não se integravam com o brasileiro.

Em julho, um levante militarizado foi perpetrado em diferentes pontos do Brasil, mas vigorou principalmente na capital paulista. O ataque à cidade começou em 5 de julho, mesma data em que dois anos antes teria acontecido o levante do forte de Copacabana.<sup>323</sup> O confronto de 1924 foi comandado nesta cidade pelo General da Reserva Isidoro Dias Lopes. Os revoltosos, como foram descritos na época, exigiam a renúncia do presidente eleito Arthur Bernardes. Sugeriam os nomes do Conselheiro Antônio Prado e de Prudente de Moraes para os cargos de presidente da República e do Estado, respectivamente. Durante a ocupação da cidade, que durou quase um mês, as redações dos principais jornais da cidade foram tomadas, incluindo o JCSP, que ficou sob censura e foi utilizado como veículo de informes das tropas que ocupavam São Paulo. A capital paulista foi palco de um conflito militar que lançou mão do uso de canhões e o bombardeio aéreo da cidade.<sup>324</sup> Uma parte dos revoltosos se organizou em batalhões estrangeiros, como observam os trabalhos de Laura Cristina Aquino e Maria Spada Castro<sup>325</sup> Segundo Castro,

estrangeiros recém-chegados da Europa contribuíram com seus conhecimentos e habilidades adquiridos na Primeira Guerra Mundial organizando batalhões por nacionalidades (Alemão, Húngaro e Italiano) de maneira independente dos militares brasileiros (...) O fato de terem constituído batalhões organizados por nacionalidades, facilitando o relacionamento e a comunicação entre seus componentes, já nos mostra alguma experiência militar. (...) a participação de estrangeiros na rebelião de 1924 deve ser examinada menos na quantidade dos que se alistaram, e mais na qualidade dessa participação e na repercussão que ela

<sup>323</sup> Evitaremos usar o termo tenentismo pensando na observação de que "é preciso se reexaminar todas as manifestações que foram vistas como "tenentismo", para uma explicação mais satisfatória sobre esse momento", feita por Vavy Pacheco Borges. BORGES, Vavy Pacheco. **Tenentismo e Revolução Brasileira**. São Paulo, SP: Brasiliense, c1992

<sup>324</sup> AQUINO, Laura Cristina M. de. **A participação de batalhões estrangeiros na rebelião de 1924 em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995; CASTRO, Maria C. S. **Tenentismo em 1924: A Participação Civil na Revolução Paulista**. Monografia de Conclusão de Curso em História. Unifesp, Guarulhos. 2013.

<sup>325</sup> Estes, "além de combater, eram encarregados do conserto de canhões, metralhadoras, automóveis [...] Também foram incumbidos da fabricação de carros blindados, de granadas, etc., o que evidencia haver entre eles um alto grau de especialização". AQUINO, 1995, **Op. Cit.**, p. 83

teve no momento (...) . Quando da retirada das tropas da cidade de São Paulo, consta que boa parte destes batalhões seguiram os revoltosos em direção a Coluna de Prestes. Ítalo Landucci, por exemplo, um dos líderes do Batalhão Italiano, se exilou na Bolívia junto com outros combatentes ao final da marcha ( ... )<sup>326</sup>

O Batalhão Alemão foi o maior, o mais organizado e o que teve participação mais ativa do ponto de vista militar. Antes da retirada de São Paulo, chegou a contar com cerca de trezentos homens em suas fileiras. Uma parte dessa tropa, cerca de cento e oitenta homens, seguiu junto com os rebeldes na noite de 27 de julho (...) na denúncia do procurador criminal consta que Sixten Kjelstrom, sueco; Henrique Holzmann, austríaco; João Thaller, austríaco; Frederico Brunner, suíço; Rodolpho Schweiser, suíço; Carlos Renecker, austríaco e Oscar Wilke, dinamarquês, fizeram parte deste batalhão. O Batalhão Húngaro, por sua vez, reunia tropas de diversas nacionalidades eslavas como romenos, tcheco-eslovacos e poloneses. O Batalhão Italiano, o menor em número, contava com cerca de quarenta soldados italianos, espanhóis e portugueses.<sup>327</sup>

A repercussão da participação dos estrangeiros, principalmente húngaros e russos,<sup>328</sup> no movimento foi usada como argumento contra os revoltosos e

propiciou uma “justificativa” para a repressão política interna e indiscriminada contra cidadãos brasileiros. A ênfase com que o governo condenou o envolvimento de estrangeiros no movimento não foi por acaso. "A presença de estrangeiros entre os revolucionários criou a possibilidade da utilização ideológica do conceito de “pátria ameaçada” por inimigos externos”<sup>329</sup>

Nos meses seguintes encontramos associações entre o levante militar e o contingente estrangeiro de São Paulo. Essas associações diziam respeito principalmente aos húngaros e alemães, que teriam combatido na condição de mercenários.<sup>330</sup> Nesse período, o JCSF ocupou grande parte de sua publicação com temas concernentes à “Revolta Isidora”, como era comumente descrita. Ocorrências do conflito e a perseguição aos participantes do levante, tratados por “revoltosos”, que se dispersavam em direção ao Sul do país e ao Mato Grosso, foram noticiadas sob título “A Vitória da Legalidade”.

Ao mesmo tempo, o jornal continuava mostrando desdobramentos da política de restrição estadunidense, como a situação de diversos imigrantes que, não podendo entrar no

<sup>326</sup> CASTRO, Maria C. S. **Entre Cartas**: uma contribuição para o estudo da Revolução de 1924 em São Paulo e de suas ligações com a Coluna Miguel Costa Prestes. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. 2015.

<sup>327</sup> AQUINO, **Op. Cit.**, pp.60-61.

<sup>328</sup> “O governo provisório não recuou diante do crime nefando de fardar, entre soldados do Exército Nacional, centenas de húngaros e de russos, recém-chegados ao Brasil, para o espingardeamento de brasileiros, que defendiam a legalidade em sua pátria. A cultura moral de Isidoro Dias mede-se por esse ato: ele pagou húngaros e a russos, ainda na Hospedaria dos Imigrantes, a tarefa negra de combater brasileiros, que defendiam o governo de sua terra”, *Cf.* Crime de lesa-pátria. **Correio Paulistano** São Paulo, 05 de ago. 1924, p.1. O artigo foi citado por Maria Castro em CASTRO, 2013, **Op. Cit.**, p.41

<sup>329</sup> AQUINO, **Op. Cit.**, pp.60-61.

<sup>330</sup> Como se deu o assalto nas trincheiras do Cambuci.. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 22 ago de 1924., CASTRO, **Op.Cit**, AQUINO, **Op. Cit**.

país, permaneceram na ilha de Cuba. Segundo uma reportagem da agência Havas, parte do contingente ali radicado considerava ir para a América do Sul, enquanto outros diziam que iriam voltar para os seus respectivos países de origem ou mesmo entrar ilegalmente nos Estados Unidos na primeira oportunidade.<sup>331</sup>

Em fins de agosto de 1924 ocorreram uma série de atentados a prédios públicos do Rio de Janeiro. Ao comentar o episódio, um suelto do período em questão comentava sobre os que ele classificava como “dinamiteiros”:

(...) não será preciso muita argúcia para enxergar neles a atuação de elementos estranhos à nossa nacionalidade que se aproveitam de um momento anormal para explorar a boa fé de patrícios nossos e assim (...) para ver se conseguem implantar a desordem no nosso país e fazer tremular (...) a bandeira do bolchevismo (...)<sup>332</sup>

Dois dias depois, Mário Guastini reforça a ideia de que todos os “dinamiteiros” provavelmente seriam estrangeiros europeus:

Ao soar dos canhões sucede o estouro das bombas (...) [quando a polícia consegue desmontar uma bomba] ficamos livres destes perigosos brinquedos e não menos perigosos fabricantes, todos eles estrangeiros, pois, é no velho mundo que nesses últimos tempos os partidários do motim se tem aperfeiçoado na indústria da destruição (...)<sup>333</sup>.

Na sequência, a apreensão em relação aos estrangeiros na cidade de São Paulo foi um dos temas tratados no rodapé *Semana Literária*, de Arthur Motta, de 4 de setembro. Nele, Motta comentava o livro *Cousas Brasileiras e Cousas Americanas*, de Hélio Lobo, diplomata da embaixada brasileira nos Estados Unidos. Nesta obra, segundo Motta, é apontada a preocupação estadunidense em distribuir grupos de imigrantes pelo país, “para combater a sua influência numérica ou aglomeração”. A preocupação seria “assimilar o estrangeiro em contato com os nacionais, estimulando a fusão pela intervenção enérgica e oportuna de todos os processos que contribuem para caldear diversos elementos étnicos”. O diplomata considerava a que a recente intervenção dos estrangeiros na Revolta Isidora seria uma crise que estaria começando a se esboçar, e pedia atitude enérgica do governo federal sobre o assunto, em observância aos cuidados tomados pelo país norteamericano. O comentário de Motta sobre o livro, que nos serve de epígrafe, conclui que Lobo delineia “os três problemas capitais para o Brasil: a seleção, distribuição e assimilação dos imigrantes”.<sup>334</sup>

<sup>331</sup> Os efeitos da lei americana de imigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 21 de agosto de 1924, Telegramas do Exterior: Na América, p.2.

<sup>332</sup> Suelto. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 29 ago de 1924. p.3

<sup>333</sup> GUASTINI, Mário. Às Segundas. **Jornal do Commercio**, 01 set de 1924, p.1.

<sup>334</sup> MOTTA, Arthur. *Semana Literária*. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1924, p.3.

Lobo ressalta positivamente a preocupação do governo estadunidense em assimilar o estrangeiro a partir do contato com os nacionais, lançando mão de todos os processos possíveis para misturar os “diversos elementos étnicos”. Repete diversos discursos que vimos nesse tópico, que sublinhavam a necessidade de se fixar o trabalhador estrangeiro junto ao nacional. Se há aproximação entre o processo retratado em *Brás* e os pressupostos valorizados por Lobo a respeito do contato do estrangeiro com o nacional, há também um afastamento entre a conveniência da distribuição dos imigrantes pelo território nacional defendida pelo diplomata e a natureza da ambientação dos contos do volume que estudamos. Os bairros que dão título ao livro eram aglomerações urbanas que concentravam grande número de italianos.<sup>335</sup> Ainda que fossem oriundos de diferentes pontos dentro da península Itálica e tivessem cultura, língua e hábitos diferentes entre si, todos eram designados sob a homogeneizadora categoria de Colônia Italiana. Poderia *Brás*, *Bexiga e Barra Funda* dialogar com a preocupação das autoridades sobre a concentração de grande contingente estrangeiro em solo paulista? A ideia de integração do imigrante italiano contida no livro de Alcântara poderia se configurar enquanto defesa da ideia de que a Colônia Italiana de São Paulo não representaria perigo?

O retorno à figura de Arthur Bernardes pode nos dar algumas pistas nesse sentido. Na Mensagem presidencial de 1924, Bernardes sublinhava que o imigrante deveria ser essencialmente camponês, o que, além de coerente com o desejo de remediar a carência de braços para a lavoura, seria complementar à ideia de que o estrangeiro não deveria se concentrar em demasia nos centros urbanos. Supomos ser razoável pensar que a preocupação com os imigrantes sem perfil camponês passasse também pelas suas experiências de organização operária em potencial, que poderiam causar transtorno aos industriais dos centros urbanos - a exemplo dos dinamiteiros do Rio, associados a elementos estrangeiros propagadores do bolchevismo.<sup>336</sup> Uma carta enviada pelo presidente da República a Monteiro Lobato, no mesmo mês em que o comentário de Motta era publicado, corrobora com a ideia de que o elemento estrangeiro concentrado na cidade de São Paulo era considerado um entrave aos interesses do país, também por parte do presidente. Nesta carta,

---

<sup>335</sup> Importante lembrar, não somente italianos. Para discussão interessante nesse sentido ver SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza 1890-1915**. 3. ed. São Paulo, SP: Annablume, 2008.

<sup>336</sup> Da vasta bibliografia sobre a atuação dos estrangeiros nos movimentos operários urbanos e sobre a preocupação das autoridades com a associação entre estrangeiro e organização sindical, ver, por exemplo: BONFÁ. **Com lei ou sem lei**. As expulsões de estrangeiros e o conflito entre o executivo e o judiciário na Primeira República. Tese de doutorado. IFCH-UNICAMP. 2008; LOPREATO, Christina Roquette. **O espírito das leis: anarquismo e repressão política no Brasil**. Revista Verve. São Paulo: Puc-SP, 2003;

Bernardes atribuía o relativo sucesso dos revoltosos em São Paulo ao excesso de gente estrangeira:

quanto à atitude do povo paulista em face do levante de 5 de julho último (...) creio que a lamentável ocorrência foi também devida à influência do elemento estrangeiro, cujo excesso, dando de certo modo um aspecto cosmopolita a essa capital, acaba até por opor sérios embaraços nos elementos em que a população deseja vibrar pelas cousas brasileiras com todo o ardor que seria de desejar (...)<sup>337</sup>

Na semana seguinte ao comentário de Motta, o *JCSP* publicou um *suelto* de António de Alcântara Machado sobre as discussões travadas na Câmara Municipal a respeito do tráfego de automóveis na cidade de São Paulo, que já citamos mas julgamos oportuno retomar. Depois de comentar o assunto, Alcântara conclui que “há problemas muito mais sérios e urgentes que reclamam neste momento a nossa atenção: o do povoamento, por exemplo...”<sup>338</sup> Manifestava-se diretamente, portanto, referindo-se ao problema do povoamento no âmbito do município de São Paulo como prioridade, dada a sua seriedade e urgência. O que essa urgência poderia significar? Talvez um acordo com a tese de Lobo, de que a Revolução Isidora prenunciava uma crise decorrente da falta de critérios de seleção e distribuição dos imigrantes?

Depois dos episódios citados, um artigo d’*O Imparcial* foi citado pelo JCSP defendendo readequar critérios para permitir a entrada e fixação de imigrantes no país. Uma das justificativas seria a de que “não é direito que imigrantes cheguem, passem pelas lavouras e venham às cidades, aumentar as dificuldades da vida urbana.”<sup>339</sup> Vai no mesmo sentido a uma publicação da Liga Agrícola Brasileira, de 13 de setembro, que divulgava um debate interno sobre a conveniência do Brasil pagar as passagens dos imigrantes que desejam entrar no país. Segundo uma das falas dispostas no artigo, seria fácil ao imigrante conseguir um passaporte campônio e depois ir à cidade, fortalecendo o elemento subversivo.<sup>340</sup> Na Conferência Internacional de Emigração o tema da preocupação com o elemento subversivo estrangeiro também esteve pautado, a ponto de ser discutido um projeto contra a imigração de intelectuais, proposto pela comissão mexicana. Ao receio em relação ao elemento estrangeiro não assimilável, por conta de, como vimos, ser encarado como um potencial

---

<sup>337</sup> BERNARDES, Arthur. **Carta a Monteiro Lobato**. Rio de Janeiro, 6 set. 1924. Apesp: Cartas da Revolução de 1924.

<sup>338</sup> NESTA BOA E LEAL... **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 set. 1924. p.1

<sup>339</sup> *O Imparcial*. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 10 set de 1924, Imprensa Carioca, p.2.

<sup>340</sup> Liga Agrícola Brasileira. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 13 set. 1924, p.4.

propagador de imperialismos, somava-se então a possibilidade de que fosse subversivo e articulador da organização operária.

### 3.2.3. Alcântara Redator Principal do JCSP (outubro de 1924 - janeiro de 1925)

Em 1935, em uma homenagem póstuma a Alcântara, Guastini mencionava que

Em fins de outubro de 1924, forçado à viagem que se prolongou por mais de 3 meses, deixei à António a responsabilidade redatorial do Jornal do Comércio, num período delicadíssimo para a vida política de São Paulo e do Brasil.<sup>341</sup>

O período descrito acima coincide com uma drástica queda na frequência de sueltos de autoria de Alcântara, entre os dias 22 de outubro de 1924 e 22 de janeiro de 1925.<sup>342</sup> Como acabamos de observar na seção anterior, em setembro de 1924 o autor enunciava que o problema do povoamento na cidade de São Paulo era urgente e da maior seriedade. Observamos que ao longo de 1924 o governo brasileiro negociava com o governo italiano a retomada da imigração, e que o problema da assimilação de estrangeiros estava na ordem do dia. Conjecturamos que suas atribuições como redator chefe restringiram sua atuação como articulista. Haveria uma dimensão autoral de Alcântara no jornal, nesse período: ainda que na condição de interino, é provável que a composição formal e ideológica do JCSP estivesse diretamente submetida ao seu crivo, que fosse mediado, tanto quanto possível, por suas escolhas. Além de ler com atenção as matérias e participar do ambiente de redação, nesses três meses Alcântara passou a concentrar maior empenho no *JCSP*. Mário Guastini não se afastou por completo da publicação, passou a enviar suas contribuições por correio e menciona telefonemas à redação. Sua atuação no dia a dia do jornal fica insinuada por um desses textos, no qual menciona ter ligado para a redação em São Paulo dizendo que deveriam fazer um *suelto* de elogio a uma atitude do governo federal.<sup>343</sup> O período delicadíssimo a que Guastini se refere no excerto provavelmente remete às sublevações do Rio Grande do Sul, lideradas por Luís Carlos Prestes, que já ocorriam no decorrer do mês outubro, e ao sequestro do encouraçado São Paulo em novembro por integrantes da Marinha que desejavam se juntar às tropas rebeladas no sul do país.<sup>344</sup>

---

<sup>341</sup> Pelo teor do rodapé “Às Segundas”, e da citação na qual Guastini se disse forçado a viajar, pode-se conjecturar que tenha ido prestar satisfações sobre a atuação do JCSP durante o levante de Julho de 1924. GUASTINI, Mário. António de Alcântara Machado. In: GRIECCO, Agrippino ( Coaut. de). **Em memória de António de Alcântara Machado**. São Paulo: Polai, 1936. p.111.

<sup>342</sup> Foram 9 em agosto, 19 em setembro, 14 em outubro - até o dia 22 . Entre esta data e 22 de janeiro foram publicados 5 textos entre sueltos e comentários na parte “ Várias notícias”. Do dia 22 pra frente Alcântara teve 7 publicações no corpo do jornal em janeiro e em fevereiro, somente 4, já que partiu em viagem para a Europa. Durante os três meses a seção teatros e música manteve sua regularidade.

<sup>343</sup> GUASTINI, Mário. **Às Segundas**. Jornal do Commercio. 24 nov de 1924.p1.

<sup>344</sup> Sem condições de aportar no Rio Grande do Sul, e sem mantimentos disponíveis, os revoltosos aportaram no Uruguai. As sublevações de Prestes contavam com parte do contingente dos integrantes do levante de julho de 1924.

Ao mesmo tempo em que ocorria esta mudança na posição ocupada por Alcantara no *JCSP*, iniciava-se uma fase em que a questão da imigração italiana para o Brasil seria objeto de intensa polêmica e negociação entre os dois países, e a política italiana se radicalizaria sob domínio do Partido Fascista. Na sequência, identificamos nestes debates dois eixos de elementos acerca da conveniência da imigração italiana para o Brasil. No principal deles, a imigração seria desejável ou adequada porque no Brasil haveria terras, trabalho, e sobretudo possibilidade de prosperidade, e indesejável porque as más condições manteriam os italianos no Brasil pobres. Num segundo eixo, novamente aparece que a imigração seria desejável porque Brasil e Itália teriam o mesmo ânimo, ou estirpe, por conta da raça latina comum, havendo no entanto, apreensão quanto à intervenção do governo fascista em solo nacional .

Como já mencionado, o período em que Alcântara atuou como redator chefe do *JCSP* foi marcado pela continuidade das negociações sobre imigração com a Itália e pelas discussões em torno da votação do orçamento para o Ministério de Negócios Estrangeiros no Parlamento italiano, que começaria em meados de novembro. O vice-comissário de emigração da Itália, sr. Mastromattei, visitava países da América do Sul em busca de acordos estratégicos para o comércio e a emigração, por vezes acompanhado do embaixador da Itália no Brasil, General Badoglio. Uma declaração de Mussolini afirmando grande ocorrência de tracoma (doença diretamente associada a condições sócio-econômicas e ambientais precárias) em terras brasileira repercutiu especialmente mal no Brasil, chegando ao ponto de, numa reunião convocada sob regime de urgência pelas três sociedades agrícolas brasileiras, ser deliberado o “desaconselhamento” da imigração italiana. Nesta mesma reunião, há a consideração que os japoneses poderiam ser imigrantes mais convenientes. Não é o objetivo aqui entrar no mérito do quão “sincera” poderia ser tal posição por parte das associações paulistas, que bem poderiam estar exercendo uma manobra para pressionar o governo italiano a finalizar as negociações com mais presteza ou menos contrapartidas comerciais. Cabe, porém, pontuar que é a primeira vez na série documental que aparece uma afirmação de que a imigração de italianos seria desaconselhável. No período abordado neste subtópico também é notório o quanto os telegramas do exterior noticiam a radicalização da política fascista italiana, que passa a perseguir os seus opositores mais abertamente e mesmo a declarar a oposição ilegal. É o que veremos adiante.

Em fins de outubro os telegramas anunciavam que Mussolini afirmava já ter sido bem sucedido em encaminhar a imigração para o Brasil<sup>345</sup>. No dia seguinte noticiava-se a chegada do Vice Comissário de Emigração Mastromattei, que “pretendia aumentar o influxo de navios para o Brasil, que viriam com imigrantes e voltariam com mercadorias”.<sup>346</sup> No começo de novembro noticiavam que o jornal pró fascismo *O Secolo*, de Milão, retomava a necessidade de Mussolini publicizar seu desacordo com os atos extremados que alguns membros do partido fascista vinham tomando.<sup>347</sup> Poucos dias depois era divulgada uma fala de Mussolini ao parlamento anunciando que havia então mais de cinco mil fascistas presos em cadeias de toda a Itália.<sup>348</sup> Essas notícias, das primeiras semanas de Alcântara como redator interino, expressam em torno de quais pontos giraram as discussões sobre a Itália: oscilações sobre acertos de acordo de imigração e receio sobre os rumos do governo italiano.

O tema do representante italiano que vem ao Brasil e fala mal das condições nas fazendas volta à tona em novembro, quando Luciano Magrini, enviado especial do *Corriere della Sera* a São Paulo, redigiu uma matéria negativa sobre a vida a que os imigrantes italianos radicados nas fazendas deste estado estavam submetidos.<sup>349</sup> A notícia foi dada no JCSP no dia 11 e a repercussão nos meios diplomáticos foi noticiada no dia 13, quando se noticiava que o embaixador do Brasil na Itália havia pedido ao governo de São Paulo “um relatório detalhado sobre a vida dos italianos nas fazendas paulistas, a fim de contradizer as afirmações enviadas pelo correspondente especial do *Corriere della Sera*”.<sup>350</sup> No mesmo dia, noticia-se que o Comissário Geral da Imigração da Itália, o senador italiano Augusto Setti, escreveu na imprensa italiana atestando uma mudança de postura dos fazendeiros em relação ao cuidado com as condições do imigrante, principalmente após o decreto Prinetti, de 1902, que proibiu a imigração subsidiada italiana ao Brasil. Setti encerrava seu texto

---

<sup>345</sup> Entrevista do Sr. Mussolini sobre a Emigração Italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 28 out. 1924. Telegramas do Exterior. p.1.

<sup>346</sup> A Intensificação da imigração italiana para o Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 29 out de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.2;

<sup>347</sup> A matéria faz referência ao desacordo com o confronto observado entre fascistas e ex-combatentes no dia quatro, quando os dois grupos entraram em conflito. Cf. Comentários dos Jornais sobre a situação política. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 10 nov de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.1

<sup>348</sup> O governo e os fascistas - 5300 fascistas cumprindo pena na prisão. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 nov de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.1

<sup>349</sup> O correspondente do “Corriere della Sera” em São Paulo e a vida dos paulistas italianos nas fazendas paulistas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 nov de 1924, Telegramas do Exterior. Itália. p.1

<sup>350</sup> **Jornal do Commercio**. São Paulo. 13 nov de 1924, Telegramas do Exterior. Itália. p.1

reproduzindo uma opinião sobre a fixação do estrangeiro em terras brasileiras fazendo apologia ao “patriotismo da raça latina”:

(...) toda a gente de bom senso, diz que se o Brasil quer trabalhadores italianos para o seu desenvolvimento econômico, que lhes dê terras e meios de trabalho e de vida. (...) “Devemos desejar que se realizem alianças entre o continente europeu e o americano fundadas no patriotismo da raça; devemos querer que o patriotismo seja o da raça latina pois os recentes acontecimentos da política internacional mostram que a Itália está fadada para uma missão de civilização fraternal de simpatia entre os povos de mesma estirpe.”<sup>351</sup>

Desde meados de novembro se discutia o orçamento para o Ministério de Negócios Estrangeiros.<sup>352</sup> Nessas discussões foi levantado o interesse em manter ensino de língua e cultura italiana para os radicados em terras estrangeiras e seus descendentes.

O Deputado sr.Fera, sustentou o dever da Itália de valorizar no estrangeiro o braço italiano e, sobretudo, animar a difusão do idioma (...) O deputado Volpi mostrou a necessidade de melhorar as escolas italianas no estrangeiro e valorizar o trabalho e inteligência dos emigrantes. O Sr. Blano lamenta que alguns italianos, esquecidos dos seus deveres patrióticos, andem pelo estrangeiro fazendo obra antinacional (...) Sr. Devala exaltou a obra do presidente Mussolini, a quem denominou o valorizador da vitória e o defensor dos direitos da Itália perante todas as nações.”<sup>353</sup>

No mesmo dia em que o diálogo acima foi exposto, o JCSP publicava um telegrama sobre um diálogo entre o deputado Armando e Mussolini.<sup>354</sup> O primeiro discursava contra “as privações, contrariedades, e fadigas que sofrem os colonos nas fazendas brasileiras”, lamentando que a “a mão de obra italiana fosse explorada pelos patrões sem escrúpulos”.<sup>355</sup> Em sua fala o deputado chamava atenção do governo para as modalidades de execução de uma recente convenção concluída com o Governo de São Paulo. Mussolini disse que a execução de tal acordo fora adiada e que “a emigração para o Brasil achava-se virtualmente suspensa há dois anos”. Possivelmente falavam da Convenção de Ouchy. Mussolini encerrava sua fala afirmando que, de todo modo, “o quadro dos colonos italianos atacados de tracoma” eram o suficiente para “encher-lhe de horror”.<sup>356</sup> A divulgação dessa

<sup>351</sup> Idem, Ibidem.

<sup>352</sup> A Câmara dos deputados continuou hoje as discussões do orçamento do ministério dos negócios Estrangeiros. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 nov de 1924. Telegramas do Exterior. Itália, Na Câmara dos Deputados .p1; Iniciativas em Prol dos Imigrantes. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 15 nov 1924. Telegramas do Exterior. Itália, p.3

<sup>353</sup> Na Câmara dos Deputados. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 nov 1924. Telegramas do Exterior. Itália, p.3.

<sup>354</sup> A Campanha contra a imigração italiana para o Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 nov de 1924.Telegramas do exterior. Itália, p.2.

<sup>355</sup> Idem, Ibidem.

<sup>356</sup> A Campanha contra a imigração italiana para o Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 nov de 1924.Telegramas do exterior. Itália, p.2. A questão do tracoma e da Lepra seria retomada no Parlamento Italiano

discussão, associada às más notícias enviadas pelo jornalista do *Corriere della Sera*, repercutiram fortemente nos telegramas do exterior publicados pelo *JCSP*. Segundo notícia do dia posterior, mesmo os jornais socialistas da Itália endossavam o *Corriere* quando falava sobre as condições do imigrante no Brasil. O *Giornale d'Italia*, de Gênova, por outro lado, sustentava que a motivação para a rejeição do acordo com o Brasil foi “a pretensão de conseguir que ao acordo fosse adicionada em seu favor, para as relações comerciais com o Brasil, a concessão da cláusula de nação mais favorecida”<sup>357</sup> A menção às contrapartidas comerciais seria retomada nos dias seguintes,<sup>358</sup> com destaque para uma mensagem do Comendador Rodolfo Crespi, importante industrial italiano radicado em São Paulo, que chegou a ir à Itália negociar o retorno do fluxo imigratório italiano ao Brasil. Nele, Crespi lamentava que o governo italiano impedisse a ratificação do acordo, exigindo “redução de tarifas aduaneiras, invocando concessões feitas ao Brasil e a outras nações e que foram suprimidas no começo do ano vigente.”<sup>359</sup> Comentava a “impressão desastrosa” que a matéria do *Corriere* e sua repercussão no Parlamento Italiano causara no Brasil, a ponto de ameaçar “turbar fraternas relações” entre os dois países e “prejudicar gravemente os interesses da colônia”. A seguir defendia a conclusão de acordos sobre a imigração, “convencido do grande futuro aqui reservado ao trabalho italiano, que já se afirmou vigorosamente em todos os campos da atividade comercial, agrícola, industrial, financeira e profissional”. Retomando os argumentos atribuídos à Caviglia, Crespi questionava a validade do testemunho do correspondente do jornal italiano, pois este permanecera por curto período em São Paulo e formara juízo com base em rápidas visitas. Defendia o acordo de emigração em discussão, ressaltando “benefícios relativos ao trabalho, facilitação na constituição de cooperativas, garantias higiênicas, concessão de escolas italianas, e normas de proteção, assistência e previdência social”, além da garantida formação de pequenos proprietários italianos assegurada pelos termos do contrato em questão.

A repercussão das declarações do governo italiano no Brasil continuavam, ainda, com o jornal da colônia italiana do Rio de Janeiro *La Patria Degli Italiani*, que questionava a agência de notícias *United Press*, notando uma contradição na divulgação da atitude dos

---

dias depois A CAMPANHA CONTRA O BRASIL - O TRACHOMA E A LEPROSA LEVADOS PARA Itália pelos imigrantes. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 19 nov 1924.

<sup>357</sup> A Campanha contra a emigração italiana para o Brasil, levada a efeito pelo *corriere della Sera*, de Milão. **Jornal do Commercio**. São paulo. 17 nov de 1924. Telegramas do Exterior. Itália, pp.1-2.

<sup>358</sup> O convênio de Imigração com o Brasil - A Itália queria a cláusula de nação mais favorecida. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 20 nov. Telegramas do exterior, Itália, p.1

<sup>359</sup> Imigração italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. nov de 1924. p2.

parlamentares: o deputado que teria criticado o modo como eram tratados os imigrantes no Brasil teria dito ao mesmo tempo que este seria o país de emigração mais vantajoso ao trabalhador italiano. Questionava também as declarações de Mussolini sobre as más condições dos imigrantes nas fazendas de café, pelo fato de ter um oficial do governo italiano observando as condições de trabalho nas fazendas. Conclui que

Inteiros bairros, na capital, e inteiras cidadelas e povoações, onde vivem, prósperos e felizes, os ex-emigrantes; obriga-nos a reconhecer que, dia a dia, se obtém provas da boa vontade e do empenho que o Brasil demonstra, através das autoridades federais, estaduais e da opinião pública, para resolver a questão emigratória sobre a base da mais liberal conveniência recíproca. (...) Os sentimentos e os interesses dos dois povos, de raça e ânimo comuns, querem que assim seja.<sup>360</sup>

Mais tarde a *United Press* responderia, confirmando que as declarações reproduzidas por seu correspondente eram as mesmas registradas nos próprios anais do Congresso Italiano.<sup>361</sup>

Em artigo do *Il Caffaro*, de Gênova, o senador Setti afirmava que não deveria se perder de vista os “milhões de italianos” enriquecidos pelo Brasil. Comparando o fenômeno alemão com o italiano, observava que a Alemanha se preocupava em organizar a emigração, empregando pessoal competente e recursos para tal propósito. A Itália deveria fazer o mesmo, prevenindo perigos e miséria aos seus compatriotas. Apontava o enorme potencial imigratório do Brasil, lembrando que não se esgotaria em São Paulo. Mais a frente falava sobre o perfil do emigrante italiano:

É necessário que a emigração não se componha unicamente de proletários, sendo necessário também elementos de direção moral, intelectual e técnica; é necessário que a emigração seja apoiada pelas sociedades industriais e bancos italianos, que lhe adiantem os meios financeiros”<sup>362</sup>

Apesar dos elogios com que começa o artigo, a conclusão de Setti é que as esperanças de acordo entre Itália e Brasil seriam mínimas. A Itália deveria direcionar suas energias à colonização da Somália, Líbia e Eritreia, e explorar o potencial de cultivo de seu próprio território inexplorado.<sup>363</sup>

Observa-se neste momento uma grande instabilidade sobre os negócios com a Itália. O quadro exposto pelas notícias mostram os governos brasileiro e italiano estariam prestes

---

<sup>360</sup> A Emigração Italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 21 nov de 1924.p3

<sup>361</sup> O Problema da Imigração Italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 21 nov de 1924. Gazetilha, p.2

<sup>362</sup> Idem, Ibidem.

<sup>363</sup> Idem, Ibidem.

a executar um acordo sobre emigração, rescindido no último momento pela exigência de contrapartidas em forma de vantagens comerciais por parte da Itália. Membros do governo italiano e o próprio Mussolini passaram a classificar o Brasil como país impróprio à colonização, entre outros motivos, pelas condições às quais os imigrantes italianos seriam submetidos nas fazendas brasileiras. Mesmo parlamentares como o deputado Setti, que inclui em seu discurso a defesa da tese de que o imigrante italiano prospera no Brasil, associa este retorno da emigração de italianos à ideias que remetem ao imperialismo: o primeiro reivindica um patriotismo latino por parte dos italianos e americanos em questão, depois defende que os imigrantes não sejam apenas proletários, mas também membros “de direção moral, intelectual e técnica”. As discussões parlamentares sobre o Orçamento ao estrangeiro ressaltaram o desejo do incremento da educação de língua e história da Itália em terras estrangeiras, o que , segundo o telegrama de Crespi dá a entender, estava contemplado no acordo em entre Brasil e Itália - e que , ainda assim, foi negado. Neste mês, a oposição parlamentar, minoria formada pelos blocos não fascistas - em sua maioria socialistas, seguidos de comunistas - anunciou que não retornaria às suas atividades enquanto prevalecesse “a situação denunciada a 27 de Junho, a qual só tende a piorar.”<sup>364</sup> Como veremos a seguir, as três sociedades agrícolas brasileiras chegaram, em conjunto, a desaconselhar a imigração italiana. Entre a divulgação da matéria do *Corriere della Sera* e a reunião das sociedades agrícolas apenas dez dias se passaram - uma grande oscilação de perspectivas de negócios com os italianos.

Um *suelto* do *JCSP* sobre imigração italiana dividia a discussão sobre imigração de italianos em duas correntes - uma a da “verdade e da razão”, outra a “do embuste, da exploração e do escândalo”.<sup>365</sup> Sobre a experiência italiana no Brasil, dizia que

o italiano no Brasil encontra uma segunda pátria. As nossas leis lhe são favoráveis. São bem acolhidos por toda a parte. Trabalhador, ativo, o braço italiano é disputado. E assim as nossas lavouras se enchem com homens que, em breve, se casam com nossos usos e costumes, aprendem a falar a nossa língua e, de obscuros operários rurais, passam a proprietários de sítios e nas cidades, fundam indústrias, cooperam com dinheiro ganho numa vida ativa, econômica e sóbria, junto da prole que os auxilia, para o progresso nacional em vários ramos da atividade prática.

Quando um oficial ilustre, italiano, disse uma porção de cousas injustas sobre nossos processos de colonizar e de tratar a imigração, o nosso

<sup>364</sup> Mensagem da oposição ao povo. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 nov de 1924.p1 . 27 de junho é a referência ao afastamento de opositores do fascismo do Parlamento Italiano ficou conhecido como *Aventino*. O afastamento foi desencadeado principalmente após sequestro e assassinato do do deputado Matteotti, em junho de 1924, descoberto em agosto do mesmo ano.

<sup>365</sup> NESSA HISTÓRIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA... **Jornal do Commercio**. São paulo. 19 nov de 1924. p.3

governo imediatamente lhe tapou a boca, mandando publicar pela imprensa de Roma os dados sobre a prosperidade dos italianos no Brasil.<sup>366</sup>

O *suelto* se encerra reforçando o pronunciamento de Giovanni Giuriatti, favorável à experiência imigrante no Brasil e que se apoiava em documentação e dados estatísticos.<sup>367</sup> Giuratti estivera no Brasil meses antes acompanhando o príncipe herdeiro da Itália. A experiência do príncipe herdeiro se resumiu a uma parada em Salvador e um jantar servido por autoridades brasileiras - o plano de aportar em São Paulo foi abortado por causa da Revolta Isidora.

As discussões e impasses no Parlamento italiano repercutiram também nas ligas agrícolas brasileiras. A Sociedade Rural Brasileira, a Liga Agrícola Brasileira e Sociedade Paulista de Agricultura formalizaram uma reunião no dia 19 de novembro. Sua ata foi publicada no JCSP dia 20. Foi realizado um retrospecto da imigração, desde os tempos do Império. Como resposta às acusações do Parlamento Italiano, abordou-se o tema do tracoma, argumentando-se que ele introduzido no Brasil por italianos vindo de regiões em que a moléstia é endêmica.<sup>368</sup> Carlos Leôncio se pronunciou ressaltando a “cordialidade existente em São Paulo entre italianos e brasileiros” a ponto “do italiano esquecer-se de que não é brasileiro, o que não impede ele de conservar o seu amor à pátria de origem”. Para conservar tal cordialidade, Leôncio propôs que os membros da Sociedade se desinteressassem da imigração italiana, “diante da campanha (...) movida na Itália por parte de alguns membros do parlamento e alguns órgãos da imprensa.” Leôncio teria sido apoiado por falas posteriores,<sup>369</sup> e ao fim da reunião foi elaborada uma moção ao presidente do Estado, dizendo que “os lavradores paulistas desinteressavam-se pela imigração de procedência italiana”<sup>370</sup>. Carlos Leôncio, que pautou tal desinteresse, apresentaria na mesma reunião as vantagens da imigração japonesa. O trabalhador japonês era descrito como “forte e superior, de sentimentos nobres”, com “trabalhadores sóbrios e inteligentes que tem assombrado a lavoura com a sua operosidade”. Propõe que o Estado de São Paulo estabelecesse em seu solo 200.000 japoneses, no que foi apoiado pelo Dr. Figueira de Mello e Jordano da Costa

---

<sup>366</sup> Idem, Ibidem.

<sup>367</sup> Idem, Ibidem.

<sup>368</sup> “Todas as autoridades sanitárias estão acordes que o trachoma foi introduzido no Estado de S. Paulo pela migração italiana. Calcula-se que existe no Estado de São Paulo 200.000 trachomatosos. O governo tem combatido sempre a moléstia, estabelecendo postos na capital e no interior; A SRB tem uma seção de Saneamento onde esta moléstia faz parte das endemias a combater, há numerosas fazendas em que os proprietários curam o trachoma gratuitamente (...) Cf. O problema da imigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 20 nov de 1924.p.4

<sup>369</sup> Idem, Ibidem.

<sup>370</sup> Idem, Ibidem.

Machado, que também chamou atenção à conveniência da imigração chinesa. Para sustentar seu ponto, Costa Machado citava que a China possuía “regiões onde o chinês tem os olhos azuis” e se assemelhava ao tipo alemão. Embora não fossem muito aptos à agricultura, os que chegavam ao Brasil contribuía em muito ao progresso da nação. Dr. Figueira de Mello ressaltava a conveniência da preferência aos japoneses católicos e protestantes, que já aqui se readaptariam ao nosso meio.<sup>371</sup>

Durante os dias que se seguiram à reunião e à moção foi frequente o movimento de ressaltar que o Brasil oferece boas condições aos estrangeiro<sup>372</sup> e que estava sendo vítima de uma campanha difamatória.<sup>373</sup> Comumente se dizia que os representantes estrangeiros que falavam mal do Brasil o faziam a partir de boatos que ouviam nos grandes centros urbanos. Guastini traz um dado que “98 % das irregularidades em terras brasileiras se referem a propriedades administradas por italianos” e conclama a Colônia Italiana a se manifestar.<sup>374</sup> Um artigo da primeira página de Mathias Assis associava os comentários desfavoráveis ao Brasil à “voz de um deputado mais amigo da Argentina”<sup>375</sup>, e chega a afirmar que “os brasileiros (...) quase nunca chegam a atingir a riqueza que muitos italianos atingem, com trabalho, é certo, mas devido a nossa filantropia.”<sup>376</sup>

Eloi Chaves discursara na Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro, contra a decisão das Sociedades Agrícolas. Defendia a imigração de italianos e retomava o argumento que atribuía as oscilações do acordo à busca de vantagens comerciais por parte da Itália :

[...] não podemos evidentemente dizer que o Brasil queira dispensar a imigração italiana. Mas é preciso explicar e desculpar o movimento das sociedades agrícolas de São Paulo. [...] A questão da imigração e tratados de imigração vem se arrastando há vários anos, e todas as vezes que parece chegar a um fim honroso para as duas nacionalidades, para o Brasil e para a Itália, há sempre um incidente que impede que a harmonia de vistas, a concordância de interesses. E, o pretexto para não se realizar o acordo é sempre o mesmo: más condições de vida do colono, maus tratos dos fazendeiros, salários atrasado e outras inverdades. (...) estou em crer que todas as acusações (...) que se levantaram contra os fazendeiros de

---

<sup>371</sup> Fala mais sobre o assunto Henrique de Souza Quiroz, José Procopio de Araújo Ferraz, Dr. Luís Vicente Figueira de Mello, Dr. Jordano da Costa Machado, dep. Bento de Abreu Sampaio Vidal e o dr. Francisco Ferreira Ramos, sendo afinal aprovada a seguinte moção ao presidente do Estado: “TENDO EM CONSIDERAÇÃO AS ACUSAÇÕES INJUSTAS CONTRA OS LAVRADORES POR PARTE DE PARLAMENTARES E DA IMPRENSA ITALIANA, OS LAVRADORES RESOLVEM DESINTERESSAR- SE PELA IMIGRAÇÃO DESTA PROCEDÊNCIA”. Cf. O problema da imigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 20 nov de 1924.p.4

<sup>372</sup> AINDA HÁ POUCO... **Jornal do Commercio**. São paulo. 22 nov de 1924.p3

<sup>373</sup> Jornal do Brasil.**Jornal do Commercio**. São Paulo. 24 nov de 1924. Imprensa Carioca, p.3 GUASTINI, Mário. Às Segundas. **Jornal do Commercio**. 24 nov de 1924.p1.

<sup>374</sup> GUASTINI, Mário. Às Segundas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 24 nov 1924. P.1

<sup>375</sup> ASSIS, Mathias. Da Capital federal. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 27 nov de 1924. p1.

<sup>376</sup> Idem, Ibidem.

São Paulo (...) são apenas pretextos para que se adie o problema até que se 'possa conseguir determinadas vantagens comerciais<sup>377</sup>

Os primeiros dias de 1925 trazem matérias das agências de notícias norteamericanas sobre a Itália, Alemanha e Japão.<sup>378</sup>

No dia 1º é publicada *O Nacionalismo alemão exalta-se*, matéria da *United Press* sobre os alemães, escrita em Paris e publicada lá em outubro de 1924. Noticia-se a preocupação com o “nacionalismo estreito” de setores das universidades que “pretendia excluir das escolas superiores todos os elementos de raças consideradas inferiores” em atitude intolerante que cultivava o anticatolicismo e que se estendia negações aos israelitas, ainda que nascidos na Alemanha.

Sobre o Japão, sob o título *O Perigo Amarelo* foi divulgada uma matéria no dia 3 de janeiro. O subtítulo “*Isolai o Japão e salvai os destinos da raça branca*” reproduz o conselho dado pelo ex ministro das colônias francesas Albert Serrault. Em sua experiência como governador da Indochina diz o ex-ministro ter tido “oportunidade de observar o que os japoneses planejam”. Conclama a França a seguir os exemplos dos EUA e dos domínios Britânicos, de fechar a porta aos japoneses. Aponta a proximidade do discurso japonês com o dos alemães no pré Grande Guerra, quando o país afirmava estar sendo cercado. Tal situação seria agravada pelas “ativas conversações com a Rússia dos Soviets”, causadora de desconfiança no mundo diplomático.

No dia primeiro foi publicada uma matéria intitulada *Política Italiana*, que faz um retrospecto do ano de 1924 para este país. Segundo matéria, no começo de 1924 o governo fascista gozava de grande popularidade, que no fim do ano se tornara uma “antipatia indisfarçável”. Atribuía um declínio da confiança a partir do assassinato do deputado Matteotti.

Desde esse incidente o prestígio do partido fascista começou a declinar. A opinião popular começou a transformar-se. Novos acontecimentos serviram para acentuar essa repugnância. Entre esses o decreto da imprensa, cerceando a liberdade de crítica pelos jornais. As administrações locais das províncias foram em muitos casos dissolvidas e mandados comissários de Roma para administrar os negócios locais.<sup>379</sup>

Mais à frente é dito que Mussolini tinha grande maioria no parlamento, porém seria inegável

<sup>377</sup> Câmara dos Deputados. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 25 nov. de 1924, p.1

<sup>378</sup> A ação da política fascista no ano de 1924. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 1 jan de 1925. *Política Italiana*, p.1; A atualidade alemã - O Nacionalismo alemão exalta-se. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 1 jan de 1925, p.1  
O Perigo Amarelo. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 3jan de 1925, p.2.

<sup>379</sup> *Política Italiana*. **Jornal do Commercio**. São Paulo 01 de jan de 1925. p.1

que na opinião pública ele não é mais virtualmente um chefe querido de governo, apesar dos inúmeros benefícios que ele tem feito ao seu país, sobretudo no campo da política internacional, onde obteve vitórias jamais alcançadas por qualquer dos seus antecessores [...] A despeito da deserção de grande número de adeptos da ideia fascista é inegável que Mussolini ainda possui grande apoio no meio dos seus correligionários, garantindo-lhe talvez mais um ano de permanência no poder.<sup>380</sup>

A partir de dezembro o *JCSP* passava a apontar o destino incerto do fascismo e uma possível impopularidade associada ao regime italiano. Em consonância com os textos vistos quando observávamos o modo pelo qual era tratado o fascismo na Itália, um *suelto* de 3 de dezembro elogiava Mussolini enquanto defensor da Itália, mas ressaltava o descrédito advindo das violências dos “tenentes do fascismo”, defendidas pelos advogados e sociólogos do regime como “revelação de sua vitalidade “ ou “correspondente das perigosas propagandas niilistas.” Os erros do fascismo seriam responsáveis pela “agitação de todas as oposições que se conjugaram para uma reação decisiva, parlamentar ou pela imprensa contra o mussolinismo”. Censurava a supressão das “normas de discussão livre” e chegava a insinuar que Mussolini não tinha mais “o afago da massa popular”:

O domínio absoluto de um homem ou a imposição duma disciplina partidária, sem o afago da massa popular, - é uma aberração nos países que se jactam de sua cultura. Queira ou não queira, o ditador italiano há de sofrer o combate dos espíritos ilustres e avançados da sua terra, que podem demonstrar que a evolução das cousas já não admite uma organização política em que o pensamento asfixia e a cujas sombras se tem desenrolado duras tragédias de uma perseguição injustificável. Vai ficar a prova, pois, num ocaso talvez avermelhado, a virtude de moderação, liberdade e tolerância do “Fascio”.<sup>381</sup>

Poucos dias depois Mussolini se pronunciava de modo favorável à emigração para o Brasil.<sup>382</sup> Elogiava o patriotismo dos emigrados italianos na América do Sul, lembrava que dentre os milhões de capitalistas e proprietários contavam “também muitos não favorecidos.”. Dizia que a aquisição de terras no Brasil, especialmente em São Paulo, era muito favorável e que “os capitalistas italianos deviam estudar o emprego dos capitais nesse negócio e na construção de estradas de ferro”.<sup>383</sup> Mais a frente afirmava que tinha disposição para retomar a imigração e lembrava a Convenção de Ouchy:

Recorda ainda sua excelência do convênio celebrado entre Brasil e Itália em 1921, definindo-o como o primeiro passo dado no sentido de se caminhar para a solução

---

<sup>380</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>381</sup> O FASCISMO, AO QUE PARECE... **Jornal do Commercio**. São Paulo. 3 dez de 1924 p.1

<sup>382</sup> A emigração para o Brasil na Câmara dos Deputados de Roma. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 9 dez de 1924 p.1

<sup>383</sup> Idem, *Ibidem*.

do problema. O atual governo ainda não retificou - continuou o primeiro ministro - mas há de retificá-lo oportunamente(...)<sup>384</sup>

Segundo telegrama do dia seguinte, “o acordo entre Brasil e Itália continuava a basear-se nos seguintes pontos”:

- 1º - Deixar emigrar todos que, sem contar com auxílios, nem facilidades por parte do Estado, desejam seguir para o Brasil;
- 2º Deixar emigrar todos que apresentem carta de chamada, devidamente visada dos seus parentes residentes naquele país;
- 3º Reprimir todas as tentativas tendentes a provocar emigração ilusória de indivíduos ou grupos de indivíduos.<sup>385</sup>

Um *suelto* do dia seguinte comemorava a volta da discussão sobre a imigração de italianos, censurava novamente o articulista do *Corriere della Sera* e felicitava Mastromattei por mostrar que o jornalista abordara “casos isolados e que ocorrem em todo o lugar”<sup>386</sup> Também nesse dia é publicada a cópia de telegramas trocados entre o vice presidente do senado brasileiro, Antônio Azeredo, e Mussolini, já citados nesse capítulo. Azeredo citava que de 41000 fazendas no Brasil, 11000 pertenciam a italianos e lembrava o General Caviglia, que após fazer afirmações injustas sobre as condições do imigrante italiano, retificou seu ponto de vista publicamente.<sup>387</sup>

A partir dos últimos dias de dezembro o *JCSP* passou a noticiar que a Itália estava planejando reformas para o seu país. Os telegramas diziam que Mussolini pretendia realizar reformas no ano de 1925, inclusive sobre as eleições, independentemente da atitude da oposição.<sup>388</sup> A partir de dois de janeiro passa-se a noticiar uma sistemática perseguição a jornais oposicionistas. Segundo telegrama deste dia, um decreto contra a imprensa estaria sendo aplicado com toda a força nos grandes jornais.<sup>389</sup> Um dos casos mais noticiados foi o

---

<sup>384</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>385</sup> O problema da emigração italiana. **Jornal do Commercio** de São Paulo. 10 dez de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.1.

<sup>386</sup> AFINAL, ESSAS COUSAS sobre imigração italiana... **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 dez de 1924. p.1.

<sup>387</sup> A questão da imigração italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 dez de 1924. p.3

<sup>388</sup> O Fascismo vai passar por Reformas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 24 dez de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.1

<sup>389</sup> Perseguição aos jornais oposicionistas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 2 jan de 1925. Telegramas. Itália..p.1; Os sequestros dos jornais e os prejuízos causados às respectivas empresas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925. Telegramas. Itália..p.1; Inquérito sobre o empastelamento do Nuovo Giornale. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925. Telegramas. Itália..p.1 Foi apreendida a edição do “Nuovo Giornale”. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925. Telegramas. Itália..p.1 Medidas para a manutenção da ordem pública. **Jornal do Commercio**. São paulo. 5 jan 1924. P2. Foi assaltada a Loja Maçônica de Pisa e destruída a sua mobília sendo jogados à rua diversos livros e objetos. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925. Telegramas. Itália..p.1 Proibição de Manifestações políticas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925.

de Veneza. Um grande número de militantes fascistas foram deslocados para esta cidade para “empastelar” jornais. Nessa época diversos telegramas passaram a ser intitulados como *O Fascismo em Crise* ou o *Crepúsculo do Fascismo*. Depois de conferenciar com o Ministro de Comunicações, com o comandante geral dos carabinieri e com o chefe de segurança pública, Mussolini proferiu discurso na câmara dos deputados, no qual negava ter articulado uma polícia especializada em perseguir os seus adversários políticos.<sup>390</sup> Acusava a campanha promovida pela imprensa contra o governo, e disse ser a atitude desses jornais “revolucionária por natureza”, o que justificaria “todo e qualquer tipo de represália”. Por fim, declarava “que assumia pessoalmente toda a responsabilidade do que aconteceu ou venha a acontecer” que se referisse ao fascismo, o que incluía a morte do deputado Matteotti. O regime se radicalizava cada vez mais explicitamente. A oposição tentou fazer uma moção de desconfiança, mas foi impedida. A Câmara italiana encerrou suas atividades por tempo indeterminado.<sup>391</sup>

Nos dias seguintes foram noticiadas mais repercussões do discurso e o deslocamento de milícias fascistas “manter a ordem pública”.<sup>392</sup> Segundo um desses telegramas o governo teria deliberado o encarceramento das pessoas “julgadas politicamente suspeitas.”<sup>393</sup> Sobre a atitude da oposição de não reconhecer o governo, disse “que a oposição do *Aventino* se tornara sediciosa e contra a constituição”.<sup>394</sup> Pouco depois declarava que se a oposição composta por democratas e liberais não voltasse à Câmara seria alçada à mesma categoria dos partidos radicais. Segundo o telegrama que noticiou “Acredita-se geralmente que o período de 24hs fixado por Mussolini expira com o *ultimatum* à oposição, quando serão feitas numerosas prisões de conhecidos políticos.”<sup>395</sup> Em 10 de janeiro os jornais publicam manifesto de parte da oposição dizendo que não compareceriam às eleições de abril caso Mussolini ainda estivesse no poder.<sup>396</sup> Diversas notícias de censura à imprensa foram

---

Telegramas. Itália.p.1 Soldados destinados a guardarem os edifícios dos jornais de oposição. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 5 jan de 1925. Telegramas. Itália.p.1

<sup>390</sup> Em Conferência com o chefe do Governo. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925. Telegramas. Itália.p.1

<sup>391</sup> Idem, Ibidem.

<sup>392</sup> O Fascismo representa o triunfo da força contra a liberdade - afirma Lord George. **Jornal do Commercio**. São paulo. 7 jan 1924. p1; Impressão profunda causada pelo discurso do sr Mussolini. **Jornal do Commercio**. São paulo. 5 jan 1924. p2

<sup>393</sup> Medidas para a manutenção da ordem pública. **Jornal do Commercio**. São paulo. 5 jan 1924. p2

<sup>394</sup> Impressão profunda causada pelo discurso do sr Mussolini. **Jornal do Commercio**. São paulo. 5 jan 1924. p2

<sup>395</sup> Constitucionalistas e anti constitucionalistas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925, p.1

<sup>396</sup> Manifesto Anti-fascista. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 10 jan de 1925. Telegramas do Exterior. Itália. p.1; Nova proposta eleitoral para a Itália. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 10 jan de 1925. Telegramas do Exterior. Itália. p.1; Um manifesto Político. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 10 jan de 1925. Telegramas do

divulgadas repercutindo essa perseguição aos opositores do fascismo. Em meio a tal instabilidade, em 23 de janeiro foi divulgada a reabertura dos trabalhos do Conselho de Emigração da Itália.<sup>397</sup> Do mesmo dia era dada a notícia de que Gilberto Amado, então presidente do Senado brasileiro, desembarcara em Gênova para uma Conferência Parlamentar de Roma<sup>398</sup>. Gilberto Amado teria afirmado que

O Sr Mussolini é para nós homens políticos dos países em formação para quem a ordem é tudo, não somente um grande homem italiano com homem universal, um símbolo. Acompanhamos o seu governo com verdadeira simpatia fazendo votos para a conservação do seu prestígio.<sup>399</sup>

Estava colocada a perspectiva da volta à imigração, colocada agora como negociação com o governo fascista italiano cada vez mais radicalizado e com intenções imperialistas cada vez mais explícitas. Dois dias depois do telegrama que anunciava que Gilberto Amado chegava na Itália, foi publicado o conto *Gaetaninho*, seção *Só aos Domingos* do JCSP, por Antônio de Alcântara Machado então redator chefe do jornal. Alguns elementos colocados na discussão do JCSP podem ser observados em *Gaetaninho*, como vemos no capítulo 1. A ambição de Gaetaninho expressa pelo sonho - real e metafórico - de andar de carro, expõe um dos pontos de valorização do imigrante visto neste capítulo. A ambição levaria o imigrante a aumentar sua própria riqueza e, por consequência, a riqueza nacional. O contraste entre o idioma do protagonista do conto e o de sua mãe, e o percurso narrativo que nos leva a ter empatia com a personagem são pontos que localizam Alcântara num espectro de argumentação que o coloca em oposição à ideia de que o filho do imigrante italiano não se integra à nacionalidade brasileira. A ação do conto, concentrada em sua maior parte na rua Oriente, entre o movimento de carros, bondes e carroceiros pode sinalizar a ideia de que o filho do imigrante italiano que nasce na cidade de São Paulo não resiste à assimilação e que, por isso, não representaria um perigo em potencial. Voltaremos ao conto mais adiante para retomar estes e outros elementos a respeito da assimilação. No próximo subtópico observaremos alguns articulistas do JCSP, que destacamos por escrever comentários a

---

Exterior. Itália. p.1; Tradução do manifesto aventino. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 10 jan de 1925.

Telegramas do Exterior. Itália. p.1.

<sup>397</sup> Ao Conselho Superior de Emigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 23 jan de 1925. Telegramas do Exterior. Itália. p.1.

<sup>398</sup> Declarações de um membro da delegação do Brasil junto à conferência Parlamentar de Roma. **Jornal do Commercio**. 23 jan de 1925. Telegramas do exterior. Itália. p.1

<sup>399</sup> Idem, Ibidem.

respeito da imigração que nos interessam, condensam e acrescentam sentidos às explicações que foram colocadas até agora.

### 3.2.3.1. Articulistas do JCSP

Em nove de outubro de 1924, cerca de 10 dias antes de Alcântara assumir a redação principal do JCSP, Rangel Moreira escreveu um texto em forma de carta aberta ao Ministro da Agricultura, Miguel Calmon. Nele não discorre sobre a imigração italiana, diretamente, mas sim sobre transformações experimentadas pelos migrantes brasileiros vindos dos estados ao norte ao chegar em São Paulo. O documento, de tom provocativo, tem por título *A Lição de São Paulo*. Começa com a afirmação de que na capital federal procurava-se apontar São Paulo como “responsável maior pela formação de um ambiente intolerável à vida brasileira”, e que um dos maiores acusadores de São Paulo, dizia-se, seria Calmon. Tal sentimento decorreria do “êxodo de uma considerável parcela da população rural de vossa feracíssima (sic) e formosa Bahia para as terras não menos férteis e tradicionalmente hospitaleiras deste Estado.” Questionando o fato do ministro baiano não desmentir tais comentários a seu respeito, desenvolve um relato sobre os “grupos numerosos de grandes famílias sertanejas da Bahia” que “começaram, há pouco menos de cinco anos, a chegar à S. Paulo, atraídos por narrativas entusiásticas de parentes e conhecidos, aqui localizados nas diversas zonas cafeeiras”. Estes grupos, nas palavras do autor

Gostaram da terra e das gentes, sentiram nascer-lhes um espírito novo cheio de ânimo e de esperanças, prosperaram, radicaram-se ao meio acolhedor, tornaram-se paulistas.

Aqui vieram encontrar o que nem em sonhos lhes passara pela mente.

[...] Com o bem estar surgiu-lhes a confiança no valor próprio, despertou-lhes a ignorada noção da personalidade, sentiram-se homens, fatores conscientes da grandeza do meio a que se vieram incorporar.

Amaram depois a terra que lhes abria a porta da prosperidade, fizeram-se também filhos extremados de São Paulo.

E, porque a prosperidade lhes não permitia a prática do egoísmo, mandaram notícias reais aos parentes conhecidos da Bahia, chamando-os com insistência à terra dadivosa. [...]

Por que aos seus filhos não oferece a Bahia as mesmas oportunidades de engrandecimento que São Paulo prodigaliza a todos? [...] A gente que as ocupa (a terras da Bahia) é a mesma que até pouco tempo formava exclusivamente a população de S. Paulo, e só não recebeu a boa dose de sangue italiano e espanhol, que aqui tivemos, porque os vossos estadistas nunca se preocuparam com o problema do povoamento étnico da Bahia.

[...] Conheço o clima da vossa terra e sei que ali podem prosperar todas as raças do mundo.

Porque não segue a Bahia o exemplo de São Paulo? Talvez porque não conheça de perto, o que constitui uma tristeza para nós e um grande prejuízo para os vossos conterrâneos [...]<sup>400</sup>

Como observamos até aqui, entre maio e setembro de 1924, textos sobre povoamento e colonização veiculados no *JCSP* eram principalmente direcionados ao processo de seleção do imigrante, e à necessidade de se fixar o imigrante no campo. A partir de setembro, principalmente, essas ideias passaram a dividir espaço com reflexões sobre as transformações pelas quais o imigrante passaria ao se fixar em solo paulista. Dois textos de Rangel Moreira são particularmente interessantes nesse sentido. Um é o já mencionado *A Lição de São Paulo*. Após a publicação deste artigo, supostamente um filho de italianos nascido no Brasil e educado na Itália teria enviado uma correspondência a Moreira afirmando que o progresso e o crescimento industrial de São Paulo foram obra de italianos. Segundo Moreira, seu interlocutor ancorava-se no argumento de que a industrialização brasileira coincidiu com o grande fluxo de imigração italiana observada em fins do século XIX. Este personagem é o destinatário do segundo texto que nos interessa, *A César o que é de César*. Neste texto, Rangel Moreira diz que um dos motivos de escolher tal carta foi “a oportunidade de falar do caráter empreendedor do paulista”. Argumentava que a imigração de italianos para o Brasil fazia parte da iniciativa dos mesmos brasileiros que planejaram e promoveram o progresso do país.<sup>401</sup> Apoiando-se em textos de intelectuais italianos,<sup>402</sup> afirmava que a Itália não tinha indústria desenvolvida no período em que se deu o maior fluxo imigratório para o Brasil, e que os estrangeiros vindos da Itália nessa época provinham de regiões rurais.<sup>403</sup> Repetindo em parte o argumento anterior, sobre os baianos, afirmava que o italiano vindo em fins do século

---

<sup>400</sup> MOREIRA, Rangel. *A Lição de São Paulo*. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 9 out de 1924. p.3.

<sup>401</sup> Diz que leva grande de imigrantes italianos veio em 1887, com a Sociedade Promotora de Imigração, com a iniciativa de brasileiros notáveis, como Visconde do Parnaíba, Queirós Teles, etc. *Cf.* MOREIRA, Rangel. *A César o que é de César*. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 nov de 1924, p.3 “Demais, basta refletir sobre o seguinte ponto: os nomes dos articuladores da companhia de São Paulo pertenciam todos à nossa velha nobreza territorial (...)

<sup>402</sup> São citados Primo Anzoni, professor da Real Escola Superior de Comercio, de Veneza: “Storia dele Colonizzazione europea al Brasile e della emigrazione italiana nello stato di S. Paulo.” Página 507; Professor P. Lanzoni. “Geografia Econômica Comercial Universal”, Ediz 190. p. 50 a 52. *Cf.* MOREIRA, Rangel. *A César o que é de César*. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 nov de 1924, p.3

<sup>403</sup> “A maior parte entre 1887 e 1895 eram da população central e meridional da península. Basta conhecer a história econômica e social da formosa Itália para sentir do que ela poderia ter representado, entre nós, como fator valioso de cultura, a corrente imigratória, oriunda da Emília, das Marcas, da Campanha, Calábria e da Sicília. *Cf.* MOREIRA, Rangel. *A César o que é de César*. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 nov de 1924, p.3

XIX era um campônio que se transformava, aprendia, se desenvolvia e progredia socialmente em solo paulista.

Em São Paulo foi que, sob o estímulo do nosso alto exemplo, os italianos revelaram as belas qualidades que hoje lhes dão, sem favores, o aspecto de uma grande força admirável em nossa já intensa vida econômica e social. Produtos magníficos do meio paulista que lhes soube aproveitar as nobres energias latentes, os italianos que aqui, em curto prazo, se puseram dignamente ao nosso lado, ombreando conosco em quase todas as esferas de nossa atividade econômica, não tem apelidos que recordem grandes ou pequenos feitos no progresso industrial da península. São todos eles portadores de nomes ilustrados aqui pelo próprio esforço, obedientes aos nossos familiares modelos de trabalho. São criaturas do meio paulista, desse ambiente de trabalho e de ordem que já era notável entre nós antes da grande imigração italiana.<sup>404</sup>

Nas entrelinhas desse texto pode-se observar a concatenação de qualidades geralmente associadas aos bandeirantes paulistas - ambição, iniciativa, altivez, etc, que observamos no segundo capítulo - às qualidades atribuídas tanto aos paulistas empreendedores da imigração quanto aos imigrantes que se radicavam em São Paulo.

Porque se não tem a franqueza de divulgar que aqui se formou, muito antes, muito antes da independência nacional uma raça vigorosa, inteligente, empreendedora, capaz de encher um mundo com a fama verídica de seus altos valores? Não, sejamos razoáveis, meus amigos, e demos a César o que é de César: São Paulo teve a felicidade de receber para aumento da sua população fortes doses do boníssimo sangue da Itália, mas não esperou por ele para se construir nessa grande expressão de cultura americana, fruto sumarento e doce da velha e robusta árvore paulista. [...]

a Itália, que procurava ardentemente caminho da organização industrial, de conhecido grau de inferioridade em que se achava pouco antes de 1890, não podia, através de seus filhos emigrados para a América em busca de uma pátria nova, sem recursos de espécie alguma, com bilhetes de navegação à custa dos países que os chamavam para as suas lavouras carecentes de braço, ser despertadora de iniciativas, mestra de empreendimentos numa terra em que os homens sempre se caracterizavam pela audácia das tentativas, pela fortaleza nas ações, pela confiança nas sólidas energias a serviço de um espírito fecundo, incansável, tradicionalmente corajoso.<sup>405</sup>

Este texto de Moreira é especialmente importante por alçar ao universo do *JCSP*, dentro do período estudado na série documental, uma figura ítalo-paulista que não se orgulhava do solo brasileiro, no qual nasceu, e que atribuía o progresso do Brasil à iniciativa do gênio estrangeiro. Como defendemos neste trabalho, *Brás*, *Bexiga e Barra Funda* é um livro que se opõe à ideia de que o filho do imigrante italiano nascido em solo nacional cultivava orgulho da Itália. O movimento que se encontra no decorrer da obra é dissociado

---

<sup>404</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>405</sup> Idem, *Ibidem*.

– e mesmo o oposto - da ideia de que uma pretensa “raça italiana” mantivesse a sua italianidade em solo brasileiro: sua premissa, anunciada pelo narrador no prefácio, é a de que os ítalo- brasileiros de São Paulo, também descritos como “novos mamalucos”, nasceriam formados “a partir do consórcio do imigrante com o ambiente, do consórcio da gente imigrante com a gente indígena”<sup>406</sup>. Como observamos no primeiro capítulo, somente personagens estrangeiras retratadas na obra demonstram sentimento de nacionalidade associado à Itália. Os filhos de italianos de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, quando se remetem à Itália, apresentam desprezo ou não identificação. Seus sonhos e ambições, quando retratados, não estão na Itália, estão no Brasil: Gaetaninho sonha em andar de carro pelas ruas de São Paulo, a esposa do seu Natale, em “Armazém Progresso de São Paulo”, sonha com um casarão na avenida Paulista, os filhos de Tranquillo Zampinetti, no último conto, “Nacionalidade”, não querem falar italiano ou saber das coisas da Itália, e o próprio Tranquillo, antes italiano fanático, abandona o sonho de retornar à Itália, cultivado ao longo do conto, e passa seus últimos dias cuidando da construção do mausoléu de sua família no cemitério do Araçá, na cidade de São Paulo.

Os textos de Rangel Moreira são significativos para se pensar o interesse de Alcântara em escrever um livro sobre ítalo-paulistas, principalmente por dois pontos: primeiro, por marcar de forma mais nítida a defesa do meio em detrimento do sangue como constituinte do elemento trabalhador que se radica em terras paulistas. O segundo, por introduzir dentro da série documental estudada um personagem ítalo paulista ufano da Itália, e um discurso - associado a tal personagem - que atribui o progresso paulista à iniciativa italiana.

Sobre o primeiro ponto, apresenta a ideia de que os trabalhadores, do norte do Brasil ou da Itália, passam a agir e viver segundo o que aprenderam em terras paulistas, o que equivale a dizer, segundo as disposições de caráter dos paulistas, geralmente associadas aos bandeirantes. Moreira ressalta que ambos os migrantes vieram de ambientes não urbanos e não industrializados.

O segundo ponto diz respeito ao já referido filho de italianos nascido no Brasil que se ufana pátria de seus pais, a quem o segundo texto de Moreira se destina. Em que pese o fato do autor do texto citar que seu destinatário teria sido educado na Itália, a não existência desta variante na composição do tipo ítalo-paulista desenvolvido ao longo de *Brás* é um indício relevante a respeito das escolhas implicadas na composição da obra. Deve-se

---

<sup>406</sup> MACHADO, A. de A., 1927. *Op. Cit.* p.13.

observar que o interlocutor de *A César o que é de César* não é nomeado. Genérico, portanto, tal interlocutor pode ter sido idealizado enquanto representante de um grupo existente ou com existência em potencial. Existente ou não, este interlocutor/grupo social representado por um ítalo-paulistaufano da Itália traz ecos de uma ideia de orgulho nacional associado à “herança de sangue”- para usar os termos da época - , convergente ao sentimento de *italianità*, caro à política imperialista fascista e alvo de preocupação por parte do governo brasileiro pelo menos desde a Convenção de Ouchy. Pode-se pensar, também, que Moreira poderia atribuir o ufanismo da Itália por parte de seu interlocutor ao fato dele ter sido educado na Itália. Nesse caso, além da ideia “do meio como formador da raça”, seria reforçada a centralidade da educação para o desenvolvimento da nacionalidade. Acresce importância ao texto de Moreira o fato dele fazer emergir tal interlocutor no momento em que a redação do JCSP estava sob a responsabilidade de Alcântara. Esse interlocutor trazia um discurso inédito que atribuía à iniciativa italiana a industrialização brasileira.<sup>407</sup> A resposta a esta proposição, com a defesa da força do meio paulista enquanto fator de engendramento de um novo modo de existência, reverbera na ideia central de *Brás, Bexiga e Barra Funda*: a de que o filho de imigrantes italianos - e mesmo os imigrantes, em alguns casos - se integravam à terra brasileira. E que, como vimos no primeiro capítulo, uma das facetas da integração do imigrante italiano retratada no livro é reproduzir hábitos locais. É o que acontece nos contos *Tiro de Guerra nº35*, *Amor e Sangue*, *Nacionalidade e Armazém Progresso de São Paulo*. Nesses dois últimos contos, especialmente, os processos de ascensão social de Tranquilo Zampinetti e de Natale Pienotto encontram um notável paralelo com o processo de transformação de baianos e italianos que entravam em contato com o solo paulista, descrito por Moreira. Rangel Moreira, em *A César o que é de César* e António de Alcântara Machado na obra que é objeto deste estudo compartilham o pressuposto de que o meio paulista transforma. Responderiam também aos mesmos interlocutores?

### 3.2.3.2. Reciprocidade e integração do estrangeiro: termos da conveniência

Em dezembro de 1924, uma interessante entrevista com o dr. Eduardo Fonseca Cotching foi reproduzida no JCSP a partir do *Jornal do Brasil*. A matéria, intitulada *Convém a Imigração?*, começa com uma breve descrição entrevistado. Ele é apresentado como

---

<sup>407</sup> Parte dessa argumentação pode ser aproximada do parecer de João de Faria, sobre o projeto nº291 de 1923, quando Faria diz que depois do incremento dos italianos do Norte nas lavouras paulistas a produção da lavoura paulista dobrou.

fundador da Sociedade Rural Brasileira (SRB) de São Paulo. Observara como as associações agrícolas exerciam enorme influência sobre o desenvolvimento da agricultura e da pecuária, em todos os seus ramos, na Inglaterra e na Argentina. Segundo a reportagem, na volta para o Brasil “deu um desenvolvimento enorme à SRB. Conferenciou sobre crédito hipotecário nacional e a organização bancária na Argentina” e sobre a Sociedade Rural Argentina, o que lhe deu oportunidade de estudar “em todas as suas fases e aspectos e com relação à influência que ela teria exercido sobre a imigração”. Ao longo da entrevista, Cotching defendia que a política italiana deveria ser entendida dentro de uma lógica que ressaltasse reciprocidade de interesses dos países envolvidos. Ao se pronunciar sobre a imigração, afirma que a colonização que mais convém ao Brasil “é a italiana, mas absolutamente, sem condição contratual alguma; deve ser deixada livre e, preferencialmente, espontânea.” Mais a frente retomava que os imigrantes que mais convinham ao Brasil eram os de “raça latina, visto se moldarem com as nossas tradições, costumes, religião, etc.”. Por fim, ao tratar do tema do Tracoma e ancilostomíase, defendia a “lei de expulsão com processo sumário”. Com aval de tal lei, se poderia expulsar elementos indesejáveis e se constituiriam “as duas profilaxias: médica e social”<sup>408</sup>

No mesmo dia o *JCSP* comentava uma crônica d’*O Paiz*, no Rio de Janeiro<sup>409</sup> de Alves de Souza chamada *Mentalidade de Imigrante*. Alves de Souza era, à época, diretor interino d’*O Paiz*. Seu texto ressaltava alguns pontos-chave das preocupações com o imperialismo. Expressava sua preocupação com “a nova forma de nacionalismo que passou a orientar a política interna e externa dos diferentes países de vitalidade abalada, especialmente na Europa”, no pós Guerra. Este texto é importante por enunciar a preocupação com esse novo nacionalismo, que tinha por característica “prolongar a nacionalidade para além das fronteiras de cada país”. Citava que a maioria dos países antes da guerra - com exceção da Rússia - já “preconizavam a conveniência de não desnacionalizarem os seus expatriados”, situação essa que depois da guerra se intensificou, inserindo-se entre os “mandamentos vigilantes, tenazes e irredutíveis” de tais nações. Como exemplo usava Itália e Alemanha “maiores países de emigração do hemisfério ocidental”, que sem conseguir manter “o excesso da população que os intranquiliza (...) tudo fazem por

---

<sup>408</sup> Convém a Imigração? Como devemos encarar o Problema. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 dez de 1924. p.2

<sup>409</sup> O Paiz. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 dez de 1924. Imprensa Carioca, p. 3.

embaraçar a saída dos seus nacionais a quem não podem, por enquanto, fornecer trabalho, alimento e conforto.” Ressaltava que depois das restrições dos Estados Unidos, as pretensões expansionistas da Itália recairiam sobre o Canadá, a Argentina e o Brasil. Por fim, dizia que o governo de “Roma exige que Brasil ofereça o que a Itália não é capaz de oferecer” e que seu imigrante (...) “não se deixe assimilar pelo povo a cujo ambiente nacional se recolhe”, o que era inaceitável na opinião do autor.<sup>410</sup> O mesmo critério de Roma vigoraria em Berlim. Justificava a sua afirmativa citando um número contemporâneo ao artigo no *Mercure de France*, em que se dizia que a Alemanha aprofundava, com a emigração, uma estratégia do pré-Grande Guerra: “cada alemão expatriado permanece alemão para todos os efeitos, e, além da Alemanha fixada na europa, fora do continente, formada pelas correntes germânicas que se espalham pelo globo”. Segundo o artigo francês, o governo alemão procurava restituir suas colônias, criando “em países estrangeiros blocos homogêneos compactos de seus nacionais.” Essas afirmações eram reforçadas pela reprodução de afirmações do jornal *Auswanderer*, órgão da emigração alemã:

de futuro, convirá utilizar o emigrante em proveito da Alemanha. Convém, tanto quanto possível, encaminhar o emigrante para regiões onde não somente ele encontra o meio de ocorrer às suas necessidades, mas ainda onde a sua língua e a sua civilização se achem ao abrigo da assimilação por uma nação estrangeira. É preciso que as gerações futuras possam permanecer em contato nacional, comercial e político com a mãe pátria. Isso será sobretudo, possível em países onde as diferenças de raças constituam uma barreira e também em países cuja posição e cultura, não são de molde, devido à sua natureza exótica, a entusiasmar facilmente o imigrante.<sup>411</sup>

Na sequência, Alves de Souza afirmava que tal “aspecto relevantíssimo do problema do seu povoamento” não deveria ser visto com indiferença pelos países novos. Repetia o argumento levantado por Cotching, que o processo imigratório deveria ser visto como “permuta de favores” entre as nações, o que não vinha acontecendo pois

essas nações entendem poder prolongar-se indefinidamente no sangue emigrado, com a mais insólita das interferências na economia soberana das nações preferidas pelos seus expatriados, seria clamorosa inépcia abandonar a infalíveis complicações futuras essa estranha concepção de nacionalismo “internacionalista”

, que, admitida tacitamente, nutriria a excrecência de verdadeiros estados dentro do Estado, confiscando aos países de imigração o direito de assimilar e nacionalizar as massas imigradas<sup>412</sup>

<sup>410</sup> SOUZA, Alves de. Mentalidade imigrante. *O País*. Rio de Janeiro. 22 e 23 nov de 1924.p.3

<sup>411</sup> Idem, Ibidem.

<sup>412</sup> Idem, Ibidem.

Em 26 de dezembro o *JCSP* citava<sup>413</sup> uma matéria d’*O Paiz* sobre o mesmo tema das pretensões estrangeiras em relação aos seus emigrados. Segundo a matéria em questão,

numa terra jovem e semi-despovoada como a nossa, todo bom imigrante é fator de robustecimento da massa demográfica, é sangue que se transfunde nas artérias da nacionalidade, de modo que seria um disparate, para não dizer suicídio nacional, pretendermos a uma assimilação regida pelo critério jurídico e político e até pelo interesse humano das nações estrangeiras<sup>414</sup>

Duas semanas depois, Salles Oliveira<sup>415</sup> escrevia *Nacionalismo Extraterritorial*<sup>416</sup>, artigo no qual retomava muitas das acusações de Alves de Souza nas páginas d’*O Paiz*. Reproduzido integralmente nas páginas do *JCSP*, ao contrário do texto anterior, apenas indicado na secção *Imprensa Carioca*, Salles de Oliveira, basicamente parafraseia a argumentação de Souza: atenta para o perigo da “nova orientação dos povos de migração”, no sentido de “extra territorializar a sua influência e espírito racial” - orientação que impediria a assimilação do imigrante. Tal fenômeno exigia precauções por parte das nações de imigração, “que deveriam impedir a enquistação, em solo pátrio, dos estrangeiros recém chegados. Tal “plano de extra territorialização” se daria a partir do “influxo de um país nos centros populosos de outro” em processo que atentava “contra a grandeza da vitalidade dos centros em formação” nos quais a mão de obra estrangeira era recebida “com carinho e agrado”. Paralelamente a este processo, a extra territorialização buscaria “guiar colmeias emigratórias para as próprias colônias”, ou seja, transferir grande número de imigrantes para locais que já concentrasse uma comunidade de compatriotas, num processo que transferiria “novas pátrias” para as colônias. Faria parte deste plano de extraterritorialização, também, realizar “uma campanha de descrédito, muito velada e sinuosa, contra os países mais da preferência dos peregrinos.” Tal campanha de descrédito não alcançaria êxito no Brasil pelos seus “encantos incomparáveis” e a “sua grandeza e extensão imensuráveis, [que] sempre tiveram o dom de fascinar o imigrante, ofertando-lhe um futuro promissor.” Aponta para um

<sup>413</sup> *O Paiz. Jornal do Commercio*. São Paulo. 25 dez de 1924. Imprensa carioca, p. 3.

<sup>414</sup> Um aspecto delicado da imigração. *O Paiz*. Rio de Janeiro. 26 dez de 1924.p.3

<sup>415</sup> Um perfil de Salles Oliveira foi publicado no *JCSP* em 11 de janeiro. Era descrito como “companheiro de jornalismo, atualmente ocupando promotoria pública de Caçapava. Mineiro, mourejava em Juiz de Fora o prezado confrade, aplicando a sua atividade na advocacia e no magistério local. Lecionava ali na Academia do Comércio e no Colégio Lucindo Filho e abrilhantava com a sua colaboração vários jornais. Transportando se para este estado vem-nos prestando a colaboração em artigos de magno interesse internacional e interno.Salles Oliveira acaba de publicar um livro de grande aceitação no meio jurídico -” *Pontos de Direito Comercial*” - repositório de regras e preceitos acompanhados em proveito dos que lidam no foro. “*Cf.* Salles Oliveira. *Jornal do Commercio*. São Paulo. 11 jan 1925.Várias Notícias, p.2

<sup>416</sup> OLIVEIRA, Salles. *Nacionalismo extraterritorial. Jornal do Commercio*. São paulo. 6 jan 1924. p1.

maior interesse dos imigrantes pelo Brasil associando-o às medidas restritivas dos Estados Unidos, “já integrados em seu admirável organismo nacional.”

Como Alves de Souza, Salles de Oliveira localiza o começo do fenômeno antes da Grande Guerra. Cita o perigo representado por Alemanha, Itália e Rússia, países que fariam “incutir no espírito sofredor do emigrante, trabalhado pela ambição e pelas vertigens de sonhos embriagadores, o apego à pátria e o conseqüente isolamento do país acolhedor de suas forças componentes.” Evoca a título de exemplo jornal de imigração alemã *Auswander*, abertamente defensor da ideia de que os imigrantes radicados em outros países deveriam servir aos interesses alemães no futuro. Conclama, por fim, uma reação brasileira “contra esta pretendida e executada política de propagar o nacionalismo em terra alheia através do núcleo de emigrantes”, concluindo que o Brasil deseja a imigração, mas sob certas condições:

Aceitaremos, com prazer, o estrangeiro. Recebelo-e-mos sempre como fator efficacíssimo para o nosso porvir. Queremo-lo, porém, nacionalizado, abrasileirado, unido de modo indissolúvel à terra generosa, em que aportou, cheio de miragens encantadoras e onde encontrou o pão, o trabalho e a felicidade, para sempre perdidos. Almejamos a integralização no organismo indígena das correntes imigratórias, para que fundidas e assimiladas, possam, de braços com as nacionalidades pugnar pela expansão e ventura desta Pátria de todos nós estremecida.<sup>417</sup>

Esses dois textos, que possivelmente passaram pelo crivo de Alcântara, foram ressaltados pelo JCSP. O primeiro indicado na seção *Imprensa Carioca*, o segundo reproduzido integralmente em suas páginas. Eles são especialmente interessantes por denotar o ápice - dentro da série documental levantada - de uma preocupação explícita com a não integração do estrangeiro com o elemento nacional, especialmente o italiano e o alemão. Como vimos, a preocupação explícita com o imperialismo e a não integração dos japoneses estão presentes ao longo de todo o ano de 1924, e, embora o alemão fosse temido havia uma aura de admiração e elogio sobre esse povo. As preocupações com a interferência de países de emigração sobre o Brasil já poderiam ser observadas em maio, durante Conferência Internacional de Emigração, e mesmo no começo da década de 1920, com a convenção de Ouchy. Nestes dois textos, entretanto, podemos observar um salto argumentativo.

No período em que Alcântara permaneceu como responsável pela redação do *Jornal do Commercio*, começaram a circular repercussões sobre a matéria do correspondente do *Corriere della Sera*, que falou de más condições nas fazendas brasileiras. Também falou-se

---

<sup>417</sup> Idem, *Ibidem*.

negativamente do Brasil no parlamento italiano, sendo o próprio Mussolini um dos detratores das condições brasileiras. No mesmo período, as Sociedades Agrícolas Brasileiras declararam publicamente que se desinteressavam da imigração de italianos e Rangel Moreira escreveu um texto como resposta a um ítalo-paulista que se ufanava da Itália - personagem que seria ignorado por Alcântara no livro sobre ítalos-paulistas que é objeto desta pesquisa. Também simultaneamente, a condução política da Itália tornou-se explicitamente mais violenta e persecutória de seus adversários políticos e a imprensa internacional passou a divulgar negativamente a política italiana e o governo fascista - notícias sobre a política italiana passaram a ser intituladas como *O Crepúsculo do Fascismo*. Na mesma semana em que foi divulgada uma notícia do exterior nesse sentido, Alcântara declarava em publicação à revista *Novíssima*, sobre os enredos clássicos do teatro brasileiro, “De tudo isso já estamos cansados como a Itália de Mussolini.”<sup>418</sup>. Um mês antes de Alcântara se tornar redator chefe do *Jornal do Commercio*, já declarava que o problema do povoamento na cidade de São Paulo era muito sério e urgente. O título *Mentalidade de Imigrante* indicava a preocupação do texto com as mudanças experimentadas pelos indivíduos que se transportavam da Europa para o Brasil e com as transformações que se operam na sua mente. O texto de Alves de Souza converge com o percurso narrativo de *Brás, Bexiga e Barra Funda*: afirma que ao chegar em terras brasileiras o imigrante se integra e coaduna-se com o país de destino – sendo portanto o processo dos países imperialistas anti-natural. Ao longo dos contos, mas principalmente em *Nacionalidade*, observamos a transição na personagem principal, que ao longo de sua vida, deixa de cultivar um fanatismo pela Itália e passa a se enxergar como brasileiro.

O texto de Alves de Souza, repetido posteriormente por Salles Oliveira, foi produzido num momento sensível das negociações sobre a imigração com a Itália, interrompidas por pedidos de contrapartidas comerciais desfavoráveis ao Brasil, e estava à disposição da sensibilidade de Alcântara no momento de concepção de seu livro e a sua obra futura. De modo semelhante ao que procedemos com *A César o que é de César*, de Rangel Moreira, podemos nos perguntar: a coincidência temática entre *Brás Bexiga e Barra Funda* e tais textos podem indicar diálogos com os mesmos interlocutores? É interessante, por exemplo, atentar para o percurso narrativo de Alves de Souza. Atesta que os imigrantes, quando chegam ao Brasil, tendem a amar a terra que lhe é generosa - o que está ameaçado pela

---

<sup>418</sup> MACHADO, A de A. O que eu disse a um comediógrafo nacional. *Novíssima*. Dez de 1924.

implementação de uma política de enquistamento. Em *Brás, Bexiga e Barra Funda* a busca pela fixação da imagem da adaptação e integração do imigrante italiano poderia estar interessada em “documentar” um processo ameaçado por uma espécie de “projeto de enquistamento” planejado por nações estrangeiras? Poderia se tratar de um recurso de contrapropaganda fascista ou uma disputa pela leitura de um processo de miscigenação?

## Considerações finais

Em 1933, fazendo o discurso fúnebre de Alexandre Marcondes Machado, criador e escritor das falas do personagem Juó Bananère, Alcântara comparava-o a Voltolino, responsável pelos desenhos da personagem particularmente famosa nas primeiras décadas do século XX.

O escritor e o desenhista se completam na fixação de um tipo [ o tipo ítalo-paulista] que resume quase todo o pitoresco de São Paulo. Tipo que será cada vez mais raro, fadado a desaparecer suplantado pelo japonês possivelmente, bem menos cordial, bem menos alegre ou de uma alegria diferente, bem mais estranho, impermeável, desconcertante, trazendo ao paulista já desconfiado e retraído uma contribuição poderosa de desconfiança e retraimento. Fadado a desaparecer, porque o fascismo estancou a imigração e os poucos que deixa vir não são imigrantes, mas agentes partidários, não vêm fazer a América mas fazer política. De maneira que Juó Bananère era o representante dessa admirável corrente imigratória interrompida desde alguns anos e que culminou para proveito nosso em tantos condes, comendadores, grandes oficiais, majores da Biosa, chefes políticos do PRP. Com os recém chegados ele não tinha nenhuma afinidade. Era homem de outra geração, de outra mentalidade, sobretudo de outra simpatia. Fará falta à cidade, São Paulo da banda dos Bersaglieri, São Paulo da festa de São Vito, São Paulo das comemorações de 20 de setembro, São Paulo do Palestra Itália, São Paulo dos garibaldinos, São Paulo das caricaturas de Voltolino, São Paulo de Juó Bananère. Os garibaldinos morreram. Morreu Voltolino. Juó Bananère morreu. A cidade vai ficando diferente.<sup>419</sup>

O paulista, diagnosticado como retraído e desconfiado, ia ficar cada vez mais retraído

---

com a “contribuição” do japonês, caracterizado como “bem menos cordial [que o italiano] bem menos alegre ou de uma alegria diferente, bem mais estranho, impermeável, desconcertante”. Alcântara creditava o fim da corrente imigratória à política fascista que estancaria a vinda de imigrantes e em seu lugar teria incentivado a vinda de agentes partidários interessados em fazer política, provavelmente tentando expandir seu poderio junto à colônia italiana de São Paulo. Segundo Ângelo Trento, as negociações com o governo italiano acerca da imigração subsidiada estancaram em São Paulo em 1927 e retornaram em meados da década de 1930, com pouca expressividade<sup>420</sup> A fala do excerto, assim como a

---

<sup>419</sup> Discurso de Antônio de Alcântara Machado em agosto de 1933, por ocasião da morte de Alexandre Marcondes Machado, escritor do personagem Juó Bananère. Retirado de CARPEAUX, Otto Maria; MACHADO, Antônio de Alcântara (intr.). **La divina incrensa**: reprodução integral da primeira edição de 1915. São Paulo, SP: Editora 34, 2001, pp.xv-xx.

<sup>420</sup> TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Ed. Nobel, Instituto Italiano de Cultura, 1989. pp. 268-281.

observação de Trento, apontam para a dimensão circunstancial da obra que é objeto da nossa pesquisa, pautada em meio a intensos debates e incertezas a respeito do destino da imigração italiana. Acreditamos que perscrutar os caminhos do debate acerca dos dilemas da imigração possa ter contribuído para a ampliação de sentidos passíveis de serem atribuídos à *Brás Bexiga e Barra Funda*. Remetendo-nos ao provável período de concepção de *Brás*, que abrange fins de 1924 e março de 1925, observarmos a atuação de Alcântara no JCSP e constatamos haver uma recorrência de discursos que repercutiam negociações com o governo italiano acerca do retorno do fluxo imigratório vindo daquele país. A questão do imigrante como pequeno proprietário acompanhava a ideia de que havia espaço para enriquecimento e prosperidade do imigrante italiano no Brasil, e que a riqueza e ascensão do imigrante possibilitaria, por sua vez, a riqueza nacional. Junto a essa ideia era comum que se acrescentasse a conveniência de distribuir os imigrantes de forma uniforme, para que ele convivesse com o brasileiro e se assimilasse. Do mesmo modo, localizamos que junto ao tema da prosperidade do imigrante esteve associado um discurso que supostamente atribuía ao imigrante italiano o protagonismo do progresso paulista – é o que nos indicam os textos *A César o que é de César* de Rangel Moreira e as afirmações de Alfredo Ellis Jr. em *Pedras Lascadas* (1928), quando comenta que “aos maus brasileiros, aos vesgos (...) parece que a prosperidade e a grandeza paulistas se deve (...) [a] proteção deferida a SP por parte da União (...) [e à] corrente imigratória estrangeira, principalmente a italiana.”<sup>421</sup>. Ambos os autores argumentavam em seus textos que as bases para a formação da riqueza do estrangeiro estavam estabelecidas por obra anterior dos paulistas. Na série documental do JCSP observamos que as discussões acerca da imigração foram reavivadas pela expectativa do aumento da mão de obra estrangeira, que atingiu seu ápice na iminência do prazo de implementação do *Johnson Reed Act*, que vigorou a partir de junho de 1924. A recorrência de textos em que se afirma que o imigrante enriquece e vira proprietário no Brasil foi animada nesse período, talvez como sinalização de que esse país se adequava às expectativas de imigrantes italianos e espanhóis. Observamos ainda que, ao longo da série documental, via de regra, foram expressas características desejáveis nos imigrantes que viriam ao Brasil: ele deveria ser latino, ter língua, religião e costumes próximos aos dos brasileiros, servir bem como mão de obra, ser ambicioso e, enfim, assimilável – elementos que, como observamos no primeiro capítulo, estão presentes na caracterização das personagens e o

---

<sup>421</sup> ELLIS JR. Alfredo. *Pedras Lascadas*. São Paulo: Ed. Piratininga; 1933. p. 177. *APUD FERRETI, Op. Cit.*, p.351.

percurso de enredo de algumas histórias de *Brás*. Notamos, ainda, na série documental do *JCSP* a preocupação com os imperialismos, identificados como questão maior desde o pós Grande Guerra - marcadamente o de países que possuem língua e religião diferentes da brasileira. Na maioria dos *sueños* ou comentários do *JCSP* que selecionamos a questão do imperialismo japonês é quase tratada como impeditivo para a sua imigração. De maneira mais indireta é insinuado o perigo alemão – em ambos os casos associados à reconhecida potência militar representada pelos dois países. O imperialismo italiano, representado pelo fascismo, embora evocado pelo menos desde 1921 com a Convenção de Ouchy e a nomeação de Mussolini, passa a ser mal visto de forma progressivamente mais intensa a partir do segundo semestre de 1924. O período de radicalização do regime fascista e de perseguição dos seus opositores coincide com os meses em que António de Alcântara Machado atuou como redator chefe do *JCSP*. Nesse período intensificam-se também as negociações entre Brasil e Itália acerca do retorno de maior fluxo imigratório para o Brasil. O fato dos contos *Gaetaninho*, *Carmela* e *Liseta* terem sido publicados logo após esse período, com a indicação do desejo de se fazer um livro de contos sobre ítalo-paulistas indica, por parte de Alcântara, o interesse de demarcar a integração dos imigrantes italianos em contato com o meio e com os paulistas, o que ia contra a ideia do governo fascista de educar os filhos de italianos no culto da pátria de seus pais. Em 1926, na revista *Terra Roxa e Outras Terras*, Alcântara afirmaria que se deveria fazer de todos os brasileiros bandeirantes, na “vontade e na audácia”- ambas características encontradas, muitas vezes combinadas, em personagens de *Brás*.

Livro que fala sobre bairros operários do ambiente urbano representado pela cidade de São Paulo, *Brás* comunica a ideia da ascensão do imigrante, ou, antes, da sua disposição, vontade de enriquecer e de se integrar. O fato de narrar percursos da assimilação dos italianos na cidade de São Paulo pode indicar uma defesa da massa de imigrantes agrupada nos bairros, o que tornava-se uma preocupação cada vez maior por parte dos governos, agravada pelo imperialismo fascista e pelo levante militar perpetrado em São Paulo em julho de 1924. Alcântara poderia estar, num duplo movimento, defendendo os interesses da colônia italiana e atestando a força do meio paulista como modulador de diferentes povos. Retomando o tema do possível protagonismo italiano, observamos que os movimentos de ascensão social do ítalo-paulista demonstrados nos contos se dão em contato com o brasileiro, como visto em *Nacionalidade* ou *Armazém Progresso de São Paulo*. O movimento de integração se

dá, por vezes, evocando narrativas históricas e identitárias – como o episódio da Batalha dos Guararapes, que encontram ecos nos contos *A Sociedade e Tiro de Guerra nº35*.

Vimos que antes de Alcântara publicar *Brás*, em março de 1927, ele se pronunciou diversas vezes sobre o que valorizava nas obras de artistas e literatos contemporâneos – foi exposta recorrentemente a admiração pela capacidade de autores que, a partir da síntese, expressavam o espírito ou a psicologia de um povo. Nesse ínterim, quando elogiava do filho de italiano retratado por Voltolino, que se encontrava em “identidade com o solo e com o meio” ou quando, ao falar dos Estados Unidos da América, diz que o isolamento norteamericano fundou uma sensibilidade que foi capaz de ser expressa por Mencken e Sherwood Anderson, Alcântara externalizava a admiração por artistas que capazes de manifestar a partir de sua obra como a psicologia de um povo se convertia ao entrar em contato com o solo de outro país. Falava que as obras desses autores, que remetem às operações compositivas de *Brás*, *Bexiga e Barra Funda*, “tinham o valor de um inquérito psicológico e social” - uma ideia comum nas primeiras décadas do século XX, da qual o autor demonstrava compartilhar. A psicologia expressa pelas personagens de Alcântara está em diálogo com diversos autores que pensavam tanto em uma particularidade paulista quanto na mais adequada “composição racial” do povo brasileiro. Como vimos, aproximava-se de Paulo Prado e Capistrano de Abreu, em menor medida de Alfredo Ellis Júnior. Ao grupo do Correio Paulistano e via de regra a Oliveira Vianna se opunha, assim como o fazia seu pai, José de Alcântara Machado. O diálogo de Alcântara com as ciências sociais da época relacionadas ao tema da integração do imigrante fica explícito quando justapomos *Brás*, *Bexiga e Barra Funda* à *Cidades Vivas*, de Brenno Ferraz do Amaral, por exemplo, comentado nas páginas do JCSP em 1924. A profusão de interlocutores recolhidos ao longo de nosso trabalho servem ao nosso objetivo de situar, delimitar e ajudar a circunscrever um espaço de ação política de *Brás*, *Bexiga e Barra Funda*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

### LIVROS, TESES E DISSERTAÇÕES:

ABREU, J. C de. Prefácio. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro**, v..XIII. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1888

ABREU, J. C. **Capítulos de história colonial: e Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. 2. ed. Brasília, DF: UnB, 1998.

ABUD, Katia. **O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições**: a construção de um símbolo paulista: o bandeirante. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da FFLCH, USP, 1986

ALFREDO, João Valentino. **Imagining Modernity in António de Alcântara Machado's Journalistic Chronicles**. Tese de doutorado em filosofia defendida na Universidade do Texas, Austin. 2012.

ALIANO, David. **Mussolini's National Project in Argentina**. (The Fairleigh Dickinson University Pressseries in italian studies). Madison, N.J.: Fairleigh Dickinson University Press, 2012.

ANDRADE, Mário. **Pauliceia Desvairada**. 1922.

AQUINO, Laura Cristina M. de. **A participação de batalhões estrangeiros na rebelião de 1924 em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995

BARBOSA, Francisco de Assis (org.). **Intelectuais na encruzilhada**, a correspondência de Alceu Amoroso Lima e António de Alcântara Machado (1927-1933). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo e Sena**: a obra de Paulo Prado. Campinas, SP: Papirus, 2000

BERTONHA, João Fabio. **O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2001

BONFÁ. **Com lei ou sem lei** . As expulsões de estrangeiros e o conflito entre o executivo e o judiciário na Primeira República. Tese de doutorado. IFCH-UNICAMP. 2008

BORGES, Vavy Pacheco. **Tenentismo e Revolução Brasileira**. São Paulo, SP: Brasiliense, c1992.

BRESCIANI, M. S. M.; NAXARA, M. (Org.) **Memória e (res)sentimento**. Indagações sobre uma relação sensível. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil**. 2. ed. rev. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2007.

CAPELA, Carlos Eduardo S. **Juó Bananére: irrisor, irrisório**. São Paulo, SP: Nankin: EDUSP, 2009

CAPELA, Carlos Eduardo S.. **Brás, Bexiga e Barra Funda: uma topografia ítalo-paulistana**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Teoria Literária. Campinas, SP: IEL/UNICAMP. 1989.

CARELLI, Mario. **Carcamanos e comendadores: os italianos de São Paulo: da realidade a ficção (1919-1930)**. São Paulo, SP: Ática, 1985

CARMO, E. Benzatti. **São Paulo no anos vinte: Um estudo sobre as transformações dos aspectos materiais e imateriais da cidade reconstruída através da obra ficcional do escritor Antônio de Alcântara Machado**. Dissertação de mestrado em Ciências sociais. PUC-SP. 1997.

CARMO, Eduardo Benzatti. **A obra ficcional e jornalística de Antônio de Alcântara Machado: letras e imagens**. Tese de doutoramento defendida na PUC-SP. 2004.

CASALECCHI, J. E. **O Partido Republicano Paulista (1889-1926)**, São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 1987.

CASTRO, Maria C. S. **Tenentismo em 1924: A Participação Civil na Revolução Paulista**. Monografia de Conclusão de Curso em História. Unifesp, Guarulhos. 2013.

CASSIANO, R. **Vamos caçar Papagaios: 1928**. São Paulo: Editorial Hélios Ltda., 1928

CAVALCANTE, Djalma. Antônio escreveu, nós l(v)emos. *In: In Dossiê Cult, Antônio de Alcântara Machado. Cult, Revista Brasileira de Cultura. Ano IV, nº47.2001, p.58.*

ELLIS JR. Alfredo. Pedras Lascadas. São Paulo: Ed. Piratininga; 1933.

ELLIS JR **Ascendendo na história de São Paulo** . Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1922

ELLIS JR, Alfredo. **Raça de Gigantes**. São Paulo: Editorial Helios Ltda. 1926.

EULALIO, Alexandre. **A aventura brasileira de Blaise Cendrars**: ensaio, cronologia, filme, depoimentos, antologia, desenhos, conferências, correspondência, traduções. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo (SP): EDUSP: Imprensa Oficial do Estado: FAPESP, 2001.

FERREIRA, Antonio Celso. **A Epopéia Bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002

FERRETI, Danilo Z. **A construção da paulistanidade**. Identidade, historiografia e política em São Paulo (1856 – 1930). Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História da FFLCH, USP. 2004.

GOMES, Monica. **(De) cisões do Modernismo: Estudo comparativo da correspondência de Antônio de Alcântara Machado**. Tese de doutorado apresentada ao departamento de Letras. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Letras/ UFF, 2015.

GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo**: o futebol e a vitória na fundação da metrópole. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GRIECCO, Agrippino ( Coaut. de). **Em memória de Antônio de Alcântara Machado**. São Paulo: Polai, 1936.

GUASTINI, Mario. **Alcântara Machado**. São Paulo, SP: [s.n.], 1941.

HALL, M.M. **The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1871-1914**, tese de doutorado, Columbia University, 1969

LARA, Cecília de. **Antônio de Alcântara Machado: experimentação modernista em prosa**. Tese de Livre Docência apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, SP: FFLCH/USP, 1981.

LARA, Cecília de. **De Pirandello a Piolim: Alcântara Machado e o Teatro no Modernismo**. Rio de Janeiro, RJ: INACEN, 1987.

LARA, Cecília de. **Pressão afetiva & aquecimento intelectual**: cartas de Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto. São Paulo, SP: EDUC: Giordano: Lemos. 1997

LOPREATO, Christina Roquette. **O espírito das leis: anarquismo e repressão política no Brasil.** Revista Verve. São Paulo: Puc-SP, 2003

LUCA, Tânia Regina de. **Leituras, projetos e (re)vistas(s) do Brasil (1916-1944).** São Paulo, SP: Editora Unesp, 2011

MACHADO, A de A. **Brás, Bexiga e Barra Funda:** Notícias de São Paulo. São Paulo: Editorial Helios Ltda., 1927.

MACHADO, A de A.. **Prosa Preparatória & Cavaquinho e Saxofone. (Obras. v.1).** BARBOSA, F.de A., LARA, C (orgs). São Paulo, SP: Civilização Brasileira, 1982

MACHADO, A. A. **Palcos em Foco: Crítica de Espetáculos/ Ensaios sobre Teatro (1923 - 1933), tentativas no campo da dramaturgia.** Tradução de Cecília de Lara. São Paulo, SP: EDUSP, 2009.

MACHADO, Luis Geraldo Toledo. **Antonio de Alcantara Machado e o modernismo.** Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1970.

MARQUES, Emery. **Mapas, Cartilhas e Referendum** – imagens da vida em Antônio de Alcântara Machado. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História. Assis, SP: FCLAS/UNESP. 1995

MARTINS, M. T. Q. **A Civilização do Delegado: modernidade, polícia e sociedade em São Paulo nas primeiras décadas da República, 1889-1930.** Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História. São Paulo : FFLCH/USP, 2012

MELLO , J. A. G. de. D. **Antonio Filipe Camarão : capitão-mor dos Índios da costa do nordeste do Brasil.** Recife: Universidade do Recife, 1954

MOURA, Allan Cavalcanti de. **Tiro de Guerra nº 35 e Nacionalidade:** Apontamentos para uma leitura de *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Antônio de Alcântara Machado. Monografia de Bacharelado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. 2014.

NAXARA, Márcia. **Estrangeiro em sua própria terra:** representações do brasileiro 1870 / 1920. São Paulo, SP: FAPESP: Annablume, 1998.

NGAI, MAE M. **Impossible Subjects: Illegal Aliens and the Making of Modern America**. Princeton University Press, 2004.

SEVCENKO, Nicolau.. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo: Cia das Letras. 1994.

OLIVEIRA, Fayga Marcielle Madeira de. **Além da Tempestade: identidades latino-americanas e projetos políticos no Brasil no início do século XX**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP 2015.

OLIVEIRA, Valdevino Soares de. **A linguagem de Alcântara Machado: uma vertente modernista**. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, SP:, FFLCH/USP, 1980.

PATTI, Francisco. **O espírito das Arcadas**. Publicação sob os auspícios da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Direito de São Paulo. São Paulo: Gráfica São José.1950.

POCOCK, J. G. A. **Linguagens do ideário político**. Coautoria de Sergio Miceli. São Paulo, SP: Edusp, 2003.

PRADO, Paulo. **Paulistica etc**. 4. ed. rev. e ampl. por Carlos Augusto Calil São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**. São Paulo: Cia. das letras; 1997

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira**. 2. ed. São Paulo, SP: Duprat-Mayença, 1928

RAMOS, A. P. **Intelectuais, carisma e ação integralista brasileira** 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2015.

RAMOS, Jair de Souza. **O ponto da mistura: raça, imigração e nação em um debate da década de 20**. 1994. Dissertação (mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro

RAMOS, Roberta Fabron. **Feira das Quintas: crítica e polêmica nas crônicas oswaldianas**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2008

RIBEIRO, Maria Terezinha Janine. **Desejado e Temido – preconceito contra o imigrante italiano na Primeira República**.Dissertação de mestrado. FFLCH – USP, 1985

RICARDO, Cassiano. **Vamos caçar papagaios: 1928-1940**. São Paulo, SP: Nacional, 1947.

- RICCIOPPO, Thiago. **Inassimiláveis ou prejudicialmente assimiláveis?** Raça, etnia, miscigenação, imigração e trabalho na perspectiva de Fidélis Reis (1919-1934). Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia 2014
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano:** São Paulo e pobreza 1890-1915. 3. ed. São Paulo, SP: Annablume, 2008
- SANTOS, Iverson Poletto dos. **A Sociedade Promotora de Imigração e o financiamento público do serviço de imigração - (1886 - 1895);** Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da Universidade de São Paulo, 2007.
- SCHWARCZ, Lilia Mortiz, **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e a questão racial no Brasil, 1870, 1930, São Paulo, Companhia das Letras, 1993
- SEVCENKO, Nicolau. **A literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense. 1999
- SILVEIRA, Santa Maria Nogueira. **Antônio de Alcântara Machado: na prática jornalística, a busca da renovação.** Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, SP:, FFLCH/USP, 1986
- TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro*, Volume 3 – século XX. 2ª parte. São Paulo: Editora 34. 2002.
- TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico:** um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Ed. Nobel, Instituto Italiano de Cultura, 1989.
- VIANNA, O. **Populações meridionais do Brasil.** São Paulo: Ed. Monteiro Lobato, 1920. p. 143
- VIANNA, O. **Seleção das Matrizes Étnicas.** Correio Paulistano. São Paulo. 25 de agosto de 1926.
- WALDMAN, Thais Chang. **Moderno Bandeirante :** Paulo Prado entre espaços e tradições. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009

WELCH, Cliff. **A semente foi plantada**: as raízes paulistas do movimento sindical camponês no Brasil, 1924-1964. Tradução de Melissa Fortes, Andrei Cunha. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2010.

## ARTIGOS

BERTONHA, João Fábio. O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943. **Rev. Bras. Polít. Int.** 40 (2), 1997. pp. 106-130

BRESCIANI, M. S. M. Identidades inconclusas no Brasil do século XX – fundamentos de um lugar-comum. In: BRESCIANI, M. S. M.; NAXARA, M. (Org.) **Memória e (res)sentimento: Indagações sobre uma relação sensível**. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

CALIL, C. Cinema = Cavação: Cendroswald produções cinematográficas . **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, (47), 13-28. 2008.

FERREIRA, A. C. ; LUCA, Tania Regina de. O Tradicionalista Moderno: Washington Luís: Política, Espetáculo e Letras Históricas. In: FERREIRA, A. C. MAHL, M. L. (Org.). **Letras e identidades: São Paulo no século XX, capital e interior**. 1ed.São Paulo: Annablume, 2008

FERRETI, Danilo J. Zioni. Paulo Prado e o uso político do passado paulista. In: ODÁLIA, N., CALDEIRA, João Ricardo de Castro (orgs). **História do Estado de São Paulo**. A Formação da Unidade Paulista. Vol.2 República. 1 ed. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial; Arquivo Público do Estado, 2010.

GOMES, A. M. Jacobinos: abordagem conceitual e performática. **Revista Cantareira** v. 12, Rio de Janeiro, RJ :2008

GUSMÃO, E. M. Alcântara Machado: Ficção e realidade. In FERREIRA, Antonio Celso (org.), MAHL, Marcelo Lapuente. **Letras e identidades: São Paulo no século XX, capital e interior**. São paulo: Annablume. 2008.

HANSEN, Patrícia. Um discurso, duas ligas. Olavo Bilac e a criação da Liga da Defesa Nacional (1916) e da Liga Nacionalista de São Paulo (1916-1924). Trabalho apresentado no VIII Colóquio Tradição e Modernidade no mundo Iberoamericano, realizado em Coimbra em setembro de 2011. In: **Olavo Bilac, ideólogo do nacionalismo brasileiro**. Relatório final do

projeto de pesquisa apoiado pelo Programa de Apoio ao Pós-Doutorado no Estado do Rio de Janeiro da CAPES/FAPERJ (09/2010-08/2011)

HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. p.23-40. 1996

LARA, Cecília de e CARELLI, M. Capitão Bernini: um fragmento inédito do romance de Antônio de Alcântara Machado. **Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade**. v. **42**, no **4**, São Paulo, 1981

LARA, Cecília de. Antônio de Alcântara Machado. Uma faceta do cronista: a crônica de espetáculos. In: FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Setor de Filologia. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. (Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pp. 345- 355.

LARA, Cecília de. Da realidade contada à transposição no texto literário Pathé-Baby: correspondência e crônicas de viagem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. **26**, São Paulo, 1986

LARA, Cecília de. Terra Roxa... E Outras Terras, Um Periódico Pau Brasil (Introdução das Reproduções facsimilares do periódico Terra Roxa e outras terras, Ano I, nº 1-7, 1926). São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

LARA, Cecília de. O rapsodo da Imprensa. In Dossiê Cult, Antônio de Alcântara Machado. **Cult**, Revista Brasileira de Cultura. Ano IV, nº47.2001, pp.54.

PINTO, Maria Inez Machado Borges. Crônica cinematográfica do cotidiano: Alcântara Machado e os impasses do modernismo. **Varia História**, Belo Horizonte, n. 24, janeiro 2001, p. 190-209.

RAMOS, Jair de Souza. Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20. In: MAIO, Marcos Chor, SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). **Raça, ciência e sociedade no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995, (41-58)

VELLOSO, Monica P. O Modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de A. N. **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 253-385.

WALDMAN, Thais Chang. "A selva escura da história do Brasil" e o seu "torrão paulista": Paulo Prado através da lupa de Capistrano de Abreu. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 61, p. 183-202, ago. 2015.

## OBRAS DE REFERÊNCIA

DICIONÁRIO da elite política na Primeira República.

Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/1>

DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular brasileira Disponível Disponível em <http://www.dicionariompb.com.br/>

## DOCUMENTOS OFICIAIS

BRASIL. **Relatório apresentado ao presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado da Agricultura, Indústria e Comércio Miguel Calmon du Pin e Almeida.** Ano de 1924. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1928

BRASIL. **Relatório apresentado ao Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1925.

BRASIL. **Relatório do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio em 1923.** Rio de Janeiro, RJ: Imprensa oficial, 1926

ESTADO DE SÃO PAULO. Diário Oficial do Estado de São Paulo (DOSP)16/05/1923,p.3651. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3807797/pg-3651-diario-oficial-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-16-05-1923/pdf>

BERNARDES, Arthur. **Mensagem Apresentada ao Congresso Nacional Na abertura da Primeira Sessão da décima segunda legislatura pelo presidente da república Arthur da Silva Bernardes.** Rio de Janeiro: Imprensa Oficial. 1924. Consultado em <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1316/contents.html>, em 15 de dezembro de 2016., pp. 194-198.

SOUSA, Washington Luís P. de. **Mensagem apresentada ao Exmo Snr. Dr. Carlos de Campos em 1º de maio de 1924 pelo Exmo Snr. Dr. Washington Luís Pereira de Sousa.** Consultado em : <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u1181/000003.html>, em 15 de dezembro de 2016.

### TEXTOS RETIRADOS DE OBRAS E COMPILAÇÕES:

MACHADO, A.de A. “Alcântara Machado. Laranja da China- São Paulo, 1928”. **Revista de Antropofagia**, ano I, nº3. Julho de 1928.

MACHADO, A de A. O que eu disse a um comediógrafo nacional. **Novíssima**. Dez de 1924.

PRADO, P. Toda a América - Ronald de Carvalho. Terra Roxa e Outras Terras, Ano I, nº 4. 3 de março de 1926, p.6. APUD **Terra Roxa e Outras Terras**, Ano I, nº 1-7, 1926. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

PRADO, Paulo. O Momento. **Revista do Brasil**, nº 89, mai. 1923.

ANDRADE, Mário. Túmulo na neblina. In. In GRIECO, Agrippino (Coaut. de). **Em memória de António Alcantara Machado**. São Paulo, SP: E. Polai, 1936. p.96.

GUASTINI, Mário. António de Alcântara Machado. In: GRIECCO, Agrippino ( Coaut. de). **Em memória de António de Alcântara Machado**. São Paulo: Polai, 1936.

### ARTIGOS DE JORNAIS

A ação da política fascista no ano de 1924. **Jornal do Commercio** .São Paulo. 1 jan de 1925. Política Italiana, p.1;

A ALEMANHA CONTINUA A ASSOMBRAR...**Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 out de 1924. p.1

A atualidade alemã - O Nacionalismo alemão exalta-se. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 1 jan de 1925, p.1

A Câmara a dos deputados continuou hoje as discussões do orçamento do ministério dos negócios Estrangeiros. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 nov de 1924. Telegramas do Exterior. Itália, Na Câmara dos Deputados .p1;

A Campanha contra a emigração italiana para o Brasil, levada a efeito pelo corriere della Sera, de Milão. **Jornal do Commercio**. São paulo. 17 nov de 1924. Telegramas do Exterior. Itália, pp.1-2.

A Campanha contra a imigração italiana para o Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 nov de 1924. Telegramas do exterior. Itália, p.2.

A CAMPANHA CONTRA O BRASIL - O TRACHOMA E A LEPROSA LEVADOS PARA Itália pelos imigrantes. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 19 nov 1924.

A Emigração Italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 21 nov de 1924.p3

A emigração para o Brasil na Câmara dos Deputados de Roma. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 9 dez de 1924 p.1

A Imigração japonesa no Brasil - Comentário feito por um jornalista norte-americano sobre recentes decisões do governo de Tóquio. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 23 set de 1924. Telegramas do Exterior, p.2.

A Imigração japonesa no Brasil - Comentário feito por um jornalista norte-americano sobre recentes decisões do governo de Tóquio. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 23 set de 1924. Telegramas do Exterior, p.2.

A Intensificação da imigração italiana para o Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo . 29 out de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.2;

A Intensificação da imigração italiana para o Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 29 out de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.2;

A PÁTRIA. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 16 mai 1924, Imprensa Carioca, p.3

A PÁTRIA. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 30 mai 1924, Imprensa Carioca, p.3;

A questão da imigração italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 dez de 1924. p.3

A questão da imigração italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 dez de 1924. p.3

A sessão de encerramento. O Discurso do chefe da delegação Brasileira. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 2 de junho de 1924, Telegramas do Exterior, Conferência Internacional de Emigração, p.1.

AFINAL, ESSAS COUSAS sobre imigração italiana... **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 dez de 1924, p.1.

AINDA HÁ POUCO... **Jornal do Commercio**. São paulo. 22 nov de 1924.p3

ANDRADE, Mário. António de Alcântara Machado. **A Manhã**, 19 de junho de 1927

Ao Conselho Superior de Emigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 23 jan de 1925. Telegramas do Exterior. Itália. p.1.

AS CORRENTES Imigratórias da Itália para a América. **O Paiz**. Rio de Janeiro. 5 dez de 1922. p.1

ASSIS, Mathias. Da Capital federal. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 27 nov de 1924. p1.

BERNARDES, Arthur. Mensagem Apresentada ao Congresso Nacional Na abertura da Primeira Sessão da décima segunda legislatura pelo presidente da república Arthur da Silva Bernardes. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 8 mai 1924, p.3

Câmara dos Deputados. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 25 nov. de 1924, p.1

CARTA AOS ITALIANOS do Brasil. Cartas expressas. **O Moscardo** .São Paulo, 6 de setembro de 1945

Comentários dos Jornais sobre a situação política. **Jornal do Commercio**. São Paulo.10 nov de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.1

Como se deu o assalto nas trincheiras do Cambuci. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 22 ago de 192

Conferência Internacional de Emigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 24 de maio de 1924,p.2.

Conferência Internacional de Emigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 27 de maio de 1924, Telegramas do Exterior , p.2.

Conferência Internacional de Emigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 28 de maio de 1924, Telegramas do Exterior, p.3.

Constitucionalistas e anti constitucionalistas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925, p.1

Convém a Imigração? Como devemos encarar o Problema. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 dez de 1924. p.2

CORREIO DA MANHÃ, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 28 mai 1924,Imprensa Carioca, p.3;

CORREIO DA MANHÃ, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 5 jun 1924, Imprensa Carioca, p.2.

Correio da Manhã. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 23 de agosto de 1924, Imprensa Carioca, p.2.

DAMY, Martin. Brás, Bexiga e Barra Funda de António de Alcântara Machado. **Jornal do Commercio**, São Paulo, 6 de abril de 1927, Espírito dos Livros.

DAMY, Martin. Brás, Bexiga e Barra Funda de António de Alcântara Machado. Espírito dos Livros. **Jornal do Commercio**, São Paulo, 6 de abril de 1927

Declarações de um membro da delegação do Brasil junto à conferência Parlamentar de Roma. **Jornal do Commercio**. 23 jan de 1925. Telegramas do exterior. Itália. p.1

Discurso do Sr. Conde Francisco Matarazzo. **Correio Paulistano**. 24 de outubro de 1926, p.8.

Embarca hoje para São Paulo o General Badoglio, acompanhado do conselheiro da embaixada Sr. Rafaele Bascarelli e pelo Comandante Giovanni Mastro Mattei. A Intensificação da imigração italiana para o Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 2 nov. de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.2;

Entrevista do Sr. Mussolini sobre a Emigração Italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 28 out. 1924. Telegramas do Exterior. p.1.

ESSA QUESTÃO DA IMIGRAÇÃO...**Jornal do Commercio**. São Paulo. 2 de out 1924, p.3.

ESTÁ JÁ NA ITÁLIA O senhor James Darcy...**Jornal do Commercio**. São Paulo, 8 de maio de 1924, p.1.

Estudos sobre o Problema da Emigração Italiana para os países da América do Sul. **Jornal do Commercio**. São Paulo . 17 out de 1924. Telegramas do Exterior. Itália, p.1;

EXCURSÃO Presidencial. Gazetilha. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1908.

FAVOLLETE di vita coloniale vissuta e comentata -"Pathé Baby", **Il Pasquino Coloniale**. Ano 18, n.956, São Paulo, 27/02/1926.

Foi Apreendida a edição do "Nuovo Giornale" **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925. Telegramas. Itália..p.1

Foi assaltada a Loja Maçônica de Pisa e destruída a sua mobília sendo jogados à rua diversos livros e objetos. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925. Telegramas. Itália..p.1

GAMA, Stiuernírio. “As Conferências...”. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 1º de junho de 1924, p.1

GAMA, Stiuernírio. Às segundas. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 14 de março de 1927.

GAMA, Stiuernírio. Às Segundas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 de março de 1927.

GAMA, Stiuernírio.“O Respeito às Liberdades...”. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 18 de junho de 1924,p.1

GAZETA DE NOTÍCIAS, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 24 mai 1924,Imprensa Carioca, p.3;

GUASTINI, Mário . Às Segundas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 13 out de 1924. p.1

GUASTINI, Mário. Às Segundas. **Jornal do Commercio**, 01 set de 1924, p.1.

GUASTINI, Mário. Às Segundas. **Jornal do Commercio**. 24 nov de 1924.p1.

HÁ QUEM diga por aí... **Jornal do Commercio**. São Paulo, 3 de maio de 1924, p.1.

IIMMIGRAÇÃO. Discussão do importante problema na Câmara Federal - brilhante parecer do dr. João de Faria. **Correio Paulistano**. São Paulo. 30 jan 1924, p.5

Imigração italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. nov de 1924. p2.

Impressão profunda causada pelo discurso do sr Mussolini. **Jornal do Commercio**. São paulo. 5 jan 1924. p2

Impressão profunda causada pelo discurso do Sr. Mussolini. **Jornal do Commercio**. São paulo. 5 jan 1924. p.2.

Iniciativas em Prol dos Imigrantes. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 15 nov 1924. Telegramas do Exterior. Itália, p.3

Inquérito sobre o empastelamento do Nuovo Giornale. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925. Telegramas. Itália. p.1

JORNAL DO BRASIL, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 30 mai 1924,Imprensa Carioca, p.3,

Jornal do Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1924, Imprensa Carioca, p.2.;

Jornal do Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 24 nov de 1924. Imprensa Carioca, p.3

**Jornal do Commercio**

**Jornal do Commercio**. São Paulo.13 nov de 1924,Telegramas do Exterior. Itália. p.1

Juó Bananère. **Diário de São Paulo**. São Paulo. 31 ago de 1933.

L'AGRESSIONE al “Moscone”. **Il Moscone**, ano I, n.38, São Paulo, 06/01/1926

Liga Agrícola Brasileira. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 13 set. 1924, p.4.

Liga Nacionalista. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 8 de maio de 1924, p.5.

MACHADO, A de A. Paulistana. Cavaquinho. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 13 de novembro de 1926.

MACHADO, A de A. Balanço de fim de Ano. Cavaquinho. **Jornal do Commercio**, 1 de janeiro de 1927.

MACHADO, A de A. Balanço de fim de ano. **Jornal do Commercio**. 1 de janeiro de 1927.

MACHADO, A de A. PEREGRINO Jr. E. Uma hora com o senhor António de Alcântara Machado. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 3/7/1927.

MACHADO, A de A. Sherwood Anderson. Cavaquinho. **Jornal do Commercio**. O São Paulo. 30 de outubro de 1926

MACHADO, A de A. Victor Brecheret. Cavaquinho. **Jornal do Commercio**, São Paulo.4 de dezembro de 1926.

MACHADO, A de A. Voltolino. Saxofone. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1926.

MACHADO, A de A.Cavaquinho. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 26 de outubro de 1926. p.3.

MACHADO, A. de A. Juó Bananère. **Diário de São Paulo**. São Paulo. 31 ago de 1933.

MACHADO, A. de A. Sobre a Realidade Brasileira. **Jornal do Commercio** de São Paulo. Cavaquinho. 1926.

MACHADO, Jordano da Costa. Imigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 2 de maio de 1924

MACHADO. A de A. Vultos e Livros. **Jornal do Commercio**. São Paulo: 19 de setembro de 1921.

Manifesto Anti-fascista. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 10 jan de 1925. Telegramas do Exterior. Itália. p.1;

- Medidas para a manutenção da ordem pública. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 5 jan 1924. Telegramas do Exterior. Itália p2
- Medidas para a manutenção da ordem pública. **Jornal do Commercio**. São paulo. 5 jan 1924. p2.
- Mensagem da oposição ao povo. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 nov de 1924.p1
- MIRAMAR, João ( Oswald de Andrade). Diálogo sobre Atenas precedido de um comentário à economia brasileira – O Dr. Plínio Barreto, o voto secreto e as elites negativas – Fixação nacional. Feira das Quintas. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 16 de setembro de 1926.
- Missão especial a ser desempenhada no Brasil. **Jornal do Commercio**. São Paulo . 1º out de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.1;
- MOREIRA, Rangel. A César o que é de César. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 nov de 1924, p.3
- MOREIRA, Rangel. A Lição de São Paulo. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 9 out de 1924. p.3.
- MOTTA, Arthur. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1924, Semana Literária. p.3.
- MOTTA, Arthur. Semana Literária. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1924, p.3.
- MOTTA, Arthur. Semana Literária. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 3 out de 1924, p.3.
- Na Câmara dos Deputados. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 16 nov 1924. Telegramas do Exterior. Itália, p.3.
- NENHUM PROBLEMA... . **Jornal do Commercio**. São Paulo, 13 de junho de 1924, p.1
- NESSA HISTÓRIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA... **Jornal do Commercio**. São paulo. 19 nov de 1924. p.3
- NESTA BOA E leal cidade São Paulo...**Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 de set. 1924.
- NESTA BOA E LEAL...**Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 set. 1924.p.1 - Caderno de Colagens de
- Nova proposta eleitoral para a Itália. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 10 jan de 1925. Telegramas do Exterior. Itália. p.1;
- O ASSUNTO é velho e batido...**Jornal do Commercio**. São Paulo, 19 de agosto de 1924,p.2.
- O COMBATE, 30 de abril de 1919
- O convênio de Imigração com o Brasil - A Itália queria a cláusula de nação mais favorecida. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 20 nov. Telegramas do exterior, Itália, p.1
- O correspondente do “Corriere della Sera” em São Paulo e a vida dos paulistas italianos nas fazendas paulistas. **Jornal do Commercio**. São Paulo.11 nov de 1924, Telegramas do Exterior. Itália. p.1
- O embarque do vice comissário de emigração italiana para São Paulo. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 8 jan de 1925. Notícias do Rio p.2
- O fascismo na Alemanha. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 19 out de 1924. p.1

- O Fascismo representa o triunfo da força contra a liberdade - afirma Lord George. **Jornal do Commercio**. São paulo. 7 jan 1924. p.1;
- O Fascismo vai passar por Reformas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 24 dez de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.1
- O FASCISMO, AO QUE PARECE... **Jornal do Commercio**. São Paulo. 3 dez de 1924 p.1
- O governo e os fascistas - 5300 fascistas cumprindo pena na prisão. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 nov de 1924, Telegramas do Exterior. Itália. p.1
- O GOVERNO JAPONEZ está tomando... **Jornal do Commercio**. São Paulo, 2 de maio de 1924, p.1.
- O Imparcial. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 10 set de 1924, Imprensa Carioca, p.2.
- O Imparcial. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 4 de setembro de 1924, Imprensa Carioca, p.2.
- O JAPÃO, HOJE... **Jornal do Commercio**. São Paulo. 19 out de 1924.p.
- O MÊS QUE CORRE é de festas... **Jornal do Commercio**. São Paulo, 14 de setembro de 1924. p.1.
- O NOSSO BRILHANTE COLEGA ..... **Jornal do Commercio**. São Paulo. 25 set de 1924. p.1
- O PAIZ, **Jornal do Commercio**. São Paulo, 28 mai 1924, Imprensa Carioca, p.2;
- O Paiz. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 dez de 1924. Imprensa Carioca, p. 3.
- O Paiz. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 25 dez de 1924. Imprensa carioca, p. 3.
- O Perigo Amarelo. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 3jan de 1925, p.2.
- O problema da emigração italiana. **Jornal do Commercio** de São Paulo. 10 dez de 1924. Telegramas do Exterior. Itália. p.1.
- O Problema da Emigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo . 29 set de 1924. Telegramas do Exterior. Itália.p.2;
- O Problema da Imigração Italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 21 nov de 1924. Gazetilha, p.2
- O problema da imigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 20 nov de 1924.p.4
- O PROBLEMA da Imigração: projeto de criação de uma companhia de colonização. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 20 de agosto de 1924, p.1
- OLIVEIRA , Salles. Nacionalismo extraterritorial. **Jornal do Commercio**. São paulo. 6 jan 1924. p.1.
- Os efeitos da lei americana de imigração. **Jornal do Commercio**. São Paulo, 21 de agosto de 1924, Telegramas do Exterior: Na América, p.2.
- Os sequestros dos jornais e os prejuízos causados às respectivas empresas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925. Telegramas. Itália..p.1;
- Perseguição aos jornais opositoristas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 2 jan de 1925. Telegramas. Itália..p.1;
- Política Italiana. **Jornal do Commercio**. São Paulo 1 de jan de 1925. p.1

- PONTOS da Mensagem... **Jornal do Commercio**. São Paulo, 1º de junho de 1924, p.2.
- Proibição de Manifestações políticas. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 4 jan de 1925. Telegramas. Itália..p.1
- RIBEIRO, João. **Jornal do Brasil**, 4 de maio de 1927, Crônica Literária, p. 5
- Salles Oliveira. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 11 jan 1925.Várias Notícias, p.2
- Soldados destinados a guardarem os edifícios dos jornais de oposição. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 5 jan de 1925. Telegramas. Itália.p.1
- Suelto. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 29 ago de 1924. p.3
- Tradução do manifesto aventino. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 10 jan de 1925. Telegramas do Exterior. Itália. p.1.
- Um aspecto delicado da imigração. **O Paíz**. Rio de Janeiro. 26 dez de 1924.p.3
- Um manifesto Político. **Jornal do Commercio**. São Paulo. 10 jan de 1925. Telegramas do Exterior. Itália. p.1;
- VOGLIONO fare la festa al Fascismo! **Il Moscone**, ano I, n.37, São Paulo 31 dez. 1925.